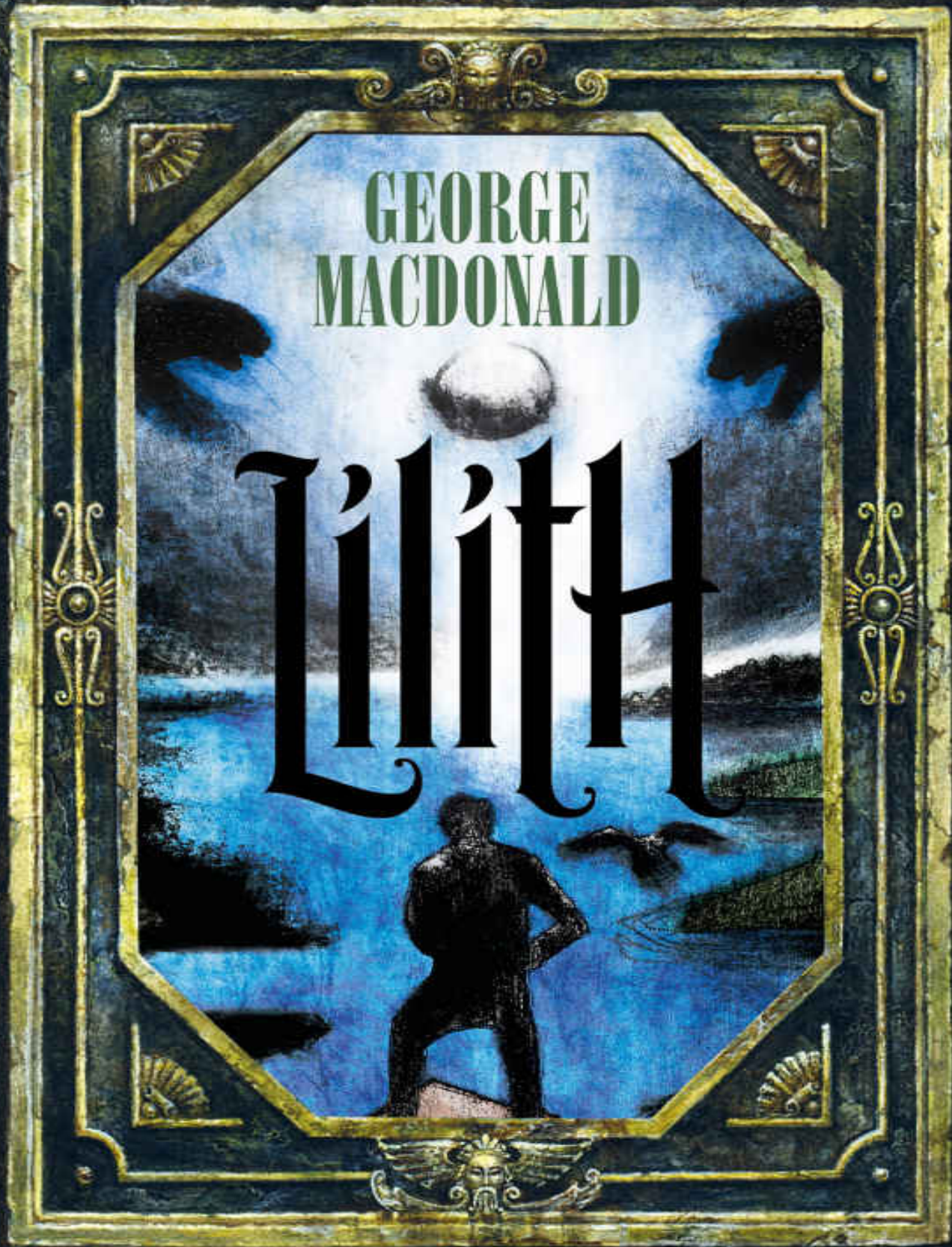
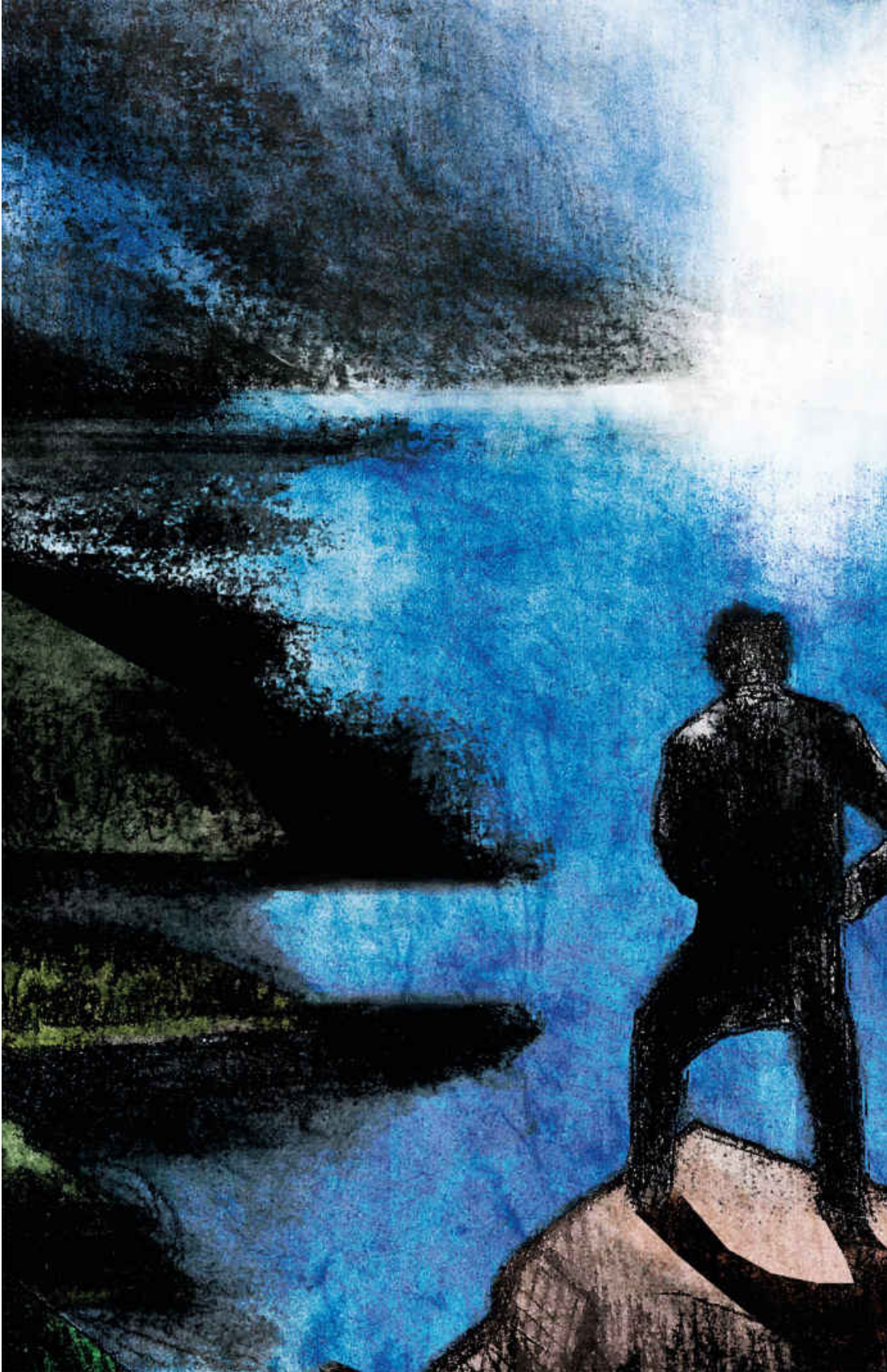


GEORGE
MACDONALD

LITH









GEORGE
MACDONALD

LITH

UM ROMANCE



THOMAS NELSON
BRASIL

Copyright © 2021, por Vida Melhor Editora

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher

Samuel Coto

Editor

André Lodos Tangerino

Produtor editorial

Fabiano Silveira Medeiros

Tradutor

José Fernando Cristófalo

Preparadora

Marina Castro

Revisores

Judson Canto

Rosa Ferreira

Direção de arte e diagramação

Anderson Junqueira

Conversão para ePub

SCALT Soluções Editoriais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M112L MacDonald, George, 1824-1905

1.ed. Lilith : um romance / George MacDonald ;

tradução José Fernando Cristófalo. – 1.ed. –

Rio de Janeiro : Thomas Nelson Brasil, 2021.

Título original : Lilith : a romance.

ISBN : 978-65-56894-36-2

1. Ficção cristã – Literatura inglesa.
 2. Mitologia judaica. I. Cristófaló, José Fernando.
- II. Título.

09-2021/52

CDD 828

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção cristã : Literatura inglesa 828

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB - 1/3129

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada
à Vida Melhor Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.thomasnelson.com.br

sumxrio

I

A biblioteca

II

O espelho

III

O corvo

IV

Algum lugar ou
lugar nenhum?

V

A velha igreja

VI

A cabana do
sacristão

VII

O cemitério

VIII

O manuscrito
de meu pai

IX

Arrependimento

X

A Toca Perversa

XI

A Floresta Maligna

XII

Amigos e
adversários

XIII

Os Pequeninos

XIV

Uma crise

XV

Uma estranha
anfitriã

XVI

Uma dança horrível

XVII

Uma tragédia
grotesca

XVIII

Morta ou viva?

XIX

A sanguessuga
branca

XX

Sumiu! Mas como?

XXI

A mãe fugitiva

XXII

Bulika

XXIII

Uma mulher de Bulika

XXIV

A leoparda branca

XXV

A princesa

XXVI

Uma batalha real

XXVII

A fonte silenciosa

XXVIII

Sou silenciado

XXIX

A gata persa

XXX

A explicação
de Adão

XXXI

O velho cavalo
do sacristão

XXXII

Os amados e
os odiados

XXXIII

A narrativa de Lona

XXXIV

Preparação

XXXV

Os Pequeninos
em Bulika

XXXVI

Mãe e filha

XXXVII
O Sombra

XXXVIII
Para a Casa da
Amargura

XXXIX
Aquela noite

XL
A Casa da Morte

XLI
Eu sou enviado

XLII
Dormi o sono

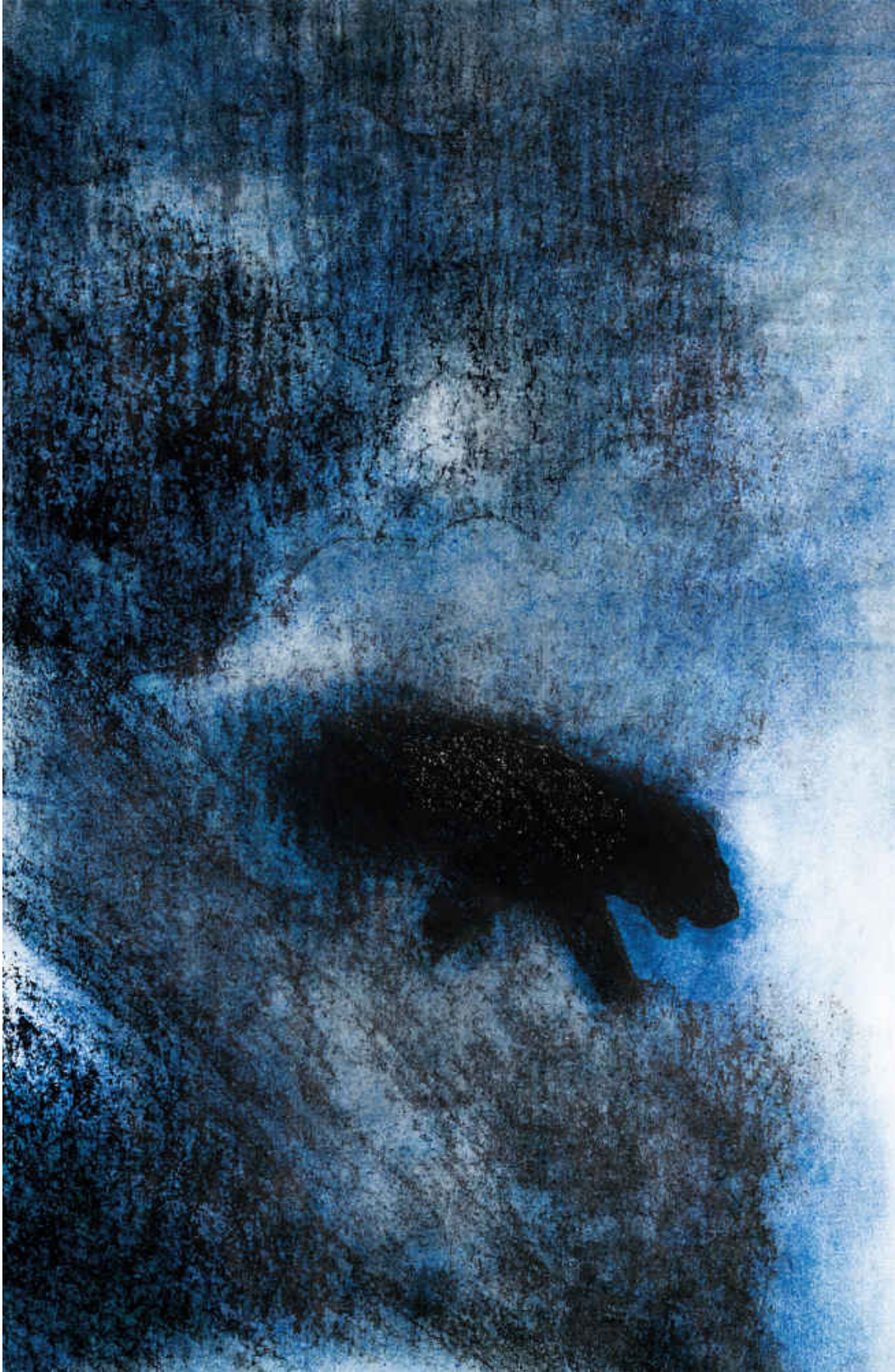
XLIII
Os sonhos que
sonhei

XLIV
O despertar

XLV
A jornada
para casa

XLVI
A cidade

XLVII
O “fim perpétuo”

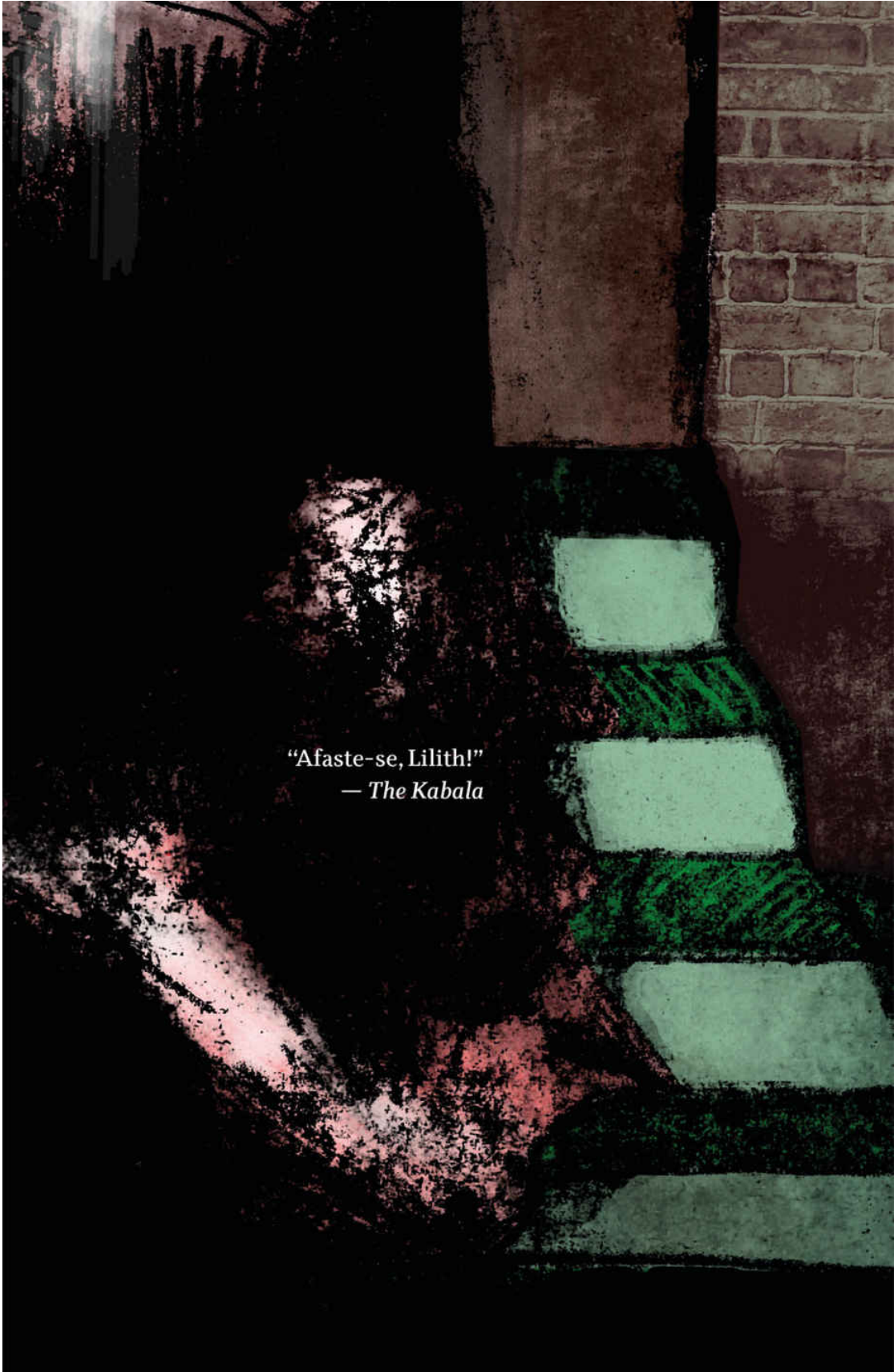




ILUSTRAÇÕES

Luciano Feijão





“Afaste-se, Lilith!”
— *The Kabala*



Alguns dias atrás, à tarde, fiz uma caminhada pela fazenda de Spaulding. Vi quando o Sol poente iluminou o lado oposto de um enorme pinheiro. Os raios dourados penetravam, dispersos, as aleias da floresta, como se adentrassem um salão nobre. Fiquei tão impressionado. Era como se tivesse descoberto alguma família antiga e de todo admirável e luminosa que se estabelecera ali naquele pedaço de chão chamado Concord, para mim desconhecido; uma família que fazia do Sol um criado, que não havia ingressado na sociedade de nossa vila, que jamais fora visitada. Vi ao longe, pela mata, o gramado, o pátio das crianças, na várzea de Spaulding. Os pinheiros forneciam-lhes madeira para construção quando chegavam a certo porte. A casa não aparecia nitidamente, pois as árvores cresciam por entre ela. Não sei se ouvi ou não os sons de uma alegria abafada. A família parecia se recostar nos raios de Sol. Há meninos e meninas na família. Todos estão muito bem. O caminho da carroça do fazendeiro leva diretamente ao corredor, mas isso não incomoda os residentes; é como o fundo lamacento de um lago que às vezes se vê pelo céu refletido na superfície. Eles nunca ouviram falar de Spaulding e ignoram que ele é seu vizinho — embora eu o tenha ouvido assoviando enquanto guiava seus animais pela casa. Não há nada que se compare com a serenidade da vida dessa família. Seu brasão é simplesmente um líquen. Eu o vi pintado nos pinheiros e carvalhos. Seus sótãos ficavam nos topos das árvores. Eles não

se interessam em absoluto por política. Não havia barulho algum denunciando trabalho. Não vi ninguém tecendo ou fiando. No entanto, quando o vento se acalmou e seu ruído cessou, percebi o som mais suave que se possa imaginar, doce e musical, como saído de uma colmeia distante no mês de maio, o que talvez fosse o som de suas reflexões. Não havia neles pensamentos ociosos, mas ninguém poderia vê-los trabalhando, pois sua atividade não se baseava em protuberâncias ou excrescências.

Mas é difícil recordá-los. Eles vão se apagando na minha mente até mesmo agora, no momento que falo deles e procuro relembrá-los e ordenar minhas impressões. Só depois de um esforço sério e prolongado para avivar meus melhores pensamentos é que novamente me dou conta de sua presença. Não fosse por famílias como essa, creio que acabaria me mudando de Concord.

— *Walking* [Caminhando], de Henry David Thoreau





CAPÍTULO
I
A biblioteca

Havia acabado de terminar meus estudos em Oxford e desfrutava um breve período de férias do trabalho antes de assumir em definitivo a administração da propriedade da família. Meu pai morreu quando eu ainda era criança, e minha mãe o seguiu um ano depois. Assim, eu estava tão sozinho no mundo quanto era possível.

Admito que não conhecia muito bem a história de meus ancestrais. Praticamente, a única coisa que sabia era que a maioria deles sempre demonstrara grande inclinação para os estudos. Eu mesmo havia herdado tal tendência, de modo que dediquei grande parte de meu tempo — confesso que de um modo um tanto quanto volúvel — às ciências físicas. O que me atraiu para aquela área foi sobretudo a admiração que despertava em mim. Era comum que eu visse ou tivesse esperança de ver estranhas analogias, não apenas entre os fatos de diferentes ciências de mesma ordem ou entre fatos físicos e metafísicos, mas entre hipóteses e sugestões que bruxuleavam a

partir dos sonhos metafísicos pelos quais eu tinha o hábito de vaguear. Ao mesmo tempo, tinha propensão para uma prematura entrega ao impulso de transformar a hipótese em teoria. De minhas peculiaridades mentais não há motivos para outras revelações.

A casa, bem como a família, era um pouco antiquada, mas nenhuma descrição dela se faz necessária para que se entenda minha narrativa. A propriedade tinha uma esplêndida biblioteca, que começou a se formar antes da invenção da imprensa e prosseguiu até minha época, sob forte influência, claro, das mudanças de gosto e de interesse. Certamente, nada pode incutir mais em um homem a noção da transitória natureza das posses que se tornar dono de uma propriedade antiga! Como um panorama em movimento, a minha passou diante de muitos olhos e agora está vagarosamente flutuando diante dos meus.

A biblioteca, embora devidamente considerada nas muitas alterações e acréscimos à casa, ainda assim havia absorvido, como um estado usurpador, um aposento após o outro até ocupar a maior parte do piso térreo. A sala principal era enorme, e as paredes estavam cobertas de livros até quase o teto; os aposentos sobre os quais avançara eram de tamanhos e formas variados, tão diversos quanto os meios pelos quais se intercomunicavam — portas, arcos abertos, passagens estreitas, degraus que subiam e desciam.

Eu passava a maior parte do tempo na sala maior, lendo livros sobre ciência, tanto velhos quanto novos, pois a história da mente humana em relação ao suposto conhecimento era o que me atraía acima de tudo. Ptolomeu, Dante, os dois Bacons e Boyle significavam mais para mim que Darwin ou Maxwell, pois constituíam uma vanguarda muito mais próxima de romper a escuridão da ignorância.

No entardecer de um dia sombrio de agosto, estava lendo em meu lugar usual, de costas para uma das janelas. Havia chovido grande parte da manhã e da tarde, mas, assim que o Sol começou a se pôr, as nuvens se abriram diante dele, e os raios luminosos invadiram a sala. Levantei-me e olhei em

direção à janela. No centro do grande gramado, o topo da coluna da fonte estava inundado com a avermelhada glória solar. Ao virar-me para voltar à cadeira, meu olhar foi capturado pela mesma glória no único quadro naquele aposento — um retrato, em um tipo de nicho ou pequeno relicário embutido para esse fim na extensão das prateleiras repletas de livros. Eu o conhecia como um dos retratos de meus ancestrais, porém jamais havia ponderado por que estava lá sozinho e não na galeria ou em uma das grandes salas, entre os outros retratos da família. A incidência direta da luz do Sol realçou a pintura de maneira magnífica; pareceu-me estar vendo aquele quadro pela primeira vez, e pela primeira vez pareceu corresponder a meu olhar. Com os olhos cheios da luz por ele refletida, algo que não consigo definir fez-me virar e lançar um olhar para a outra extremidade da sala. Foi quando vi — ou imaginei ter visto — uma figura alta apanhando um livro da prateleira. No instante seguinte, já com a visão aparentemente reajustada pelo crepúsculo, nada mais vi e concluí que meus nervos óticos haviam sido traídos por um momento.

Retornei à minha leitura e, sem dúvida, teria me esquecido daquela impressão vaga e quase imperceptível, não fosse o fato de, logo após, ao procurar certo volume, ter descoberto um espaço vazio na prateleira exatamente onde ele deveria estar. De imediato, lembrei-me de que fora ali mesmo que tinha visto — ou imaginara ter visto — o velho homem em busca de um livro. Olhei por toda a prateleira, porém em vão. Na manhã seguinte, entretanto, o livro estava lá, bem onde o havia procurado no dia anterior! Eu sabia que ninguém mais naquela casa teria interesse naquele livro.

Três dias mais tarde, outra e ainda mais estranha situação ocorreu.

Em uma das paredes, ficava a estreita e baixa porta de um pequeno gabinete onde estavam os livros mais antigos e raros. Era uma porta espessa, com um batente que se destacava, e, pela ideia de algum ancestral, equipada com prateleiras rasas, repletas apenas de capas de livros. O artifício inofensivo era passível de perdão pelo fato de os títulos nas capas serem

comicamente originais ou de livros cuja recuperação já não era mais possível. Senti um grande apreço por aquela porta disfarçada.

Para completar a ilusão da porta, algum empregado criativo aparentemente inserira, no topo de uma das fileiras, uma parte de um volume fino o suficiente para caber no espaço entre o livro inferior e a prateleira superior: ele cortara diagonalmente uma parte considerável do livro e fixara o restante com um dos cantos abertos, para se projetar para além das capas. A encadernação do volume mutilado estava bem flexível e, assim, permitia que o canto se abrisse o suficiente para mostrar que havia sido escrito à mão sobre pergaminho.

Enquanto estava sentado, lendo, ocorreu-me de levantar os olhos da página e olhar de relance aquela porta. Imediatamente, percebi que o livro descrito, se assim pode ser chamado, havia sumido. Mais furioso do que seria justificável, toquei a sineta, e o mordomo apareceu. Ao questionar se sabia o que havia acontecido, ele ficou pálido e me garantiu que não. Era mais fácil duvidar de meus olhos que de sua palavra, pois aquele homem, um servo de fidelidade ilibada, tinha estado na família durante toda a sua vida. No entanto, ele me deixou a impressão de que poderia ter falado algo mais.

À tarde, estava novamente lendo na biblioteca e, ao chegar a um trecho que exigia reflexão, abaixei o livro e deixei os olhos perambularem pelo ambiente. Naquele exato instante, vi as costas de um homem velho, alto e magro, vestido com um casaco longo, escuro e brilhoso de tão desgastado pelo uso, atravessando a porta disfarçada e desaparecendo no gabinete. Cruzei a sala em disparada, abri a porta, que estava fechada, e olhei no interior do cubículo, que para nada mais servia a não ser para armazenar livros, mas não vi ninguém. Concluí, não sem certo desconforto, que sofrera uma recorrência de minha ilusão anterior e sentei-me para retomar a leitura.

Naturalmente, não pude evitar certo nervosismo e, olhando ao redor para assegurar-me de que estava de fato sozinho, levantei-me de súbito e corri para aquela porta, pois o volume mutilado estava no lugar! Segurei o livro,

puxei-o, mas ele estava fixado com firmeza, como de costume!

Espantado, toquei a sineta, o mordomo atendeu e contei-lhe o que tinha visto. O empregado então revelou-me tudo o que sabia. Afirmou que esperava que o velho homem fosse esquecido; ninguém, exceto eu, o vira em muitos anos. Quando começou a servir na casa, ouviu falar muito daquele homem, porém, pouco a pouco, o vulto deixou de ser mencionado e o mordomo passou a ser muito cuidadoso em não fazer nenhuma referência a ele.

— O lugar era assombrado por um homem velho, é isso? — questionei.

Ele respondeu que, em certa época, todos acreditavam na história, mas o fato de eu jamais ter ouvido falar nela parecia implicar que toda a coisa, em dado momento, tivesse sido esquecida.

Perguntei ao mordomo se ele mesmo tinha visto o homem.

Ele respondeu que jamais o vira, embora estivesse servindo na casa desde que meu pai tinha oito anos de idade. Meu avô não permitia uma palavra sequer sobre o assunto e declarou que todo aquele que aludisse ao homem seria despedido sem advertência prévia: aquilo, dizia ele, nada mais era que um pretexto das criadas para correrem para os braços dos homens! O velho sr. Ralph, porém, não acreditava em nada que não pudesse ver ou tocar. Nenhuma das mulheres jamais afirmou ter presenciado a aparição, mas um laçaiio abandonou a casa por esse motivo.

Uma velha senhora do vilarejo contara ao mordomo uma lenda sobre um antigo bibliotecário, o sr. Corvo,¹²que “servia o sr. Ascendente, cujo retrato está lá entre os livros”. O sr. Ascendente era um grande leitor, disse ela, não apenas daqueles livros adequados para todos os homens lerem, mas também de livros malignos, estranhos e proibidos. O sr. Corvo, que seria o próprio diabo, encorajava-o nessa prática. Repentinamente, os dois sumiram. O sr. Ascendente nunca mais foi visto nem dele se ouviu coisa alguma, mas o sr. Corvo continuou a fazer aparições na biblioteca a intervalos incertos. Alguns acreditavam que ele não estava morto, mas o mordomo e a velha senhora

achavam mais fácil crer em um homem morto revisitando o mundo que havia deixado do que acreditar em um homem real continuando vivo por centenas de anos.

O mordomo nunca ouvira falar que o sr. Corvo houvesse interferido em alguma coisa na casa, mas talvez se considerasse um privilegiado em relação aos livros. Como a velha senhora sabia tanto sobre ele, o mordomo não sabia explicar, porém a descrição feita por ela correspondia exatamente à figura que eu acabara de avistar.

— Espero que não tenha passado de uma visita amigável por parte do velho cavalheiro! — concluiu o mordomo, com um sorriso perturbado.

De minha parte, assegurei-lhe não fazer nenhuma objeção às visitas do sr. Corvo, mas disse que seria melhor manter a resolução de nada comentar sobre o homem com os demais empregados. Então lhe perguntei se alguma vez vira o volume mutilado fora de lugar. Ele respondeu negativamente e afirmou sempre ter pensado que estivesse fixo. Após dizer isso, o mordomo foi até o volume e deu-lhe um puxão: o livro permaneceu imóvel.

¹ No original, “Mr. Raven”. [N. E.]



CAPÍTULO
II
O espelho



Por alguns dias, mais nada de anormal ocorreu. Creio, porém, que foi cerca de uma semana depois que aconteceu o que vou relatar agora.

Fiquei pensando a respeito do manuscrito fragmentado e tentei várias vezes encontrar um meio de soltá-lo, porém em vão. Não pude descobrir o que o mantinha preso.

No entanto, havia algum tempo eu planejava uma vistoria completa dos livros do quartinho, pois a atmosfera me causava preocupação quanto às condições deles. Certo dia, a intenção repentinamente se transformou em resolução, e, quando estava para me levantar da cadeira e iniciar a empreitada, vi o velho bibliotecário movendo-se da porta do cubículo em direção à outra extremidade da sala. Na verdade, devo dizer que vislumbrei algo fantasmagórico, que me pareceu um homem curvado e débil trajando uma casaca surrada que quase lhe alcançava os calcanhares, cuja cauda, ao se abrir levemente à medida que ele andava, revelava pernas finas com

meias pretas e grandes pés envoltos em calçados semelhantes a chinelos.

De um salto o segui: eu poderia estar indo atrás de uma sombra, porém jamais duvidei de que estava seguindo algo. Ele deixou a biblioteca, atravessou o saguão em direção à grande escadaria e subiu ao primeiro andar, onde estavam localizados os aposentos principais. Comigo em seu encalço, ele deixou para trás os aposentos e seguiu adiante por um amplo corredor até chegar a uma escada mais estreita, que levava ao segundo andar, que ele subiu também. Quando alcancei o topo da escada, por mais estranho que pareça, vi-me em uma área da casa praticamente desconhecida para mim. Não tive irmãos ou irmãs a me incitarem aos rompantes de exploração que tornam as crianças familiarizadas com passagens estreitas e cantos secretos. Eu ainda era uma criança quando meu guardião me levou embora e só retornei cerca de um mês atrás, para tomar posse da casa.

Prosseguimos passagem após passagem até chegarmos a uma porta que dava acesso a uma escada de madeira em caracol, pela qual subimos. Cada degrau estalava sob meus pés, porém não ouvia nenhum som dos passos de meu guia à frente. Em algum ponto, no meio da escada, perdi-o de vista, e de onde me encontrava aquela forma sombria já não era mais visível. Não podia nem mesmo imaginar que o vira. Apesar de o lugar estar repleto de sombras, em nenhuma delas reconheci o velho homem.

Então percebi que estava no sótão principal, com enormes vigas e madeiramento acima de minha cabeça. Ao meu redor havia grandes vãos livres, além de algumas portas aqui e ali. Meu campo de visão permitia ainda uma ampla vista, cuja obscuridade era atenuada por um discreto sistema de janelas e pequenas claraboias. Observei aquilo tudo com um misto de assombro e prazer: aquele sótão imenso me pertencia, porém permanecera inexplorado!

No meio do sótão, havia um compartimento formado por tábuas grosseiras e cruas, cuja porta estava entreaberta. Imaginando que o sr. Corvo pudesse estar ali, empurrei-a e entrei.

A pequena câmara estava cheia de luz, mas como aquela que preenche lugares ermos: tinha uma aparência triste e desconsolada, como se tivesse consciência da própria inutilidade, arrependida de ter vindo. Uns poucos e débeis raios de Sol, deixando um rastro em meio à nuvem de pó que acabara de ser levantada, incidiram sobre a superfície empoeirada de um espelho alto, antiquado e estreito, com aparência de vidro comum. A peça tinha uma moldura de ébano, e no topo havia uma imponente águia negra com as asas estendidas, de cujo bico pendia uma corrente dourada com uma bola preta na extremidade.

Eu estava examinando o espelho havia um tempo, quando de repente me dei conta de que ele não refletia a câmara e tampouco a mim. Tive a impressão de ter visto a parede derreter, mas o que ocorreu em seguida foi suficiente para responder a qualquer incerteza — teria confundido um espelho com um vidro que protegia uma pintura maravilhosa?

Vi diante de mim um lugar selvagem, destruído e árido. Colinas de pequena estatura, porém, de algum modo, de estranha aparência, ocupavam o cenário a meia distância; ao longo do horizonte estendiam-se os picos de uma cadeia montanhosa longínqua; mais próximo de mim, assentava-se uma região pantanosa, plana e melancólica.

Por ser míope, aproximei-me para examinar a textura de uma pedra logo à frente e, nesse movimento, avistei, vindo em minha direção com ar solene, um enorme e antigo corvo, cuja plumagem negra era atenuada aqui e acolá por tons acinzentados. Ele parecia estar à procura de bichinhos para comer. Nada surpreso pela aparição de uma criatura viva em um quadro, dei mais um passo, para vê-la melhor, porém tropecei em algo — sem dúvida a moldura do espelho — e acabei com o nariz colado ao bico da ave: eu estava em pleno ar, acima de um pântano!



CAPÍTULO
III
O corvo

Virei-me e olhei para trás: tudo era vago e incerto, como quando não se consegue distinguir entre neblina e campo, nuvem e montanha. Apenas uma coisa era clara: nada do que via me era conhecido. Imaginando que estava envolvido em uma ilusão visual e que, se tocasse em algo, sairia dela, estendi as mãos e, tateando, caminhei em direções diferentes, esperando por acaso entrar em contato com algo, apesar de nada ver. Mas minha busca foi em vão. Instintivamente, então, por ser a única coisa viva mais próxima de mim, voltei-me para o corvo, que permanecia a pequena distância observando-me com uma expressão ao mesmo tempo respeitosa e zombeteira. Então, percebendo o absurdo de buscar conselho com uma ave, virei-me novamente, perplexo e confuso, mas não com medo. Teria chegado a uma região onde as relações materiais e físicas de nosso mundo não tinham validade? Poderia um homem, a qualquer instante, pisar além do reino da ordem e tornar-se um brinquedo da falta de leis? Não obstante, eu ainda via o pássaro, sentia o chão sob os pés e ouvia

um som similar ao vento soprando na pobre vegetação ao meu redor!

— Como vim parar aqui? — indaguei, aparentemente em voz alta, pois a pergunta foi respondida de imediato.

— Você veio pela porta — replicou uma voz áspera e estranha.

Olhei para trás e ao redor, mas não vi nenhuma forma humana. O terror de que estivesse ficando louco apoderou-se de mim: não devo, daqui em diante, confiar em meus sentidos ou em minha consciência? Naquele mesmo instante, compreendi que fora o corvo que havia falado comigo, pois ele permanecia parado olhando para mim com ar de interrogação. O Sol não estava brilhando, mas, ainda assim, a ave parecia projetar uma sombra, que parecia parte dele mesmo.

Imploro ao leitor que me ajude na empreitada de me fazer inteligível, se é que de fato a compreensão é possível entre nós. Encontrava-me em um mundo — ou chame-o estado de coisas, economia de condições, ideia de existência — tão pouco relacionado com as maneiras e modos deste mundo, sempre considerado por nós o único, que a melhor escolha de palavra ou frase que pudesse fazer nada mais seria que um rascunho do que gostaria de expressar. Começo, de fato, a temer que esteja tentando uma impossibilidade, ou seja, contar o que não posso contar, porque nenhuma verbalização ao meu alcance será capaz de expressar as formas em minha mente. Já fiz afirmações que de bom grado modificaria, caso soubesse como substituí-las por outras mais verdadeiras, porém, sempre que tento enquadrar a realidade com as palavras mais próximas, vejo-me no perigo de perder as coisas em si e me sinto como alguém em processo de despertar de um sonho, quando o que parece familiar se transforma gradual, porém rapidamente, em uma sucessão de formas, até sua natureza não ser mais reconhecível.

Cheguei à conclusão de que uma ave capaz de falar a um homem deve ter o mesmo direito concedido aos homens de uma resposta civilizada; talvez, como pássaro, um direito ainda maior.

A tendência de grasnar causava certa aspereza à sua fala, mas sua voz não

era desagradável, e o que ele disse, embora pouco esclarecedor, não soou rude.

— Não cheguei aqui por nenhuma porta — respondi.

— Mas eu o vi surgir por ela! Vi com estes meus envelhecidos olhos! — asseverou o corvo, de modo firme, porém respeitoso.

— Continuo afirmando que não vi nenhuma porta! — insisti.

— Claro que não! — retrucou. — Todas as portas que você já viu, e não foram muitas, eram portas para dentro; para chegar aqui, você usou uma porta para fora! O estranho para você — prosseguiu o corvo zelosamente — será que, quanto mais portas para fora abrir, mais para dentro estará!

— Ajude-me dizendo onde estou.

— Isso é impossível. Você nada sabe sobre localização. O único jeito de saber onde está é começando a se sentir em casa.

— Como posso me sentir em casa em um lugar onde tudo é tão estranho?

— Fazendo alguma coisa.

— O quê?

— Qualquer coisa. E, quanto mais cedo começar, melhor! Enquanto não se sentir em casa, terá tanta dificuldade de sair tanto quanto sente de entrar.

— Infelizmente, descobri ser muito fácil entrar; uma vez fora, não tentarei novamente!

— Você tropeçou para dentro e talvez possa tropeçar para fora. Se você entrou, *infelizmente* ainda está para ser confirmado.

— Você nunca vai para fora, senhor?

— Quando sinto vontade, vou, mas não com muita frequência nem por muito tempo. Seu mundo é um tipo de lugar imaturo, ao mesmo tempo tão infantil e tão presunçoso (na verdade, ainda não suficientemente desenvolvido para um velho corvo) ao seu dispor!

— Estou errado então em presumir que o homem é superior a um pássaro?

— Isso pode ser um fato, porém não desperdiçamos nosso intelecto em generalizações: aceitamos o homem ou o pássaro como eles são. Creio que

agora é a minha vez de fazer uma pergunta!

— Tem todo o direito — respondi —, pelo fato de você *poder* perguntar!

— Excelente resposta! — rejubilou-se. — Diga-me então quem você é, caso saiba dizer.

— Como posso não saber? Sou eu mesmo, e devo me conhecer!

— Se você sabe que é você mesmo, então sabe que não é ninguém mais. No entanto, tem certeza de quem você é? Está seguro de que não é seu pai? Ou, perdoe-me, de que não é tolo de si mesmo? Quem é você?

De repente, dei-me conta de que não poderia lhe dar nenhuma noção de quem eu era. Na verdade, quem era eu? Não tinha resposta pronta para aquela indagação. Compreendi então que não conhecia a mim mesmo, tampouco sabia quem eu era; não tinha base na qual pudesse determinar ser um e não outro. Quanto ao nome com o qual era conhecido em meu mundo, eu o havia esquecido e não fazia questão de lembrá-lo, pois nada significava e, fosse qual fosse, era óbvio que não tinha importância alguma naquele lugar. Na verdade, havia praticamente me esquecido do costume de as pessoas terem um nome! Assim, mantive-me em silêncio, pois o que poderia dizer a uma criatura como aquele corvo, cuja existência descobrira por acidente?

— Olhe para mim — disse ele — e diga-me quem eu sou.

Ao falar, o corvo deu-me as costas, e imediatamente o reconheci. Não era mais uma ave, e sim um homem de estatura elevada e levemente encurvado, muito magro e vestindo uma longa casaca preta. O homem virou-se outra vez, e de novo o vi como um corvo.

— Já o vi antes, senhor — disse eu, sentindo-me um tanto tolo, porém não surpreso.

— Como pode afirmar isso ao ver-me por trás? — retorquiu. — Você já viu a si mesmo pelas costas? Na verdade, jamais viu a si mesmo de nenhum jeito! Diga-me agora, então, quem sou eu.

— Humildemente peço perdão — respondi. — Creio que você tenha sido

outrora o bibliotecário da nossa casa, sr. Corvo, porém nada mais sei a seu respeito.

— Por que me pediu perdão?

— Porque o tomei por um corvo — respondi, vendo-o diante de mim como um corvo, tão claramente quanto seria possível a um pássaro ou a um homem.

— Você não me causou mal algum — ele respondeu. — Chamando-me de corvo ou me imaginando como tal, você me concedeu existência, e isso é tudo o que alguém pode exigir de seu próximo. Portanto, como recompensa, eu lhe ensinarei uma lição: ninguém pode afirmar ser ele mesmo sem antes saber que ele *é*, e então o que *ele mesmo* é. Na verdade, ninguém é ele mesmo, e ele mesmo não é ninguém. Há muito mais nisso do que poderá entender agora, porém não mais do que necessita ver. Você veio a este lugar prematuramente, receio. Apesar disso, precisa se sentir em casa, pois o lar, saiba você ou não, é o único lugar que você pode deixar e adentrar. Há lugares que você pode adentrar e outros de onde pode sair, mas seu lar, caso o descubra, é o único lugar que lhe possibilita ambas as coisas.

Ele virou-se para ir embora e, mais uma vez, vi o bibliotecário. Não me pareceu que tivesse mudado, apenas ter apanhado sua sombra. Sei que isso parece sem sentido, mas não posso descrevê-lo de outra forma.

Acompanhei-o com o olhar até perdê-lo de vista, porém não consigo definir se o que o escondeu foi a distância ou a vegetação rasteira.

Seria possível que eu estivesse morto e não soubesse? Estaria eu no que costumamos chamar mundo além-túmulo? Deveria então vagar até descobrir meu lugar nele? Como faria para me sentir em casa? O corvo afirmou que eu deveria fazer algo. O que poderia fazer ali? Isso me tornaria alguém? Pois no momento — ai de mim! — não era ninguém!

Segui pelo mesmo caminho do bibliotecário, acompanhando-o devagar. Logo avistei uma floresta de altos e delgados pinheiros e me dirigi para lá. O aroma da mata veio ao meu encontro, e apressei o passo para entrar nela.

Envolvido afinal em sua escuridão sombria, vislumbrei diante de mim algo como uma claridade entre os troncos. Não havia cor, mas parecia o translúcido tremular do ar quente que se eleva do chão banhado pelo Sol em uma radiante tarde de verão, vibrante como os cativantes acordes de um instrumento musical. Fosse o que fosse, não se tornou mais evidente à medida que me aproximava. Quando cheguei bem perto, parei de ver o brilho, mas a forma e a cor das árvores adiante pareciam estranhamente incertas. Eu teria passado entre os troncos, porém recebi um leve choque, fiquei atordoado e caí. Ao me levantar, vi diante de mim a parede de madeira da câmara do sótão. Virei-me, e lá estava o espelho, em cujo topo a água negra parecia ter pousado bem naquele momento.

O terror apoderou-se de mim, e fugi em disparada. Fora da câmara, os amplos espaços do sótão tinham uma aparência *sinistra*. Pareciam ter esperado um longo tempo por algo, esse algo tinha vindo e agora estavam esperando outra vez! Um arrepio atravessou-me na escada em caracol: a casa havia ficado estranha para mim! Algo estava prestes a pular sobre mim, pelas costas! Desci a espiral como um dardo e me choquei contra a parede, indo ao chão, mas me levantei e corri. No andar seguinte, perdi-me e, mais de uma vez, cruzei inúmeras entradas até encontrar a escada. No topo da grande escadaria, acalmei-me um pouco, e logo estava recuperando o fôlego sentado na biblioteca.

Nada me faria retornar para o andar superior e subir aquela última e terrível escada! O sótão no final dela atravessava a casa de uma extremidade a outra. Ele estava lá, sentado, ameaçando me esmagar. O envolvente cérebro da casa estava repleto de habitantes misteriosos, e um ou outro poderia a qualquer momento aparecer na biblioteca. Não havia lugar seguro! Eu iria embora e venderia aquele local assustador, no qual havia um portal imaginário, sempre aberto a criaturas cuja existência não era humana. Poderia comprar um penhasco na Suíça e sobre ele construir um ninho de madeira térreo, sem nenhum sótão, guardado por algum grande e velho cume

que enviaria para baixo no máximo algumas toneladas de rochas.

Eu sabia todo o tempo que aqueles meus pensamentos eram tolos e, da mesma forma, tinha consciência da certa dose de humor desdenhoso em tudo isso, mas eles foram subitamente interrompidos e, uma vez mais, pareceu-me ter ouvido o grasnar do corvo.

“Se nada sei sobre meu sótão”, pensei, “o que pode me proteger contra meu cérebro? Posso dizer o que ele está engendrando, neste exato instante? Que pensamento poderá me apresentar no instante seguinte, daqui a um mês ou um ano? O que está no coração do meu cérebro? O que há por trás do meu *pensamento*? Estou lá, afinal? Quem ou o que eu sou?”

Assim como quando o corvo me questionou, naquela hora não pude responder à questão. Desisti de conhecer qualquer coisa a meu respeito ou acerca do universo.

Levantei-me e atravessei a sala em direção à porta bizarra, onde o volume mutilado, destacando-se da superfície plana de livros sem corpo, sem alma e inexistentes, pareceu acenar para mim. Fiquei de joelhos e o abri tanto quanto sua posição permitia, porém nada vi. Coloquei-me de pé mais uma vez, acendi uma vela e, examinando-o atentamente, percebi que era um manuscrito de poesia. Nada mais descobri além disso. Inícios de linhas eram visíveis na página à esquerda, enquanto os finais eram visíveis na outra, mas, claro, não consegui ler uma simples linha do começo ao fim nem adivinhar o sentido daquilo que pude ler. As meras palavras, entretanto, despertaram em mim sentimentos cuja descrição era impossível, dada sua singularidade. Alguns sonhos, poemas, frases musicais e pinturas despertam sentimentos jamais experimentados, novos em cor e na forma — sensações espirituais, pode-se dizer, até agora não comprovadas. Aqui, algumas frases, algumas daquelas linhas incompletas e sem sentido, e até mesmo algumas palavras isoladas me afetaram de modo similar. Como o aroma de uma ideia, despertaram em mim um grande anseio por conhecer o que o poema ou os poemas, mesmo em sua mutilada existência, expressavam ou sugeriam.

Passei a copiar os fragmentos mais extensos ao meu alcance e me esforcei ao máximo para completar as linhas, porém sem o menor êxito. O único benefício que obtive com o esforço foi um intenso cansaço, que me fez dormir profunda e rapidamente assim que me deitei na cama.


Pela manhã, todo o horror que os amplos e vazios espaços do sótão haviam provocado em mim havia desaparecido.



CAPÍTULO
IV

*Algum lugar
ou lugar nenhum?*



 Sol estava radiante, porém tive dúvidas se o dia continuaria assim por muito tempo e olhei o anel de safira leitosa que usava, para ver se a estrela na joia estava clara. Encontrei-a ainda menos definida do que esperava. Levantei-me da mesa, após o café da manhã, e fui até a janela verificar a pedra novamente. Havia caído uma forte chuva durante a noite, e no gramado um tordo bicava a concha de um caramujo.

Quando voltei minha atenção para o anel a fim de observar a reação da estrela à luz do Sol, percebi um olho negro e agudo fitando-me do azul leitoso e turvo. Aquela visão assustou-me de tal forma que derrubei o anel e, quando o apanhei de volta, o olho havia sumido. Naquele exato momento, o Sol escureceu; um vapor escuro cobriu-o e, passados um minuto ou dois, todo o céu estava nublado. O ar tornou-se abafado, e uma rajada de vento irrompeu de repente. No instante seguinte, houve um clarão e um estrondo de

trovão. Então a chuva começou a cair torrencialmente.

Eu tinha aberto a janela e estava olhando a chuva despencar quando distingi ao longe um corvo caminhando sobre a grama em minha direção, com andar solene e total desdém pelo dilúvio que caía. Suspeitando de quem era, alegrei-me por estar seguro no andar térreo. Ao mesmo tempo, porém, tinha a convicção de que, se não tivesse cautela, alguma coisa aconteceria.

A ave aproximou-se cada vez mais, fez uma profunda reverência e, com um voo curto, pousou no peitoril da janela. Então pisou na borda, pulou para dentro da sala e seguiu até a porta. Pensei que estivesse indo na direção da biblioteca e o segui, determinado a não dar nenhum passo a mais, caso fosse para a escada. No entanto, ele se dirigiu não à biblioteca ou à escada, mas a uma pequena porta que dava para uma área gramada entre duas partes da velha casa. Apressei-me em abrir a porta para ele. O corvo pisou no alpendre coberto por trepadeiras e permaneceu parado, observando a chuva, que parecia uma grande catarata. Quanto a mim, permaneci na porta, atrás dele. O segundo clarão veio e foi seguido pelo prolongado som de um distante trovão. Ele virou a cabeça para trás e me olhou, como que dizendo: “Você ouviu isso?”. Então virou-se para a frente e contemplou uma vez mais o mau tempo, aparentemente com aprovação. Sua postura e seu comportamento, além da maneira de virar a cabeça, eram tão humanos que comentei, quase involuntariamente:

— Ótimo tempo para as minhocas, sr. Corvo!

— Sim — respondeu, em sua costumeira rouquidão, que eu já aprendera a reconhecer. — O terreno ficará excelente para elas saírem e entrarem! Deve ser um ótimo tempo nas estepes de Urano! — acrescentou, olhando para a frente. — Acho que está chovendo lá também; estava na semana passada!

— Por que seria um ótimo tempo? — questionei.

— Porque lá os animais são todos escavadores — respondeu —, como os ratos-do-mato e as toupeiras aqui. Eles o serão por muito tempo.

— Como sabe disso, se posso perguntar? — retorqui.

— Como qualquer um que já esteve lá para ver — replicou. — É uma grande visão, até você se acostumar, quando a terra se levanta e de lá sai uma fera. Você pode imaginá-la como um elefante peludo ou um dinotério, porém nenhum dos animais é igual aos que já tivemos aqui. Eu mesmo quase morri de medo quando vi pela primeira vez a serpente do pântano chafurdando na superfície. Que cabeça e que crina! Que olhos! A chuva está para cessar. Na verdade, vai parar após o próximo trovão. Lá está!

Acompanhando essas palavras, um clarão surgiu no céu, e, cerca de meio minuto depois, veio o som do trovão. Então a tempestade parou.

— Agora devemos ir! — disse o corvo, dirigindo-se para a frente do alpendre.

— Ir para onde? — indaguei.

— Ir para onde devemos ir — ele respondeu. — Você não acha mesmo que está em casa, acha? Eu lhe disse que não há como sair e entrar até que você esteja em casa!

— Mas eu não quero ir! — afirmei.

— Isso não faz a menor diferença; pelo menos não muita — disse o corvo. — Esse é o caminho!

— Estou bastante satisfeito onde estou.

— Você acha isso, mas não está. Acompanhe-me!

Ele saltou do alpendre para o gramado e virou-se, aguardando por mim.

— Eu não vou deixar esta casa hoje! — declarei com firmeza.

— Você virá até o jardim! — devolveu o corvo.

— Já cedi muito — repliquei, parando no alpendre.

O Sol irrompeu entre as nuvens, e as gotas da chuva lampejaram e brilharam na grama. O corvo caminhava sobre ela.

— Você vai molhar os pés! — exclamei.

— E atolar o bico — retrucou, mergulhando-o imediata e profundamente no terreno, de lá retirando uma minhoca vermelha e serpenteante. Ele jogou a cabeça para trás e a lançou para o alto. Ela abriu grandes e belas asas, em

vermelho e preto, e se elevou para as alturas.

— Que vergonha! — disse. — Você se enganou, sr. Corvo. Minhocas não são lagartas de borboletas!

— Não tem importância — ele grasnou. — Servirá desta vez! Não sou um homem de letras no momento, mas um sacristão² em certo túmulo. Em um cemitério, para ser mais preciso, cuja localização não vem ao caso!

— Entendi! Você não consegue manter sua pá imóvel e, quando não tem nada para enterrar, tem de desencavar algo! Mas você deve prestar atenção ao que é antes de fazê-lo voar! Nenhuma criatura deveria poder esquecer o que é e qual sua origem!

— Por quê? — indagou o corvo.

— Porque será subjugada pelo orgulho e deixará de reconhecer seus superiores.

Nenhum homem reconhece quando está se fazendo de idiota.

— Mas de onde vêm as minhocas? — perguntou o corvo, como se, de repente, ficasse curioso para saber.

— Elas vêm da terra, como acabou de ver! — respondi.

— Sim, por último! — replicou. — Mas elas não podem ter vindo de lá primeiro, pois jamais voltarão para lá! — acrescentou, olhando para o alto.

Ergui os olhos também, mas nada pude ver, exceto uma pequena nuvem escura de bordas avermelhadas, como a refletir a luminosidade do pôr do sol.

— O Sol não pode estar se pondo! — exclamei, com espanto.

— Não está! — respondeu o corvo. — Aquele tom avermelhado pertence à minhoca.

— Percebe o que acontece quando as criaturas esquecem suas origens? — comentei, com certa cordialidade.

— É algo bom, claro, se o resultado é elas irem mais alto e ficarem maiores! — retorquiu. — Mas, na verdade, apenas as ensinei a encontrarem sua origem!

— Você gostaria que o ar fosse cheio de minhocas?

— Esse é o trabalho de um sacristão. Se ao menos o resto do clero também entendesse isso!

Uma vez mais, o corvo mergulhou o bico na relva macia e retirou outra minhoca serpenteante. Arremessou-a para o ar, e ela foi embora, voando.

Olhei para trás e dei um suspiro de desânimo. Eu havia declarado momentos antes que não deixaria a casa e já me sentia um estrangeiro em terra estranha!

— Que direito você tem de me tratar assim, sr. Corvo? — questionei, profundamente ofendido. — Sou ou não sou um agente livre?

— Um homem é tão livre quanto escolhe ser, nem um átomo sequer mais livre — respondeu a ave.

— Você não tem o direito de me obrigar a fazer coisas contra minha vontade!

— Quando tiver uma vontade, descobrirá que ninguém é capaz disso.

— Você me ofende na própria essência de minha individualidade! — persisti.

— Se você fosse um indivíduo, eu não poderia fazê-lo. Portanto, não posso fazer isso agora. Você está começando a se tornar um indivíduo.

Tudo que via ao meu redor era uma floresta de pinheiros, cujas entranhas meus olhos já examinavam profundamente, na esperança de descobrir uma improvável luminosidade e, assim, achar o caminho de volta para casa. Quem me dera! Como poderia ainda chamar de *lar* aquela casa, onde cada porta e cada janela se abria para *fora*, e nem no jardim eu podia permanecer!

Acho que eu aparentava estar totalmente confuso.

— Talvez lhe traga algum conforto — prosseguiu o corvo — saber que você ainda não deixou sua casa e que tampouco ela o deixou. Ao mesmo tempo, ela não pode contê-lo nem você pode habitá-la!

— Não compreendo o que está dizendo — repliquei. — Onde estou?

— Na região das sete dimensões — respondeu, com um curioso som na

garganta e um tremular de cauda. — O melhor a fazer é me seguir atentamente por um momento, para não machucar alguém!

— Não há ninguém para ser machucado, exceto você mesmo, sr. Corvo! Confesso que até gostaria de machucá-lo.

— O perigo reside no fato de você não ver ninguém. Consegue ver aquela grande árvore à sua esquerda, a uns trinta metros de distância?

— Claro que sim. Por que não deveria ver? — respondi, impaciente.

— Dez minutos atrás você não a via, e agora não sabe onde ela está localizada!

— Sei, sim!

— Onde pensa que ela está localizada?

— *Lá*, onde você sabe que está!

— Onde é *lá*?

— Você me aborrece com suas perguntas tolas! — protestei. — Estou ficando farto de você!

— Aquela árvore está localizada no centro de sua cozinha e cresce praticamente ao lado de sua chaminé — afirmou.

— Agora *sei* que você está se divertindo às minhas custas! — respondi, com uma risada de escárnio.

— Eu estava me divertindo quando você me descobriu dentro de sua pedra de safira ontem?

— Isso aconteceu esta manhã, nem uma hora atrás!

— Estou ampliando seu horizonte há mais tempo que isso, sr. Catavento,³ mas deixa para lá!

— Você quer dizer que está me fazendo de tolo! — afirmei, dando-lhe as costas.

— Desculpe-me, mas ninguém pode fazer isso, exceto você mesmo.

— E me recuso a fazê-lo.

— Você está equivocado.

— Como?

— Ao não se reconhecer como tolo. Você se faz de tolo ao recusar o que é verdadeiro e, assim agindo, punirá apenas a si mesmo.

— Repito: como?

— Ao acreditar no que não é verdadeiro.

— Então, se eu andar até o outro lado daquela árvore, estarei caminhando pela cozinha?

— Certamente. Entretanto, você passaria primeiro pela dama sentada ao piano na sala do desjejum. Aquela roseira está próxima a ela. Você lhe daria um susto terrível!

— Não há nenhuma dama na casa!

— De fato! Sua governanta não é uma dama? Assim ela é considerada em algum país onde todos são servos, e os uniformes, sendo iguais, ainda assim são diversos!

— De qualquer forma, ela não tem permissão para usar o piano!

— A sobrinha dela tem: ela está lá. Uma garota bem-educada e importante instrumentista.

— Perdoe-me, mas não consigo evitar: o que está dizendo me parece um completo absurdo!

— Se você pelo menos conseguisse ouvir a música! Aqueles grandes e longos botões de jacinto silvestre estão dentro do piano, entre as cordas, dando essa peculiar doçura ao seu jeito de tocar! Desculpe-me. Esqueci que você é surdo!

— Dois objetos não podem ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo! — afirmei.

— Não podem? Eu não sabia disso! Lembro-me agora de que foi isso que lhe ensinaram, mas é um grande erro. Um dos maiores já cometidos pelos sabichões! Nenhum homem do universo poderia fazer tal afirmação, apenas um homem deste mundo!

— Você, um bibliotecário, falando tamanha bobagem! — protestei. — Obviamente, não leu muitos livros em sua atividade!

— Claro que sim! Li todas as obras em sua biblioteca à época e vim parar do outro lado não muito mais esperto. Era uma traça a devorar os livros então, mas, quando tomei consciência disso, despertei entre as borboletas. Com certeza, desisti de ler por alguns bons anos, desde que me tornei sacristão. Lá! Sinto cheiro da *Marcha nupcial* de Grieg, no tremular daquelas pétalas de rosas!

Aproximei-me da roseira e prestei a máxima atenção, porém não consegui ouvir nenhum som. Apenas senti o cheiro de algo que jamais sentira em uma rosa antes. Ainda era o aroma da flor, mas com uma diferença, causada, suponho, pela música de Grieg.

Quando olhei para cima, lá estava o pássaro ao meu lado.

— Sr. Corvo — disse —, perdoe-me por estar sendo tão rude. Estava irritado. Poderia fazer a gentileza de me mostrar o caminho para casa? Devo ir embora, pois tenho um compromisso com meu administrador. Não se pode perder um compromisso com os empregados!

— Você não pode perder o que já foi perdido há dias! — ele respondeu.

— Mostre-me o caminho — implorei.

— Não posso — o corvo replicou. — Para retornar, você deve seguir por si mesmo, e tal caminho nenhum homem pode indicar ao outro.

A súplica foi em vão. Eu devia aceitar meu destino! Mas como poderia viver em um mundo onde ainda teria todas as leis para aprender? Por certo, haveria aventura! Isso servia de algum consolo, e, quer achasse o caminho de volta para casa, quer não, pelo menos eu teria a rara vantagem de conhecer dois mundos!

Até então, não fizera coisa alguma para justificar minha existência. Meu mundo anterior não melhorava em nada com minha presença nele. Aqui, no entanto, eu tinha de obter ou, de alguma forma, ganhar meu pão! No entanto, concluí que, como não tinha culpa de estar aqui, podia esperar ser cuidado aqui tão bem quanto lá! Não tivera relação alguma com minha entrada naquele mundo que acabara de deixar, e nele havia descoberto ser herdeiro

de uma imensa propriedade! Se aquele mundo, como agora o via, tinha direito sobre mim por ter me alimentado e por poder me alimentar novamente, eu então tinha direito sobre o mundo em que agora estava por precisar comer — o que, por sua vez, de novo lhe dava direito sobre mim!

— Não há pressa — disse o corvo, que continuou falando comigo. — Não seguimos muito o relógio aqui. Não obstante, quanto mais cedo se começa a fazer o que deve ser feito, tanto melhor! Eu o levarei à minha esposa.

— Obrigado. Vamos, então! — concordei, e, de imediato, ele indicou o caminho.

2 Na Igreja Anglicana, o sacristão era um oficial ou funcionário responsável pelo cuidado e pela manutenção da propriedade da igreja, e às vezes fazia dobrar os sinos e também cavava covas para sepultamento. [N. R.]

3 No original, “Mr. Vane”. O nome da personagem revela algo de sua instabilidade, assim como é instável o vento, símbolo também daquilo que é “vão”. Aliás, a pronúncia da palavra inglesa *vane* (“cata-vento”) é a mesma do adjetivo *vain* (“vão”, “vaidoso”, “fútil”). [N. E.]



CAPÍTULO
V
A velha igreja

Segui-o para dentro da floresta de pinheiros. Nenhum de nós falou muito, enquanto a escuridão sagrada nos cercava. Passamos por árvores cada vez maiores, mais antigas e individuais, algumas até grotescas dada a idade. Então a floresta ficou menos densa.

— Vê aquele espinheiro? — inquiriu meu guia, depois de um tempo, apontando com o bico.

Olhei para a direção onde a floresta desaparecia, no limite de um campo árido e aberto.

— Vejo um velho homem curtido pelo tempo, com uma grande cabeça branca — respondi.

— Olhe mais uma vez — o corvo retorqui. — É um espinheiro.

— De fato, parece um antigo espinheiro, mas não é a época de espinheiros florescerem — argumentei.

— A estação de florada dos espinheiros — replicou — é quando eles

florescem. Aquela árvore está nas ruínas da igreja de sua propriedade. Você ia dar algumas instruções ao seu administrador sobre o jardim da igreja na manhã do trovão, não é mesmo?

— Eu ia lhe dizer que gostaria de transformá-lo em um roseiral e que o arado jamais deveria chegar a menos de dois metros e meio daquela área.

— Ouça! — advertiu o corvo, aparentando segurar a respiração.

Prestei atenção e ouvi — seria o suspirar de um vento musical distante, ou o fantasma de uma música outrora alegre? Será que, de fato, ouvi alguma coisa?

— Eles ainda vão para lá — afirmou o corvo.

— Quem vai para lá? E para onde vão? — inquiri.

— Algumas das pessoas que costumavam lá orar. Elas ainda vão para as ruínas — respondeu. — Mas não irão por muito tempo mais, acho.

— O que as faz ir agora?

— Elas precisam do auxílio umas das outras para refletir e para cuidar de seus sentimentos, de modo que conversam e cantam juntas, e então, dizem, o grande pensamento flutua do coração delas como uma ampla embarcação flutua nas águas elevadas de um rio.

— Elas oram juntas da mesma forma que cantam?

— Não. Elas descobriram que cada uma faz sua melhor oração em seu silencioso coração. Algumas pessoas estão sempre envolvidas em suas orações. Olhe! Olhe! Lá vai uma!

Ele apontou para cima. Uma pomba, alva como a neve, estava ascendendo, com uma batida de asas cada vez mais rápida, à espiral invisível de uma escada etérea. Os raios solares brilhavam tremulantes sobre suas asas.

— Vejo uma pomba! — exclamei.

— Claro que você vê uma pomba — replicou o corvo —, pois lá há uma pomba! O que vejo é uma oração seguindo seu caminho. Só questiono que coração deu origem à pomba! Alguém deve ter despertado em meu cemitério!

— Como pode uma pomba ser uma oração? — perguntei. — Claro, eu a entendo como um símbolo ou uma expressão da oração, mas uma pomba viva sair de um coração!

— Isso *deve* intrigá-lo! É impossível evitar isso!

— Uma oração é um pensamento, algo espiritual! — prossegui.

— É verdade! Mas, se você compreendesse qualquer mundo além do seu, entendê-lo-ia muito melhor. Quando um coração está realmente vivo, é capaz de pensar em coisas vivas. Há um coração cujos pensamentos são criaturas fortes e felizes e cujos próprios sonhos são vidas. Quando alguns oram, erguem pesados pensamentos do chão, apenas para deixá-los cair novamente. Outros, porém, transmitem suas mensagens por meio de formas vivas, esta ou aquela à sua maior semelhança. Todas as coisas vivas foram pensamentos no princípio, e podem, portanto, ser utilizadas por aqueles que pensam. Quando alguém diz ao grande Pensador: “Aqui está um de seus pensamentos: eu o estou pensando agora!”, isso é uma oração. Uma palavra ao grande coração, de um de seus pequenos corações. Veja! Lá vai outra!

Dessa vez, o corvo apontou o bico para baixo, para algo ao pé de um bloco de granito. Olhei e vi uma pequena flor. Jamais havia visto flor igual àquela, e não consigo expressar o sentimento que tal visão despertou em mim, com sua forma graciosa e verdadeira, sua coloração e aroma, como o de um novo mundo que ainda era o velho. Só posso dizer que parecia uma anêmona de coloração pálida e rosada com um núcleo dourado.

— Essa é uma oração-flor — afirmou o corvo.

— Nunca vi uma flor como essa! — comentei.

— Não existe igual. Nenhuma oração-flor é igual a outra — acrescentou.

— Como você sabe que é uma oração-flor? — questionei.

— Por sua expressão — ele respondeu. — Mais que isso não posso lhe contar. Quando você sabe, sabe; quando não sabe, não sabe.

— Pode me ensinar como reconhecer uma oração-flor quando a vir? — perguntei.


— Não posso. E, se pudesse, que bem isso lhe faria? Não o saberia por *si mesmo* nem por *ela mesma*! Por que saber o nome de uma coisa, quando se desconhece a coisa em si? De quem é o trabalho de lhe abrir os olhos senão seu? No entanto, de fato, o negócio do universo é fazê-lo de tolo, para que você se reconheça como tal e, assim, comece a ser sábio!

No entanto, eu já percebia que aquela flor era diferente de qualquer flor que já tinha visto e, portanto, sabia que devia estar vendo a sombra da oração nela. Um grande assombro apoderou-se de mim ao pensar no coração dando ouvidos a uma flor.



CAPÍTULO
VI
*A cabana do
sacristão*



 travessávamos havia algum tempo um terreno pantanoso e rochoso, coberto com musgos e de vegetação árida, quando vislumbrei uma pequena cabana no horizonte. O Sol ainda não havia se posto, mas estava envolto em uma nuvem cinzenta. A região parecia jamais ter sido quente, e o vento soprava estranhamente gélido, como se proveniente de uma área onde sempre fosse noite.

— Enfim, aqui estamos! — celebrou o corvo. — Que longa jornada fizemos! Em metade desse tempo, poderia ter ido ao Paraíso visitar meu primo. Aquele que jamais retornou para Noé, como deve lembrar! Meu Deus! É quase inverno!

— Inverno! — exclamei. — Mas parece que se passaram algumas horas desde que deixamos a casa!

— Isso porque viajamos muito rápido — respondeu o corvo. — Em seu

mundo, não se pode erguer o fio de prumo que vocês denominam gravitação e deixar o mundo girar sob os pés! Mas aqui é a casa de minha esposa! Ela é muito generosa por me deixar viver com ela e chamar essa morada de cabana do sacristão!

— Mas onde está o jardim de sua igreja, seu cemitério, quero dizer, onde faz os seus túmulos? — perguntei, nada vendo exceto o brejo plano.

O corvo esticou o pescoço, manteve o bico na horizontal, girou-o vagarosamente por todos os pontos do compasso e nada respondeu.

Segui o bico com o olhar e, para meu espanto, sem igreja e sem sepulturas, tudo era um cemitério! Para onde quer que o sombrio vento soprasse, era o cemitério do corvo! Ele era o sacristão de tudo o que observava! Senhor de tudo o que fora abandonado! Eu estava no cemitério de todo o universo; sua abrangência incluía toda aquela região árida, e sua parede era o horizonte cinzento, baixo e sem estrelas. Eu havia deixado para trás a primavera, o verão e o outono, bem como os raios solares, e chegado ao inverno, que esperava por mim! Havia partido nos primórdios de minha juventude, e agora já estava ali, porém devo ter me equivocado. O dia podia muito bem ser longo naquela região, pois continha as estações. O Inverno lá dormia, durante a noite, em seu lençol de gelo. Com um sorriso inocente, a Primavera despertava na alvorada; ao meio-dia, o Verão esquentava tudo, com sua beleza radiante. Com a lenta mudança da tarde, o velho Outono se instalava, morrendo ao primeiro sopro da noite fantasmagórica e nebulosa.

À medida que nos aproximávamos da cabana, o Sol nublado deslizava pelo declive mais íngreme do oeste, e desapareceu no horizonte quando estávamos a poucos metros da porta. No mesmo instante, fui invadido por um frio que parecia quase uma presença material e lutei para atravessar a soleira da porta, como se estivesse me livrando das garras de uma morte gelada. Uma rajada de vento formou-se no pântano e veio na direção da porta enquanto eu a fechava com dificuldade. Então tudo ficou quieto, e olhei ao meu redor.

Uma vela ardia sobre uma pequena mesa, no centro da sala, e a primeira coisa que vi foi o que me pareceu a tampa de um caixão, de pé, encostada à parede. De repente, a tampa abriu-se, pois era uma porta, e uma mulher entrou por ela, toda vestida de branco — um branco tão alvo quanto a neve que acaba de cair, e sua face era tão branca quanto suas vestes, mas não fria como a neve, pois sugeria receptividade. Achei suas feições perfeitas, porém os olhos me fizeram esquecer-las. A vida de sua face e de toda a sua pessoa estava reunida e concentrada nos olhos, onde se tornava luz. Podia ser a proximidade da morte que tornara sua face luminosa, mas os olhos tinham vida suficiente para toda uma nação — grandes e negros, com uma escuridão que se intensificava quanto mais eu os fitava. Todo o céu noturno jazia condensado em cada pupila, todas as estrelas estavam em sua negritude, brilhando, enquanto, ao redor delas, como um horizonte, havia uma íris de eterno crepúsculo. O que qualquer olho é, apenas Deus sabe: os olhos dela devem ter vindo diretamente dos olhos divinos! A face serena devia ser de uma perfeição primitiva, os olhos vívidos eram contínua criação.

— Aqui está o sr. Catavento, esposa! — disse o corvo.

— Seja bem-vindo — ela respondeu, com uma voz baixa, potente e gentil. Tesouros de som imortal pareciam estar enterrados naquela voz.

Eu a olhei, mas não consegui emitir som algum.

— Eu sabia que ficaria feliz em vê-lo! — acrescentou o corvo.

Ela parou diante da porta por onde havia entrado e não se aproximou mais.

— Ele vai dormir? — ela questionou.

— Receio que não — o corvo replicou. — Ele não está cansado nem sobrecarregado.

— Por que o trouxe, então? Tenho meus receios de que isso acabe se provando precipitado.

— Não entendo você — interrompi, com um mau pressentimento sobre o que ela queria dizer, porém com uma vaga esperança de haver alguma saída.

— Certamente, um homem deve primeiro realizar o trabalho do dia!

Fitei a face alva da mulher, e meu coração palpitou. Ela devolveu meu olhar em silêncio.

— Deixe-me antes ir para casa — prossegui —, e voltar depois de encontrar, fazer, inventar ou, pelo menos, descobrir algo!

— Ele ainda não aprendeu que o dia começa com o sono! — disse a mulher, voltando-se para o marido. — Diga-lhe que ele deve descansar antes de poder fazer qualquer coisa!

— Os homens — ele respondeu — pensam tanto em realizar que acabam dormindo sobre esses pensamentos. Não conseguem esvaziar os ovos, mas entram na casca e lá se deitam!

Aquelas palavras transferiram meu olhar da mulher para o corvo.

Não vi o corvo, mas o bibliotecário, o mesmo homem velho e esguio em um surrado paletó preto, folgado e longo. Até então, eu o tinha visto apenas pelas costas, mas agora via seu rosto pela primeira vez. Era tão fino que exibía a forma dos ossos, lembrando as caveiras com as quais ele devia estar familiarizado no exercício de sua profissão. No entanto, a verdade era que eu jamais vira antes uma face tão vívida ou um olhar tão penetrante ou tão amigável quanto o que expressavam seus olhos azuis, que ainda assim exibiam um ar nebuloso, como se houvessem pranteado muito.

— Você sabia que eu não era um corvo! — exclamou, com um sorriso no rosto.

— Eu sabia que você era o sr. Corvo — respondi —, mas, de algum modo, também o imaginei como um pássaro!

— O que o fez pensar em mim como um pássaro?

— Para mim, você parecia um corvo. Além disso, eu o vi retirar minhocas da terra com o bico.

— E então?

— Você as jogou para o alto.

— E então?

— Elas se transformaram em borboletas e voaram para longe.

— Você já havia visto um corvo fazer isso? Eu lhe disse que era um sacristão!

— Um sacristão lança minhocas ao ar e as transforma em borboletas?

— Sim!

— Mas nunca vi um sacristão fazer isso!

— Você me viu fazendo isso! Mas ainda sou bibliotecário em sua casa, pois jamais fui despedido e nunca desisti do emprego. Agora sou também bibliotecário aqui.

— Mas você acabou de me dizer que é um sacristão aqui!

— Também sou. De certa forma, é a mesma profissão. Se for um verdadeiro sacristão, os livros são como corpos mortos para você, e a biblioteca, como uma catacumba.

— Você me deixa confuso!

— Está tudo bem!

Por alguns momentos, ele permaneceu em silêncio. A mulher, imóvel como uma estátua, também se mantinha calada ao lado da porta-caixão.

— De vez em quando — disse por fim o sacristão —, é mais conveniente colocar o eu-pássaro na frente. Cada pessoa, como você deve saber, tem um eu-fera, e um estúpido eu-peixe, como também (ai de nós!) um rastejante eu-serpente, que exige um grande esforço para ser aniquilado! Na realidade, cada pessoa também tem um eu-árvore, um eu-cristal e não sei quantos eus mais. E todos devem estar em harmonia. Você pode dizer de que tipo a pessoa é pela criatura que aparece com mais frequência.

Ele se voltou para a esposa, e observei-o mais atentamente. Ele era mais alto que o normal e parecia mais ereto que da última vez que o vira. Sua face, como a da esposa, era muito pálida. O nariz abrigava com elegância o bico que dele surgia; os lábios eram extremamente finos e, mesmo sem cor, apresentavam belos contornos, e neles tremulava um vago sorriso que expressava humor, bem como amor e piedade.

— Estamos desejosos de algo para comer e beber, minha esposa! — ele disse. — Viemos de uma longa jornada!

— Você sabe, meu marido, que podemos dar apenas àquele que pede — ela respondeu, olhando-me com seu rosto imutável e seus olhos radiantes.

— Por favor, dê-me algo de comer, sra. Corvo! — pedi. — E algo, à sua escolha, para saciar minha sede.

— Sua sede deve ficar ainda maior antes que possa beber o que a saciará — ela respondeu. — Mas o que posso lhe servir, o farei de bom grado.

Ela dirigiu-se até um guarda-louça junto à parede, retirou pão e vinho lá de dentro e os colocou na mesa.

Sentamo-nos para uma refeição perfeita, e, à medida que nos alimentávamos, o pão e o vinho pareciam matar mais que a fome e a sede. A ansiedade e o desconforto desapareceram, substituídos pela expectativa.

Comecei a sentir muita sonolência e, pela primeira vez, cansaço.

— Não fiz nada para merecer o alimento nem o sono, sra. Corvo — declarei. Mas a senhora me concedeu o primeiro de graça e, agora, espero que me conceda o outro, pois com certeza preciso descansar.

— O sono é o que de mais excelente se pode ganhar — disse o sacristão. — Ele deve ser concedido e aceito, pois é uma necessidade, porém seria perigoso usar esta casa como hospedaria, quer dizer, para o repouso de uma noite apenas.

Um pequeno gato selvagem, de pelos negros, pulou em seu colo enquanto o sr. Corvo falava. Ele o afagou como alguém nina uma criança para fazê-la dormir. Pareceu-me estar acomodando o gramado sobre um túmulo, batendo leve e amorosamente, com uma canção de ninar interior.

— Esta é uma das gatinhas de estimação de Mara! — disse ele à esposa. — Você pode lhe dar algo de comer e colocá-la para fora? Talvez ela o queira!

Gentilmente, a mulher tomou o animal de seus braços, deu-lhe um pequeno pedaço de pão e saiu com ele, fechando a porta atrás de si.

— Como então posso fazer uso de sua hospitalidade? — questionei.

— Aceitando-a plenamente — ele respondeu.

— Não compreendo.

— Nesta casa, ninguém desperta por si mesmo.

— Por quê?

— Porque ninguém, em nenhum lugar, desperta sozinho. Você não pode despertar a si mesmo mais do que pode fazê-lo por si mesmo.

— Então você ou a sra. Corvo talvez possa fazer a gentileza de me despertar — sugeri, ainda sem entender nada, mas sentindo novamente aquele vago presságio.

— Não podemos fazer isso.

— Então como posso ousar dormir? — protestei.

— Se você tivesse o descanso desta casa, não se preocuparia em despertar. Você deve entregar-se ao sono de maneira sincera, total e entusiasmada.

Minha alma perturbou-se.

O sacristão sentou-se, olhando-me face a face. Seus olhos pareciam perguntar: “Você não confia em mim?”. Devolvi o olhar e respondi:

— Sim, confio.

— Então venha — ele convidou. — Vou lhe mostrar seu leito.

Assim que nos levantamos, a mulher adentrou o lugar. Ela apanhou a vela, dirigiu-se à porta interna e mostrou o caminho. Acompanhei-a de perto, seguido pelo sacristão.





CAPÍTULO
VII
O cemitério

O ar, gélido como de um frigorífico, veio ao meu encontro ao cruzar a porta, que se fechou com vigor atrás de nós. O sacristão disse algo à esposa que a fez voltar-se em nossa direção. Que transformação ocorrera nela! Foi como se o esplendor de seus olhos tivesse aumentado, de modo que não podia mais ser contido por eles, espalhando-se pelo rosto e fazendo-o resplandecer com uma amabilidade similar à de Beatriz, na rosa branca dos redimidos.⁴ A própria vida, eterna, imortal, fluía de seu rosto, com uma luminosidade contínua. Até as mãos brilhavam com um esplendor branco e cintilavam como pedras da Lua. Sua beleza chegava a ser opressora. Fiquei feliz quando ela ficou de costas para mim.

No entanto, a luz da vela iluminava tão pouco que, a princípio, nada consegui ver no local. Logo, porém, a luz incidiu sobre algo que brilhou tenuamente um pouco acima do chão. Seria uma cama? Poderia algum ser vivo dormir naquele frio mortal? Nesse caso, não seria surpresa ninguém

conseguir acordar por si mesmo! Um pouco mais adiante, surgiu uma débil claridade, e pensei vislumbrar centelhas incertas em cada canto.

Uns poucos passos levaram-nos à primeira: uma forma humana sob o lençol, ereta e imóvel — se homem ou mulher não sei afirmar, pois a luz pareceu evitar cair sobre o rosto enquanto passávamos.

Logo percebi que estávamos andando ao longo de um corredor de leitos onde, em quase todos, com a cabeça voltada para a passagem, jazia algo adormecido ou morto, coberto com um lençol tão alvo quanto a neve. Minha alma emudeceu de pavor. Passamos por corredores e mais corredores, entre incontáveis leitos. Pude ver apenas alguns poucos de relance, mas estavam em ambos os lados e desapareciam, como me parecia, no infinito. Estaria ali a cama onde eu deveria dormir? Deveria dormir entre os adormecidos, sem ninguém a me despertar? Seria aquela a biblioteca do sacristão? Seriam aqueles os livros dele? Aquele lugar não era mesmo uma hospedaria, mas uma câmara de mortos!

— Uma das adegas sob minha guarda! — observou o sr. Corvo, sussurrando como se temesse perturbar o silêncio de seus hóspedes. — Muito vinho é colocado aqui para amadurecer, porém é escuro para um forasteiro! — acrescentou.

— A Lua está se elevando no céu; logo estará aqui — afirmou a esposa, e sua voz clara, baixa e doce soou como antigo pesar por uma longa despedida.

Enquanto ela falava, a Lua surgiu por uma abertura na parede, e milhares de pontos brilharam em resposta ao brilho dela. No entanto, eu ainda não conseguia vislumbrar o princípio ou o término dos leitos. Eles sucediam uns aos outros, a perder de vista, como se houvesse lugar para todos os que se separaram do mundo, pois, ao longo de todos aqueles caminhos estreitos, em cada leito havia um ser adormecido e solitário. A princípio, pensei que seu sono significasse a morte, mas logo percebi que era algo ainda mais profundo, que eu não compreendia.

A Lua elevou-se no céu e iluminou outros recantos e aberturas, mas ainda assim não consegui ver o suficiente do lugar para conhecer sua forma ou suas características. Ora parecia uma longa nave de catedral, ora um imenso celeiro construído para abrigar tumbas. A Lua parecia mais fria que qualquer outra na mais gélida noite do mundo, e sua luz, quando incidia diretamente, provocava um brilho azulado e frio nos lençóis brancos e nos semblantes pálidos. No entanto, podia ser que aquelas faces é que tornassem a Lua tão fria!

Do que pude vislumbrar, todos pareciam iguais na irmandade da morte, todos diferentes quanto ao seu caráter e às suas histórias. Aqui jazia um homem que havia morrido — pois, embora aquilo não fosse morte, não tenho como nomeá-lo de outra forma — no auge de seu vigor; a barba escura parecia fluir como nascente livre da geleira de sua fisionomia congelada, a fronte era tão lisa quanto mármore polido e havia uma sombra de dor em seus lábios, mas apenas essa impressão. No leito seguinte, jazia uma garota, graciosa o suficiente para chamar a atenção. A tristeza estampada em sua face pela partida ainda não havia sido absorvida em perfeita paz, porém uma absoluta submissão tomava conta das plácidas feições, que não guardavam sinais de alguma enfermidade terminal, das “dores do coração”.⁵ Se existisse dor ali, havia muito estava adormecida e jamais despertaria outra vez. Dos que ali jaziam absolutamente imóveis, muitos eram formosos, alguns ainda bastante jovens, porém não vi nenhuma criança. A mais formosa de todas era uma dama de cabelos brancos, e apenas esse detalhe sugeria ser ela já idosa quando adormecera. A face não expressava submissão, mas uma nobre superioridade, uma certeza, tão firme quanto as fundações do universo, de que tudo era como deveria ser. Em alguns rostos era possível identificar cicatrizes quase imperceptíveis, marcas de perdas irreparáveis, sombras esmaecidas de tristezas que pareciam inconsoláveis. A aurora da grande manhã ainda não as havia apagado, porém aquelas faces representavam a minoria, e cada uma delas parecia suplicar: “Perdoe-me; morri apenas

ontem!” ou “Perdoe-me; morri há um século!”. Eu sabia que algumas daquelas pessoas estavam mortas havia muito tempo, não apenas pelo indescritível descanso, mas por algo que não consigo expressar com palavras ou símbolos.

Por fim, chegamos a três leitos desocupados, imediatamente após os quais havia outra bela mulher, um pouco além da flor da idade. Um dos braços estava descoberto, com a palma da mão voltada para cima, que apresentava uma grande mancha escura no centro. Ao lado dela, estava a robusta figura de um homem de meia-idade. O braço dele também estava para fora da cobertura, e a forte mão, quase fechada, como se segurasse uma espada. Imaginei que fosse um rei morto lutando pela verdade.

— Pode trazer a vela para mais perto? — sussurrou o sacristão à esposa, curvando-se para examinar a mão da mulher.

— Cicatrizou muito bem — murmurou para si mesmo. — O prego não provocou grandes danos!

Finalmente, aventurei-me a falar.

— Eles não estão mortos? — perguntei candidamente.

— Não posso lhe responder — ele disse com voz branda. — Quase me esqueci do que significa *morto* no velho mundo. Se eu disser que alguém está morto, minha esposa entenderá de uma forma, e você, de outra. Tudo aqui não é senão uma de minhas arcas do tesouro — prosseguiu —, e nem todos os meus convidados estão em arcas assim: lá fora, no pântano, eles repousam tão numerosos quanto as folhas de uma floresta após a primeira ventania do inverno ou, melhor dizendo, tão abundantes como se a grande rosa celestial tivesse despejado todas as suas pétalas. Todas as noites, a Lua esquadrinha o rosto deles e sorri.

— Mas por que deixá-los apodrecendo sob o luar? — indaguei.

— Nossa Lua — ele respondeu — não é como a sua, a antiga cinza de um mundo em extinção. Seu luar não corrompe os corpos: pelo contrário, conserva-os. Observe que aqui o sacristão deita seus mortos sobre a terra;

alguns poucos abaixo dela! Em seu mundo, depositam-se enormes pedras sobre eles, como se para mantê-los deitados. Eu aguardo a hora de tocar o sino da ressurreição, para despertar os que ainda dormem. Seu sacristão observa o relógio para saber quando convocar os mortos-vivos à igreja. Eu vigio atentamente para ouvir o cantar do galo: *Desperta, ó tu que dormes; levanta-te dentre os mortos.*

Comecei a desconfiar que o autodenominado sacristão era, na verdade, um clérigo insano. A situação toda era uma loucura! Mas como sair dela? Sentia-me impotente! Naquele mundo dos mortos, o corvo e sua esposa eram os únicos seres vivos que eu tinha visto até então. Para onde seguir em busca de socorro? Estava perdido em um espaço maior que a imaginação, pois se aqui dois corpos, ou quaisquer partes deles, podiam ocupar o mesmo espaço, por que não vinte ou dez mil? Contudo, não ousei ir mais fundo em minha reflexão.

— Você parece ver diferenças em seus mortos que vão além da minha percepção — arrisquei comentar.

— Nenhum daqueles que você vê — respondeu — está morto ainda, na verdade, e alguns acabam de começar a viver e morrer. Outros começaram a morrer, isto é, a viver, muito tempo antes de chegarem a nós; e, quando estes estiverem de fato mortos, no mesmo instante despertarão e nos deixarão. Quase toda noite alguns se levantam e vão, porém não direi mais nada, pois desconfio que minhas palavras apenas o confundem! Este é o leito que estava à sua espera — ele finalizou, apontando para uma das camas vazias.

— Por que esse? — questionei, trêmulo e ansioso por protelar aquele momento.

— Por razões que um dia você ficará feliz em saber — respondeu.

— Por que não sabê-las agora?

— Isso você também saberá quando despertar.

— Mas esses estão todos mortos, e eu estou vivo! — objetei, estremecendo.

— Não muito — regozijou-se o sacristão com um sorriso. — Não o suficiente! Abençoada seja a verdadeira vida, cujas pausas entre as pulsações não são morte!

— O lugar é demasiado frio para que alguém consiga dormir! — protestei.

— Esses que estão aqui concordam? — ele devolveu. — Eles dormem bem, ou dormirão em breve. Do frio nada sentem: ele cura suas feridas. Não seja um covarde, sr. Catavento. Dê as costas ao medo e encare o que quer que venha. Entregue-se à noite e, de fato, descansará. Dano algum lhe sobrevirá, mas um bem que não pode antecipar.

O sacristão e eu paramos ao lado do leito, e também sua esposa, com a vela na mão, ao pé dele. Os olhos dela estavam cheios de luz, porém, novamente, o rosto era de uma palidez imóvel, não mais radiante como antes.

— Vocês me obrigarão a fazer de um sepulcro o meu leito? — lamentei em voz alta. — Não aceito! vou me deitar lá fora, no pântano. Lá não pode estar mais frio que aqui!

— Acabei de lhe dizer que os mortos também estão lá, “bastos como do outono as folhas juncam de Valumbrosa as plácidas ribeiras”⁶ — afirmou o bibliotecário.

— Eu *não* aceito! — bradei novamente. E, na escuridão que nos cercava, os dois brilharam como espectros que cuidam de mortos; nenhum me respondeu, ambos permaneceram calados e sombrios, olhando um para o outro.

— Fique tranquilo. Nós cuidamos do rebanho do grande pastor — disse o sacristão à esposa.

Então se dirigiu a mim.

— Você não achou o ar deste lugar puro e doce quando aqui entrou? — ele perguntou.

— Sim, mas muito frio! — respondi.

— Então saiba — prosseguiu, em tom ríspido — que você, que se considera vivo, trouxe a esta câmara os odores da morte, e o ar aqui não será

benéfico aos que dormem até que você saia!

Eles se afastaram para o interior da grande câmara, e fui deixado sozinho com os mortos à luz do luar.

Virei-me tentando escapar.

Que longa caminhada de volta tive de fazer entre os mortos! A princípio, minha raiva era maior que o medo, porém, à medida que me acalmava, as formas imóveis tornavam-se terríveis. Por fim, com sonora ofensa ao gracioso silêncio, corri alucinadamente e, saindo, fechei com violência a porta atrás de mim. Ela se fechou com desconcertante silêncio.

Vi-me na mais completa escuridão. Tateando à frente, descobri uma porta, abri-a e percebi a luz tênue de um lampião. Eu estava na minha biblioteca, com a maçaneta da porta disfarçada na mão.

Teria despertado após uma visão? Ou tinha me perdido, retornando a uma? O que era real? O que via agora ou o que tinha acabado de presenciar? Poderiam ambas ser experiências reais, interpenetrantes, embora imiscíveis?

Deixei meu corpo cair em um sofá e adormeci.

Na biblioteca havia uma pequena janela voltada para o leste, pela qual, nessa época do ano, os primeiros raios de Sol incidiam sobre um espelho que, por sua vez, os refletia na porta disfarçada. Quando acordei, eles iluminavam a porta, e meus olhos foram atraídos para ela. Com o sentimento de que atrás daquela porta devia estar a câmara ilimitada da qual havia fugido, levantei-me de um salto e corri para abri-la. A luz do dia, como um ávido cão de caça, entrou no cubículo antes de mim, iluminando as bordas douradas de um livro enorme.

— Que idiota colocaria esse livro na prateleira de maneira tão errada? — exclamei.

No entanto, as bordas douradas, refletindo os raios solares uma vez mais, levaram a luz a um recanto escuro, onde havia uma cômoda. Ao olhá-la, percebi que uma das gavetas estava semiaberta.

— Mais intromissão! — reclamei. E fui fechar a gaveta.

Em seu interior, havia papéis velhos, e parecia mais que cheia, pois não conseguia fechá-la. Retirando o que estava por cima, reconheci a caligrafia de meu pai e percebi que era um arquivo volumoso. As primeiras palavras que meus olhos leram de imediato aguçaram minha curiosidade para saber o que continha. Levei a pilha de papéis à biblioteca, sentei-me próximo a uma das janelas da ala oeste e li o que segue.

4 Referência à personagem da *Divina comédia*, de Dante Alighieri. [N. E.]

5 Shakespeare, *Henrique VIII*, ato 3, cena 1, “Orfeu”. [N. E.]

6 De *Paraíso perdido*, de John Milton; tradução de António José de Lima Leitão. [N. E.]

A decorative border in a reddish-brown color, featuring intricate floral and scrollwork patterns. It frames the central text and has a small flourish at the bottom center.

CAPÍTULO
VIII
*O manuscrito
de meu pai*

Estou assombrado pelo que tenho de escrever. O Sol irradia seus raios dourados acima de mim, o mar azul deitado sob seu olhar complacente. Esse mesmo mundo responde com o crescimento de todas as coisas rumo ao Sol e com seres voadores cruzando o ar que respiro desde a infância. No entanto, sei que esse esplendor exibido é uma amostra passageira e que a qualquer instante, como a cortina de um palco, ele pode se abrir para revelar coisas ainda mais esplendorosas.

Certa manhã, pouco tempo após a morte de meu pai, encontrava-me sentado na biblioteca. Um tanto letárgico, estava refletindo a respeito do retrato que fica entre os livros, que sabia apenas ser de um ancestral distante. Desejava aprender algo de seu original. Então retirei um livro da prateleira e comecei a ler.

Olhando de relance por cima do livro, vi algo vindo em minha direção —

não entre mim e a porta, mas entre mim e o retrato. Percebi ser um homem magro, trajado com um casaco preto desbotado. Parecia perspicaz e impetuoso e tinha um nariz notável, que de imediato me fez recordar certo jarro que minhas irmãs costumavam chamar de sr. Corvelo.⁷

— Estando nas proximidades, sr. Catavento, tomei a liberdade de vir lhe falar — disse, com uma voz peculiar, porém não desagradável. — Seu honorável avô tratava-me, posso afirmar sem qualquer presunção, como um amigo, pois me conhecia desde a infância como bibliotecário do pai dele.

Naquela hora, não me dei conta de quão velho aquele homem devia ser.

— Posso lhe perguntar onde vive agora, sr. Corvelo? — questionei.

Ele sorriu, parecendo maravilhado.

— Você quase acertou meu nome — alegrou-se —, o que mostra a percepção da família. Você já me viu antes, porém uma só vez, e não poderia ter ouvido meu nome na ocasião!

— Onde ocorreu isso?

— Aqui mesmo. Entretanto, você ainda era criança.

Eu não podia ter certeza de que me lembrava dele, mas, por um momento, julguei que sim, e lhe pedi que me revelasse seu nome correto.

— Acontece de nos lembrarmos de algo sem reconhecer a lembrança — ele observou. — Pois meu nome, que você quase acertou, costumava ser Corvo.

Eu já tinha ouvido aquele nome, pois sua simples menção evocou em mim a lembrança de histórias maravilhosas.

— É muito gentil de sua parte vir me visitar — afirmei. — Não gostaria de se sentar?

De imediato, o visitante tomou assento.

— Então você conheceu meu pai, eu presumo?

— De fato, eu o conheci — ele respondeu, com um curioso sorriso no rosto —, mas ele não se preocupou em me conhecer, e jamais nos encontramos. Aquele cavaleiro, entretanto — acrescentou, apontando para

o retrato —, o velho *sir* Ascendente, como o chamavam, foi ao seu tempo um amigo ainda mais íntimo que seu avô.

Então comecei a achar aquela conversa muito estranha. E, na verdade, era ainda mais estranho ele se lembrar de *sir* Ascendente que o fato de ter sido o bibliotecário de meu bisavô!

— Devo-lhe muito — prosseguiu —, pois, embora já tivesse lido muito mais livros que ele, não obstante, pela direção especial de seus estudos, ele foi capaz de me informar de certa relação de maneiras que eu jamais poderia ter descoberto por mim mesmo e que dificilmente aprenderia com outra pessoa.

— Importa-se em me falar mais sobre isso? — questionei.

— De forma alguma. Contarei da melhor forma que for capaz, pois não há segredos a guardar — respondeu.

E prosseguiu:

— Aquele pequeno gabinete continha sua biblioteca, ou seja, cerca de uma centena de manuscritos, pois a imprensa ainda não havia sido inventada. Certa manhã, eu estava aqui sentado, trabalhando na catalogação desses manuscritos, quando ele apareceu na porta e me disse: “Venha”. Larguei a pena e atravessei o grande salão atrás dele. Passamos por uma descida íngreme e atravessamos uma passagem subterrânea, que levava a uma torre recém-construída. Essa torre era constituída de uma escada e de um aposento no topo. A porta desse aposento tinha uma fechadura enorme, que ele destrancou com a menor chave que eu já havia visto. Eu mal tinha acabado de cruzar o limiar da porta atrás dele quando, diante de meus olhos, ele começou a diminuir de tamanho, ficando cada vez menor. De repente, minha visão pareceu se ajustar, e percebi que ele estava se movendo rapidamente para longe de mim. Cerca de um minuto depois, era um ínfimo ponto à distância, com picos de montanhas azuis para além dele, contra um céu de um azul mais pálido ao fundo. Reconheci a região, pois já tinha ido até lá e voltado algumas vezes, embora não conhecesse esse caminho para chegar lá.

“Muitos anos depois, com a torre há muito desaparecida, ensinei a um dos descendentes de *sir* Ascendente o que ele mesmo me ensinara e, de quando em quando, utilizo sua casa quando desejo percorrer o caminho mais curto para a minha. Na verdade, sem sua licença, pelo que peço perdão, já devo ter estabelecido uma forma correta de atravessá-la, não da frente para trás, mas de baixo para cima!”

— Você quer me dizer, sr. Corvo, que atravessa minha casa para outro mundo sem preocupação com a ruptura do espaço?

— O fato de atravessá-la é um indisputável reconhecimento do espaço — retornou o velho bibliotecário.

— Por favor, não seja cínico, sr. Corvo! — ponderei. — Você entendeu o que eu quis dizer.

— Há em sua casa uma porta, uma passagem que me conduz a um mundo muito diferente deste.

— Um mundo melhor?

— Não totalmente, porém tão diferente que muitas de suas leis físicas e mentais são diferentes das existentes neste mundo. Quando às leis morais, devem ser fundamentalmente as mesmas, não importa onde.

— Você está testando minha capacidade de crer! — afirmei.

— É provável que você me considere um louco, certo?

— Não parece ser o caso.

— Um mentiroso, então?

— Você ainda não me deu motivos para pensar assim.

— E mesmo assim você não acredita em mim?

— Eu sairei por aquela porta ao seu lado, se assim o desejar. Creio em você o suficiente para assumir esse risco.

— O erro que todos os meus filhos cometem! — ele murmurou. — A única porta que leva para fora é a que leva para dentro!

Comecei a pensar que ele devia estar louco. O homem permaneceu em silêncio por alguns instantes, com a cabeça repousada sobre a mão, o

cotovelo apoiado na mesa e os olhos fixos nos livros diante dele.

— Um livro — falou, elevando a voz — é uma porta que leva para dentro e, portanto, uma porta para fora. Vejo o velho *sir* Ascendente — prosseguiu, fechando os olhos —, e meu coração se amplia pelo amor que lhe dedico. Em que mundo estará?

— O mundo de seu coração! — arrisquei. — Isto é, a ideia dele está lá.

— Então há pelo menos um mundo para o qual sua porta não se abre?

— Nisso você está certo, mas as coisas naquele mundo não podem ser possuídas e guardadas.

— Pense um pouco mais — ele replicou. — Alguma coisa já se tornou sua, a não ser indo para aquele mundo? Entretanto, esse pensamento está além de você neste momento! Eu lhe digo que há mais mundos e mais portas para eles do que você possa imaginar em muitos anos!

Ele se levantou, deixou a biblioteca, atravessou o saguão e seguiu direto para o sótão, claramente familiarizado com cada detalhe do trajeto. Eu o segui, estudando-o pelas costas. Seus cabelos eram longos e negros, lisos e lustrosos. O casaco que vestia era largo e alcançava os calcanhares. Além disso, os sapatos pareciam ser muito maiores que os pés.

No sótão, havia uma luz que penetrava entre os cantos da estrutura de madeira do grande telhado, revelando-nos áreas onde não havia assoalho e forçando-nos a pisar entre uma viga e outra. Bem no centro de um desses espaços, levantava-se uma divisória com uma porta, que atravessei seguindo o sr. Corvo até uma câmara pequena e escura, cujas paredes se afunilavam no topo e seguiam inclinadas através do teto.

— Esta é a porta da qual lhe falei — o homem disse, apontando para um espelho oblongo, apoiado no chão e encostado à parede. Posicionei-me diante dele e vislumbrei nossas figuras refletidas vagamente na superfície empoeirada. Havia algo ali que me trazia certa apreensão. O espelho parecia um tanto antiquado e mal conservado, porém, apesar de seu aspecto comum, a águia de asas abertas empoleirada no topo tinha para mim um ar bastante

ameaçador.

— Por ser um espelho — disse o bibliotecário —, ela escureceu pela ação do tempo, mas isso não tem importância: a abertura depende da luz.

— Luz! — retruquei. — Não há luz aqui!

Ele não respondeu, mas começou a puxar uma pequena corrente na parede oposta. Ouvi um estalido: o teto da câmara estava se erguendo lentamente. Ele parou de puxar a corrente, deu uma olhada no relógio e voltou a puxá-la.

— Chegamos quase na hora! — comentou. — É na badalada do meio-dia!

O topo rangeu e girou por cerca de um minuto. Então ele puxou duas outras correntes, alternadamente, e voltou à primeira. Um segundo depois, a câmara tornou-se muito mais iluminada: um caminho de luz incidia sobre outro espelho, colocado na parede oposta à do primeiro e, pela nuvem de poeira em suspensão, pude acompanhar os raios que refletiam no segundo espelho. No primeiro, porém, nenhum raio refletia, pareciam atravessá-lo diretamente. Em nenhum outro lugar da câmara se podia ver um segundo fecho de luz!

— Para onde foram os raios de Sol? — questionei.

— Isso não posso dizer — respondeu o sr. Corvo. — Talvez de volta ao lugar de onde primeiramente vieram. Eles agora pertencem, imagino, a um sentido ainda não desenvolvido em nós.

Então ele discursou sobre as relações entre mente e matéria, sentido e qualidades, de uma forma que ainda consegui entender um pouco. Daí em diante, porém, ele prosseguiu abordando coisas ainda mais estranhas, das quais nada compreendi. Ele discorreu sobre dimensões, revelando-me que havia muito mais que as conhecidas três, algumas delas relativas a poderes que, na verdade, estavam em nós, mas dos quais ainda não sabíamos absolutamente nada. No entanto, confesso que suas palavras atraíram menos minha atenção que a luz no espelho, pois achei que ele não fazia a menor ideia do que estava falando.

De repente, dei-me dei conta de que nossas formas haviam sumido do

espelho, que agora parecia tomado de uma névoa esbranquiçada. Enquanto observava o fenômeno, vi tornarem-se gradualmente visíveis por trás da névoa os picos de uma cadeia de montanhas, que ficavam cada vez mais nítidos. Logo a névoa desapareceu por completo e descortinou um amplo terreno árido e de vegetação rasteira, no qual despontava à distância a figura de um homem que se movia com agilidade. Virei-me para falar ao meu companheiro, porém ele não estava mais ao meu lado. Olhei novamente para a figura no espelho e reconheci a ampla casaca esvoaçante, o cabelo negro agitado por um vento que não me tocava. Abandonei o lugar correndo, tomado por completo terror.

7 No original, “Mr. Crow”. Em inglês, *crow* é, assim como o corvo, uma ave da família dos corvídeos.
[N. E.]



CAPÍTULO
IX
Arrependimento

Larguei o manuscrito, consolado por descobrir que meu pai tivera algum contato com aquele mundo misterioso e conhecera o sr. Corvo.

Então me lembrei de que jamais soubera as causas ou as circunstâncias da morte de meu pai e comecei a crer que ele poderia ter, por fim, seguido o sr. Corvo e não retornado mais. Logo tal pensamento me fez sentir vergonha de minha precipitada fuga. Que magníficos fatos sobre a vida e a morte eu não teria conhecido, bem como as amplas regiões além da percepção comum! Certamente, o sr. Corvo era uma pessoa de bem, e uma noite no lar daquele casal não me teria causado dano algum! Sem dúvida, eles eram estranhos, mas em um deles isso se expressava numa capacidade rara e em outro numa beleza maravilhosa! E eu não havia acreditado neles. Tratei-os como indignos de minha confiança, como se tramassem contra mim! Quanto mais refletia sobre meu comportamento para com eles, mais desgostoso comigo me sentia. Por que

deveria temer aqueles mortos? Compartilhar o santo descanso deles era uma honra da qual eu me provara indigno! Que perigo poderia representar para mim aquele rei adormecido ou a senhora com a mancha na palma da mão? Senti um anseio pela tranquilidade imponente e doce de suas feições. Jogando-me sobre um sofá, chorei e ali repentinamente adormeci.

Acordei de súbito, sentindo como se alguém me houvesse chamado. A casa estava tão calma quanto uma igreja vazia. Um melro cantava no gramado. Então disse a mim mesmo: “Vou dizer a eles que estou envergonhado e que farei tudo o que me pedirem!”. Levantei-me resoluto e me dirigi aos degraus que conduziam ao sótão.

A câmara de madeira estava exatamente como na primeira vez em que a vira, o espelho refletindo de maneira turva tudo o que havia diante dele. Era quase meio-dia, e o Sol estava um pouco mais elevado que da primeira vez. Pensei em levantar o telhado um pouco e ajustar os espelhos. Se ao menos eu tivesse tido a oportunidade de ver o sr. Corvo fazendo isso!

Puxei as correntes e permiti que a luz incidisse sobre o primeiro espelho. Então voltei minha atenção para o outro: lá estavam as formas da visão anterior — de fato, distinguíveis, porém trêmulas como uma paisagem em um lago agitado “por uma leve brisa”! Toquei o vidro: era impermeável.

Suspeitando de que fosse necessário haver mais polarização, alterei a posição dos espelhos inúmeras vezes, mudando a relação entre eles até que por fim, em grande parte por acaso — assim me pareceu —, as coisas se ajustaram entre eles, e pude ver com clareza as montanhas azuis. Dei um passo adiante, e meus pés pisaram a região árida e pedregosa da charneca.

Tudo que lembrava do caminho até a cabana era uma trilha por entre a floresta de pinheiros. Passei por muitos arbustos e inúmeros pequenos abetos, sempre com a impressão de que reconhecia algo da região, porém não consegui chegar a nenhuma floresta. O Sol já estava muito perto da linha do horizonte, e o vento começara a soprar mais frio com a proximidade do inverno quando, para minha alegria, vislumbrei um pequeno objeto preto

vindo em minha direção. Era o corvo!

Acelerei o passo para encontrá-lo.

— Perdoe-me por meu comportamento rude a noite passada! — eu disse.
— Poderia me levar com você? Confesso de todo o coração que não mereço isso.

— Ah! — ele exclamou, olhando para cima. Então, após uma breve pausa, disse: — Minha esposa não o espera para hoje à noite. Ela se arrepende de termos encorajado sua permanência na semana passada.

— Leve-me até ela, para que eu possa lhe dizer quanto lamento por isso!
— implorei, humildemente.

— Isso não será necessário — o corvo respondeu. — Sua noite não era aquela, caso contrário não teria nos deixado. Não é agora, e não posso lhe mostrar o caminho. Os mortos estavam exultantes debaixo das margaridas (todos jazem entre as raízes das flores do céu) a imaginar seu deleite quando o inverno passasse e a manhã chegasse, trazendo consigo os pássaros: antes de você os abandonar, eles tremaram nos leitos. Quando a primavera do universo chegar... mas isso ainda pode demorar eras! Quantas, não sei, não me importo em saber.

— Diga-me uma coisa, eu lhe imploro, sr. Corvo: meu pai está com vocês? Você o viu desde que ele deixou o mundo?

— Sim, ele está conosco, adormecido. Ele era aquele homem que você viu com o braço sobre a coberta e a mão semifechada.

— Por que não me falou? Eu estava tão perto dele e nem sabia!

— E deu-lhe as costas! — corrigiu o corvo.

— Se eu soubesse teria me deitado de imediato!

— Duvido muito. Caso estivesse pronto para se deitar, você o teria reconhecido! O velho *sir* Ascendente — prosseguiu — e seu tataravô já se levantaram e há muito se foram. Seu bisavô está conosco há muitos anos. Penso que logo começará a se mexer. Você o viu na noite passada, apesar de não o ter reconhecido, é claro.

— Por que *é claro*?

— Porque ele está muito mais próximo de acordar que você. Ninguém que ainda não dormiu pode despertar.

— Não consigo entender o que você diz!

— Você deu meia-volta e correu. Por isso não compreende!

Mantive-me tranquilo, mas, se não dissesse algo, ele iria embora!

— E meu avô, também está com você? — disparei.

— Não, ele ainda está na Floresta Maligna, lutando com a morte.

— Onde fica essa floresta, para que possa encontrá-lo?

— Você não o encontrará, mas dificilmente errará a floresta, pois é o lugar onde os que não dormiram despertam à noite para aniquilar seus mortos e enterrá-los.

— Mais uma vez, não consigo entendê-lo!

— Naturalmente que não. Tampouco eu o compreendo, pois não consigo ler seu coração nem sua face. Quando minha esposa e eu não entendemos nossos filhos, é porque não há o suficiente deles para ser compreendido. Só Deus é capaz de compreender a estupidez.

— Então — eu disse, sentindo-me totalmente nu e indigno — você poderia pelo menos me mostrar o caminho mais próximo para casa? Sei que há mais de um caminho, pois já percorri dois.

— De fato, há inúmeros caminhos.

— Diga-me, por favor, como reconhecer o mais próximo!

— Não posso — respondeu o corvo. — Você e eu usamos a mesma palavra com significados diferentes. Em geral, somos incapazes de dizer às pessoas o que *precisam* saber, porque elas *desejam* saber algo mais e, portanto, acabariam interpretando de forma equivocada o que disséssemos. O lar sempre está tão distante quanto a palma de sua mão, e como chegar lá não lhe será útil dizer. Mas você chegará lá, deve chegar, ou melhor, é imperativo que chegue lá. Todo aquele que está longe de casa deve voltar ao lar. Você imaginava que estava em casa onde eu o encontrei. Se aquele fosse

mesmo seu lar, jamais poderia ter saído de lá. Ninguém pode deixar o lar. Da mesma forma, ninguém esteve ou estará em casa sem ter ido lá.

— Um enigma após o outro! — exclamei. — Não vim aqui para desvendar charadas.

— É verdade. No entanto, o fato é que veio e encontrou as charadas à sua espera! Na realidade, o único enigma é você mesmo. O que chama de charadas são verdades, e parecem enigmáticas porque você não é verdadeiro.

— Cada vez entendo menos! — lamentei.

— E você *tem* de desvendar as charadas! — ele prosseguiu. — Elas permanecerão uma incógnita até que você compreenda a si mesmo. O universo é um enigma tentando sair, mas você está mantendo a porta fechada.

— Nem por piedade você me dirá o que devo fazer, para onde devo ir?

— Como poderia lhe dizer o que *você* tem a fazer ou o caminho para realizá-lo?

— Se não pode me dizer o caminho para casa, pelo menos me direcione a algumas pessoas como eu.

— Não conheço nenhuma. Os seres mais parecidos com você estão naquela direção.

Ele apontou com o bico. Nada consegui ver, exceto o Sol poente, que me cegou.

— Bem — eu disse, amargamente —, não consigo deixar de me sentir tratado de modo rude. Retirado de meu lar, abandonado em um mundo estranho e sem instrução sobre aonde ir ou o que fazer!

— Você se esquece — disse o corvo — de que, quando eu o trouxe aqui e você rejeitou minha hospitalidade, chegou ao que chama de lar em segurança. Agora está aqui por conta própria. Boa noite!

Ele me deu as costas e caminhou vagorosamente, com o bico voltado para o chão. Fiquei atordoado. Era verdade que eu tinha vindo por conta própria, mas minha intenção não fora reconciliar-me? Meu coração estava ferido, e


em minha mente não havia indagação nem propósito, nem esperança, nem desejo. Olhei na direção do corvo e o teria seguido, mas senti que era inútil.

De repente, ele saltou sobre algo, jogando todo o peso do corpo sobre o bico, e por alguns momentos cavou vigorosamente. Então, com um bater de asas, lançou a cabeça para trás e alguma coisa projetou-se do bico e se elevou no ar. Naquele instante, o pôr do sol e o ar tornaram-se obscuros, mas o que fora lançado ao ar abriu-se em um brilho suave e veio pulsante como um vaga-lume em minha direção, porém com uma luz muito mais intensa e amarela. Ele voou sobre minha cabeça. Virei-me e o segui.

Interrompo aqui minha narrativa para observar que dizer o que não pode ser dito com a mínima precisão envolve um esforço constante, pelo fato de os acontecimentos registrados, em sua natureza e quanto às criaturas a eles relacionadas, serem tão distintos de quaisquer possíveis fenômenos conhecidos. Por isso, utilizando-me das formas e da linguagem da vida neste mundo, posso apenas explicar como me afetaram; não as coisas em si, mas os sentimentos que evocam em mim. Mesmo assim, faço-o com um contínuo e duradouro senso de falha, descobrindo ser impossível apresentar mais que uma face de uma multifacetada e complicada significância ou uma única esfera concêntrica de um corpo complexo. Uma única coisa parecia, por vezes, ser e significar inúmeras coisas, com uma identidade incerta no âmago, que as mantinha em constante mutação. Na verdade, com frequência sou levado a expressar o que sei ser uma duvidosa e desajeitada representação de um mero sentimento, pois nenhum meio de comunicação deste mundo é adequado para transmiti-lo, em sua peculiar estranheza, com um mínimo de clareza ou de certeza. Mesmo alguém que conhecesse esta região melhor que eu não teria segurança em transmitir a realidade de minha experiência nela. Embora sem duvidar, por exemplo, de que estava realmente me referindo a uma cena de atividade, eu poderia estar, ao mesmo tempo, consciente de que estava examinando um argumento metafísico.



CAPÍTULO
X
*A Toca
Perversa*

 medida que o ar ficava sombrio e o inverno me envolvia, o irrequieto vaga-lume tornava-se cada vez mais luminoso e, controlando seu voo, permanecia parado no ar, aguardando. Então, assim que me posicionei debaixo de seu brilho, voou lentamente, pairando de vez em quando sobre áreas onde o terreno era pedregoso. Toda vez que eu olhava para cima, ele parecia ter ficado maior, até que passou a me conceder uma sombra generosa. Mais para pássaro que para inseto, ele voava com certa rapidez. As asas eram grandes, quase quadradas, e refletiam todas as cores do arco-íris. Maravilhado diante de tamanho esplendor, fiquei tão absorto por sua beleza que tropecei em uma pedra e caí estatelado. Quando dei por mim, a criatura estava planando sobre minha cabeça, irradiando toda gama de luz, com inúmeras variações e cores que eu jamais tinha visto. Coloquei-me de pé e prossegui, mas, sem conseguir tirar os olhos daquela criatura brilhante e olhar por onde andava,

tropecei novamente. Temendo outra queda, sentei-me para admirar a pequena glória e senti um profundo anseio de tê-la nas mãos. Para meu inexprimível deleite, a criatura começou a descer em minha direção. Vagarosamente, a princípio, e depois com maior rapidez, ela pousou, crescendo à medida que se aproximava. Senti como se o tesouro do universo estivesse se entregando a mim. Estendi a mão e a alcancei, mas no instante em que a toquei a luz desapareceu, e tudo ficou escuro como piche! Um livro morto, com a capa aberta, caiu fria e pesadamente sobre minha mão. Joguei-o para o alto, mas logo o ouvi cair sobre a vegetação rasteira. Cobrindo o rosto com as mãos, sentei-me e permaneci imóvel, em total desolação.

Entrementes, o frio tornou-se tão severo que, temendo congelar, levantei-me. No exato instante em que me coloquei de pé, uma débil sensação de luz me animou. “Será que está voltando à vida?”, perguntei a mim mesmo, e uma grande onda de esperança me invadiu. Infelizmente não! Era apenas a ponta da Lua emergindo incisiva e nítida na linha do horizonte. Ela me trouxe luz, mas nenhuma orientação! A Lua não pairaria sobre mim, tampouco acompanharia meus passos trôpegos. Tudo o que poderia me oferecer era uma escolha às cegas!

Como a Lua estava cheia, comecei a enxergar um pouco dos arredores. A oeste dela e não muito distante de onde eu estava, uma cadeia de montes baixos quebrava a linha do horizonte. Parti naquela direção.

Mas que noite tive de enfrentar até chegar lá! A Lua parecia saber de algo, pois me observava de modo estranho. Na verdade, seu olhar era gélido, mas cheio de interesse ou, pelo menos, de curiosidade. Não parecia a mesma Lua que eu conhecia da Terra; sua face não me era familiar, e sua luz, menos ainda. Talvez refletisse a luz de um sol desconhecido! Cada vez que olhava para o céu, eu a encontrava me fitando com todo o seu poder! A princípio, irritei-me com tal rudeza, porém logo percebi ou imaginei certa piedade curiosa em seu olhar. Por que estaria ao relento na noite dela? Então compreendi quão terrível era estar acordado no universo. Eu *estava*, e nada

podia fazer para evitar!

À medida que eu caminhava, meus pés deixaram a charneca e pisaram um terreno esponjoso e descampado, algo como turfa seca e quebradiça. Para meu desalento, senti um momentâneo descolamento do solo sob mim e, no instante seguinte, vi o que parecia o movimento de um terremoto diante de meus olhos, obscuro sob a Lua baixa. Ele passou à distância, porém, enquanto eu o seguia com os olhos, uma única onda surgiu e veio lentamente em minha direção. Ao chegar a um ou dois metros de mim, a onda irrompeu, e de um salto emergiu da terra um animal parecido com um tigre. Em volta da boca e dos ouvidos, pendiam grumos de bolor, e os olhos piscavam e flamejavam enquanto avançava para mim, exibindo seus dentes brancos em um rugido mudo. Fiquei sem ação, fascinado, não sei se de coragem ou de medo. A criatura voltou a cabeça para o chão e mergulhou nele.

“Aquela Lua está afetando meu cérebro”, disse para mim mesmo, enquanto retomava minha jornada. “Que vida pode haver aqui, exceto a irreal, matéria-prima da qual os sonhos são feitos? Na verdade, estou participando de um fútil festival de horrores!”

Portanto, lutei para manter o coração acima das águas do medo, sem saber que a Lua, de quem suspeitava, na verdade era minha defesa contra as realidades que tomava por fantasmas. Sua luz é que controlava os monstros, caso contrário dificilmente teria dado o segundo passo naquele solo medonho. “Não serei atemorizado por meras aparências!”, falei intimamente, embora pressentisse quão terrível era caminhar sobre um mar abaixo do qual aqueles peixes passeavam. No mesmo instante, a um passo ou dois de mim, a cabeça de uma minhoca começou a sair lentamente do chão, tão grande quanto a de um urso polar e muito semelhante a ela, com uma crina branca no pescoço avermelhado. Os movimentos que o longo corpo fazia para sair da terra eram horríveis, porém me mantive firme, com os olhos fixos em cada corcoveio. No momento em que a cauda ficou livre, a criatura prostrou-se de exaustão, porém logo começou a se contorcer em um débil esforço para se

entocar outra vez.

Ponderei comigo mesmo: “Será que ela vive com os mortos e é incapaz de machucar os vivos? Se sentem o cheiro de suas presas e saem para pegá-las, por que vão embora sem lhes causar danos?”.

Sei agora que era o luar que paralisava as criaturas.

Durante toda a minha caminhada noturna, seres horrendos, diferentes uns dos outros, me ameaçaram. Em alguns deles, a beleza das cores intensificava a repugnância das formas: uma enorme serpente estava coberta da cabeça à distante cauda com penas dos mais variados matizes.

Por fim, fiquei tão acostumado com as inofensivas ameaças que, para matar o tempo durante a jornada, passei a inventar as possíveis monstruosidades que teria pela frente, sem suspeitar de que devia creditar cada instante de vida à Lua, que me acompanhava. Apesar de não ter luz própria, ela inibia as criaturas malignas de tal modo que eu podia andar em segurança, pois luz ainda é luz, ainda que seja o último de uma série de reflexos! Quão rapidamente meus pés me transportariam por aquele solo indócil, caso eu soubesse que, se ainda estivesse ao alcance de tais criaturas quando o brilho do luar cessasse naquele amaldiçoado lugar, estaria à mercê delas, o centro de seres contorcionistas e hediondos, tão terríveis na realidade quanto apenas pareciam ser antes! Em completa ignorância, observei a descida da fatigada, solene e ansiosa Lua na ampla abóbada celeste sobre mim, tomado de uma preocupação não maior que o temor de perder meu caminho — na verdade, não tinha caminho algum a perder.

Eu estava próximo da cadeia de montanhas que estabelecera como objetivo, e a Lua não estava distante da silhueta que a cordilheira desenhava no horizonte, quando a silenciosa atividade subterrânea cessou e a toca ficou imóvel e descoberta. Então vi a forma de uma mulher que caminhava lentamente sobre o solo poroso. Uma névoa branca pairava ao redor dela, ora assumindo, ora perdendo a forma de uma roupa, à medida que a envolvia ou se dissipava pelo vento gerado por seus movimentos.

Ela era bela, porém ao mesmo tempo com tanto orgulho e miséria estampados em seu semblante que não consegui acreditar no que meus olhos viam. Ela andava para cima e para baixo, tentando inutilmente manter a névoa ao seu redor. Os olhos naquele rosto formoso jaziam mortos, e do lado esquerdo havia uma mancha escura, contra a qual, de quando em quando, ela pressionava a mão, como a reprimir a dor ou uma enfermidade. Os longos cabelos praticamente chegavam ao chão, e, por vezes, o vento os misturava de tal forma com a neblina que eu não conseguia distinguir um do outro. Quando os fios se juntavam novamente, porém, emanavam um tom dourado sob o luar.

De repente, pressionando as duas mãos sobre o coração, ela caiu ao chão, e a névoa elevou-se e desapareceu no ar. Corri em sua direção, mas ela começou a contorcer-se em tamanha tortura que parei, aterrorizado. Um momento depois, de suas agitadas pernas surgiram serpentes. De seus ombros e braços, como em terror, saíram serpentes também. Em seguida, algo como um morcego voou dela, e quando olhei novamente a mulher havia desaparecido. O chão elevou-se como o mar em uma tempestade, e o terror apossou-se de mim. Então me virei na direção dos montes e corri.

Já estava subindo a inclinação da base dos montes quando a Lua se escondeu por trás dos cumes, deixando-me em sua sombra. Atrás de mim elevou-se um débil e perturbador choro, como de um anseio frustrado — o único som que eu havia ouvido desde a queda da borboleta morta. Ao ouvi-lo, meu coração se agitou como uma bandeira ao vento. Virei-me e vi muitos vultos escuros avançando em minha direção. Então tratei de subir a um pico onde a Lua ainda brilhasse. Pareceu-me que ela aguardava lá, para me defender. Assim que avistei o local, procurei subir ainda mais rapidamente.

Ao ultrapassar a sombra de uma rocha, pude ouvir a respiração ofegante das criaturas, tão próximas estavam de mim. Entretanto, assim que o monstro mais à frente saltou sobre mim com um rugido de ódio, o luar nos iluminou. A Lua emitiu uma luz de pura ira, e o ser caiu como uma mancha disforme.

Uma força interior tomou conta de mim, e encarei o resto do bando, porém, à medida que se colocavam sob o luar, um após outro sucumbiam com um uivo. Foi quando vi ou imaginei ter visto um estranho sorriso na arredondada face celeste.

Subi ao ponto mais alto daquele cume: distante brilhava a luz, desaparecendo por trás do horizonte. O ar era puro e forte. Desci um pouco e percebi que ali a temperatura era um pouco mais elevada. Então me sentei para aguardar o alvorecer.

A Lua sumiu no horizonte, e o mundo ficou escuro outra vez.



CAPÍTULO
XI
*A Floresta
Maligna*

Logo adormeci, e quando despertei o Sol estava nascendo. Subi ao cume novamente e olhei para trás: a região que havia cruzado sob a proteção da Lua jazia sem nenhum sinal de vida. Como era possível aquela vastidão tranquila ocultar criaturas tão vorazes?

Virei-me então e observei a região por onde minha jornada prosseguiria. Parecia um grande deserto, no qual se podia avistar uma mancha de coloração diferente ao longe, que aparentava ser uma floresta. Não havia sinal de presença humana ou animal, nenhum vestígio de fumaça ou de areia, nem sombra de cultivo. Da mesma forma, nenhuma nuvem pairava no céu, nem mesmo a mais tênue névoa podia ser vislumbrada por toda a área celeste.

Desci de onde estava e rumei para aquela possível floresta. Talvez houvesse algum ser vivo lá: do lado de cá, tal possibilidade era muito

remota!

Quando alcancei a superfície plana, descobri que era constituída, pelo menos até onde minha vista podia alcançar, de rochas, aqui achatadas e sulcadas, mais adiante irregulares e repletas de pequenos picos. Evidentemente, estava pisando o amplo leito de um rio seco, cortado por vários sulcos, sem nenhum vestígio de umidade neles. Alguns dos canais exibiam um musgo ressequido, e algumas rochas ostentavam uns poucos líquens, tão duros quanto elas mesmas. O ar, outrora “permeado do agradável cheiro das águas”,⁸ quedava tão silencioso quanto a morte. Levei o dia inteiro para alcançar a mancha — que era na verdade uma floresta —, apesar de não ter encontrado nenhum sinal de curso de água, nem mesmo um pequeno córrego, na minha jornada até ali! Não obstante, debaixo daquele Sol abrasador do meio-dia, eu parecia estar sendo assombrado por uma miragem auricular, pois ouvia tão nitidamente o murmúrio de muitas águas que custava a crer no testemunho contrário de meus olhos.

O Sol se aproximava do horizonte quando deixei o leito do rio e penetrei na floresta. Escondido atrás dos picos das árvores a enviar seus raios por entre os troncos, que mais pareciam pilares, o astro revelava um mundo de sombras abençoadas prontas para me receber. Imaginara encontrar uma floresta de pinheiros, porém havia árvores de muitos tipos, algumas semelhantes a árvores que eu conhecia, enquanto outras eram maravilhosamente diferentes de tudo o que tinha visto até então. Passei por baixo de ramos do que parecia um eucalipto em plena floração. Suas flores jaziam em um cálice duro, semelhante a uma caveira, cujo topo se erguia como uma tampa para deixar o botão, como uma espuma a transbordar da taça. Envolvidos pela sombra de suas folhas longas como sabres, meus olhos continuaram esquadrinhando a floresta, cada vez mais fundo.

Entretanto, logo suas portas e janelas começaram a se fechar, cerrando passagens, corredores e clareiras. A noite caiu sobre mim, bem como o frio cortante. Uma vez mais, que noite enfrentei! Como compartilhar com o leitor

tão fantasmagórico e selvagem cenário?

O tronco da árvore sob a qual me detivera elevava-se bastante antes de os primeiros galhos despontarem, mas os ramos pendiam tão rentes ao chão que pareciam prontos a se fechar ao meu redor enquanto eu me recostava no liso caule e permitia que meus olhos analisassem o breve crepúsculo da floresta que desaparecia. Pouco depois, diante de meu olhar desatento, as variadas formas da abundante folhagem começaram a assumir e imitar ou, melhor dizendo, *sugerir* outras formas que não as delas. Uma leve brisa começou a soprar e a balançar os ramos de uma árvore próxima, bem como todos os seus galhos, e cada broto, cada folha acompanhava o ritmo de seus respectivos galhos e ramos. Entre suas frondosas formas, havia uma alcateia que lutava para romper as correias de um feiticeiro: galgos não lutariam tão intensamente! Eu observava os lobos com um interesse que crescia conforme o vento ganhava força e seus movimentos ganhavam vida.

Outra massa de folhagem, maior e mais compacta que a primeira, presenteou minha imaginação com um grupo de cabeças de cavalos e quartos dianteiros projetando-se elegantemente dos estábulos. Os pescoços moviam-se para cima e para baixo, com uma impaciência que se intensificava quando o vento crescente quebrava seu ritmo vertical com um balanço lateral mais forte. Que cabeças vistosas eram aquelas! Quão sombrias e estranhas! Muitas delas eram bem magras, e uma era pele e osso! Outra perdera a mandíbula inferior e tinha uma postura mais baixa que a das demais, aparentando estar indescritivelmente fatigada — mas de quando em quando elevava a cabeça, como a aliviar o incômodo causado pelo freio. Acima delas, na extremidade do ramo, flutuava ereta a figura de uma mulher que acenava com os braços, em um gesto imperioso. A princípio, a exatidão daquele e de outros grupos de folhas me surpreendeu e depois me perturbou: e se pudessem dominar minha mente com essa aparente realidade? O crepúsculo, porém, transformou-se em escuridão, o vento cessou e cada forma acabou desfeita pela noite. Então adormeci.

Ainda estava escuro quando comecei a perceber um ruído distante, confuso e apressado, acompanhado de lamentos débeis. O som foi crescendo continuamente até se transformar em tumulto, como se multidões estivessem se reunindo na floresta. Por fim, os sons pareciam estar mais próximos, vindos de todas as direções, de tal forma que a área onde eu estava parecia o centro de uma comoção que se expandia por toda a mata. Procurei não mover um só dedo do pé ou da mão para não denunciar minha presença a coisas hostis.

A Lua, por fim, aproximou-se lentamente da floresta. Com os primeiros raios de luar, os ruídos se intensificaram até atingir níveis ensurdecedores, e comecei a ver formas obscuras ao redor. À medida que a Lua se elevava no céu e se tornava mais brilhante, os ruídos tornavam-se ainda mais altos, e as formas, mais claras. Uma furiosa batalha se desenrolava ao meu redor. Lamentos selvagens e rugidos de furor, sons de ataques e de lutas prolongadas misturados a palavras articuladas invadiam meus ouvidos. Maldições e orações, rosnados e sarcasmos, risadas e zombarias, nomes sagrados e uivos de ódio vinham em conjunto, em uma interação caótica. Esqueletos e fantasmas duelavam em alucinante confusão. Espadas atravessavam os espectros, provocando-lhes apenas arrepios. Clavas atingiam os esqueletos, sacudindo-os de forma indescritível. Nem um deles caía ou parava de lutar enquanto ainda restassem dois ossos unidos. Ossos de homens e de cavalos jaziam espalhados e amontoados, triturados e moídos; os esqueletos lutavam sobre eles. Por toda parte, atacavam os corcéis esqueléticos; em todo lugar, a pé ou em cavalos de batalha nebulosos soprados pelo vento, os indestrutíveis espectros assolavam, pilhavam e se enfureciam; armas e cascos colidiam e prevaleciam, enquanto as mandíbulas dos esqueletos e as gargantas dos espectros aumentavam o ensurdecedor tumulto com o grito de guerra de todas as opiniões, boas ou más, que geraram discórdia, injustiça e crueldade em qualquer mundo. As mais santas palavras eram acompanhadas dos mais odiosos golpes. Verdades distorcidas

eram arremessadas ao vento de lanças e de ossos. A todo instante, alguém se voltava contra seus camaradas e lutava mais furiosamente que antes. Bradavam: “*A verdade! A verdade!*”. Chamou-me a atenção um que girava sempre em círculos, distribuindo golpes para todos os lados. Esgotados, dois oponentes sentavam-se por um minuto, lado a lado, para então se colocarem de pé mais uma vez e recomeçarem o feroz combate. Ninguém se curvava para confortar os caídos ou passava ao largo para poupá-los.

A Lua brilhou até o amanhecer, e durante toda a noite vislumbrei uma mulher movendo-se acima da multidão envolvida na contenda, ora em uma frente, ora em outra, com um dos braços estendido, incitando a luta, e o outro pressionado contra o flanco.

— Vós sois homens: matem-se uns aos outros! — gritava. Vi seus olhos mortos e a mancha escura e lembrei-me do que vira na noite anterior.

Essa foi a batalha dos mortos, que testemunhei e ouvi deitado sob a árvore.

Pouco antes do alvorecer, uma brisa atravessou a floresta e uma voz bradou:

— Que os mortos enterrem seus mortos!

A esse comando os milhares de contendores foram ao chão em silêncio, e, quando o Sol surgiu, nem um osso podia ser visto, porém aqui e acolá havia um ramo seco.

Levantei-me e reiniciei minha travessia pela calma e silenciosa floresta, pois o vento da manhã cessara ao nascer do sol e as árvores emudeceram. Não se ouvia o canto de um pássaro sequer, não se via o movimento de um esquilo, rato-do-mato ou doninha, nem mesmo uma tardia mariposa voava em ziguezagues à minha frente. Não obstante, enquanto prosseguia a viagem eu vigiava meus passos, não permitindo que meus olhos se detivessem em nenhuma figura da floresta. Todo o tempo parecia ouvir sons fracos de enxada e pá, bem como de ossos danificados: a qualquer instante meus olhos poderiam se abrir para coisas que eu não via! A prudência da manhã sugeria

que talvez dez mil espectros estivessem aguardando apenas o consentimento de minha imaginação para aparecer.

No meio da tarde, deixei a floresta para trás e descobri à minha frente uma segunda rede de riachos secos. A princípio, pensei ter desviado de meu curso e seguido na direção contrária, porém logo percebi que isso não ocorrera e concluí haver chegado a outro braço do mesmo leito. Comecei a atravessá-lo e estava no fundo de um amplo canal quando o Sol se pôs no horizonte.

Sentei-me, aguardando a Lua e, sentindo-me sonolento, estiquei-me no musgo. No instante em que minha cabeça tocou o solo, ouvi sons de correntes impetuosas — todos os tipos de doces ruídos aquosos. A melodia velada daquela música embalou-me em um sono sem sonhos, e, quando despertei, o Sol já tinha surgido novamente e a região enrugada estava amplamente visível. Coberta de sombras, parecia castigada e sarapintada como a pele de algum animal selvagem. À medida que o Sol se elevava, as sombras diminuía, e era como se as rochas estivessem reabsorvendo a escuridão que havia saído delas durante a noite.

Até ali, eu amara minha égua árabe e meus livros mais que qualquer outro ser humano, porém agora, finalmente, minha alma estava sedenta pela presença humana e ansiava até mesmo pelos habitantes daquele mundo estranho que o corvo, em termos vagos, descrevera como os mais parecidos comigo. Com o coração pesado, porém esperançoso, e a mente assombrada pelo medo de não estar ido em direção nenhuma, prossegui minha exaustiva jornada a “noroeste e pelo sul”.⁹

⁸ Do poema *Resolution and independence* [Resolução e independência], de William Wordsworth. [N. E.]

⁹ Citação de *The defence of poesy*, de sir Philip Sidney, disponível em:

<<https://www.poetryfoundation.org/articles/69375/the-defence-of-poesy>>. [N. E.]



A decorative border in a reddish-brown color, featuring intricate floral and scrollwork patterns. It frames the central text and has a small flourish at the bottom center.

CAPÍTULO
XII
*Amigos e
adversários*

Em um dos canais, aproximando-me do que parecia um pequeno arbusto, com o que acreditei ser a silhueta em formato de cerca de um exército por trás dele, ajoelhei-me para observá-lo melhor. Ele ostentava uma pequena fruta que, por não reconhecê-la, temi colher e comer. Não imaginava que estaria sendo observado por centenas de olhos atrás das rochas, ansiosos por saber se eu comeria a fruta ou não.

Logo topei com outra planta, um pouco maior, e depois com outra ainda maior, até por fim chegar a uma pequena floresta de vegetação semelhante, e foi então que percebi que não estava diante de arbustos, mas de árvores anos. Antes de alcançar a margem daquele segundo braço de rio, os canais estavam tão repletos daquelas pequenas árvores que com dificuldade atravessei os que não consegui saltar. Em um deles, ouvi um grande tropel, como de uma multidão de pássaros, vindo de uma parede coberta de hera,

porém nada vi.

Em seguida, aproximei-me de grandes árvores frutíferas, mas o fruto me pareceu ruim. Elas estavam à beira de um buraco que, evidentemente, havia sido outrora a bacia de um lago. À esquerda, uma floresta parecia emergir e cobrir a área, com a diferença de que, enquanto a floresta acima continha diversos tipos de árvores, aquela parecia formada quase que totalmente de árvores frutíferas.

Desci alguns metros sobre aquela superfície constituída de grama misturada com musgo e me estirei sobre ela, completamente exausto. Um pouco mais abaixo, havia uma pequena árvore carregada com as maçãs mais rosadas que eu já tinha visto, não maiores que pequenas cerejas, ao alcance de minha mão. Apanhei uma fruta e a comi. Descobri que era deliciosa, e estava no ato de colher mais uma quando um súbito grito de crianças, mesclado com risadas tão claras e doces quanto a música de um riacho, surpreendeu-me de modo encantador.

— Ele gosta de nossas maçãs! Ele gosta de nossas maçãs! Ele é um gigante bom! Ele é um gigante bom! — exclamaram muitas pequenas vozes.

— Mas ele é um gigante! — ponderou alguém.

— De fato, ele é um tanto grande — concordou outro. — Mas ser pequeno não garante nada! Isso não evitará que você se torne grande e estúpido se não tomar cuidado!

Fiquei de joelhos e observei. Acima, ao lado e abaixo de mim, postava-se uma multidão de crianças, aparentemente de todas as idades, algumas novas demais para andarem sozinhas, outras com cerca de doze ou treze anos. Somente três ou quatro pareciam mais velhas. Estavam em uma pequena elevação, um pouco distante, demonstrando estar menos animadas que as demais. O numeroso contingente das menores conversava em grupos, declamando e contestando, como uma multidão de adultos em uma grande cidade, só que com mais alegria, melhores maneiras e mais bom senso.

Compreendi que, pelo movimento de minha mão para colher a segunda

maçã, eles souberam que eu havia apreciado a primeira, mas não entendi como a partir disso deduziram que eu seria bom, tampouco por que um deles, por fim, sugeriu cautela. Eu não abri a boca, com receio de assustá-los e convicto de que aprenderia mais escutando que fazendo perguntas, pois compreendia praticamente tudo o que diziam. Não fiquei surpreso: afinal, compreender não é mais maravilhoso que amar.

Então houve um movimento e uma momentânea dispersão entre eles, de onde surgiu um pequeno menino com ar inocente, doce e amável, oferecendo-me uma enorme maçã verde. A multidão barulhenta ficou em silêncio, aguardando em expectativa.

— Coma, bom gigante — ele disse.

Sentei-me, apanhei a maçã, esbocei um sorriso de agradecimento e a teria comido. No instante em que a mordi, porém, joguei-a longe, num impulso inesperado.

Mais uma vez exclamando com alegria, eles se lançaram sobre mim, quase a ponto de me sufocar. Então beijaram minha face e minhas mãos, seguraram minhas pernas, subiram em meus braços e ombros e abraçaram minha cabeça e meu pescoço. Acabei caindo ao chão, totalmente desarmado por aqueles pequeninos e amáveis gnomos.

— Bom, bom gigante! — gritaram. — Sabíamos que você viria, ó, estimado, bom e forte gigante!

O burburinho de suas conversas elevou-se novamente, e o brado exultante de centenas de pequenas e claras gargantas ecoou uma vez mais.

Mas de súbito silenciaram. Os que estavam ao meu redor recuaram; aqueles acima de mim desceram e começaram a tentar me levantar. Em seus doces semblantes, a alegria cedera lugar à preocupação.

— Levante-se, bom gigante! — incentivou uma pequena garotinha. — Aprese-se! Rápido! Ele o viu jogar a maçã dele!

Antes que terminasse a frase, eu já estava de pé. Ela continuava apontando para o alto da ladeira, onde surgiu um homem desajeitado e mal-encarado,

um pouco mais alto que eu. Ele tinha uma expressão hostil, porém não vi razão para temê-lo, pois não trazia arma alguma à vista. Não obstante, todos os meus pequenos amigos desapareceram.

Ele começou a descer a elevação, e eu, na esperança de obter uma posição melhor e mais equilíbrio, comecei a subir. Ele rosnou como uma fera ao vir em minha direção.

Parei ao alcançar um ponto mais favorável, e fiquei esperando por ele. Ao se aproximar, ele levantou a mão. Eu teria considerado tal gesto como amigável, porém ele a recolheu, ameaçou desferir um golpe e a recolheu novamente. Então compreendi que ele reclamava da maçã que eu atirara longe. Revidei com uma careta discordante e um gesto de rejeição.

Ele respondeu com um urro que parecia expressar: “Como ousa dizer que minha maçã não estava boa para comer?”.

— Uma maçã ruim pode nascer da melhor macieira — afirmei.

Se ele compreendeu o significado das minhas palavras não posso afirmar, porém fez um movimento de aproximação, e permaneci em posição de guarda. Entretanto, o oponente retardou seu ataque para que um segundo gigante, que estava de tocaia atrás de mim, se aproximasse o suficiente. Só então correu em minha direção. Eu o recebi com um bom golpe no rosto, porém o outro conseguiu me acertar na parte posterior da cabeça, e logo fui dominado, por estar em desvantagem numérica.

Os dois me arrastaram até a floresta acima do vale, onde a tribo deles vivia em cabanas precárias, construídas com troncos caídos e algumas pedras. Fui levado para o interior de uma delas, onde me jogaram ao chão e me chutaram. Uma mulher observava a cena com ar de indiferença.

Devo mencionar aqui que durante todo o meu confinamento não consegui fazer uma clara distinção entre os homens e as mulheres, tamanha a similaridade entre eles. Perguntava-me se não estaria entre um tipo de humanoides inferiores, dotados de cérebro apenas o suficiente para lhes garantir locomoção e expressões de ira e ganância. Sua alimentação,

constituída basicamente de tubérculos, bulbos e frutas, era para mim indescritivelmente desagradável, porém nada os ofendia mais que expressar rejeição à sua comida. Fui esbofeteado pelas mulheres e chutado pelos homens por não conseguir engolir o que me ofereciam.

Naquela noite, permaneci deitado no chão, quase sem conseguir me mover, mas pude dormir algumas horas e despertei parcialmente restaurado. Pela manhã, eles me conduziram ao vale e, com uma corda, amarraram meus pés a uma árvore. Em seguida, colocaram na minha mão esquerda uma pedra achatada com uma ponta semelhante a uma serra. Passei-a para a direita, porém eles me chutaram e a colocaram de novo na mão esquerda. Então entendi que deveria remover a casca de todo galho que estivesse sem fruto. Depois disso, chutaram-me outra vez e se foram.

Pus-me a fazer aquele maçante trabalho, na esperança de que meus captores ficassem satisfeitos e me deixassem em paz por algum tempo. Assim, poderia fazer minhas observações e escolher o melhor momento para escapar. Felizmente, uma das árvores anãs crescia perto de onde eu estava, o que me permitia colher e comer uma pequena fruta de vez em quando. Elas me revigoraram e fortaleceram maravilhosamente.



CAPÍTULO
XIII
Os Pequeninos

Logo após iniciar a tarefa, ouvi pequenas vozes nas proximidades e notei a presença dos pequeninos. Chamando uns aos outros, eles surgiram dentre as minúsculas árvores que, como arbustos, preenchem os espaços entre as maiores. Em questão de segundos, uma multidão deles postou-se ao meu redor. Fiz-lhes sinais, a fim de alertá-los de que os gigantes tinham acabado de me deixar e, portanto, ainda deviam estar nas imediações, porém eles riram e disseram que o vento estava sem odores suspeitos.

— Eles são muito cegos para nos enxergar — afirmaram, rindo como uma orquestra de sinos de ovelhas.

— Você gosta dessa corda apertando os tornozelos? — um deles perguntou.

— Quero que eles pensem que não posso desatá-la — respondi.

— Eles mal podem ver os próprios pés! — rejubilou-se. — Caminhe com os pés juntos e pensarão que ainda estão amarrados com a corda.

Enquanto falava, o pequenino dançava, se divertindo.

Uma das garotas maiores ajoelhou-se para desatar o desajeitado nó. Esbocei um sorriso, imaginando que aqueles dedinhos nada poderiam fazer, mas num instante estava livre.

Então eles me fizeram sentar e me alimentaram com pequenas e deliciosas frutas. Depois o menor deles começou a brincar comigo, de modo que ficou impossível concluir meu trabalho. Quando o primeiro se cansou, outros vieram substituí-lo, e o rodízio prosseguiu até o entardecer, quando se ouviram passos pesados se aproximando. Os pequeninos afastaram-se, enquanto eu me apressei em recolocar a corda em volta dos tornozelos.

— Devemos ter muito cuidado — alertou a garotinha que me libertara. — Uma pisada daqueles pés horríveis, e adeus aos pequeninos!

— Quer dizer então que eles realmente não conseguem enxergar vocês?

— Eles podem perceber algo se movendo, e, se as crianças estivessem empilhadas em cima de você como instantes atrás, teria sido terrível, pois eles odeiam qualquer ser vivo, exceto eles mesmos. Não que sejam tão vivos assim.

Ela assobiou como um pássaro. No instante seguinte, já não era possível ver ou ouvir nem um pequenino, mesmo a garota.

Quem chegava era meu mestre, como sem dúvida se considerava, a fim de me levar para casa. Ele libertou meus tornozelos e me arrastou até a porta de sua cabana, onde me jogou ao chão, amarrou novamente meus pés e, claro, me chutou antes de ir embora.

Naquele momento, eu poderia ter escapado, porém finalmente havia feito amigos e não conseguia pensar em abandoná-los. Eram tão encantadores, tão cheios de maneiras agradáveis que tinha de vê-los outra vez! Precisava conhecê-los melhor! “Tenho de vê-los de novo amanhã”, disse para mim mesmo, encantado. Entretanto, a partir do momento em que houve silêncio nas cabanas até pegar no sono, ouvi-os sussurrando por todos os lados e soube que estava sendo amorosamente observado por uma multidão. Depois

disso, creio que jamais me deixaram de fato sozinho.

Não cheguei a conhecer os gigantes direito e acredito que havia muito pouco neles para conhecer. Eles nunca se mostraram amigáveis, mas eram estúpidos demais para inventar crueldades. Em várias ocasiões, evitei um chute agarrando o pé do atacante e derrubando-o ao chão, após o que o agressor jamais tentou revidar meu golpe.

Os pequeninos, por sua vez, estavam o tempo todo fazendo e dizendo coisas agradáveis — em geral, coisas que me surpreendiam. A cada dia, tornava-me mais relutante à ideia de abandoná-los. Enquanto estava no trabalho, eles iam e voltavam, divertindo-me e entretendo-me, aliviando toda a miséria e grande parte da fadiga provocada pela minha monótona labuta. Logo passei a amá-los mais do que posso expressar em palavras. Eles não tinham muito conhecimento, porém eram muito sábios e pareciam capazes de aprender qualquer coisa. Eu não tinha cama, a não ser o chão, mas quase sempre que despertava eu me via envolto em um ninho feito de crianças — uma ou outra em meus braços, que eu raramente reconhecia antes do amanhecer, pois faziam rodízio entre si. Quando um dos pequeninos se movia no meu peito, inconscientemente eu o segurava, e o restante se aninhava ao meu redor, os menores mais próximos. Desnecessário dizer que dificilmente sofria com o frio à noite! A primeira coisa que faziam de manhã, bem como a última antes do anoitecer, era trazer alimentos em abundância ao bom gigante.

Certa manhã, fiquei surpreso ao acordar e não os ver ao redor. Entretanto, quando despertei por completo, ouvi ruídos baixos de aproximação, e logo a garota já mencionada, a mais alta e respeitada da comunidade, considerada por unanimidade a mãe de todos eles, apareceu na mata, seguida por uma multidão em jubilosa expressão, porém em silêncio para não despertar o gigante adormecido, em cuja porta eu estava deitado. Ela trazia um bebê nos braços: até então, uma garotinha com cerca de um ano era a mais nova. Três das garotas maiores revezavam-se em cuidar dele, mas também

compartilhavam seu pequeno tesouro com os demais. Entre os Pequeninos, bonecas eram desconhecidas. O maior tinha o menor, e este, uma criança menor ainda para zelar e brincar.

Lona¹⁰ veio ao meu encontro e deitou o bebê em meus braços. A criança abriu os olhos e me fitou, fechou-os novamente e adormeceu.

— Ele já ama você! — exclamou a garota.

— Onde você o encontrou? — indaguei.

— Na floresta, claro — ela respondeu, com os olhos brilhando de satisfação —, onde sempre os encontramos. Ele não é uma gracinha? Passamos a noite toda procurando por ele. Às vezes, são difíceis de achar!

— Como você fica sabendo que há um bebê para ser encontrado? — perguntei, curioso.

— Não sei dizer — Lona respondeu. — Cada um se apressa em contar ao outro, mas nunca descobrimos quem foi o primeiro. Por vezes, penso que o primeiro revelou isso durante o sono e que outro ouviu, ainda sonolento. Quando há um bebê na floresta, não há tempo a perder com indagações e, quando o encontramos, já é tarde para isso.

— Mais meninos ou meninas vão à floresta?

— Eles não vão à floresta. Nós é que vamos lá e os encontramos.

— Agora há mais meninos ou meninas entre vocês?

Descobri que fazer a mesma pergunta duas vezes os fazia franzir as sobrancelhas.

— Não sei — ela respondeu.

— Mas com certeza pode contá-los!

— Nunca fazemos isso. Não gostamos de ser contados.

— Por quê?

— Não seria muito agradável. Preferimos não saber.

— De onde vêm os bebês, primeiramente?

— Da floresta, sempre! Não há outro lugar de onde possam vir.

Ela sabia de onde os bebês vinham em último lugar, e isso era o suficiente.

— Com que frequência vocês encontram um bebê?

— Um acontecimento como esse requer toda a alegria que temos, e esquecemos a vez anterior. Estamos muito felizes em tê-lo. Você também não está, bom gigante?

— Sim, claro. Estou muito contente! — confirmei. — Mas como vocês o alimentam?

— Vou lhe mostrar. — Animada, ela se afastou e retornou logo depois com três pequenas ameixas maduras. Encostou uma delas nos lábios do bebê. — Ele abriria a boca se estivesse acordado — disse, tomando-o nos braços.

Ela apertou a ameixa, deixou cair uma gota no chão e, mais uma vez, levou a fruta aos lábios do bebezinho. Sem despertar, ele começou a sugar o líquido na mesma hora, enquanto ela, lenta e suavemente, apertava a fruta até não restar nada além da casca e do caroço.

— Pronto! — exclamou, em um tom gentil de triunfo. — Se o mundo fosse uma grande maçã, nada seria para os bebês! Não permaneceríamos nele, não é, meu querido? Nós o deixaríamos para os gigantes maus!

— Mas, e se você deixar cair o caroço na boca do bebê enquanto o estiver alimentando? — perguntei.

— Nenhuma mãe deixaria isso acontecer — ela replicou. — Eu não estaria pronta para ter um bebê!

Imaginei que mulher adorável ela seria, quando crescesse. Mas o que acontecia com eles quando cresciam? Para onde iam? Isso me fez lembrar da questão anterior: de onde eles vinham?

— Vai me contar onde vocês viviam antes? — perguntei.

— Aqui — ela respondeu.

— Vocês *nunca* moraram em outro lugar? — arrisquei.

— Nunca. Todos nós viemos da floresta. Alguns creem que caímos das árvores.

— Por que muitos de vocês são tão pequeninos?

— Não compreendo. Alguns são menores, enquanto outros são maiores. Eu

mesma sou muito alta.

— O bebê ficará grande, não?

— Claro que sim.

— E quanto a você? Crescerá mais?

— Acho que não, espero. Já sou a maior, e isso me assusta algumas vezes.

— Por que isso a assustaria?

Ela não me deu resposta.

— Quantos anos você tem? — prossegui.

— Não sei o que você quer dizer. Somos todos assim.

— Quão alto o bebê se tornará?

— Não posso afirmar. Alguns — ela acrescentou, com dificuldade para se expressar — começam a crescer quando todos imaginam que o crescimento parou. Isso é algo que assusta. Não falamos sobre isso!

— O que torna isso tão assustador?

Ela permaneceu silenciosa por alguns instantes, então respondeu.

— Tememos que comecem a crescer até ficarem como os gigantes.

— Por que deveriam temer isso?

— Porque é realmente terrível. Não quero falar sobre isso! — ela disse, apertando o bebê contra si, com um olhar tão aflito que não ousei perguntar mais nada.

Logo comecei a perceber em duas ou três das crianças menores alguns traços de ganância e egoísmo, bem como notei que as garotas maiores lançavam a elas esporádicos olhares de ansiedade.

Nenhum deles colocava a mão em meu trabalho, pois nada faziam para ajudar os gigantes, porém jamais relaxaram em suas expressões de amor para comigo. Eles cantavam para mim, um após o outro, por horas a fio, e escalavam a árvore para alcançar minha boca e me jogar frutas com seus pequenos e delicados dedos. Além disso, estavam sempre atentos à aproximação de algum gigante.

Às vezes, sentavam-se nas proximidades e me contavam histórias, a

maioria infantil e em geral sem significado aparente. De vez em quando, convocavam uma assembleia geral para me divertir. Em uma dessas ocasiões, um melancólico pequenino cantou-me uma canção estranha e lamentosa, com um refrão tão tocante que, embora ininteligível para mim, fez com que lágrimas rolassem pelo meu rosto. Aqueles que as perceberam observaram o fenômeno com extrema perplexidade. Então, pela primeira vez, ponderei comigo mesmo que nunca naquele mundo eu havia visto água, fosse uma cachoeira, um rio ou um simples córrego. Devia ter existido água abundante em eras longínquas, pois a superfície apresentava sinais suficientes disso, porém os Pequeninos jamais tinham visto água antes de minhas lágrimas! Não obstante, parecia que tinham alguma tênue e instintiva percepção de suas origens, pois uma criança muito pequena foi até o cantor, balançou o diminuto punho fechado diante dele e disse algo mais ou menos assim:

— Você tá tilando suco das ameixas do gigante bom! Gigante mau!

Certo dia, quando Lona se sentou com o bebê nos braços ao pé da árvore onde eu estava, comentei com ela:

— Como é que nunca vi nenhuma criança entre os gigantes?

Fitando-me por alguns segundos, como a procurar em vão algum sentido na pergunta, ela replicou:

— Eles são gigantes, não há pequenos entre eles.

— Eles nunca tiveram filhos? — insisti.

— Não. Nunca houve nenhum bebê na floresta para eles. Os gigantes não os amam. Se vissem os nossos, eles pisariam neles.

— Sempre há o mesmo número de gigantes? Pensei, antes de conhecê-los melhor, que eram seus pais e mães.

Ela deu uma gargalhada e disse:

— Não, bom gigante, *nós* somos a origem *deles*.

No entanto, ao dizer isso a alegria desapareceu do rosto dela e deu lugar ao temor.

Parei de trabalhar e fitei-a, desnortado.

— Como pode ser isso?! — exclamei.

— Não posso dizer. Não compreendo — ela respondeu. — O fato é que nós estávamos aqui e eles não. Eles vêm de nós. Sinto muito, mas não há nada que possamos fazer a respeito disso. *Eles* é que poderiam ter evitado.

— Há quanto tempo vocês estão aqui? — perguntei, cada vez mais intrigado, na esperança de obter alguma luz.

— Desde sempre, acho — Lona respondeu. — Acho que alguém nos fez desde o princípio.

Voltei ao meu trabalho, porém ela percebeu que eu não havia entendido nada.

— Os gigantes não foram feitos desde o princípio — ela prosseguiu. — Se um dos Pequeninos não tiver cuidado, ele se torna ganancioso, depois preguiçoso, então grande, estúpido e mau, nessa ordem. As criaturas estúpidas não sabem que vieram de nós. Poucas creem que estamos em todo lugar. Dizem que é um absurdo. Não! Olhe o pequeno Parvo. Ele está comendo uma das maçãs deles! Ele será o próximo! Logo ficará grande, mau e horrível, e nem sabe disso!

A criança estava sozinha a uma pequena distância, comendo uma maçã quase do tamanho de sua cabeça. Várias vezes já pensara comigo mesmo que ele não parecia tão bom quanto os demais. Agora era repulsivo.

— Vou tirar aquela coisa horrível dele! — afirmei.

— É inútil! — Lona respondeu, tristemente. — Fizemos todo o possível, mas é tarde demais! Tínhamos receio de que estivesse crescendo, pois não acreditava em nada do que lhe era dito, mas, quando se recusou a compartilhar suas frutas, dizendo que havia colhido apenas para si, tivemos certeza! Ele é um glutão, e não há mais esperança para ele. Sinto-me mal só de vê-lo comendo!

— Um dos garotos não poderia vigiá-lo e impedir que tocasse coisas venenosas?

— Ele pode tê-las, se quiser. É tudo a mesma coisa. Comer as maçãs ou ser um garoto que as comeria se tivesse a chance. Não! Ele deve ir para os gigantes, pois pertence a eles. Você pode ver quanto está maior desde que você veio! Ele cresceu de ontem para hoje!

— Ele parece aquela maçã verde e horrível em sua mão!

— Isso combina com o que está fazendo a si mesmo.

— A cabeça e a maçã talvez troquem de lugar!

— É possível!

— Ele quer ser um gigante?

— Ele os odeia, mas está se tornando igualzinho a eles: gosta das maçãs dos gigantes. Oh, pobre bebê! Era tão gracioso quando o encontramos!

— Ele se sentirá miserável quando se descobrir um gigante!

— Não. Ele vai gostar, e essa é a pior parte.

— Ele vai odiar os Pequeninos?

— Será como os demais. Nem se lembrará de nós. O mais provável é que não creia que existam Pequeninos. Ele não se importará e continuará comendo suas maçãs.

— Conte-me como isso acontecerá! Mal compreendo seu mundo, pois venho de um mundo onde tudo é diferente daqui.

— Não sei nada sobre *mundo*. O que é isso? O que pode ser além de uma palavra em sua grande e bela boca? Isso significa algo!

— Não se preocupe com a palavra. Diga-me o que sucederá ao pequeno Parvo.

— Ele acordará um dia como um gigante; não como você, bom gigante, mas como qualquer outro gigante mau. Você dificilmente o reconhecerá, mas vou lhe mostrar quem ele é. Ele pensará que sempre foi um gigante e não reconhecerá mais você nem qualquer um de nós. Os gigantes perdem a si mesmos, diz Peônia, e é por essa razão que nunca sorriem. Às vezes, pergunto-me se eles não são felizes porque são maus ou se são maus porque não são felizes. Mas não podem ser felizes se não têm bebês! Gostaria de

saber o que *mau* realmente significa, bom gigante!

— Eu gostaria de não saber mais que você sobre isso! — repliquei. — Mas tento ser bom, e continuo tentando.

— Eu também. Por isso sei que você é bom.

Seguiu-se uma longa pausa.

— Então você não sabe de onde os bebês vêm antes da floresta? — indaguei, fazendo mais uma tentativa.

— Não há nada mais para saber sobre isso — ela respondeu. — Eles estão na floresta, e lá crescem.

— Então como nunca se encontra um antes de estar crescidinho? — indaguei.

Lona franziu a testa e permaneceu silenciosa por alguns instantes.

— Eles não aparecem lá até que estejam terminados — disse, por fim.

— É uma pena que os tolinhos não possam falar até que tenham esquecido tudo o que tinham para contar! — observei.

— A pequena Tolma, a última antes deste, deu a impressão de ter algo para nos dizer quando a encontramos debaixo da árvore, chupando o próprio dedo, porém nada disse. Apenas olhou para mim tão docemente! *Ela* jamais se tornará má ou grande! Quando eles começam a ficar grandes, passam a não se importar com mais nada, exceto consigo mesmos. E, quando não podem crescer mais, tentam ficar mais gordos. Os gigantes maus orgulham-se muito da própria obesidade.

— Eles também são assim em meu mundo — comentei. — Mas não são *gordos* por lá, e sim *ricos*.

— Em uma de suas cabanas — prosseguiu Lona — fica o maior e mais obeso deles, tão orgulhoso que ninguém pode vê-lo. Os demais gigantes vão à casa dele em determinadas épocas, chamam por ele e lhe dizem quão gordo é, implorando-lhe que os faça fortes para que possam comer mais e se tornar tão obesos quanto ele.

Então nos chegou a notícia de que Parvo havia desaparecido. Percebi

alguns rostos sérios entre os maiores, mas ninguém parecia sentir muito a falta dele.

Na manhã seguinte, Lona veio a mim e sussurrou:

— Veja! Lá, perto daquele marmeleiro. É o gigante que era Parvo! Você o reconhece?

— De modo algum — respondi. — Mas, agora que me alertou, poderia supor que fosse o Parvo com um olhar confuso! Ele parece mesmo ter ficado estúpido!

— Agora estará sempre comendo aquelas maçãs — ela afirmou. — Isso é o que acontece com os Pequeninos que *não* permanecem pequenos!

“Em meu mundo, chamamos isso de tornar-se adulto!”, disse para mim mesmo. “Se ela pudesse me ensinar a crescer ao contrário e me tornar um Pequenino! Será que algum dia serei capaz de rir como eles?”

Tive a minha chance, e a desperdicei! Parvo e eu éramos muito parecidos! Ele não tinha consciência de sua perda, e tive de reconhecer a minha!

10 “Lona” é a grafia original do nome dessa personagem, não sendo uma adaptação para o português.
[N. E.]



CAPÍTULO
XIV
Uma crise

Por algum tempo, não alimentei nenhum desejo senão o de passar o resto de minha vida entre os Pequeninos, mas logo outros pensamentos e sentimentos passaram a me influenciar. Primeiramente, surgiu um vago sentimento de que deveria estar fazendo alguma coisa, que não deveria estar engordando aqueles brutamontes! Então me dei conta de que estava em meio a um mundo maravilhoso, cujos costumes e leis valia a pena conhecer, e que, se eu quisesse retribuir a bondade daquelas crianças, deveria aprender mais a respeito delas do que poderiam me ensinar, e para isso precisava ser livre. Decerto nenhuma supressão ao crescimento delas podia ser essencial para sua amabilidade, verdade e pureza! Em nenhum mundo poderia existir a possibilidade de tal discórdia entre constituição e seu resultado natural! Vida e lei não podem ser tão variáveis a ponto de a perfeição ser obtida pela frustração do desenvolvimento! Contudo, o crescimento dos Pequeninos *era* impedido! Algo interferia nesse processo.

O que seria? Lona parecia ser a mais velha, embora não devesse ter mais que quinze anos, e por muito tempo estivera a cargo de uma multidão formada, na aparência e principalmente no comportamento, por simples crianças, que a consideravam sua mãe! Estariam eles crescendo, afinal? Tinha minhas dúvidas. Os Pequeninos tinham apenas uma vaga ideia a respeito do tempo e desconheciam a própria idade! Lona mesmo achava que vivia desde sempre! Cheia de sabedoria e vazia de conhecimento, ela era, ao mesmo tempo, o Amor e a Lei deles! No entanto o que me parecia ignorância dela podia ser, a bem da verdade, minha falta de visão! Claramente, a única ansiedade dela era que suas crianças não crescessem e, assim, não se transformassem em gigantes maus! O “bom gigante” deles estava determinado a lhes dar o melhor de si, porém, sem maior conhecimento da natureza e da história deles, nada podia fazer e, portanto, devia deixá-los. Eles seriam apenas o que sempre foram, ou seja, em nada dependentes de mim, e ainda eram meus protetores, não eu deles. Pelo contrário, minha presença aumentara o perigo representado por seus estúpidos vizinhos! Eu ansiava ser capaz de ensinar-lhes muitas coisas, mas primeiro devia aprender mais a respeito daqueles a quem pretendia ensinar. Sem dúvida, o conhecimento torna piores os maus, porém melhores os bons! Eu estava plenamente convencido de que os Pequeninos eram capazes de aprender matemática, e por que não poderiam ser ensinados a escrever as deliciosas melodias que murmuravam e esqueciam?

A conclusão era que eu deveria prosseguir em minhas jornadas, na esperança de elucidar a sorte e o destino daquelas fascinantes criaturinhas.

Meu desígnio, entretanto, não se transformaria logo em ação, pelo que agora relatarei.

Certo dia, a fim de prepará-los para minha ausência temporária, estava lhes contando durante o trabalho que já teria deixado os gigantes maus há muito tempo, mas que amava muito os Pequeninos. Então, como se tivessem combinado, eles vieram correndo em grande número, subiram nas costas uns

dos outros, escalaram a árvore e pularam na minha cabeça até eu quase sufocar. Com três dos menores posicionados em meus braços, um em cada ombro, agarrados ao meu pescoço, outro de pé sobre minha cabeça, quatro ou cinco segurando firme minhas pernas, outros ainda enganchados em meu corpo e braços, enquanto a multidão restante subia e descia por eles, fiquei sem ação, como que paralisado por uma avalanche de lava. Absortos naquela alegre escaramuça, nenhum deles percebeu a aproximação de meu tirano até ele estar muito perto. Com apenas um grito de “Cuide-se, bom gigante!”, fugiram como camundongos e desapareceram como porcos-espinhos depois de pular para a árvore como esquilos. No mesmo instante, por trás do tronco, surgiu o gigante mau, que desferiu em minha cabeça um golpe tão vigoroso com um pedaço de madeira que fui ao chão. As crianças me contaram depois que atiraram nele “tantas maçãs e pedras” que o gigante, assustado, correu tropegamente para sua cabana.

Já era noite quando voltei à consciência. Acima de mim, havia umas poucas e pálidas estrelas a esperar pela Lua. A princípio, pensei que estivesse sozinho. A cabeça doía intensamente, e a garganta implorava por água.

Virei-me de lado sofregamente. No instante em que meu ouvido tocou o chão, ouvi o efusivo murmúrio de águas, e aqueles sons macios fizeram-me suspirar de sede. De súbito, vi-me no meio de uma multidão silenciosa de crianças, e deliciosas e diminutas frutas começaram a visitar meus lábios. Elas vieram uma após a outra, até saciarem minha sede.

Então percebi sons que não tinha ouvido naquele mundo até então: o ar estava tomado por pequenos soluços.

Tentei me sentar e, imediatamente, uma pilha de pequenos corpos amontoou-se sobre minhas costas, para me ajudar. Tentei me colocar de pé, com muito esforço dos pequeninos, uns me empurrando, outros me puxando e todos demonstrando extraordinária força para o tamanho.

— Você deve ir embora, bom gigante! — disseram. — Quando os gigantes

maus perceberem que você está machucado, eles todos o atacam.

— Acho que vocês têm razão — concordei.

— Vá, recupere-se e depois volte — aconselharam.

— Farei isso — concordei, sentando-me.

— Na verdade, você deveria ir agora mesmo! — sussurrou Lona, que estivera me apoiando e agora estava ajoelhada ao meu lado.

— Eu os escutei por trás da porta — disse um dos garotos maiores — e ouvi o gigante dizer à esposa que encontrou você parado, falando com um monte de toupeiras e esquilos e que, quando atacou você, os animais tentaram matá-lo. Ele acha que você é um mago e, por isso, deve ser dominado, caso contrário eles não terão paz.

— Irei embora imediatamente — afirmei — e voltarei assim que descobrir o que é necessário para tornar vocês maiores e mais fortes.

— Não queremos ficar maiores — os pequeninos responderam, parecendo falar sério. — *Não* cresceremos como gigantes maus! Somos fortes agora, você não faz ideia da nossa força!

Era inútil elaborar um plano para obter algo que não desejavam, por isso eu não disse mais nada. Levantei-me e segui rumo à parte mais elevada do vale. De súbito, eles formaram uma longa procissão, alguns liderando a marcha, outros me auxiliando e os demais apenas me seguindo. Enquanto avançávamos, eles continuaram me alimentando.

— Você está debilitado — disseram —, e muito suco vermelho saiu de você. Por isso deve comer.

Quando alcançamos o topo do vale, lá estava a Lua, surgindo na linha do horizonte.

— Ela apareceu para tomar conta de você e lhe mostrar o caminho — afirmou Lona.

Enquanto caminhávamos, fiz perguntas aos que estavam ao meu lado e descobri que havia um lugar extraordinário, onde uma garota gigante era a rainha. Quando perguntei se era uma cidade, responderam-me que não

sabiam. Tampouco puderam informar a que distância ficava dali ou em que direção ou mesmo o nome da rainha. Tudo o que sabiam é que ela odiava os Pequeninos e que aniquilaria todos eles, caso soubesse onde encontrá-los. Perguntei-lhes como sabiam disso, e Lona respondeu que sempre o souberam. Se a rainha gigante viesse procurar por eles, os Pequeninos deveriam se esconder muito bem, ela disse. Quando lhes contei que minha ideia era ir ao encontro da rainha e perguntar-lhe por que odiava os Pequeninos, eles gritaram:

— Não! Ela vai matar você, bom gigante. Ela vai matar você! Ela é uma bruxa gigante, má e horrível!

Perguntei-lhes aonde deveria ir, então. Eles me disseram que, além da floresta anã, de onde a Lua surge, havia uma região de planície verde, agradável aos pés, sem pedras ou árvores. Mas quando perguntei como encontrar o caminho até lá, responderam:

— Achamos que a Lua lhe dirá — responderam.

Eles estavam me levando para o segundo braço do leito do rio, mas, quando viram que a Lua havia atingido sua altura nos céus, interromperam a caminhada para iniciar a jornada de volta.

— Nunca antes nos distanciamos tanto de nossas árvores — afirmaram. — Agora, veja bem por onde vai, para que possa ver dentro de seus olhos como voltar para nós.

— E tome cuidado com a mulher gigante que vive no deserto — aconselhou uma das garotas maiores, enquanto davam meia-volta para iniciar o retorno. — Suponho que tenha ouvido falar dela!

— Não — respondi.

— Então tome cuidado para não chegar muito perto dela. Ela é chamada Mulher-Gato. É terrivelmente feia e *arranha*.

Tão logo os maiores pararam, os menores começaram a voltar. Os outros olharam para mim com ar sério por um instante e então lentamente acompanharam os demais. Lona, a última a me deixar, ergueu o bebê para

que eu o beijasse, olhou em meus olhos e sussurrou:

— A Mulher-Gato não machucará *você* — e se foi sem dizer mais nenhuma palavra.

Permaneci parado por algum tempo, vendo-os sumir à distância, sob o luar. Então me virei e, com o coração pesado, iniciei minha solitária viagem. Logo a risada dos Pequeninos tomou conta de mim, como incontáveis sinos de ovelhas que enchiam o ar e ecoavam nas rochas ao meu redor. Virei-me e novamente os observei enquanto se distanciavam: eles seguiam aos saltos e cambalhotas, sem sinal de preocupação naquelas doces almas. Lona, porém, caminhava sozinha com seu bebê.

Ponderando enquanto prosseguia a viagem, recordei as diversas características de meus pequenos amigos.


Certa vez, quando sugeri que deveriam deixar a região dos gigantes maus e partir em busca de outra área para viver, eles responderam: “Mas então não seríamos nós mesmos!”. O sentimento de pertença estava tão arraigado ao interior deles que aquele pedaço de terra onde habitavam parecia essencial para sua identidade! Sem ambição, temor, desconforto ou ganância, não viam motivos para desejar nenhuma mudança. Estava tudo bem para eles e, exceto seus bebês, jamais haviam tido a oportunidade de ajudar alguém antes de mim: como cresceriam? Além disso, por que deveriam crescer? Ao almejar melhorar suas condições de vida, eu não poderia apenas prejudicá-los, sem lhes trazer benefício algum? Alargar a mente deles com as noções de meu mundo não acabaria por distorcê-los e enfraquecê-los? O medo de crescer, como um possível início do processo de gigantismo, pode ser instintivo!

O papel do humanista é de fato perigoso, pois o homem que deseja fazer o bem ao próximo deve primeiramente estudar como não lhe trazer malefícios e, antes de tudo, tirar a trave do próprio olho.



CAPÍTULO
XV
*Uma estranha
anfitriã*



eguei viagem com a atenção voltada para a Lua. Como de costume, era uma Lua cheia — jamais a vi em qualquer outra fase —, e, naquela noite, à medida que seguia seu curso descendente no céu, tive a impressão de ter visto algo como um sorriso em sua face.

Quando seu contorno inferior estava para tocar o horizonte, surgiu bem no centro do disco, como pintada sobre sua superfície, uma cabana, de onde o satélite brilhou através da porta e da janela, que estavam abertas. Com a visão, veio a convicção de que eu era aguardado ali. Quase que de imediato, a Lua se foi, bem como a cabana. A escuridão da noite aumentava rapidamente e, como meu caminho atravessava uma sucessão de ravinas estreitas, decidi permanecer onde estava e aguardar que o dia amanhecesse. Estirei-me, portanto, em um buraco arenoso, fiz minha ceia com as frutas que os Pequeninos me deram na partida e logo peguei no sono.

Acordei sobressaltado. Olhei para cima e vi constelações completamente desconhecidas em meu mundo anterior. Então permaneci deitado por um tempo, apenas a observá-las, até que me dei conta de uma figura sentada no chão a pouca distância e acima de mim. Fiquei assustado, como acontece quando descobrimos que não estamos sozinhos. A figura encontrava-se entre mim e o céu, de modo que pude ver sua silhueta nitidamente. Da posição inferior onde eu estava, no buraco, a figura pareceu-me grande demais para ser humana.

A silhueta moveu a cabeça, e então percebi que estava de costas para mim.

— Você não vem comigo? — questionou uma voz doce e jovial, inconfundivelmente feminina.

Desejoso de saber mais acerca de minha anfitriã, respondi:

— Muito obrigado, mas estou confortável aqui. Para onde me levaria? Gosto de dormir ao relento — respondi.

— Não há perigos no ar — ela replicou —, mas as criaturas que vagam por estas bandas à noite não são exatamente aquilo que os homens gostariam de ter por perto enquanto dormem.

— Até agora não fui perturbado — afirmei.

— Sei que não. Estou sentada aqui desde que se deitou.

— É muita gentileza de sua parte! Como soube que eu estava aqui? Por que decidiu me conceder tamanho favor?

— Eu o vi — ela respondeu, ainda de costas para mim — sob a luz da Lua, assim que ela se pôs. Minha visão durante o dia é ruim, porém à noite enxergo perfeitamente. A sombra de minha casa o teria escondido, mas as portas estavam abertas. Eu estava do lado de fora, no deserto, e vi quando se deitou nesta depressão. Entretanto, você adormeceu antes que eu pudesse chegar aqui, e não quis perturbá-lo. Em geral, as pessoas se assustam quando as abordo repentinamente. Elas me chamam de Mulher-Gato. Claro que esse não é meu nome.

Na mesma hora, lembrei-me do que as crianças haviam dito — que ela era

muito feia e arranhava. Mas sua voz era gentil, e seu tom, um pouco apologeticamente. Ela não deveria ser uma gigante má.

— Você não ouvirá esse nome de mim — prosseguiu. — Então, por favor, diga-me como devo chamá-la!

— Quando me conhecer, pode me chamar pelo nome que considerar apropriado — ela respondeu. — Isso me revelará que tipo de pessoa você é. Em geral, as pessoas não me dão o nome certo. É melhor quando o fazem.

— Suponho, senhora, que viva na cabana que vi no coração da lua?

— Você está certo. Vivo lá sozinha, exceto quando tenho visitas. É um lugar simples, mas me desdubro para receber bem meus hóspedes, e às vezes o sono deles é doce.

Sua voz penetrou em meu interior, fazendo-me sentir estranhamente paralisado.

— Irei com você, senhora — assenti, levantando-me.

Ela também se levantou de imediato e, sem sequer dar uma olhadela para trás, foi à frente, indicando o caminho. Consegui vê-la o suficiente para segui-la. Era mais alta que eu, mas não tanto quanto havia imaginado. O fato de ela nunca virar o rosto para mim deixou-me curioso, porém de modo algum apreensivo, pois sua voz soava bastante verdadeira. Entretanto, como poderia dar um nome apropriado a ela, sem tê-la visto? Esforcei-me para caminhar ao seu lado, porém fracassei: quando apressava o passo, ela andava mais depressa também, mantendo-se à frente. Depois de algum tempo, comecei a ficar temeroso. Por que ela tomava tanto cuidado para não ser vista? Seria uma extraordinária feiura a razão disso? Talvez tivesse receio de me assustar! O horror diante da possibilidade de uma monstruosidade inconcebível começou a tomar conta de mim. Estaria eu seguindo pela escuridão uma hediondez desconhecida? Estava quase arrependido por aceitar sua hospitalidade.

Ninguém falava, e o silêncio tornou-se insuportável. Decidi então quebrá-lo.

— Preciso descobrir o caminho — disse, por fim — para um lugar do qual ouvi falar, mas cujo nome ainda não aprendi. Talvez você possa me dizer!

— Descreva-me o lugar, e o direcionarei. Os Sacos estúpidos nada sabem, e os descuidados pequenos Amores se esquecem de quase tudo.

— Onde vivem esses?

— Você acabou de vir de lá!

— Nunca ouvi esses nomes antes!

— Nem deveria ouvi-los, pois nenhum povo conhece o próprio nome!

— Muito estranho!

— Talvez seja, mas o fato é que dificilmente alguém em qualquer lugar conhece o próprio nome! Muitos cavalheiros finos ficariam chocados ao serem chamados pelo seu nome real!

Mantive-me em silêncio, apenas imaginando qual seria meu nome.

— Que nome imagina que seja o seu? — ela prosseguiu, como se tivesse lido meu pensamento. — Perdoe-me, este é um assunto inconsequente.

Na verdade, havia aberto a boca para responder quando descobri que meu nome havia me escapado. Não conseguia me lembrar nem mesmo da primeira letra! Já era a segunda vez que perguntavam meu nome e eu não conseguia responder!

— Não se preocupe — disse ela —, isso não é necessário. Seu nome real, na verdade, está escrito em sua fronte, porém no presente ele se movimenta de maneira tão irregular que ninguém é capaz de lê-lo. Farei minha parte para estabilizá-lo. Logo ele se moverá cada vez mais devagar até se firmar, espero.

Tais palavras me alarmaram, e fiquei em silêncio.

Tínhamos deixado os canais para trás e caminhado por um longo período, porém não havia nem sinal da cabana ainda.

— Os Pequeninos me contaram — eu disse, por fim — sobre uma região plana e verde, agradável aos pés!

— Sim? — ela retornou.

— Eles também me falaram de uma garota gigante que era rainha de algum lugar. Aquele é o território dela?

— Há uma cidade nessa terra coberta de grama — ela replicou —, onde uma mulher é princesa. A cidade é chamada Bulika, mas certamente a princesa não é uma garota! É mais velha que este mundo, e veio do seu, com uma história terrível, que ainda não terminou. É uma pessoa maligna e exerce domínio com o Príncipe da Potestade do Ar. Antigamente, o povo de Bulika era formado por simples camponeses, que aravam a terra e pastoreavam ovelhas. Então ela chegou e foi bem recebida por eles. Ela os ensinou a procurar pedras preciosas, como diamantes e opalas, e vendê-las aos estrangeiros. Incentivou-os a desistir das lavouras e dos rebanhos e a construir uma cidade. Certo dia, encontraram uma enorme cobra e a mataram. A mulher ficou de tal modo enfurecida que se declarou princesa daquele povo, e passou a tratá-los de forma terrível. Na época, o país era conhecido como Terra das Águas, pois os canais secos que você atravessou eram então superabundantes, com correntes vivas, e o vale, onde agora os Sacos e os Amores têm suas árvores frutíferas, era um grande lago, que recebia boa parte das águas. No entanto, a perversa princesa reuniu no colo quanto pôde da água de todo o território, encerrou-a em um ovo e levou-o embora. Seu colo, entretanto, só conseguia guardar metade de toda a água existente, e, no instante em que ela se foi, o que havia sobrado escoou para o subterrâneo, deixando a região tão seca e empoeirada quanto o coração dela. Não fossem os veios de águas subterrâneas, todo ser vivente há muito teria perecido, pois onde não há água não há chuva, e onde a chuva não cai não floresce a primavera. Desde então, a princesa vive em Bulika, onde mantém os habitantes sob constante terror e opressão, e faz o possível para evitar que se multipliquem. Não obstante, eles são orgulhosos e creem ser um povo próspero e, sem dúvida, autossuficiente, bons na arte de barganhar e de comprar, excelentes em vender e enganar; mantêm-se unidos quando o interesse é comum e se mostram terrivelmente traiçoeiros quando há

conflitos de interesses; orgulhosos de sua princesa e do poder por ela exercido, desprezam aqueles de quem se beneficiam; jamais duvidam de que constituem a mais honorável das nações, e cada um se considera melhor que o outro. Ninguém pode entender a profundidade de sua inutilidade nem a altura de sua vanglória, a não ser quem esteve lá para ver e conheceu aquelas criaturas mal governadas e iludidas.

— Sou-lhe grato, senhora. E agora, se lhe aprouver, poderia me contar algo sobre os Pequeninos, a quem chamou de Amores? Anseio servi-los do fundo de meu coração. Quem e o que são eles? Como chegaram lá? Aquelas crianças são a maior maravilha que encontrei neste mundo de prodígios.

— Em Bulika, talvez você encontre alguma luz sobre todos esses assuntos. Soube que há um antigo poema na biblioteca do palácio, que, claro, ninguém lá pode ler, no qual está escrito que, depois de passarem por grandes tribulações e terem aprendido o próprio nome, os Amores encherão a terra e farão dos gigantes seus escravos.

— Até isso acontecer eles terão crescido um pouco, não? — perguntei.

— Sim, eles crescerão, embora eu também pense que não crescerão. É possível crescer e não crescer, crescer menos e ficar maior, tudo ao mesmo tempo. Sim, é possível crescer por meio do não crescimento!

— Suas palavras são estranhas, senhora! — exclamei. — Mas ouvi dizer que algumas palavras, pelo fato de significarem mais, parecem significar menos!

— Isso é verdade, e tais palavras *têm* de ser compreendidas. Seria muito melhor para a princesa se ela ouvisse o que o próprio silêncio da terra grita em seus ouvidos todos os dias! No entanto, ela é esperta demais para compreender alguma coisa.

— Então, quando os pequenos Amores crescerem, suponho que a terra deles também terá água novamente?

— Não exatamente. Quando estiverem sedentos o suficiente, terão água; e, quando tiverem água, crescerão. Para crescer, deve-se ter água. E, no

subterrâneo, as correntes ainda estão fluindo.

— Por duas vezes ouvi o som dessas águas — declarei. — A primeira ao deitar-me para aguardar a Lua, e, quando acordei, o Sol já estava brilhando. A outra ocasião foi quando caí, atingido por um gigante mau. Nas duas oportunidades, as vozes das águas ecoaram e me curaram.

A mulher jamais virava a cabeça e se mantinha um pouco à frente de mim, mas eu ouvia claramente cada palavra que saía de seus lábios. Sua voz me lembrava a voz da mulher da casa da morte. Muito do que ela disse não compreendi, por isso não fixei na memória. No entanto, esqueci-me de que em algum momento sentira medo dela.

Atravessamos por longo tempo uma grande extensão de areia antes de alcançar a cabana. Os alicerces estavam colocados em areia profunda, mas pude ver que era uma rocha. Quanto ao estilo, a cabana lembrava a do sacristão, porém com paredes mais grossas. A porta, pesada e resistente, abriu-se de imediato, revelando uma sala grande e vazia, dotada de duas pequenas janelas, uma oposta à outra, sem vidro. Minha anfitriã adentrou o aposento pela porta escancarada, por onde a Lua havia olhado, dirigiu-se diretamente ao canto mais distante e apanhou um pano branco e comprido do chão, enrolando-o ao redor da cabeça e do rosto. Então fechou a outra porta, para a qual a Lua havia olhado, acendeu um pequeno candeeiro que estava na lareira e virou-se para me receber.

— Seja muito bem-vindo, sr. Catavento! — disse, chamando-me pelo nome que eu havia esquecido. — Seu entretenimento será escasso, mas, como a noite ainda não acabou e o dia ainda não nasceu, é melhor ficar dentro da cabana. Aqui estará seguro, e uma pequena carência não é uma grande miséria.

— Meus sinceros agradecimentos, senhora! — repliquei. — Mas, já que conhece o nome que não consegui lhe dizer, não posso saber o seu?

— Meu nome é Mara — respondeu.

Então me lembrei do sacristão e do pequeno gato preto.

— Algumas pessoas — ela prosseguiu — me tomam pela esposa de Ló a lamentar por Sodoma. Outras pensam que sou Raquel a prantear pelos filhos, mas não sou nem uma nem outra.

— Quero agradecer-lhe novamente, Mara — eu disse. — Posso me deitar aqui no chão até o amanhecer?

— Subindo aquela escada — ela respondeu — você encontrará uma cama onde uns dormiram melhor do que esperavam e outros permaneceram acordados a noite toda, dormindo todo o dia seguinte. Não é das mais macias, porém é bem melhor que a areia. Além disso, não há hienas ao redor dela!

A escada, estreita e íngreme, levava direto do aposento a um sótão sem forro e sem divisões, com uma claraboia ampla e baixa. Ali perto, sob o teto inclinado, havia uma cama estreita, cuja visão, com sua colcha branca, fez-me estremecer, tão vividamente me lembrou as colchas na câmara da morte. Sobre a mesa, havia um pão seco e ao lado um copo de água fria. Para mim, que havia meses me alimentava apenas de frutas, era um verdadeiro banquete.

— Tenho de deixá-lo no escuro — alertou minha anfitriã ao pé da escada. — Este candeeiro é a única luz que temos, e há coisas a serem feitas durante a noite.

— Isso não será nenhum inconveniente, senhora — respondi. — Comer, beber, deitar e dormir são atividades facilmente executáveis no escuro.

— Descanse em paz — ela disse.

Devorei o pão e saboreei cada gota de água, deitando-me em seguida. A cama era dura, a coberta, fina e curta, e a madrugada, muito fria! Sonhei que estava deitado na cama da morte, entre o guerreiro e a donzela com a mancha na mão.

Despertei no meio da noite, imaginando ter ouvido barulhos abafados de animais selvagens.

“As criaturas do deserto devem estar sentindo meu cheiro, suponho!”

disse para mim mesmo, e me preparei para dormir novamente, pois sabia estar em segurança. No entanto, naquele exato momento um ronronar áspero tornou-se um urro sob minha janela, e saltei da cama para ver que tipo de fera era aquela.

Diante da porta da cabana, sob a plena iluminação do luar, havia uma mulher alta, toda vestida de branco, de costas para mim. Ela estava inclinada ao lado de um enorme animal parecido com uma pantera branca e aflagava a fera com uma das mãos, enquanto com a outra apontava na direção da meia-lua no céu. Então desenhou uma linha perpendicular ao horizonte. Imediatamente, a criatura partiu com incrível velocidade na direção indicada. Por um instante, meus olhos seguiram a fera, então procuraram pela mulher, mas ela já havia se retirado, sem que eu tivesse visto sua face. Voltei a buscar o animal com os olhos, mas, se realmente vi ou imaginei ter visto um espectro branco à distância, não posso afirmar. O que aquilo significava? Para que missão a fera havia sido enviada? Então me dei conta de que, quando me deitara naquela depressão do lado de fora, a Lua estava se pondo, porém agora lá estava ela, brilhando no céu em toda a sua glória algumas horas depois! “Tudo aqui é muito incerto”, pensei com os meus botões, “até mesmo os movimentos dos corpos celestes!”

Mais tarde, fiquei sabendo que havia inúmeras luas naquele mundo, porém nunca descobri as leis que governavam seus tempos e suas órbitas!

Voltei a dormir, dessa vez sem interrupções.

Quando desci de manhã, encontrei pão e água à minha espera. O pão era tão grande que só comi metade. Minha anfitriã permaneceu sentada atrás de mim, em completo silêncio, enquanto eu quebrava meu jejum, e, exceto pelo cumprimento quando entrei, não abriu a boca até eu lhe pedir instruções sobre como chegar a Bulika. Então ela me disse para seguir a margem do leito do rio até ela desaparecer e virar à direita e chegar à floresta — na qual poderia passar a noite, mas com a face voltada para a Lua nascente. Em seguida, eu deveria seguir na mesma direção até alcançar um riacho,

atravessá-lo em ângulo reto e seguir direto até avistar a cidade no horizonte.

Agradei minha anfitriã e aventurei-me a comentar que, olhando pela janela na noite anterior, havia ficado atônito ao ver seu mensageiro compreendê-la tão bem e seguir direto e rapidamente na direção que ela indicara.

— Se eu tivesse aquele seu animal como guia... — prossegui, na esperança de obter alguma informação sobre a missão dele, mas ela me interrompeu:

— Ela foi para Bulika, pelo caminho mais curto.

— Pareceu-me dotada de uma inteligência incrível!

— Astarte conhece seu trabalho o suficiente para ser instruída a fazê-lo — ela respondeu.

— Você tem muitos mensageiros como ela?

— Tantos quanto eu necessitar.

— Eles são difíceis de ensinar?

— Esses animais não precisam de nenhum ensinamento. Todos são de determinada raça, porém nenhum é igual ao outro. A origem deles é tão natural que pareceria inacreditável a você.

— Posso saber qual é?

— Um novo animal veio a mim na noite passada; de sua cabeça, enquanto você dormia.

Eu apenas ri.

“Tudo neste mundo parece adorar um mistério!”, pensei comigo. “Alguma palavra minha ao acaso sugeriu uma ideia, e nessa forma ela incorporou o pequeno fato!”

— Então a criatura me pertence! — exclamei.

— De modo algum — ela respondeu. — Só pode nos pertencer aquilo para cuja existência nossa vontade seja um fator.

“Ah! Também é metafísica!”, pensei, permanecendo em silêncio.

— Posso levar o que sobrou do pão? — perguntei pouco depois.

— Você não terá mais vontade de comê-lo hoje — ela replicou.

— Talvez amanhã eu queira! — retorqui.

Ela se levantou e, enquanto se dirigia à porta, comentou:

— Isso não tem nada que ver com o amanhã, mas, se quiser levá-lo, faça como desejar.

Em seguida, abriu a porta e permaneceu segurando a maçaneta. Pus-me de pé e apanhei a sobra de pão, mas bem devagar, desejando muito ver a face de minha anfitriã.

— Devo ir, então? — questionei.

— Ninguém dorme em minha casa duas noites seguidas! — ela respondeu.

— Então, com meus sinceros agradecimentos por sua hospitalidade, aqui me despeço! — eu disse, virando-me para sair.

— Chegará o tempo em que você deverá se abrigar comigo por muitos dias e muitas noites — ela murmurou tristemente.

— De bom grado — repliquei.

— Não será de bom grado! — ela respondeu.

Imaginei que ela estivesse certa. Jamais seria seu hóspede segunda vez por vontade própria! No entanto, fui repreendido imediatamente por meu coração, e, mal havia cruzado a soleira da porta, voltei-me para trás.

Ela estava no meio da sala, e suas vestimentas brancas estavam dispostas como ondas de espuma até os pés, entre elas os contornos de sua face, tão fascinante quanto uma Lua estrelada. Seus grandes olhos cinzentos fitavam o céu, enquanto lágrimas rolavam por sua tez pálida. Ela me lembrou muito a esposa do sacristão, embora uma desse a impressão de não derramar uma gota de lágrima havia milhares de anos, enquanto a outra parecia prantear constantemente, por trás dos panos que lhe cobriam a bela cabeça. Não obstante, aqueles mesmos olhos mareados de lágrimas pareciam dizer: “O choro pode persistir uma noite, mas de manhã irrompe a alegria”.

Eu havia inclinado a cabeça por um instante e estava prestes a me ajoelhar, a fim de pedir seu perdão, quando, olhando de relance para cima, descobri-me do lado de fora de uma casa sem portas. Rodeei-a mais de uma vez,

porém não encontrei nenhuma entrada.

Parei debaixo de uma das janelas superiores e, quanto estava a ponto de expressar minha arrependida confissão, um repentino e lamurioso grito invadiu meus ouvidos a ponto de me paralisar o coração. Algo saltou da janela acima de minha cabeça e desceu próximo a mim. Virei-me e vi um enorme gato cinzento, com pelos esvoaçantes, correndo rapidamente em direção ao leito do rio. Caí de cara na areia, parecendo ouvir do interior da casa o suave soluçar de alguém que sofreu, mas não se arrependeu.



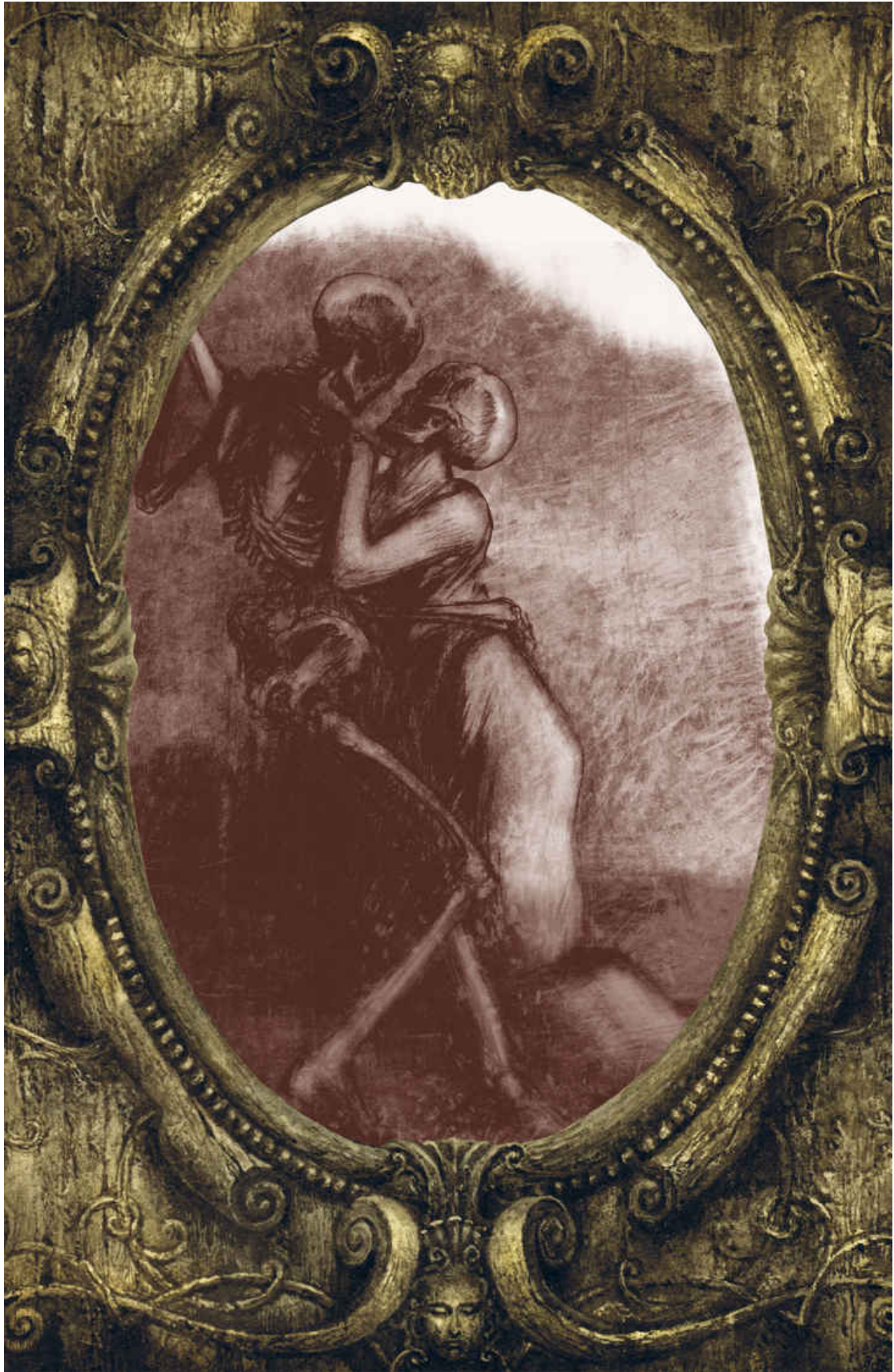
CAPÍTULO
XVI
*Uma dança
horrível*



Levantei-me para continuar minha jornada e caminhei muitos quilômetros no deserto. Como ansiava por uma montanha ou mesmo por uma elevação rochosa de cujo cume pudesse avistar, além daquela planície lúgubre ou dos canais secos, alguma fronteira que me desse esperança! Mas de que me valeria tal visão? É aquilo que está no interior do homem, não o que está além de sua visão, o fator principal do que está para lhe suceder: a operação sobre si é o acontecimento. Antever não é compreender; caso contrário, certamente a profecia latente no homem viria à superfície com mais frequência!

O Sol já estava indo em direção ao horizonte quando vi diante de mim uma subida rochosa e muito íngreme, e meu desejo de subir até o topo esvaiu-se antes que o alcançasse. Tudo o que eu queria era me deitar e descansar. Àquela altura, o Sol já estava quase se pondo, e a atmosfera começava a

escurecer. Sob meus pés, estendia-se um tapete do mais verde e macio musgo, verdadeiro leito para um rei. Joguei-me sobre ele, e a fadiga, de imediato, começou a diminuir, pois, no exato instante em que recostei a cabeça na relva, ouvi, pela terceira vez, muitas águas, enchendo os espaços abertos e tocando harmonias etéreas com as pedras subterrâneas dos canais enterrados. Sem parar, aquela harpa aquariana continuava enviando o mais adorável caos musical aos meus ouvidos! O que um Händel não teria criado com aquele murmúrio sempre presente e o eterno gotejar semelhante a um sino, que produziam um refrão comum para as melodias misturadas e mutuamente destrutivas!



Enquanto permanecia deitado ouvindo aquele som, meus olhos esquadrihavam de cima a baixo a íngreme elevação rochosa acima de mim, lendo na superfície o registro de que tempos atrás ali corria uma catarata, que enchia os canais que me levaram até sua base. Meu coração agitou-se ao imaginar aquele esplêndido tumulto, em que as ondas dançavam rodopiando em uma queda inevitável, concentrando sua música em um bramido lá embaixo. Logo, porém, embalado pelo som daqueles córregos escondidos, adormeci, e as canções de ninar misturaram-se aos meus sonhos.

Despertei antes de o Sol despontar no horizonte e agilmente subi a elevação para ver o que havia além dela — infelizmente, apenas um deserto de areia finíssima! Nem um único traço do rio que outrora se precipitava daquelas rochas podia ser visto! Agora, um depósito arenoso preenchia seu curso em toda a sua lúgubre extensão! Ao olhar para trás, percebi que o rio se dividia em dois braços quando descia, sendo um aquele cuja margem eu tinha seguido até a base daquela inclinação rochosa e o outro aquele que cruzara primeiro em direção à Floresta Maligna, ou seja, o ponto verde que visualizava entre os dois braços, no horizonte distante. Adiante de mim e à esquerda, até onde meus olhos alcançavam, estendia-se o deserto, porém à minha direita, muito distante, podia ver algo sobressaindo na linha do horizonte, que eu esperava ser a floresta para onde minha anfitriã havia me instruído a ir.

Sentei-me e busquei no bolso a sobra de pão que havia trazido comigo. Então compreendi o que Mara dissera a respeito do pão. De fato, o pão não devia ser consumido no dia seguinte, pois havia encolhido e endurecido, parecendo mais uma pedra! Joguei-o fora e segui viagem.

Por volta do meio-dia, cheguei a um grupo de árvores como tamargueiras e zimbros e depois a uns poucos e mirrados abetos. Enquanto avançava, deparava com moitas cada vez mais cerradas e pinheiros cada vez mais largos até que, por fim, adentrei uma floresta de pinheiros e outras árvores tão semelhantes àquela onde os Pequeninos encontravam seus bebês que

acreditei ter voltado a uma área mais distante da mesma floresta. No entanto, o que importava *onde* estava, se *todo lugar* era o mesmo que *lugar nenhum*? Eu ainda não havia transformado, ao realizar algo nele, o lugar nenhum em um lugar de verdade! Eu ainda não estava vivo, mas apenas sonhando! Nada mais era que uma consciência com uma perspectiva! Na verdade, não tinha sido mais que isso no mundo que deixara, mas a diferença é que agora eu tinha consciência desse fato! Disse a mim mesmo que, se percebesse naquela floresta o mais tênue reflexo do espelho, eu me afastaria o máximo possível, para que ele não me apanhasse desprevenido e me devolvesse à minha antiga existência. Pelo menos aqui poderia aprender a ser alguém, a realizar algo! Não suportava a simples ideia de retornar, depois de tantos começos e nenhum fim alcançado. Os Pequeninos encontrariam o destino a eles reservado, a horrorosa bruxa eu jamais conheceria, os mortos se desenvolveriam e ressuscitariam sem mim e eu acordaria ciente de que havia sonhado e que toda a minha jornada não me levava a lugar algum! Preferia prosseguir indefinidamente a vivenciar tal desfecho!

Então adentrei ainda mais a floresta. Sentia-me extenuado e decidi descansar.

As árvores agora eram enormes, postadas de um modo regular, quase geométrico, com amplos espaços entre si, e havia pouca vegetação rasteira. A floresta parecia uma grande igreja: solene, silenciosa e vazia, pois naquele dia não vi nenhum outro ser, de dois ou de quatro pés. De vez em quando, é verdade, algo ligeiro ou mesmo lento cruzava o espaço para onde meus olhos estavam voltados, mas sempre à distância, apenas para intensificar a sensação de amplitude e vazio. Ouvi o trinar de alguns pássaros e avistei inúmeras borboletas, algumas ostentando uma combinação fantástica de cores e matizes, enquanto outras eram de uma alvura pura e deslumbrante.

Ao chegar a uma área onde os pinheiros estavam muito afastados uns dos outros, para dar espaço ao crescimento de arbustos floridos, segui na

direção em que as rosas ficavam mais e mais concentradas, na esperança de que fosse o sinal de alguma habitação nas proximidades. Estava ávido por ver e ouvir rostos e sons humanos — qualquer alma viva, na verdade, humana ou não, que eu fosse capaz de compreender em alguma medida. “Que trágico”, pensei, “ter de perambular sozinho, uma existência isolada, sem jamais sair de si mesmo, sem nunca ampliar sua vida em outra, limitado pelas amarras de suas pobres peculiaridades, como um eterno prisioneiro no calabouço do próprio ser!” Comecei a entender que era impossível viver para si mesmo, exceto na presença de outros — então, infelizmente, terrivelmente possível! O mal só existia por meio do bem, e o egoísmo era como um parasita na árvore da vida! Em meu mundo, eu cultivava o hábito de cantar sozinho; aqui nem mesmo um murmúrio musical havia saído de meus lábios! Lá eu cantava sem pensar; aqui pensava sem cantar! Lá jamais tive um amigo do peito; aqui, mesmo a afeição de um idiota seria divinamente bem-vinda! “Se ao menos eu tivesse um cão para amar!”, suspirei, e pensei com surpresa em meu eu passado, que preferia a companhia de um livro ou de uma caneta à de um homem ou de uma mulher; que, se recebesse a visita do próprio autor de um conto que estivesse apreciando ler, desejaria que ele fosse embora para que pudesse retomar a leitura. Havia escolhido os mortos em detrimento dos vivos, o pensamento no lugar do ser pensante! “Qualquer homem é mais valioso que o maior dos livros!”, dizia agora. Jamais me importara com meus irmãos e irmãs vivos e agora me sentia abandonado, sem nem mesmo o consolo dos mortos!

A floresta tornava-se cada vez menos densa, e os pinheiros, cada vez mais grossos, estendendo-se para o alto com troncos enormes, como colunas romanas ávidas por sustentar os céus. Outras árvores de diferentes gêneros surgiam, sinal de que a floresta estava ficando mais rica e diversificada. Agora as rosas adornavam as árvores, e suas flores eram de um esplendor estonteante.

De repente, vislumbrei a figura de uma edificação que parecia uma grande

casa, ou mesmo um castelo, porém suas formas eram tão estranhamente indistintas que eu não podia descartar a possibilidade de ser uma combinação aleatória de árvores. À medida que me aproximava, suas linhas se mantinham iguais, mas, ainda assim, nem elas nem o corpo que formavam tornavam-se mais definidos. Quando por fim alcancei a frente daquele edifício, permaneci tão em dúvida sobre sua natureza quanto antes. Sem dúvida, não era uma casa ou um castelo habitável; talvez fossem ruínas cobertas de heras e de flores. Embora parecesse haver uma estrutura escondida em meio à densa vegetação, não consegui discernir nem mesmo um único pedaço remanescente das paredes. Por diversas vezes, imaginei ver um pedaço do edifício, mas este desaparecia ante uma inspeção mais minuciosa. Seria possível, ponderei, que as heras tivessem abraçado e consumido uma grande edificação e que o entrelaçamento das ramificações tivesse mantido as formas das paredes destruídas? O fato é que não tinha nenhuma certeza sobre o que via.

Diante de mim, havia uma forma retangular vazada: o fantasma de uma entrada sem a respectiva porta. Atravessei a passagem e me vi em um amplo espaço aberto, como um grande saguão, com o piso forrado de grama e de pequenas flores e paredes cobertas de heras e de trepadeiras, misturadas a rosas.

Não poderia haver melhor lugar para passar a noite! Reuni uma grande quantidade de folhas ressequidas e as deposei em um canto, como se fossem uma cama, e me deitei ali. Raios vermelhos do Sol poente enchiam o salão, a noite anunciava-se quente e meu improvisado leito era aconchegante. Permaneci deitado de costas, olhando para o vívido teto, formado de galhos e ramos entrelaçados, além de nuvens de folhas, e para o telhado mais acima. Meus olhos seguiram examinando aquela arquitetura viva até o Sol sumir no horizonte e o céu tornar-se escuro. Então as rosas vermelhas tornaram-se negras e logo apenas as flores de coloração amarela e branca eram visíveis. Quando estas desapareceram, as estrelas assumiram

seu lugar, aparecendo entre as folhagens como topázios vivos, pulsando e emitindo diversas cores. Uma árvore da caverna de Aladim me cobria!¹¹

Então descobri que o lugar estava repleto de ninhos, de onde cabeças minúsculas, quase indistinguíveis, surgiam com um pio ou dois, para desaparecer em seguida. Durante algum tempo, houve agitação e sussurros, como pequenas orações, porém, quando a escuridão se instalou totalmente, as pequenas cabeças tornaram-se imóveis e, por fim, cada mãe de penas manteve os filhotes acomodados em silêncio sob as asas. A conversa nos pequenos leitos cessara, e o berçário de pássaros de Deus descansava alimentado pelas ondas de sono. Mais uma vez, minha atenção foi atraída para um bater de asas no alto; era uma coruja que cruzava o ar. Só a vi de relance, mas por diversas vezes pude sentir a fria lufada do bater de suas asas silenciosas. As mães pássaros não se moveram mais, pois perceberam que a coruja procurava camundongos, não os filhotes.

Por volta da meia-noite, abri os olhos em alerta, despertado por certa movimentação, cujos sons não eram muito altos. Também não eram distantes, porém próximos a mim e abafados. Meus olhos estavam tão embaçados que por alguns instantes nada consegui distinguir, e por fim eles se aproximaram.

Eu estava deitado no meu leito de flores murchas, em um canto de um salão esplêndido. Diante de mim havia uma multidão de homens elegantemente trajados e de mulheres graciosamente paramentadas. Nenhum deles deu a impressão de notar minha presença. Dança após dança, eles incorporavam vagamente a história da vida, seus encontros, paixões e separações. Como um estudioso de Shakespeare, eu havia aprendido algo de cada dança mencionada em suas obras e, portanto, compreendia em partes algumas das que agora testemunhava — minueto, pavana, *coranto*, *lavolta* e outras. Todos os dançarinos estavam trajados com vestimentas tão antigas quanto suas danças.

Enquanto eu dormia, uma Lua surgira no céu, brilhando agora através das incontáveis e pequenas aberturas do teto de folhas, mas sua luz era

interrompida por tantas sombras que, a princípio, quase nada conseguia distinguir da multidão de rostos. Entretanto, não pude deixar de perceber que havia algo estranho nos dançarinos. Decidi então me levantar para vê-los melhor. Céus! Poderia chamar o que via de rostos? O que via eram crânios — duros, ossos reluzentes, mandíbulas desnudas, narizes desfigurados, dentes sem lábios, que não poderiam mais participar de nenhum sorriso! Destes, alguns aparentavam estar completos, brancos e perigosos, enquanto outros estavam nublados pela decadência, quebrados e mutilados, apresentando uma coloração da terra na qual pareciam ter ficado enterrados por longo tempo! Mais assustador ainda, as órbitas oculares não estavam vazias, mas exibiam olhos vivos e sem pálpebras! Naquelas faces carcomidas, brilhavam olhos de toda cor, forma e expressão. Os olhos belos, orgulhosos, sombrios e, ao mesmo tempo, resplandecentes, olhando de cima para baixo tudo o que viam, eram os mais terríveis. Os olhos adoráveis e lânguidos eram os mais repulsivos, enquanto os olhos tristes e opacos, mais adequados ao resto de sua estrutura, pareciam extremamente infelizes e causavam pena, e não terror, naqueles que os viam.

Já de pé, caminhei entre as aparições, ávido por compreender algo de seu ser e de sua natureza. Seriam almas, ou eles e seus movimentos ritmados eram apenas fantasmas do que haviam sido outrora? Não demonstravam ter consciência de minha presença nem pelo olhar, nem pelo gestual, nem pela mínima alteração de comportamento. Para eles, eu não estava presente. Qual seria a relação entre eles? Certamente, cada qual via seu respectivo par como eu os via! Ou estavam apenas sonhando consigo mesmos e com os demais? Será que sabiam como cada um aparecia diante do outro, como um morto com olhos vívidos? Haviam usado a face não para comunicação, não para expressar pensamentos e sentimentos, não para partilhar a existência com o próximo, mas para aparentar o que desejavam ser e esconder o que realmente eram? E, tendo transformado o rosto em máscara, teriam sido eles desprovidos de tais máscaras e condenados a prosseguir sem face até que se

arrependessem?

“Por quanto tempo devem ostentar olhos sem rosto? Qual a duração dessa terrível punição? Será que por fim aprenderam a amar e a ser sábios? Será que têm consciência da vergonha que sofrem?”, eu me perguntava.

Não ouvi uma única palavra nem percebi um só movimento daquelas bocas descarnadas. Teriam sido desprovidos da capacidade de falar por causa de mentiras? Eles falavam com os olhos, como se desejassem ser compreendidos. Seria verdade ou mentira o que seus olhos diziam? Pareciam conhecer uns aos outros: será que viam um esqueleto bonito e o outro como realmente era? Devia haver diferenças, e eles haviam tido tempo suficiente para estudar os esqueletos!

Meu corpo não lhes oferecia nenhum obstáculo. Seria eu um corpo, e eles, apenas formas? Ou seria eu apenas uma aparição, e eles, corpos? Num instante, um dos dançarinos se aproximava de mim e no outro ele ou ela estava do meu outro lado, e eu sabia dizer, sem olhar, fosse homem, fosse mulher, quem tinha passado por minha casa.

Em muitos crânios, ainda havia cabelo, e, ainda que ostentasse um bonito penteado ou fosse belo por si mesmo, aos meus olhos parecia assustador nos ossos da testa e das têmporas. Nesses casos, a orelha também permanecia, exibindo no lóbulo uma joia reluzente de pérola, opala ou diamante — sob a noite escura como um corvo, o nascer do sol em ondas douradas ou o luar pálido atenuado pelas nuvens —, que se destacava em contraste com o osso desnudo, branco como marfim ou amarelo desbotado. Eu olhava para baixo e via o dorso do pé, arredondado e gracioso; olhava para cima e via os ombros robustos, que sustentavam o pescoço redondo — que se tornava mirrado na metade do percurso até a base do crânio encurvado.

A música tornava-se mais acelerada, a dança, cada vez mais frenética; olhos se arregalavam e luziam, joias brilhavam e cintilavam, trazendo cor e fogo aos pálidos sorrisos que deslizavam por todo o salão e tecendo uma trama rítmica espectral, em uma complexa anarquia de múltiplos

movimentos, quando subitamente sobreveio uma pausa, e todos os olhares se voltaram para o mesmo lugar: a entrada, onde surgiu uma mulher perfeita em forma, postura e cor, que observava os demais como se estivesse no pedestal de uma deusa. Enquanto isso, os dançarinos permaneciam “como se estivessem imobilizados”,¹² congelados em uma nova morte pela visão de uma vida que aniquilava. “Coisas mortas, eu vivo!”, seu olhar escarnecedor parecia lhes dizer. Então, ao mesmo tempo, como folhas que um vento inesperado desperta, eles se viraram uns para os outros e recomeçaram um movimento melodioso, com uma nova expressão nos olhos antes solitários, mas agora cheios da troca de um triunfo comum. “Também tu”, pareciam dizer, “em breve te tornarás fraca como nós! Logo serás como nós!” Voltei minha atenção para a mulher e vi em sua lateral uma pequena sombra escura.

Ela havia percebido a mudança nos olhares dos dançarinos e estava olhando para baixo. Decerto compreendera o que os olhos expressavam, pois pressionou as adoráveis mãos sobre a sombra, emitiu um suave lamento e desapareceu. Os pássaros agitavam-se nos ninhos, e um brilho de alegria iluminava os olhares dos dançarinos quando, de súbito, uma brisa quente, que aumentava em intensidade à medida que varria o lugar, apagou cada luz. Entretanto, o brilho hesitante da Lua baixa no horizonte, em combinação com a luminosidade turva emitida por muitos olhos, permitiu-me ver bem o que ocorreu a seguir. Como um boneco de neve, cada figura começou a desmoronar, fragilizada pela cálida brisa. Como flocos de papel, a pele destacava-se dos ossos, caindo como cristais de neve sob as vestimentas, enquanto estas se transformavam em farrapos e tiras esvoaçantes e todo o esqueleto branco emergia das roupas e da pele totalmente desnudo e magro em meio à decadência que cobria o solo. Um tênue calafrio varreu o grupo despido; par após par, os iluminados olhos se foram, permitindo que a escuridão me cercasse, assim como a solidão. Por um instante, as folhas ainda flutuaram agitadas para todos os lados. Então o vento cessou, e a coruja flutuou silenciosa noite adentro, igualmente emudecida.

Nem por um segundo senti medo. É bem verdade que qualquer um que cruze o portal de outro mundo deve deixar o medo para trás, mas, por mim mesmo, não posso reivindicar nenhuma participação em sua ausência. Nenhuma coragem consciente operava em mim. Simplesmente eu não tinha medo. Eu não sabia por que não me sentia amedrontado, assim como desconhecia qualquer razão para ter medo. Não temia nem mesmo temer, o que de todos os perigos é o mais perigoso.

Com pressa, saí para a floresta a fim de reiniciar minha jornada. Outra Lua estava subindo e voltei o rosto em sua direção.

11 Na história de Aladim, na caverna onde ele encontra a lâmpada do gênio, há árvores cujos frutos são pedras preciosas. [N. R.]

12 Do poema *The sensitive plant*, de Percy Bysshe Shelley (parte 3), disponível em:

<www.infoplease.com/primary-sources/poetry/percy-bysshe-shelley/complete-poetical-works-percy-bysshe-shelley-251>.



CAPÍTULO
XVII

*Uma tragédia
grotesca*



Dera não mais de dez passos quando vislumbrei um objeto estranho. Aproximei-me para examiná-lo melhor e descobri tratar-se de uma deteriorada carruagem de construção muito antiga, bem castigada pelo tempo, mas ainda aprumada sobre as pesadas rodas. Em cada lado da carruagem, ainda em seus lugares, jaziam os esqueletos dos cavalos; das cabeças brancas e inflexíveis, subiam as enrugadas rédeas até a mão do esqueleto-cocheiro, assentado no banco forrado de farrapos; ambas as portas laterais estavam caídas. No interior da carruagem, havia dois outros esqueletos, cada qual recostado em seu respectivo canto.

Enquanto os observava, eles começaram a despertar, e, com um estalo de ossos, cada um saltou da porta mais próxima. Um deles caiu e ficou prostrado no chão, enquanto o outro hesitou por alguns instantes, com a estrutura tremendo perigosamente. Então, com dificuldade, pois as juntas

estavam duras, ele se arrastou, segurando-se na parte traseira da carruagem, indo até o outro lado. Os finos ossos da perna não pareciam fortes o suficiente para suportar o próprio peso, mas, ajoelhando-se ao lado do outro, procurou ajudar o companheiro a se levantar, quase indo ao chão ele mesmo na empreitada.

Por fim, aquele que estava caído ergueu-se após um súbito esforço e permaneceu sentado. Por uns poucos instantes, ele virou o crânio amarelado de um lado para o outro e então, ignorando o vizinho, agarrou-se aos raios da roda traseira e se pôs de pé. Quase ereto, portanto, permaneceu de costas para o outro, com ambas as mãos segurando uma das juntas do joelho. Com um pouco menos de dificuldade e não poucas contorções, o que estava ajoelhado levantou-se em seguida e se dirigiu ao companheiro.

— Machucou-se, meu senhor? — perguntou, com uma voz que soou distante e mal articulada, como se soprada por algum vento espectral.

— Sim, machuquei-me — respondeu o outro, em tom similar, porém mais rude. — Você quase não fez nada para me ajudar, e este amaldiçoado joelho está fora do lugar!

— Fiz o melhor que pude, meu senhor.

— Sem dúvida, minha senhora, mas isso não foi nada agradável! Pensei que jamais conseguiria ficar em pé novamente! Mas, valha-me Deus, senhora! Você está se sustentando com seus ossos?

Ela olhou para si mesma.

— Nada mais tenho a me suportar — respondeu —, e *você*, pelo menos, não pode reclamar! Mas o que significa tudo isso? Será que estou sonhando?

— *Você* talvez esteja sonhando, senhora, não o posso afirmar, porém este meu joelho me proíbe de ter essa grata ilusão. Também percebo que nada tenho a me apoiar, exceto ossos! Não tão inapropriado para um homem, entretanto! Tenho fé que não sejam *meus* ossos. Um dói mais que o outro, mas este joelho solto é o pior! A cama devia estar úmida, e eu, muito bêbado para notar!

— Provavelmente, meu senhor de Cocanha!

— O quê?! Você me faz pensar que também estou sonhando, com essas dores e tudo o mais! Como *você* sabe do título que meus companheiros de farras me deram? Não me lembro de você! De qualquer modo, não lhe dei tais liberdades! Meu nome é... eu sou lorde... diacho! Como você me chama quando eu, quero dizer, você está sóbria? Não consigo, no momento, me lembrar do meu nome. Devo ter ido dormir *muito* bêbado! Muitas vezes vou!

— É tão raro você vir para minha cama que não sei dizer, meu senhor, mas aceito sua palavra como verdadeira!

— Espero que sim!

— Mas só nesse caso!

— Ora, vamos! Jamais lhe contei uma mentira em toda a minha vida!

— Você jamais me contou outra coisa senão mentiras.

— Que ultraje! Ora, jamais vi essa mulher antes!

— Você me conhecia o suficiente para mentir para mim, meu senhor!

— Realmente, começo a sonhar que já a conheci antes, mas creio que não há nada para conhecer em você! Sem suas roupas, quem poderá dizer quem você é? Uma coisa sou capaz de jurar: jamais a vi tão despida antes! Por Deus, não tenho nenhuma lembrança de você!

— Fico feliz em ouvir isso. As recordações que guardo de você não são nada agradáveis! Tenha um bom dia, meu senhor!

Ela lhe deu as costas e caminhou uns poucos passos, mancando e estalando, até parar novamente.

— Você é tão insensível quanto qualquer outra mulher, senhora! Onde neste lugar infernal encontrarei meu criado? Qual era o maldito nome que eu usava para chamar aquele idiota?

Ele virou o crânio desnudo de um lado para o outro, com um grande rangido, ainda segurando o joelho com as mãos.

— Eu serei sua criada desta vez, meu senhor — disse a dama, virando-se para ele novamente. — Como posso ajudá-lo? Não é fácil dizer!

— Dê um jeito na minha perna, claro, mulher tola! Não consegue ver que está solta? Lá se vão meus dias de dançarino!

Ela olhou ao redor com as covas orbitais sem olhos e encontrou um pedaço de grama fibrosa, com o qual amarrou as partes que formavam o joelho. Quando terminou, o homem pisou no chão, com cuidado, uma ou duas vezes.

— Você costumava pisar de modo muito diferente, meu senhor! — a dama comentou, enquanto se levantava.

— O quê? Agora que estou olhando para você outra vez, me parece que costumava odiá-la, não?

— Naturalmente, meu senhor! Você costumava odiar muitas pessoas! Sua esposa, claro, entre outras!

— Ah, eu começo, eu co...meço... Devo ter passado um longo tempo longe, mas realmente me esqueci! Veja! Seu miserável pedaço de grama está se rompendo! Costumávamos nos dar *bastante* bem, não?

— Não que eu me lembre, senhor. Os únicos momentos felizes que tive em sua companhia ocorreram esporadicamente em nossa primeira semana de casamento.

— Foi tão ruim assim? Bem, isso é passado agora, graças a Deus!

— Quem me dera acreditar nisso! Por que estávamos sentados juntos lá na carruagem? Isso me causa apreensão!

— Acho que estávamos separados, minha cara!

— Não o suficiente, pois ainda estamos juntos!

— Uma triste verdade, porém remediável: a floresta parece ser muito extensa!

— Tenho minhas dúvidas!

— Desculpe-me, não consigo pensar em um elogio para lhe fazer, isto é, sem mentir. A julgar por sua figura e compleição, parece ter levado uma vida árdua desde a última vez que a vi! Certamente, não posso estar tão nu quanto vossa senhoria! Peço vosso perdão, senhora! Creio que levará em

consideração que estou apenas tecendo gracejos em um sonho! Não tem importância, entretanto, se estou dormindo ou acordado, tudo é simples aparência! Não se pode ter certeza de coisa alguma, e isso é tão bom quanto saber que não há nada! Qualquer tolo pode aprender isso com a vida!

— Isso me mostra quão tola eu era por amá-lo!

— Você não foi a única tola a se apaixonar por mim! As mulheres tinham uma tendência a cair de amores por mim. Tinha me esquecido de que você foi uma delas!

— Realmente o amei, meu senhor, um pouco, certa vez!

— Ah, esse foi seu erro, minha senhora! Você deveria ter me amado muito, selvagem, devotada e eternamente! Então eu teria me cansado de você mais cedo e não a odiado tanto depois! Mas o que passou, passou! *Onde* estamos? Localização é a questão atual! Estar ou não estar, não é essa a questão

— Estamos em outro mundo, presumo!

— De acordo! Mas em qual ou em que tipo de outro mundo? Isto aqui não pode ser o inferno!

— Mas deve ser, pois há casamento aqui! Você e eu estamos condenados um ao outro.

— Então não sou como Otelo, condenado a uma esposa formosa! Que bom! Lembro-me de Shakespeare, senhora!

Ela apanhou um ramo quebrado que havia caído sobre um arbusto e, utilizando-o como apoio, afastou-se, balançando o pequeno crânio.

— Dê-me o graveto — pediu seu finado marido. — Preciso dele mais que você!

Ela não lhe deu resposta.

— Você quer que eu implore por isso?

— De forma alguma, meu senhor. Quero ficar com ele — ela respondeu, prosseguindo em sua lenta caminhada.

— Dê-me isso de uma vez por todas! Eu o quero! Eu o exijo!

— Infelizmente, creio que o exijo para mim! — replicou a dama,

acelerando um pouco o passo e, por consequência, intensificando os estalos das juntas e o tilintar dos ossos.

Ele começou a segui-la, porém quase foi ao chão: o joelho de grama rompeu-se, e, rogando uma praga, ele parou, segurando a perna novamente.

— Volte e amarre isso direito! — ele quis vociferar, mas tudo o que conseguiu foi esganiçar e assobiar!

Ela se virou e olhou para ele.

— Venha e amarre isto imediatamente! — ele repetiu.

Ela deu um ou dois passos, distanciando-se ainda mais dele.

— Juro que não vou tocar em você! — ele chorou.

— Jurar como, meu senhor! Não há ninguém aqui para acreditar em você. Mas ore, não perca o controle, caso contrário se desmantelará todo. Depois, onde será possível encontrar material suficiente para amarrar todas as suas juntas imprestáveis?

Ela voltou e, uma vez mais, ajoelhou-se ao lado dele, não sem antes depositar o graveto em disputa longe do alcance dele e próximo de si.

No instante em que ela terminou de religar a articulação, ele a agarrou, aparentemente com a intenção de mantê-la presa pelos cabelos, mas os dedos endurecidos escorregaram no crânio liso.

— Repugnante! — ele murmurou, segurando-a pelo osso do braço.

— Você vai quebrar meu braço! — gritou ela de joelhos, olhando para cima.

— É o que farei, então! — ele respondeu, começando a torcê-lo.

— Não vou amarrar seu joelho na próxima vez que se soltar! — ameaçou.

Ele lhe torceu o braço com força, mas felizmente os ossos dela estavam em melhores condições que os dele. Ela esticou o outro braço em direção ao graveto quebrado.

— Isso mesmo! Pegue o graveto para mim! — ele festejou.

Ela bateu nele com o galho com tamanho impulso que um dos ossos da perna mais sólida estalou. Ele caiu, vociferando imprecações. A mulher riu.

— Agora você terá que usar talas para sempre! — ela disse. — Esses ossos secos não saram mais!

— Sua perversa! — ele bradou.

— Ao seu dispor, meu senhor! Devo lhe trazer um par de raios de rodas? Limpos, mas pesados, receio!

Ele virou a face esquelética de lado e nada respondeu, mas se deitou e gemeu. Fiquei surpreso por não ter espalhado os ossos ao cair. A mulher levantou-se e foi embora, não totalmente desajeitada, achei.

“O que pode advir disso?”, disse para mim mesmo. “Os dois estão decrépitos demais para qualquer mundo, e este não pode ser o inferno, porque os Pequeninos estão aqui e os que dormem também! O que significa tudo isso? Será que os esqueletos poderão algum dia ser felizes para sempre?”.

— Há palavras muito grandes para você e para mim: *tudo* é uma delas e *sempre* é outra — afirmou uma voz familiar perto de mim.

Olhei em volta, mas não pude ver quem havia falado.

— Você não está no inferno — a voz prosseguiu. — Tampouco eu estou no inferno, mas aqueles esqueletos estão!

Antes que ele terminasse a frase, percebi o corvo empoleirado no galho de uma árvore, bem acima de minha cabeça. No exato instante em que saltou do galho e pousou no chão, surgiu o homem velho e magro da biblioteca, com seu nariz característico e a longa casaca.

— O homem jamais foi um cavalheiro — ele prosseguiu —, e, no estágio de degeneração óssea, com seu esqueleto desnudo e seu caráter expresso em suas maneiras, também não parece um. A mulher é menos vulgar e tem um pouco de coração, porém, sem a repressão da sociedade, você os vê agora como são e sempre foram!

— Diga-me o que sucederá a eles, sr. Corvo — pedi.

— Vamos ver — ele respondeu. — Em sua época, eles formavam o casal mais formoso da corte, e agora, mesmo em seus ossos secos, parecem

considerar sua antiga reputação como uma posse inalienável. Entretanto, a simples visão de suas faces deverá ser um grande choque para eles! Quando tinham bolsos, sentiam-se extremamente ricos, mas já começaram a sentir a opressão da necessidade! Aquele homem costumava considerar a esposa um estorvo sem valor, pois havia se cansado de sua beleza e esbanjado todo o dinheiro dela. Agora ele precisa dela para remendar suas juntas! Tais mudanças têm raízes de esperança neles. Além disso, agora não podem se afastar um do outro, pois não veem mais ninguém de sua espécie. Assim, eles devem, por fim, se cansar de sua repugnância mútua e começar a amar um ao outro, pois o amor, não o ódio, é mais profundo naquilo que o próprio Amor, “ao amar, trouxe à existência”.

— Há cerca de uma hora, vi muitos outros de sua espécie naquele salão aqui perto! — afirmei.

— De sua espécie, porém não de sua classe — ele corrigiu. — Por muitos anos ainda, estes dois não verão nenhum daqueles que você viu na noite passada. Aqueles estão séculos à frente. Você percebeu que aqueles podem até mesmo se vestir um pouco! É bem verdade que não podem manter as roupas por tanto tempo quanto antes, apenas durante parte da noite. No entanto, rapidamente estão se tornando mais capazes e logo desenvolverão faces, pois cada grão de autenticidade acrescenta uma fibra à exibição de sua humanidade. Nada além da verdade pode aparecer e, seja lá qual for, deve ser vista.

— É essa esperança que os sustenta? — questionei.

— Eles são sustentados pela esperança, mas não a conhecem de maneira alguma; compreendê-la ainda está infinitamente além de sua capacidade — o sr. Corvo respondeu.

Sua inesperada aparição não me causou espanto. Eu era como uma criança, em permanente questionamento, não sendo surpreendido por nada.

— Você veio à minha procura, senhor? — perguntei.

— De forma alguma — ele respondeu. — Não tenho preocupações a seu

respeito. Pessoas como você sempre acabam retornando a nós.

— Diga-me, por favor, o que significa “pessoas como você”? — supliquei.

— Não posso fazer de meu amigo o assunto da conversa — ele respondeu, com um sorriso.

— Mas e quando esse amigo está presente? — arrisquei.

— Declino com mais veemência ainda — ele retorquiu.

— Mas e quando esse amigo lhe pergunta? — insisti.

— Então com mais firmeza ainda me recuso a falar — respondeu.

— Por quê?

— Porque ele e eu estaríamos conversando sobre duas pessoas como se elas fossem um e o mesmo. Sua consciência de si mesmo e o conhecimento que tenho de você estão muito distantes!

As lapelas da casaca dele se agitaram, as abas se elevaram e a transformação de *homo* em *corvus* estava para acontecer bem diante de meus olhos. No entanto, a parte anterior da casaca fechou-se novamente, e ele acrescentou, com aparente leviandade:

— Neste mundo, não confie em uma pessoa que já o enganou. Acima de tudo, jamais faça algo que alguém assim venha a lhe pedir para fazer.

— Tentarei me lembrar — respondi. — Mas posso me esquecer!

— Então algum mal que lhe será bom acontecerá.

— E se eu me lembrar de seu conselho?

— Algum mal que não lhe será bom não acontecerá.

O velho homem pareceu afundar no chão e, no mesmo instante, vi o corvo alguns metros longe de mim, voando baixo e velozmente.



CAPÍTULO
XVIII
*Morta ou
viva?*



Prossegui em minha caminhada, ainda seguindo a Lua, que, por não estar alta, apontava diretamente para a floresta. Eu não sabia o que a incomodava, mas ela estava escura e esburacada, como um utensílio de cobre velho e gasto, parecendo cansada e desanimada. Não havia nenhuma nuvem por perto a lhe servir de companhia, e as estrelas estavam brilhantes demais para ela. Parecia dizer: “Isso vai durar para sempre?” Estava indo por um caminho e eu por outro, mas na floresta caminhamos juntos por um longo tempo. Não conversamos muito, pois meus olhos estavam fixos no chão, mas seu olhar desconsolado estava focado em mim. Podia senti-lo sem nem mesmo vê-lo. Por um bom tempo, fizemos companhia um ao outro, eu e a Lua, andando lado a lado; ela, o brilho opaco, e eu, a sombra viva.

Algo no chão, sob uma extensa árvore, chamou minha atenção por sua alvura, e decidi ir naquela direção. Na sombra das folhagens, a vaga silhueta

sugeria, à medida que eu me aproximava, uma figura humana. “Será outro esqueleto?”, pensei com meus botões, ajoelhando-me e colocando a mão sobre ele. Era um corpo, entretanto, não um esqueleto, embora chegasse o mais perto de esqueleto que seria possível a um corpo. Estava deitado de lado e muito frio — não frio como uma pedra, mas como um ser que estava vivo e não vive mais. Quanto mais de perto o examinava, quanto mais o tocava, menos parecia possível que não estivesse morto. Confuso, por um instante julguei tratar-se de um dos dançarinos selvagens, uma Cinderela fantasmagórica, talvez, que tivesse se perdido a caminho de casa e perecido na estranha noite de um mundo exterior! O corpo estava desnudo e era tão magro que, mesmo nas sombras, examinando bem de perto, eu poderia ter contado cada uma de suas costelas, sem necessitar tocar nelas. Na verdade, todos os seus ossos eram muito visíveis, como se estivessem envolvidos em um apertado e fino couro elástico. Seus belos — embora terríveis — dentes, desagradavelmente expostos e razão dos lábios retraídos, cintilavam assustadoramente em meio à escuridão. Os cabelos eram negros como a noite, mais longos que o próprio corpo, espessos e muito agradáveis ao toque.

Pareceu-me ser o corpo de uma mulher alta e provavelmente graciosa. Como havia chegado ali? Não por si mesma, certamente, e já naquele estado de fadiga! Suas forças devem ter se exaurido, ela desfaleceu e permaneceu ali deitada até morrer de inanição! Mesmo assim, como poderia estar tão esquelética? E como ficara nua? Onde estavam os bárbaros que a haviam desnudado e abandonado? Que tipo de animal selvagem teria levado suas roupas? O fato de seu corpo ter sido deixado daquela maneira era abominável!

Levantei-me e ponderei por alguns instantes. Não devia e não podia deixá-la ali exposta e desamparada! A reverência natural me proibia tal omissão. Mesmo as vestimentas de uma mulher exigem respeito, era impossível deixar seu corpo descoberto! Olhos irreverentes poderiam observá-la! Mandíbulas

brutais poderiam sacudi-la de um lado para o outro! Vários anos seriam necessários até que as chuvas generosas levassem o corpo decomposto para o interior do solo. No entanto, o terreno era duro, quase sólido, graças às raízes entrelaçadas, e eu dispunha apenas de minhas mãos desnudas!

A princípio, parecia-me claro que ela morrera não fazia muito tempo, pois não havia sinais de decomposição no corpo. Mas, pensando melhor, o que o lento desperdiçar da vida havia deixado dela para se decompor?

Poderia ainda estar viva? Seria possível? E se estivesse? Coisas estranhas costumavam acontecer naquele estranho mundo! Ainda assim, as chances de trazê-la de volta eram mínimas, porém eu precisava ter certeza de que estava morta antes de enterrá-la!

Quando deixara o salão da floresta, havia visto na porta de entrada um cacho de uvas maduras e as trouxe comigo, para comê-las no caminho. Algumas poucas ainda haviam restado no cacho, e imaginei que o suco delas pudesse, quem sabe, revivê-la. De qualquer modo, era tudo com que podia contar na tentativa de resgatá-la! A boca estava um pouco aberta, esboçando um sorriso, mas a cabeça encontrava-se em uma posição tão desajeitada que, para mover o corpo, passei o braço sob o ombro no qual a moça se apoiava e percebi que as folhas debaixo dela estavam quentes. Concluí que devia ter morrido recentemente ou que talvez ainda estivesse viva, embora não pudesse notar nenhuma batida de seu coração ou alguma indicação de que ainda respirasse. Uma de suas mãos estava fortemente cerrada, aparentemente escondendo algo pequeno. Espremi uma uva em sua boca, porém nenhum movimento ocorreu.

Com o intuito de fazer tudo ao meu alcance por ela, fiz uma espessa camada de folhas de pinheiro e de outras folhas secas, depusitei sobre elas uma peça de minha roupa aquecida com o calor de meu corpo, coloquei a mulher sobre a cama improvisada e a cobri com minhas roupas e com uma grande pilha de folhas. Assim, manteria o pouco calor que ainda lhe restava, na esperança de aumentá-lo quando o Sol voltasse. Tentei mais uma uva,

porém, como antes, não percebi nem um mínimo movimento de sua boca ou da garganta.

Ponderei comigo mesmo que a dúvida pode não ser um grande encorajamento para fazer algo, mas também não é uma boa razão para cruzar os braços. No entanto, a pele estava tão apertada sobre os ossos que não ousei friccioná-la para aquecê-la.

Arrastei-me até o monte de folhas, aproximei-me o mais que pude dela e a abracei. Eu mesmo não tinha muito calor em mim, mas o que tivesse compartilharia com ela! Desse modo, passei o restante da noite insone e ansiando pelo nascer do sol. O frio dela pareceu irradiar em mim, porém nenhum calor passou do meu corpo para ela.

Percebi que havia fugido da presença das belas dormentes, cada qual em seu leito prateado e reto, para deitar-me a sós em tal companhia! Havia recusado um adorável privilégio e recebido uma tarefa terrível! Sob o brilho triste daquela Lua baixa, estava deitado com a morta, aguardando o alvorecer.

A escuridão cederá espaço, e o horizonte oriental começava a se tornar vagamente mais claro quando vislumbrei um movimento, mais que algo a se mover — não distante de mim e próximo do solo. Era o lento e sinuoso rastejar de uma enorme cobra, que passou por mim seguindo uma linha constante. Logo em seguida surgiu, aparentemente se dirigindo ao mesmo ponto, o que me pareceu uma corça com seu filhote. Depois apareceram duas criaturas similares a filhotes de urso, acompanhadas por mais três ou quatro filhotes ainda menores que elas mesmas. A luz agora aumentava de intensidade tão rapidamente que, alguns minutos depois, quando um bando de cavalos passou trotando, pude ver que, embora o mais alto deles não fosse maior que o menor dos pôneis, eles deviam ser cavalos adultos, tão perfeitos eram em sua formação e tão similares aos dos grandes cavalos eram seus modos e ações. Eram de raças diversas. Alguns pareciam exemplares de cavalos puxadores de carroça, outros de animais de batalha, de caçadores e

de corrida. Ainda surgiram pequenos elefantes e bois e vacas de baixíssima estatura.

“Por que as crianças não estão aqui?”, perguntei-me. “No momento em que estiver livre desta pobre mulher, voltarei para buscá-las!”

Para onde aquelas criaturas estavam seguindo? O que as atraía? Seria uma espécie de êxodo, ou apenas um hábito matutino? Eu tinha de aguardar a chegada do Sol; antes disso, não abandonaria a mulher! Coloquei a mão sobre o corpo e não pude evitar a sensação de percebê-lo um pouquinho mais quente. Devia ter adquirido um pouco do calor que eu havia perdido, pois era muito improvável que tivesse gerado algum! Minha centelha de esperança não havia diminuído!

O dia começava a despontar radiante, e logo o Sol surgiu, elevando-se nos céus, como se fosse ver pela primeira vez o que era esse novo e agitado mundo. À vista de seu grande e inocente esplendor, levantei-me cheio de vida, fortalecido contra a morte. Removendo o lenço que havia colocado no rosto para proteger a boca e os olhos das folhas, observei ansiosamente, procurando descobrir se havia encontrado uma joia inestimável ou apenas um estojo vazio.

O corpo jazia tão inerte quanto da primeira vez que o vira. Então, sob a luz da manhã, vi quanto sua face estava abatida e encovada, quão proeminentes os ossos estavam sob a fina pele e como cada dente se destacava entre os lábios. Suas vestes humanas estavam em farrapos, mas o pássaro dos céus poderia ainda estar em seu ninho interior, poderia ainda despertar para cantar!

O Sol brilhava diretamente sobre sua face! Rearranjei o lenço, depusitei algumas folhas com leveza sobre ele e saí para seguir as criaturas. A trilha principal que percorriam estava bem batida, sinal de que era usada havia muito tempo, bem como muitas outras trilhas que se uniam a ela de ambos os lados, alargando-a. As árvores se retraíam à medida que eu avançava, e a grama se tornava mais densa. Em pouco tempo, a floresta havia ficado para

trás, dando lugar a uma ampla área do mais adorável verde a perder-se de vista. Percorrendo a região ao longo do limite da floresta, fluía um pequeno rio, para onde a trilha conduzia. A visão da água despertou em mim uma nova, embora indefinida, esperança. O riacho parecia profundo em toda a sua extensão e estava cheio até a margem, porém não tinha mais que alguns metros de largura. Uma névoa levemente azulada ascendia do rio, desaparecendo à medida que subia. No lado oposto, na abundância da grama, vários animaizinhos podiam ser vistos se alimentando. Aparentemente, dormiam na floresta e de manhãzinha buscavam aquela planície, mergulhando no rio para alcançá-la. Ajoelhei-me à beira do riacho e teria bebido da água se não estivesse quente e apresentasse um estranho sabor metálico.

Pus-me de pé em um salto. Ali estava o calor que eu tanto buscava; a primeira necessidade da vida! Apressei-me em voltar para minha indefesa carga.

Sem uma boa consideração de minha solidão, ninguém compreenderá o que significava para mim resgatar aquela mulher das garras da morte. “Seja ela como for”, pensava comigo mesmo, “pelo menos, não estarei mais sozinho!” Eu me já encontrara em companhias tão horríveis que agora, pela primeira vez, parecia saber o que era esperança. Aquela água bendita expeliria a fria morte e afogaria minha desolação!

Carreguei-a até o riacho. Apesar de sua estatura elevada, achei-a maravilhosamente leve. Os ossos eram muito delicados e praticamente não havia nada sobre eles. Fiquei ainda mais esperançoso quando percebi que o corpo não estava rígido, o que me permitia carregá-la como uma criança adormecida, com a cabeça recostada sobre meu ombro. Caminhei suavemente, temendo até mesmo o ar deslocado por meus movimentos, e feliz por não haver nada além deles.

A água estava quente demais para mergulhá-la de uma só vez, pois o choque poderia afastar a débil vida daquele corpo. Assim, deitei o corpo à

beira do rio e, molhando uma de minhas peças de roupa, comecei a umedecer aquela deplorável face. Estava tão debilitada que, exceto pela abundância e negritude dos cabelos, era quase impossível conjecturar se a mulher era jovem ou velha. Suas pálpebras não estavam totalmente cerradas, o que realçava ainda mais sua aparência de morte: havia uma fenda entre as nuvens de sua noite, pela qual nenhum raio do Sol brilhava.

Quanto mais eu me empenhava em banhar os frágeis ossos, mais diminuía minha esperança de que pudessem se revestir de força e vigor outra vez, de que aquelas pálpebras pudessem se abrir e uma alma voltasse a olhar por elas. Entretanto, prosseguia em minha desesperada tentativa, banhando-a continuamente, para não permitir que alguma parte do corpo esfriasse enquanto banhava outra. Aos poucos, então, o corpo tornou-se muito mais aquecido, e por fim aventurei-me a submergi-lo por completo. Entrei no riacho, levando-o comigo. Mantendo a face acima da superfície, permiti que a constante e ágil corrente daquelas águas fluísse sobre o restante. Percebi — mas não fui capaz de concluir nada a partir desse fato — que, apesar de todo o calor recebido, a mão fechada não relaxou um instante sequer.

Cerca de dez minutos depois, levantei-a e a deitei novamente à margem do rio, secando e cobrindo seu corpo o melhor que pude. Em seguida, corri para a floresta em busca de folhas.

A grama e o solo estavam secos e aquecidos, e, ao retornar ao rio, considerei que o corpo não perdera muito do calor recebido das águas. Espalhei as folhas sobre ele e saí em busca de mais, repetindo essa operação três vezes.

Senti que agora podia deixar a mulher e sair para explorar o lugar, na esperança de encontrar algum abrigo. Em disparada, segui o curso do rio na direção de alguns montes rochosos que vislumbrei não muito distante dali.

Quando os alcancei, descobri o fluxo de água emergindo de uma rocha na base de um deles. Pareceu-me que o rio descia uma espécie de escada interna, em uma impetuosa catarata, buscando uma saída por todos os lados,

só a encontrando, porém, ao pé do monte.

O rio não tinha vazão suficiente para encher toda a abertura por onde surgia, permitindo que eu entrasse em uma pequena caverna. Lá constatei que, em vez de se precipitar com violência sobre uma escada, como eu imaginara, ele surgia mansamente da área posterior, como a base de uma grande coluna, correndo por um dos lados, quase preenchendo um estreito e profundo canal. Analisei o local e vi que, se conseguisse encontrar galhos de árvores longos o suficiente para ficarem atravessados sobre o canal como uma ponte e resistentes o bastante para suportar um pequeno peso sem dobrar em excesso, poderia, com ramos menores e muita folhagem, construir uma cama confortável, que a corrente de águas embaixo manteria sempre aquecida. Então corri para ver como a mulher estava.

Encontrei-a deitada, na mesma posição em que a deixara. O calor não a trouxera de volta à vida, mas também não causara nada que aniquilasse qualquer esperança. Assim, apanhei algumas pedras redondas no canal e as dispus aos seus pés e em ambos os lados do corpo.

Retornando à floresta, não precisei procurar muito tempo para encontrar alguns galhos que pareciam adequados ao meu plano. A maioria era de faia, com folhas secas e amareladas ainda penduradas. Com eles, logo construí a base de uma cama-ponte sobre o riacho. Dispus sobre os galhos, transversalmente, ramos menores, entrelaçando-os com gravetos flexíveis e cobrindo tudo com uma pilha de folhas ressequidas e de musgos secos.

Quando finalmente, após não poucas idas e vindas à floresta, terminei de improvisar uma cama macia, seca e bem aquecida, dirigi-me ao rio uma vez mais, para buscar o corpo e trazê-lo até o interior da caverna. Estava tão leve que, vez ou outra, durante o trajeto, passou-me pela mente que, ao deitá-lo sobre o leito, descobriria que o corpo era apenas um esqueleto e nada mais. Por fim, ao colocar a mulher gentilmente sobre a cama-ponte, senti grande alívio ao ver que meu receio não se confirmara. Cobri-a com uma espessa camada de folhas e tentei alimentá-la de novo com o suco de uma

uva, descobrindo, para minha alegria, que podia abrir sua boca um pouco mais. O sumo da fruta permaneceu na boca sem ser ingerido, porém minha esperança era que alguma gota pudesse encontrar o caminho para baixo.

Após uma ou duas horas no leito, ela não estava mais fria. O calor transmitido pelas cálidas águas do riacho havia penetrado em sua estrutura — de fato, o corpo nada mais era que uma estrutura óssea! —, tornando-a quente ao toque, não com o calor da vida, mas com um calor que permitia manter a esperança de que, se houvesse a mínima possibilidade, ela voltaria a viver. Eu tinha lido sobre alguém que permanecera imóvel e inconsciente por semanas!

No interior da caverna, dia após dia, noite após noite, durante uma longa semana, sentado ou deitado, acordado ou dormindo, prossegui em minha vigília. A cada manhã, eu saía e me banhava nas cálidas correntes e sempre me sentia revigorado, como se tivesse comido e bebido. Tal experiência deu-me coragem para mergulhar a mulher todos os dias naquelas águas. Certa vez, enquanto repetia esse mergulho diário, uma sombra de descoloração em sua lateral esquerda me deu um choque terrível, porém na manhã seguinte havia desaparecido, de modo que continuei o tratamento, dia após dia, espremendo uma uva fresca em sua boca.

Eu também consumia algumas uvas e outras frutas silvestres que encontrava na floresta, embora acreditasse que, com meus banhos diários, poderia ficar muito bem sem alimento.

Toda vez que adormecia, eu sonhava ter encontrado um anjo ferido que, incapaz de voar, permanecia ao meu lado até que, por fim, se apaixonava por mim e decidia jamais me abandonar. Contudo, sempre que acordava, em vez de ter a visão de um anjo com olhos reluzentes, tudo o que tinha diante de mim era aquela face alva, imóvel e magra no leito. Contudo, o próprio Adão, ao olhar para sua companheira adormecida, não seria capaz de ansiar mais pelo despertar de Eva do que eu ansiava pelo abrir de olhos daquela mulher. Adão nada conhecia a respeito de si mesmo, talvez fosse ignorante sobre sua

necessidade de outro ser. Quanto a mim, isolado de meus amigos, havia aprendido a amar o que tinha perdido! Se esse fatigado traço de feminilidade desaparecesse, nada mais teria em meu interior, exceto uma fome devastadora pela vida! Tinha me esquecido até dos Pequeninos: as coisas não eram inapropriadas entre eles. Diante de mim, jazia um corpo que podia despertar e se tornar uma mulher, a qual poderia de fato abrir os olhos e colocá-los sobre mim!


Agora sim, eu sabia o que significava estar só — agora que observava atentamente alguém que não enxergava nem ouvia, tampouco falava ou se movimentava. Percebi então que um homem solitário nada mais é que um ser que pode se tornar um homem, que não passa de uma necessidade e, portanto, de uma possibilidade. Só pode ser suficiente em si mesmo um eterno e autoexistente verme! Tão majestosamente constituído, tão simplesmente complicado é o homem. Ele se eleva, colocando-se em um pedestal de organismos físicos e estruturas espirituais inferiores, de tal modo que nenhuma atmosfera jamais confortará ou nutrirá sua vida, menos divina que aquelas oferecidas por outras almas. Em nenhum lugar, exceto em outras vidas, ele consegue respirar; apenas pelo reflexo de outras vidas ele pode amadurecer sua formação, desenvolver a ideia de si mesmo, a individualidade que distingue um ser humano do outro. Se todos os homens fossem iguais, cada qual ainda teria uma individualidade, assegurada por sua consciência pessoal, mas haveria poucas razões pelas quais devesse existir mais de duas ou três delas. No entanto, para o desenvolvimento das diferenças que tornam possível uma unidade superior e elevada, que sozinha pode levar milhões de pessoas à igreja, influência e reação intermináveis e incomensuráveis são indispensáveis. Para um homem ser perfeito, completo, isto é, para alcançar a condição espiritual de crescimento persistente e universal, que é o modo de herdar a plenitude do Pai, ele deve ter a educação de um mundo de homens que sejam seus companheiros. Não fosse a esperança do alvorecer da vida na figura ao meu lado, eu já teria corrido

em busca de companhia, mesmo entre as bestas que pastam e não falam. Era imensamente melhor viver ao lado delas que viver só! No entanto, mesmo com a débil possibilidade de ter uma mulher como amiga, eu, a mais pobre das criaturas, ainda poderia me tornar um homem!



CAPÍTULO
XIX
*A sanguessuga
branca*



erta manhã, despertei de um sono profundo com uma dor terrível em uma das mãos. O dorso estava inchado, e no centro do inchaço havia um ferimento de formato triangular, semelhante à mordida de uma sanguessuga. Ao longo do dia, o inchaço diminuiu bastante e ao anoitecer havia praticamente desaparecido. Examinei a caverna, revirando cada pedra, das pequenas às maiores, mas não descobri nada que me parecesse capaz de me ferir.

Os dias passaram lentamente, e o corpo não fez nenhum movimento, jamais os olhos se abriram. Ela não podia estar morta, pois seguramente não manifestara sinal algum de decadência, e o ar a seu redor estava sempre puro. Além disso, já podia imaginar que os ângulos mais proeminentes de seus ossos haviam começado a desaparecer, que a silhueta do corpo aparentava estar um pouco mais arredondada e que a pele não apresentava

mais uma aparência de pergaminho. Se tais mudanças de fato estavam lá, então a vida também estava! A maré que estivera vazante rumo ao infinito agora devia ter começado a virar, fluindo de volta. Que alegria seria para mim se as ondas crescentes do oceano da vida estivessem realmente cobrindo com uma forma adorável aqueles ossos que um dia abandonara! Diversas vezes ao dia eu examinava o corpo buscando alguma evidência de progresso, e diversas vezes eu duvidava, em alguns momentos chegando ao desespero. No entanto, no instante em que relembrava o estado em que a encontrara, sentia renascer a esperança.

Inúmeras semanas haviam decorrido assim quando, certa noite, após permanecer um longo tempo deitado sem conseguir dormir, levantei-me com o intuito de respirar um ar mais frio, pois, apesar de as águas correntes do rio sempre refrescarem o ar no interior da caverna, o calor era, não raramente, um pouco opressivo. A Lua estava cheia, e o ar, claro e sombrio. Naturalmente, lancei um demorado olhar sobre meu tesouro enquanto saía.

— Alegria eterna! Estarei vendo seus olhos?! — exclamei em voz alta.

Grandes órbitas, negras como que recortadas da esfera de uma noite sem estrelas e luminosas pelo excesso de escuridão, pareciam brilhar em meio à resplandecente alvura de sua face. Cheguei mais perto, com o coração tão acelerado que temi que o barulho das batidas a espantasse. Curvei-me sobre ela. Infelizmente, suas pálpebras estavam cerradas por completo! Esperança e imaginação tinham concebido uma ilusão mútua. O desejo de meu coração jamais se realizaria! Virei-me, joguei-me no chão da caverna e chorei. Então me dei conta de que todo aquele tempo seus olhos tinham permanecido um pouco abertos, e agora aquela terrível abertura, da qual nada havia surgido, sumira. Considerei que ela poderia ter aberto os olhos por um instante e adormecido mais uma vez! Ela também poderia estar acordada, porém mantendo os olhos fechados. Em todo caso, a vida, menos ou mais, devia tê-los fechado! Senti-me reconfortado com essa ideia e logo adormeci.

Naquela noite, fui mordido outra vez e despertei com uma sede

abrasadora.

Pela manhã, fiz uma busca ainda mais minuciosa que a anterior, porém, uma vez mais, em vão. O fermento era do mesmo tipo e, como antes, por volta do anoitecer já estava quase curado. Concluí que alguma grande criatura, similar a uma sanguessuga, às vezes saía das águas quentes do rio. Assim, pensei comigo: “Se é sangue que ela procura, então, enquanto eu estiver aqui, não precisarei temer por meu tesouro!”

Naquela mesma manhã, quando, como de costume, abri uma uva, retirei as sementes e coloquei-a na boca da dama, notei um leve movimento receptivo de seus lábios e tive a certeza de que ela vivia!

Minha esperança agora estava tão mais fortalecida que comecei a pensar em alguma vestimenta para ela, pois deveria estar pronta a se levantar no momento em que desejasse. Assim, dirigi-me à floresta, a fim de descobrir que material poderia utilizar, e mal havia começado a procurar quando notei elementos fibrosos como os das folhas de cacto, que me pareceram adequados ao meu propósito. Colhi uma grande quantidade deles, deixei-os ao Sol para secarem, separei as camadas reticuladas e com elas comecei a montar duas vestimentas folgadas, uma para ser presa à cintura e outra para pendurar nos ombros. Com a ponta afiada de uma folha de aloé e vários filamentos, costurei em conjunto três camadas do tecido.

No decorrer daquela semana, não houve nenhum sinal adicional de vida, exceto que ela aceitava as uvas de maneira mais evidente. Na verdade, todos os sinais tornavam-se mais firmes. Claramente, ela estava ficando menos esquelética, e sua pele, mais saudável. No entanto, os olhos ainda permaneciam cerrados, e um temor horrível me invadia às vezes: o receio de que sua melhora fosse de alguma natureza fungosa, as poucas uvas não sendo suficientes para explicar aquele desenvolvimento.

Fui mordido uma vez mais, e a criatura, qualquer que fosse, começou a me fazer visitas regulares a intervalos de três dias. Em geral, atacava-me no pescoço ou no braço, invariavelmente com uma só mordida, sempre

enquanto eu dormia e nunca, mesmo adormecido, durante o dia. Hora após hora, eu permanecia deitado, à espreita, porém nunca ouvi a criatura chegando nem vislumbrei sinais de sua aproximação. Tampouco, creio eu, alguma vez a percebi me mordendo. Por fim, fiquei tão desesperançado de apanhá-la que não mais me preocupava em procurar por ela durante o dia ou permanecer à espreita durante a noite. Sabia, em virtude de minha crescente fraqueza, que estava perdendo sangue em uma proporção perigosa, mas pouco me importava com isso; bem diante de meus olhos, a morte estava cedendo lugar à vida, uma alma reunia forças para me resgatar da solidão — iríamos embora juntos, e logo eu me recuperaria!

Finalmente, terminei a confecção das roupas e, depois de contemplar meu trabalho manual com grande satisfação, passei a trançar camadas de fibras, a fim de improvisar sandálias.

Certa noite, despertei subitamente, ofegante e desfalecido, ansiando por ar puro. Estava pronto para rastejar para fora da caverna quando um leve ruído nas folhas da cama chamou minha atenção e permaneci imóvel.

— Eu peguei a coisa vil — disse uma voz débil, em minha língua materna.
— Apanhei-a no ato!

Ela estava viva, e falava! Decidi não revelar todo o meu entusiasmo, para não assustá-la.

— Que criatura? — resfoleguei em vez de falar.

— A criatura que estava mordendo você — ela respondeu.

— O que era?

— Uma grande sanguessuga branca.

— Quão grande? — prossegui, forçando-me a manter a calma.

— Pouco menos de dois metros, acho — ela respondeu.

— Você salvou minha vida, creio! Mas como conseguiu tocar essa criatura horrível? Que coragem a sua! — exclamei.

— Simplesmente fiz! — foi tudo o que respondeu, e tive a impressão de que estremeceira.

— Onde ela está? O que você fez com tal monstro?

— Joguei-o no rio.

— Então receio que vá voltar!

— Não creio que pudesse tê-la matado, mesmo que soubesse como! Ouvi você gemer e me levantei para ver o que o perturbava. Então vi aquele ser terrível atacando o seu pescoço e o puxei com força, mas estava muito fraca para segurá-lo e a duras penas consegui atirá-lo para longe de mim. Tudo o que ouvi depois foi o barulho da criatura caindo na água!

— Vamos matá-la na próxima vez! — afirmei. Então senti que desfalecia e tentei respirar fundo, mas caí.

Quando voltei a mim, o Sol já estava a pino. A dama estava a poucos passos e, mesmo com as desajeitadas roupas que eu havia confeccionado para ela, parecia imponente e graciosa. Eu *tinha* visto aqueles olhos gloriosos e brilhantes em meio à escuridão! Negros como uma noite sem estrelas, agora resplandeciam mais que o dia! Ela permanecia ereta como uma coluna, observando-me. Sua tez pálida não indicava nenhuma emoção, apenas questionamentos. Levantei-me.

— Temos de partir! — eu disse, sem rodeios. — A sanguessuga branca...

Interrompi a frase, paralisado por um estranho sorriso que surgiu em seu belo rosto.

— Você me encontrou lá? — ela perguntou, apontando para a caverna.

— Não, eu a trouxe até esta caverna — respondi.

— Você me trouxe?

— Sim.

— De onde?

— Da floresta.

— O que você fez com minhas roupas? E com minhas joias?

— Você nada possuía quando a encontrei.

— Então por que não me deixou lá?

— Porque tive a esperança de que não estivesse morta.

— Por que se importou comigo?

— Porque me sentia extremamente solitário e desejei que você vivesse.

— Você deve ter cuidado de mim por estar encantado com minha beleza!

— ela disse, com certo desdém.

Suas palavras e seu olhar suscitaram minha indignação.

— Não há beleza mais em você — afirmei.

— Por que então, repito, não me abandonou lá?

— Porque você era da minha espécie.

— De *sua* espécie? — ela questionou, em tom de completo desprezo.

— Achei que sim, mas creio que me equivoquei!

— Sem dúvida, você se apiedou de mim!

— Jamais houve mulher mais necessitada de piedade ou menos privada de qualquer outro sentimento!

Com uma expressão de dor, mortificação e ira indescritíveis, ela me deu as costas e permaneceu em silêncio. A noite sem estrelas parecia profunda na expressão de seus olhos. O ódio que ela sentia por aquele que a havia trazido de volta aniquilara seu esplendor. A luz da vida havia desaparecido deles.

— Caso você não conseguisse me despertar, o que teria feito? — ela perguntou subitamente, sem se mexer.

— Eu teria enterrado aquilo!

— Aquilo! Como assim? Você teria enterrado *isto*? — ela exclamou, virando-se e dirigindo-se a mim em uma fúria branca, com os braços elevados e os olhos fuzilando-me com raios gélidos.

— Não foi o que vi! Foram semanas extenuantes de vigília e cuidado que lhe trouxeram a vida de volta — respondi, pois com uma mulher como aquela eu deveria ser franco. — Caso tivesse percebido o menor sinal de decomposição, eu a teria enterrado, sem demora.

— Tolo! — ela bradou. — Eu estava em estado de transe! Que destino! Vá e traga a selvagem de quem você tomou emprestado esse hediondo disfarce.

— Eu o fiz para você. De fato, é hediondo, porém fiz o melhor que pude. Ela o ajustou para sua altura.

— Por quanto tempo permaneci inconsciente? Mesmo uma mulher não conseguiria fazer essa roupa em um dia!

— Tampouco em vinte dias — retruquei — e dificilmente em trinta.

— Ora! Por quanto tempo você quer que eu acredite que fiquei inconsciente? Responda-me de uma vez por todas!

— Não posso afirmar por quanto tempo estive inconsciente antes de eu encontrá-la, mas você não passava de pele e osso, e isso foi há mais de três meses. Seu cabelo estava bonito, porém nada mais! Fiz por ele o máximo que pude.

— Meus pobres cabelos! — ela exclamou, puxando um punhado deles para diante dos olhos. — Serão necessários mais que três meses de cuidado para trazer vocês de volta à vida! Suponho que devo lhe agradecer, embora não possa dizer que me sinto grata!

— Isso não é necessário, senhora. Eu teria feito o mesmo por qualquer mulher ou, igualmente, por qualquer homem.

— Como é que meu cabelo não está emaranhado? — ela questionou, acariciando-o enquanto falava.

— Ele sempre flutuou na corrente do riacho.

— Como? O que quer dizer?

— Eu não teria trazido você de volta à vida se não a banhasse todas as manhãs nas águas quentes do rio.

Seus ombros tremeram em sinal de repugnância, e ela permaneceu por um tempo com o olhar fixo nas águas agitadas. Então voltou-se para mim.

— Devemos compreender um ao outro! — disse. — Você fez a mim os dois piores males, ou seja, me obrigou a viver e me envergonhou publicamente. Não posso perdoar nenhum deles!

Ela levantou a mão esquerda e a moveu em minha direção, como se estivesse me repelindo. Algo frio como gelo atingiu-me na testa. Quando

voltei a mim, eu estava caído ao chão, molhado e tremendo.



CAPÍTULO
XX

*Sumiu!
Mas como?*



Levantei-me e olhei ao redor, completamente atordoado. Por um instante não a vi. Ela havia ido embora, e a solidão retornara como a nuvem após a chuva! Aquela que eu havia retirado da beira do túmulo tinha fugido de mim, deixando-me desolado! Não suportaria mais permanecer um único momento sozinho. Teria eu, de fato, lhe causado algum mal? Devia dedicar minha vida a partilhar o fardo que a obrigara a retomar!

Avistei-a enquanto ela caminhava agilmente sobre a grama, para longe do rio. Então, após dar um último e revigorante mergulho, parti em sua direção. A última visita da sanguessuga branca, bem como o golpe da mulher, debilitara-me bastante, mas logo recobrei as forças, de modo que a mantive sempre à vista, sem dificuldade.

“Então será este o fim?”, perguntei-me enquanto a seguia e a tristeza brotava em meu coração. Seus olhos cheios de ira e ódio me assombraram.

Era possível compreender o ressentimento que ela sentia por eu tê-la forçado a viver, mas que dano adicional eu lhe havia infligido? Por que razão ela me detestava? Poderia a própria modéstia estar furiosa com o verdadeiro serviço? Como a mais orgulhosa das mulheres, ciente de cada ação minha, poderia nutrir contra mim qualquer sensação de desgraça? Quão respeitosa e reverentemente eu não me portara ao tocá-la! Como o pai faz com a filha órfã de mãe, eu a havia carregado e cuidado! Seria possível que todo o meu esforço e toda a minha esperança desesperada gerassem apenas ingratidão? “Não!”, respondi para mim mesmo. “A bela deve ter um coração! Ainda que escondido e adormecido, deve haver um! Quanto mais profundamente enterrado, tanto mais forte e verdadeiro despertará em seu maravilhoso túmulo! Ressuscitar aquele coração seria um presente mais valioso para ela que a vida mais feliz. Significaria dar-lhe uma vida mais nobre e elevada!”

Ela seguia à minha frente, subindo uma suave inclinação a passos firmes e em linha reta, como alguém que sabe aonde ir, quando percebi que a distância entre nós estava aumentando. Reuni minhas forças, que vieram com toda a intensidade. Minhas veias encheram-se de vida nova! Meu corpo pareceu se tornar etéreo e, prosseguindo como o vento, rapidamente a alcancei.

Durante minha perseguição, nem uma vez ela olhara para trás, sempre caminhando com agilidade, mas sem pressa, como uma deusa grega. Eu estava a cerca de dois metros dela quando ela se virou velozmente, embora com graça inalterada, e parou. Não havia nela sinal de fadiga ou calor. A falta de cor em sua pele não era de palidez, mas de absoluta brancura, e sua respiração era lenta e profunda. Seus olhos pareciam preencher os céus, iluminando o mundo. Era quase meio-dia, porém eu tinha a sensação de estar diante de uma grande noite, na qual um orvalho invisível faz as estrelas parecerem enormes.

— Por que está me seguindo? — ela perguntou, mansa, porém

rispidamente, como se jamais tivesse me visto antes.

— Eu vivi tanto tempo — respondi — apenas com a mera esperança de ver seus olhos que desejo vê-los novamente!

— Você *não* será poupado! — ela disse, friamente. — Eu lhe ordeno que pare onde está!

— Não até vê-la em um lugar seguro. Só assim a deixarei! — respondi.

— Então arque com as consequências — ela ameaçou, prosseguindo em seu andar ágil.

No entanto, ao se voltar para trás ela me lançou um olhar. Imediatamente, fiquei paralisado, como que atravessado por uma lança. Seu desprezo havia falhado. Ela me mataria com sua beleza.

O desespero restaurou minha vontade, quebrando o encanto. Corri e a alcancei novamente.

— Tenha piedade de mim! — clamei.

Ela não me deu a menor atenção. Eu a seguia como uma criança cuja mãe finge abandoná-la.

— Eu serei seu escravo! — afirmei, colocando a mão sobre seu braço.

Ela se virou para trás como se uma serpente a tivesse mordido. Encolhi-me diante do fulgor dos olhos dela, mas não pude desviar os meus.

— Piedade! — clamei novamente.

Ela retomou sua marcha.

Durante todo o dia, eu a segui. O Sol elevou-se no céu, pareceu fazer uma pausa em seu ponto mais alto, desceu e sumiu do outro lado. Nem por um instante ela interrompeu sua jornada. Da mesma forma, nem por um instante parei de segui-la. Ela jamais se virou para trás, tampouco relaxou o ritmo.

O Sol desapareceu no horizonte, cedendo lugar à noite. Eu me mantinha próximo a ela, pois, se a perdesse de vista uma única vez, poderia ser para sempre!

Durante todo o dia, caminhamos sobre uma grama espessa, porém macia. Abruptamente, ela parou e se jogou sobre a relva. Havia luz suficiente para

perceber que estava exausta. Parei atrás dela, observando-a por alguns instantes.

Será que eu a amava? Sabia que não era boa! Será que a odiava? Não podia abandoná-la. Assim, ajoelhei-me ao lado dela.

— Vá embora! Não ouse me tocar! — ela gritou.

Seus braços permaneciam na grama como se estivessem paralisados.

Subitamente, eles se fecharam em torno de meu pescoço, rígidos como uma dama de ferro. Ela puxou minha face para perto de si e grudou os lábios nela. Uma ferroadada de dor percorreu meu corpo, latejante. Eu não era capaz de mover um fio de cabelo. Aos poucos, a dor diminuiu até cessar. Um sono irresistível, um prazer arrebatador se apoderou de mim, e depois nada mais vi.

De repente, recobrei a consciência. A Lua estava um pouco acima da linha do horizonte, mas não transmitia nenhuma luz. Era como uma coisa brilhante mantida na escuridão. Meu rosto doía intensamente. Examinei-o com a mão e descobri uma mancha úmida. Além disso, meu pescoço estava dolorido, e também ali havia uma mancha úmida! Suspirei profundamente, sentindo extremo cansaço. Sem prestar muita atenção, dei uma olhada ao redor e vi o que havia acontecido com a luz da Lua: tinha sido reunida em torno da mulher! Ela estava em um halo tremulante. Levantei-me e cambaleei em sua direção.

— Parado! — ela gritou imperiosamente, como se estivesse lidando com um cão rebelde. — Não ouse dar um passo mais!

— Eu a seguirei! — murmurei, em um esforço tremendo.

— Coloque os pés dentro dos limites de minha cidade, e meu povo o apedrejará. Eles odeiam mendigos!

Eu estava surdo às suas palavras. Enfraquecido e semicordado, não tinha certeza de que me movia, porém a distância entre nós diminuiu. Ela deu um passo para trás, ergueu o braço esquerdo e, com os punhos cerrados, pareceu me atingir na frente. Recebi o golpe como se desferido por um martelo de

ferro e desabei.

Ergui-me de um salto, gélido e molhado, mas fortalecido e com a mente lúcida. Não percebia nenhum ferimento e não sentia dor! Teria o golpe me revivido? Mas como teria me molhado? Não podia ter ficado muito tempo desacordado, pois a Lua ainda estava baixa!

A mulher estava posicionada a alguns metros de distância, de costas para mim. Estava fazendo algo, porém não consegui distinguir o quê. Então, por seu repentino brilho, compreendi que havia se livrado das roupas que eu confeccionara, exibindo sua tez alva sob uma Lua ofuscada. Ela permaneceu de pé por um momento, e então caiu para a frente.

Um risco branco disparou em linha reta. Naquele mesmo instante, a Lua recobrou a luz, brilhando em toda a sua intensidade. Então vi que o risco era uma coisa alongada, movendo-se rapidamente em grandes saltos sobre a grama. Manchas negras que lembravam um córrego pareciam percorrer suas costas, como se a criatura estivesse correndo sob uma floresta, capturando as sombras das folhas.

— Deus misericordioso! Será que a terrível criatura está correndo em direção à cidade envolta em sombras? — bradei! Então pensei ouvir à distância uma súbita explosão e gritos de terror, enquanto a besta pálida saltava de casa em casa, matando e dilacerando.

Enquanto eu observava a cena tomado pelo pânico, uma segunda criatura, enorme e de uma brancura absoluta, passou por trás de mim como uma flecha silenciosa. Rumava diretamente para o lugar onde a mulher havia caído e devia jazer, eu imaginava. Minha língua grudou no céu da boca e disparei, sem pensar, em perseguição à besta. Num instante, porém, fiquei muito para trás.

“Que bom que não pude gritar”, imaginei, “pois, caso a mulher tivesse se erguido, o monstro a teria atacado.”

Entretanto, quando cheguei ao local onde a mulher caíra, não encontrei ninguém, apenas as roupas que ela havia retirado sob o luar.

Permaneci parado, acompanhando com os olhos a segunda fera. Ela avançava sobre o solo com velocidade ainda maior que a anterior, valendo-se de saltos longos, firmes e ágeis, a própria incorporação da velocidade. Ela seguia a trilha percorrida pela primeira. Fiquei observando a fera diminuir cada vez mais, até desaparecer de meu campo de visão.

Mas onde estaria a mulher? Teria a primeira fera a surpreendido, atacando-a sem que eu percebesse? Eu não ouvira nenhum ruído estranho. Além disso, não tinha havido tempo para a fera devorá-la! Poderia a fera tê-la capturado enquanto corria, levando-a consigo para sua cova? No entanto, se estivesse tão pesada assim não poderia se mover com tanta velocidade! Decerto eu teria percebido se a fera estivesse carregando algo!

Dúvidas e pensamentos terríveis começaram a me afligir. Após uma minuciosa — porém infrutífera — busca, parti no encalço dos dois animais.



CAPÍTULO
XXI
*A mãe
fugitiva*



Enquanto eu acelerava a marcha, uma grande nuvem encobriu a Lua, e da escuridão cinzenta emergiu uma figura branca, segurando uma criança no colo e correndo curvada. Ela estava seguindo uma direção paralela à minha, mas não percebeu minha presença por causa da pressa. Havia terror e ansiedade em cada movimento de sua desabalada carreira.

“Ela está sendo perseguida”, disse a mim mesmo. “Algum ser terrível da noite está atrás dela!”

Se eu a perseguisse, talvez aumentasse ainda mais seu medo. Assim, posicionei-me na trilha que ela estava fazendo a fim de interceptar seu perseguidor.

Ao parar por um instante para acompanhá-la à distância na escuridão, percebi algo vindo por trás de mim, rápida e silenciosamente, porém, antes que pudesse me virar, fui atacado e golpeado com força na cabeça, indo ao

solo. Ergui-me de imediato, porém tudo o que vi de meu agressor foi um vulto branco. Corri atrás dele, com o sangue escorrendo da testa, mas havia avançado apenas alguns metros quando um grito de desespero rompeu o silêncio daquela agitada noite. Acelerei o passo, embora não pudesse deixar de pensar que fosse tarde demais.

Em um minuto ou dois, vislumbrei uma figura branca e baixa vindo em minha direção, em meio à névoa de poeira intensificada pelo luar. A princípio, imaginei tratar-se de outra fera, pois se aproximava lentamente, quase engatinhando, com saltos estranhos e trôpegos, como se estivesse agonizante! Dei alguns passos para trás, saindo de seu caminho, e aguardei. Quando ela se aproximou, percebi que estava usando apenas três patas, enquanto a pata traseira esquerda era mantida longe do chão. A fera tinha muitas manchas negras e ovais ao longo da pele branca e brilhante, e vinha acompanhada de um som contínuo e baixo, como água caindo sobre a grama. Logo vi algo pingando de sua pata.

“É sangue!”, disse para mim mesmo. “Algum herói mais rápido que eu conseguiu ferir o animal!” No entanto, por mais estranho que possa parecer, um sentimento de pena apossou-se de mim ao ver o sofrimento da criatura, de modo que, mesmo se tivesse um machado na mão, não seria capaz de feri-la ainda mais. Com uma sucessão de saltos irregulares e claudicantes, a fera desapareceu na escuridão da noite, deixando na grama atrás de si manchas de sangue de uma pequena corrente que fluía de sua pata ferida. “Se continuar sangrando assim, logo já não terá mais sangue nas veias!”, ponderei.

Prossegui em meu intento anterior, pois talvez ainda pudesse ser útil à mulher, e esperava também ver seu libertador. Logo a avistei a uma pequena distância, sentada na relva, com a criança acomodada no colo.

— Há algo que eu possa fazer por você? — indaguei.

Ao ouvir o som da minha voz, ela estremeceu violentamente, fazendo menção de fugir. Joguei-me ao chão de imediato.

— Não precisa ter medo — prossegui. — Eu estava perseguindo o animal, mas ao que parece você encontrou um protetor mais perto! A fera passou por mim há pouco, com a pata sangrando tanto que a essa altura já deve estar morta!

— Creio que não há muita chance de isso acontecer! — a mulher respondeu, tremendo. — Você não sabe de quem é aquela fera?

Tal pergunta suscitou em mim algumas suspeitas estranhas, mas respondi que nada conhecia daquele animal e perguntei o que sucedera ao seu protetor.

— Que protetor? Não vi nenhum! — ela respondeu.

— Então como o monstro foi ferido?

— Com uma pedra, acertei a pata da fera o mais forte que pude. Não escutou seu gemido?

— Vejo que é uma mulher muito corajosa! — respondi. — Pensei que o gemido fosse seu!

— Foi da leoparda!

— Nunca ouvi um som como aquele vindo da garganta de um animal! Mais parecia o grito de uma mulher sob tortura!

— Perdi a voz e não poderia ter gritado nem mesmo para salvar meu bebê! Então, quando vi aquela boca horrenda se aproximando do pescoço do meu bebezinho, apanhei uma pedra e esmaguei sua pata manca.

— Conte-me mais sobre a criatura — pedi. — Sou um forasteiro nestas bandas.

— Você saberá mais a respeito dela se estiver indo para Bulika! — ela respondeu. — Eu é que nunca mais colocarei os pés lá!

— Sim, estou indo para Bulika! — confirmei. — Para ver a princesa!

— Tenha cuidado! Melhor seria que você não fosse, mas talvez devesse mesmo ir. A princesa é uma mulher boa e gentil!

Ouvi um pequeno movimento. Àquela altura, havia nuvens tão densas cobrindo a Lua que eu mal conseguia ver minha companheira. Temi que ela

estivesse se levantando para fugir de mim.

— Você não corre nenhum tipo de perigo comigo — afirmei. — Que juramento quer que eu faça?

— Por suas palavras, sei que você não faz parte do povo de Bulika — ela respondeu. — Vou confiar em você! Também não sou um deles, caso contrário não seria capaz disso, pois eles não confiam em ninguém. Se ao menos eu conseguisse vê-lo! Mas aprecio sua voz! Aqui está a minha querida dormindo. A fera não a machucou! Sim, ela estava atrás do meu bebê! — prosseguiu, acariciando a criança. — E então teria despedaçado a mãe por tê-la levado embora! Alguns dizem que a princesa possui duas leopardas — ela continuou. — Conheço apenas uma, com manchas. Todos a conhecem! Se a princesa ouve falar de um bebê, imediatamente envia o animal para sugar o sangue do infante, e então a criança morre ou cresce com retardo mental. Eu teria fugido com minha filha, mas a princesa estava longe de casa e pensei que poderia esperar um pouco até recuperar minhas forças. Mas ela deve ter levado a fera consigo e devia estar a caminho de casa quando parti, então enviou a criatura para interceptar minha fuga. Eu ouvi a respiração da fera atrás de mim e corri o mais que pude! Felizmente, meu bebê sobreviverá. Não há marcas nele!

— Para onde está levando a sua filha?

— Para um lugar onde ninguém poderá me encontrar!

— Por que a princesa é tão cruel?

— Porque uma antiga profecia diz que ela morrerá por causa de uma criança. Eis a razão por que jamais ouvirá uma proposta de casamento, dizem.

— Mas o que acontecerá com o país se ela matar todos os bebês?

— Ela não se preocupa com o país. Envia feiticeiras por todos os lugares para ensinar às mulheres encantos que evitam filhos, dando-lhes coisas horríveis para comer. Dizem que ela tem um pacto com as Sombras para colocar um fim à própria raça. À noite, insones e tremendo de pavor,

ouvimos a fera à espreita. Ela sabe de imediato a casa onde o bebê está para chegar e deita-se à porta, aguardando o momento certo de invadir. Há palavras que podem afastá-la, porém nem sempre funcionam como esperado. Mas veja que estou aqui falando, enquanto a esta altura a criatura já deve ter voltado para casa e sua soberana já deve ter mandado outra fera atrás de nós!

Dito isso, ela se levantou rapidamente.

— Não acho que a criatura conseguirá voltar para casa. Deixe-me carregar o bebê para você! — ofereci, enquanto também me erguia.

Ela não respondeu e, quando fiz menção de pegar a criança, apertou-a ainda mais contra o peito.

— Não posso imaginar — eu disse, enquanto caminhava ao seu lado — como o animal poderia sangrar tanto!

— Aceite meu conselho e não chegue perto do palácio — ela advertiu. — Durante a noite, há sons no interior dele, como se os mortos estivessem tentando gritar, mas não conseguissem abrir a boca!

Sem esperar, ela se despediu de mim abruptamente. Era óbvio que não desejava mais minha companhia, de modo que parei, escutando seus passos sumirem na grama.



CAPÍTULO
XXII
Bulika

Após os últimos acontecimentos, eu havia perdido completamente o senso de minha localização, e caminhava sem rumo em uma impaciência pura e inútil quando, de repente, descobri-me no caminho da criatura, pisando no rastro de sangue deixado por sua pata ferida. O líquido corria à altura de meus tornozelos, como um pequeno córrego, e me afastei dali o mais rápido que pude, em razão de minha suspeita sobre quem havia derramado aquele sangue. No entanto, mantive-me próximo ao som que a pequena corrente emitia, acompanhando-a a uma distância segura, pois isso me guiaria na direção de Bulika.

Entretanto, logo comecei a ponderar que nenhum leopardo, nenhum elefante nem o maior animal que possa ter existido em nosso mundo antes do homem poderia sangrar tanto, exceto se cada artéria em seu corpo estivesse aberta, mas seu enorme sistema continuasse a alimentar suas veias com os campos, lagos e florestas na mesma velocidade em que se esvaziavam.

Assim, aquilo não podia ser sangue! Mergulhei o dedo no líquido e dei-me por satisfeito ao constatar que de fato não era. Na verdade, independentemente de como havia chegado até ali, a corrente era um pequeno regato que ali corria, sem canal, sobre a grama! Contudo, por mais doce que a música soasse, não ousei beber daquela água e pus-me a caminhar outra vez, ansiando pela luz e ouvindo aquele som familiar havia muito esquecido, pois o barulho do riacho quente da caverna era bem diferente. O simples ato de molhar o pé na corrente, entretanto, foi tão revigorante que prossegui minha jornada sem fadiga até que a escuridão começou a ficar menos densa, indicando que o Sol estava para nascer. Poucos minutos mais tarde, consegui discernir, contrastadas com a pálida aurora, as muralhas da cidade, aparentemente tão velhas quanto o próprio tempo. Então olhei para baixo, à procura do pequeno regato.

Contudo, ele sumira. Na realidade, por um bom tempo durante a jornada eu notara que o som dele ficava cada vez mais fraco, mas deixara de prestar atenção a ele. Olhei para trás e vi que a grama se mostrava amassada onde o pequeno fluxo de água havia passado e que aqui e ali brilhavam pequenas poças. Na direção da cidade, não havia nenhum sinal do regato. O fluxo de sua fonte devia ter cessado, por fim, próximo de onde eu estava!

Ao redor da cidade, havia jardins onde cresciam inúmeros tipos de vegetais, dos quais a maioria absoluta me era desconhecida. Não vi água, flores, nem qualquer sinal de animais. Os jardins ficavam muito próximos dos muros da cidade, porém estavam separados deles por pilhas enormes de cascalho e refugos atirados por sobre os muros.

Rumei na direção do portão mais próximo e encontrei-o semiaberto, completamente desprotegido e sem guardas ou sentinelas. A julgar pela condição das dobradiças, não poderia estar mais aberto ou mais fechado. Ao passar por ele, avistei uma rua antiga e muito longa. O silêncio era absoluto, e nada indicava a presença de alguma espécie de vida. Será que tinha entrado em uma cidade fantasma? Dei meia-volta, saí pelo portão, avancei

com dificuldade sobre os monturos e cruzei inúmeras estradas, cada qual conduzindo a um portão, porém decidi não voltar a entrar, a não ser que alguns habitantes aparecessem na minha frente, vivos.

Para que eu estava ali? O que esperava ou ansiava encontrar? O que pretendia fazer?

Eu tinha de ver, pelo menos uma vez mais, a mulher que havia trazido de volta à vida! Não desejava sua companhia, pois ela despertara em mim suspeitas assustadoras, e a amizade, para não falar em amor, era impossível entre nós! No entanto, sua presença exercera uma estranha influência sobre mim e devia estar diante dela para, ao mesmo tempo, analisar tal influência e resistir a ela. Tudo o que fosse aparentemente inescrutável nela eu perscrutaria. Compreender algo de seu modo de ser seria como ver maravilhas que a própria imaginação jamais poderia sugerir! Nesse ponto, eu estava sendo muito imprudente, pois um homem não deve, por conhecimento, de sua própria vontade, ir ao encontro da tentação. Em contrapartida, eu havia restaurado uma força maligna prestes a perecer e, na mesma proporção da minha capacidade de me opor a ela, era responsável pelas consequências desse meu dano! Sabia que ela era inimiga de crianças: os Pequeninos podiam estar em perigo por causa dela! Foi com a esperança de descobrir algo sobre a história deles que os deixei. Havia aprendido pouco sobre aquilo, precisava saber mais. Tinha de descobrir como protegê-los.

Depois de um tempo, ao perceber um leve movimento no lugar, atravessei o portão seguinte e dali caminhei por uma rua estreita cercada de casas altas, que conduzia a uma pequena praça. Ali sentei-me na base de um pilar com uma horrenda criatura, semelhante a um morcego, no topo. Logo muitos habitantes surgiram e passaram por mim. Falei com um deles, mas ele me respondeu com um olhar rude e com uma palavra mais rude ainda e seguiu seu caminho.

Levantei-me e passei por várias ruas estreitas, uma após a outra, cada vez

mais repletas de desocupados transeuntes, e não fiquei surpreso por não encontrar nenhuma criança. Mais tarde, perto de um dos portões, encontrei um grupo de jovens que muito me lembraram os gigantes maus. A princípio, eles me encararam, depois vieram em minha direção, empurrando-me e atirando coisas em mim. Suportei aquilo o mais que pude, desejando não criar inimizade onde pretendia permanecer algum tempo. Repetidas vezes, roguei ajuda a outros habitantes que pareciam ser mais benevolentes, porém ninguém parou nem sequer um segundo para me ouvir. Eu parecia pobre, e isso era suficiente: para os cidadãos de Bulika, como para os cães de guarda, a pobreza era uma ofensa! A deformidade e a doença eram taxadas, e nenhuma legislação da princesa recebia mais aprovação popular que aquela que tornava a pobreza subserviente à riqueza.

Finalmente, consegui me desvencilhar e saí em disparada. Ninguém me seguiu além do portão. Entretanto, um rapaz obeso que estava sentado saboreando um pedaço de pão apanhou uma pedra para atirar em mim. Felizmente, porém, em sua estúpida ânsia, ele jogou não a pedra, mas o pão que comia. Apanhei-o, e o rapaz não ousou me seguir para reclamar. Todos tinham medo de atravessar os limites das muralhas. Afastei-me algumas centenas de metros, joguei-me ao solo e comi o pão. Comecei a sentir sono e dormi profundamente na grama, onde o calor do Sol renovou minhas forças.

Já era noite quando despertei. A Lua observava-me de um modo amistoso, parecendo reivindicar uma antiga familiaridade. Estava muito brilhante. Pensei que era a mesma Lua que presenciara todos os terrores de minha primeira noite naquele estranho mundo. Um vento gélido soprou do portão, trazendo consigo um odor maligno, mas não senti frio, pois o Sol havia me aquecido o suficiente. Voltei a entrar furtivamente na cidade e encontrei uns poucos habitantes que ainda estavam ao ar livre, encolhidos nos cantos para escapar do sopro arrepiante.

Eu caminhava lentamente pela longa rua estreita quando, logo atrás de mim, um enorme vulto branco saltou, cruzando a rua como um clarão sob o

lunar, e desapareceu. Dobrei a primeira esquina, ansioso por ver a criatura outra vez.

Era uma passagem estreita, que mal consegui atravessar, mas que me conduziu a uma rua mais larga. No instante em que entrei nela, vi do outro lado, nas sombras, a criatura que eu havia seguido, ela própria seguindo como um cachorro o que me pareceu um homem. Por sobre os ombros, ele constantemente olhava para o animal atrás de si, porém nada disse nem tentou afugentá-lo. Quando precisou atravessar um trecho iluminado pela Lua, percebi que não projetava sombra: ele mesmo era uma sombra plana, de duas dimensões. Era, contudo, uma sombra opaca, pois não apenas obscurecia qualquer objeto do outro lado, mas o tornava invisível. Na ausência do lunar, era ainda mais escuro, e sob o lunar parecia alguém que projetava a própria sombra para cima, pois nenhum traço se movia ao seu lado ou sob ele. Contudo, o animal brilhante, que agora eu reconhecia ser uma leoparda, o seguia tão de perto que parecia ser sua sombra branca e projetava a própria sombra sobre o solo ao lado dele. Quando ambos ficavam sob o lunar, o negrume do primeiro se intensificava, enquanto o animal se tornava mais radiante. Eu os seguia no lado oposto, com os pés descalços ecoando nas pedras lisas. O animal jamais virou a cabeça ou contraiu as orelhas, mas a sombra pareceu ter olhado para mim por um momento, pois perdi seu perfil e vi, por um segundo apenas, uma fina linha vertical. Naquele instante, o vento me atingiu. Estremeci da cabeça aos pés, e meu coração pareceu pular de um lado do peito para o outro, como uma pedrinha no chocalho de uma criança.



CAPÍTULO
XXIII
*Uma mulher
de Bulika*



Entrei em um beco, buscando abrigo em uma pequena arcada. Dali olhei para fora, observando o luar que iluminava toda a passagem. Naquele exato instante, entrou uma mulher, que se virou, tremendo, e também olhou para fora. Passados alguns segundos, uma imensa leoparda, com sua pele branca salpicada de manchas escuras, passou como uma flecha, atravessando a arcada. A mulher aproximou-se de mim, em pânico, e meu coração se encheu de piedade. Então passei o braço ao redor dela.

— Se o bruto vier aqui, tentarei retardá-lo, e você deve correr — disse-lhe.

— Obrigada! — ela murmurou.

— Você já viu esse animal antes? — perguntei.

— Inúmeras vezes — ela respondeu, ainda tremendo. — É um animal de estimação da princesa. Vejo que é estrangeiro, do contrário saberia a quem

ele pertence!

— Sim, não sou daqui — confirmei. — Mas então a criatura tem permissão de andar solta?

— Ela é mantida em uma jaula, com a boca presa com focinheira e as patas protegidas por luvas feitas de couro de crocodilo. Apesar de ficar acorrentada, ela sai com frequência para sugar o sangue de qualquer criança em que consiga pôr as garras. Felizmente, não há muitas mães em Bulika!

Ao proferir aquela frase, ela irrompeu em lágrimas.

— Eu queria estar em casa! — ela soluçou. — A princesa retornou somente ontem à noite, e a criatura já está nas ruas! Como poderei ir para casa? Ela está atrás de mim, tenho certeza, e vai permanecer deitada na soleira da minha porta, aguardando a minha volta! Mas como sou tola por falar com um estranho!

— Nem todos os forasteiros são maus! — repliquei. — A fera não tocará em você antes de terminar comigo, e, quando isso ocorrer, você já estará dentro de casa. Considere-se feliz por ter um lar aonde possa ir! Que vento terrível!

— Ajude-me a chegar em casa em segurança e, em troca, lhe darei abrigo — ela respondeu. — Mas vamos aguardar um pouco mais.

Aproveitei a ocasião para lhe fazer várias perguntas. Ela me contou que o povo daquela cidade não fazia outra coisa senão cavar à procura de pedras preciosas em seus porões. Eram ricos, portanto, e tudo de que necessitavam vinha de outras cidades.

— Por quê? — perguntei, intrigado.

— Porque trabalhar é considerado uma desgraça — ela respondeu. — Todos em Bulika sabem disso!

Perguntei-lhe então como eram ricos, se nenhum deles trabalhava para ganhar dinheiro. Ela respondeu que os ancestrais haviam acumulado riquezas para eles, as quais jamais gastavam. Quando queriam dinheiro, vendiam algumas de suas gemas.

— Mas deve haver alguns pobres! — comentei.

— Suponho que sim, mas nunca pensamos em tais pessoas. Quando alguém fica pobre, nos esquecemos dele. Eis como nos mantemos ricos. Pretendemos permanecer sempre ricos!

— Mas quando tiverem escavado e vendido todas as suas pedras preciosas serão obrigados a gastar o dinheiro acumulado, e então, um dia, ele também acabará!

— Temos tantas pedras e há tantas ainda no solo, à espera de que as encontremos, que tal dia jamais chegará! — ela retrucou.

— Suponha que vocês sejam atacados e dominados por um povo estrangeiro e percam tudo o que possuem.

— Nenhum povo estrangeiro ousará fazer isso, pois todos morrem de medo de nossa princesa. Ela é quem nos mantém seguros, livres e ricos!

Por vezes, enquanto conversava comigo, ela se calava e olhava para trás.

Perguntei-lhe por que seu povo nutria tamanho ódio contra os estrangeiros. Ela respondeu que a presença de um forasteiro manchava a cidade.

— Como assim? — indaguei.

— Somos mais antigos e nobres que qualquer outra nação. Portanto — ela acrescentou —, sempre expulsamos os estrangeiros antes do anoitecer.

— Como então concordou em me dar abrigo? — perguntei.

— Abrirei uma exceção para você — respondeu.

— Não há nenhum lugar na cidade que conceda abrigo aos forasteiros?

— Tal lugar seria destruído, e seu proprietário, queimado vivo. Como conservaríamos a pureza a não ser mantendo as pessoas inferiores a uma distância adequada? Dignidade é uma questão extremamente delicada!

A mulher revelou-me que a princesa já reinava havia milhares de anos e tinha poder sobre o ar e as águas, bem como sobre a terra e provavelmente sobre o fogo; que a princesa podia fazer qualquer coisa que desejasse sem dar explicações a ninguém.

Quando por fim ela considerou ser um bom momento para arriscarmos


sair, iniciamos nossa jornada por entre vielas e passagens estreitas e alcançamos a porta de sua casa sem cruzar com nenhum outro ser vivente. A mulher vivia em uma rua mais larga que a maioria, entre duas casas muito altas, no topo de uma escada íngreme e estreita, que ela subiu lentamente, seguida por mim. Antes de terminarmos a subida, porém, ela pareceu assustada e acelerou o passo para vencer o restante da escada. Cheguei bem a tempo de ter a porta fechada na minha cara, e caí perplexo ao chão, onde havia espaço suficiente para um homem se deitar entre as portas das duas casas opostas.

Extenuado e sem medo de macular a cidade com minha presença, aproveitei o abrigo, por mais rudimentar.



CAPÍTULO
XXIV
*A leoparda
branca*



o pé da escada, ficava a rua iluminada pelo luar, e eu podia ouvir o vento inóspito e prejudicial soprando abaixo. Contudo, nem a mínima brisa invadia meu refúgio, e estava me preparando para dormir quando meus olhos se abriram de súbito e vi surgir acima do último degrau, bem diante de mim, a cabeça da criatura reluzente que eu vira seguindo aquela sombra em forma humana! No instante em que os olhos da fera cruzaram com os meus, ela parou e começou a se retirar, de costas. Levantei-me de um salto, e a fera, sem espaço suficiente para se virar, jogou-se para trás, a cabeça sobre o rabo, e caiu sobre as quatro patas, desaparecendo assim que chegou lá embaixo. Eu a segui até lá e examinei a rua de ambos os lados, porém, não vendo sinal dela, retornei ao meu leito duro.

Havia, portanto, duas criaturas malignas rondando a cidade, uma com manchas e outra sem! Eu não estava disposto a pôr minha vida em risco

pelos homens e mulheres daquela cidade, mas a vida de uma criança era muito mais valiosa que a minha, de modo que resolvi manter vigilância à porta pelo resto da noite.

Pouco tempo depois, ouvi o som da dobradiça se movimentando lentamente. Olhei para cima e vi a porta semiaberta. Levantei-me e deslizei agilmente para dentro. Atrás da porta não estava a mulher que eu tinha auxiliado, mas a mulher encapuzada do deserto. Sem emitir uma palavra sequer, ela me conduziu a uma câmara vazia, pavimentada por pedras, e apontou para um tapete no chão. Enrolei-me nele e uma vez mais me deitei. Ela fechou a porta do aposento, e logo ouvi o som da porta externa abrindo e fechando outra vez. Não havia luz no lugar, exceto aquela fornecida pela Lua.

Como permaneci acordado, comecei a ouvir um gemido abafado, que persistiu por um longo tempo. Então veio o choro estridente de um bebê, seguido de um terrível grito. Pus-me de pé prontamente e corri para a passagem. Do interior do outro aposento surgiu a fera, carregando um recém-nascido na boca, como um filhote seu. Lancei-me sobre ela e obriguei-a a soltar o infante, que caiu sobre as placas de pedra com um choro comovente.

Atraída pelo choro, a mulher do deserto apareceu. Ela passou por nós, eu e a criatura, enquanto nos engalfinhávamos no chão, pegou a criança e levou-a embora. Ao retornar, ela me tirou de cima do animal, abriu a porta e gentilmente me empurrou para fora. O animal seguiu em meus calcanhares.

“Ela também falhou comigo”, pensei. “Entregou-me à fera para fazer de mim o que quiser! Mas isso não ocorrerá sem luta!”

Desci as escadas em desabalada carreira, temendo que a criatura pulasse em minhas costas, porém ela me seguiu mansamente. Já na rua, virei de frente para ela, esperando o ataque, mas ela saltou por sobre minha cabeça. Quando me voltei para encará-la, ela estava agachada aos meus pés! Inclinei-me e acariciei seu adorável pelo branco, e ela respondeu lambendo meus pés descalços com uma língua seca e áspera. Continuei a dar-lhe

tapinhas no dorso e a afagá-la, dando vazão a uma nascente de ternura que brotava de meu coração. A fera poderia muito bem ser traiçoeira, mas, se eu evitasse toda demonstração de amor que julgasse simulada, como poderia encontrar o amor real, que deveria estar em algum lugar, fosse qual fosse o mundo?

Endireitei o corpo, e a fera se levantou, permanecendo ao meu lado.

Um objeto volumoso caiu pesadamente no meio da rua, a alguns metros de onde nos encontrávamos. Corri para ver o que era e deparei com uma massa flácida, porém ainda com forma suficiente para revelar o corpo de uma mulher. Ele devia ter sido jogado de alguma janela nas vizinhanças. Examinei os arredores, e vi a Sombra caminhando no outro lado da rua, com o animal branco novamente em seu encalço!

Eu os segui, encurtando a distância entre nós e desejando em meu coração que a fera não fosse um agente duplo. Entretanto, quando me aproximei deles, o animal virou-se e avançou em minha direção com um rugido tão hediondo que instintivamente recuei. De imediato, ela retomou seu lugar atrás da Sombra. Reiniciei minha perseguição, e mais uma vez a leoparda avançou contra mim, com os olhos flamejantes como esmeraldas vivas. Tentei de novo, porém ela me atacou como um cão, desferindo-me uma mordida. Senti meu coração falhar e soltei um grito de dor. Então a criatura olhou ao redor com uma expressão que claramente queria dizer: “Por que me obrigou a fazer isso?”

Fiquei irado comigo mesmo, pois estava perdendo tempo desde que entrara naquela cidade! Mesmo sendo noite, decidi ir direto para o palácio! Daquela praça, eu o avistara lá no alto, acima do coração da cidade, equipado com muitas defesas, mais parecendo uma fortaleza que um palácio!

Entretanto descobri que as fortificações, como as da cidade, estavam bem deterioradas e parcialmente em ruínas. Era claro que sua manutenção estava sendo negligenciada há séculos. O sistema de proteção tinha portões enormes e robustos, além de algo semelhante a uma ponte levadiça sobre

uma espécie de fosso nas rochas, porém permaneciam abertos, e era difícil acreditar que o buraco diante deles tivesse sido ocupado por água algum dia. Tudo estava tão calmo e imóvel que toda a estrutura parecia tomada de um sono profundo, dando a impressão de que o próprio luar destoava, por estar desperto. Eu não sabia se deveria entrar furtivamente, como um ladrão, ou quebrar aquele silêncio absoluto que provocava temor ao simples pensamento de um ruído!

Como um cão proscrito, eu andava ao lado das muralhas quando avistei um pequeno recesso na parede, onde havia um banco de pedra. Abriguei-me ali para escapar do vento e me deitei no banco. Apesar da sensação de frio, adormeci rapidamente.

Fui despertado por algo que saltou sobre mim, lambendo meu rosto com a língua áspera de um felino. “É a leoparda!”, pensei. “Ela veio para sugar meu sangue! E por que não deveria fazê-lo? Custaria mais me defender que simplesmente me entregar!” Assim, permaneci imóvel, esperando pela dor! Contudo, a pontada jamais chegou. Em vez disso, senti um calor agradável irradiar-se pelo meu corpo. Esticando o corpo às minhas costas, a fera aproximou-se de mim o máximo que pôde, com o calor emitido por seu corpo penetrando o meu lenta e continuamente, enquanto sua respiração, que em nada lembrava a de uma fera selvagem, envolvia meu rosto em uma atmosfera suave. Uma plena convicção de que suas intenções para comigo eram boas apossou-se de mim. Ajeitei-me como um menino, com o braço em torno do animal, e mergulhei em uma inconsciência profunda.

Quando comecei a recobrar a consciência, pareceu-me estar deitado em minha cama quente e macia. “Será mesmo possível que eu esteja em casa?”, pensei. Os aromas familiares do jardim pareciam inundar todo o ambiente. Esfreguei os olhos e olhei ao redor. Infelizmente, estava em cima de uma pedra, no coração de uma cidade odiosa!

Saltei do banco. Havia tido, de fato, uma leoparda como companhia durante a noite ou havia apenas sonhado? Ela tinha acabado de me deixar,

pois eu ainda podia sentir o calor de seu corpo!

Deixei o abrigo imbuído de nova esperança, tão forte quanto informe. Uma coisa era certa para mim: eu tinha de encontrar a princesa! Sem dúvida, eu tinha algum poder com ela, se não sobre ela! Eu não tinha salvado sua vida, e ela não a tinha prolongado à custa de minha vitalidade? Tal reflexão encheu-me com a coragem necessária para ir ao seu encontro, fosse ela o que fosse.



CAPÍTULO
XXV
A princesa

Percorrendo o castelo como um circuito, vi-me outra vez diante dos portões abertos, cruzei a ravina que outrora exercera a função de fosso e adentrei um pavimentado pátio, que continha árvores muito elevadas, como álamos, plantadas a intervalos regulares. No centro do local, ficava a mais alta de todas, cujos galhos, próximos do topo, espalhavam-se um pouco, concedendo-lhe alguma semelhança com uma palmeira. Entre os enormes galhos, vislumbrei partes do palácio, cuja arquitetura era de um estilo estranho para mim, mas sugeria origens indianas. A edificação era comprida e baixa, com imponentes torres nos cantos e um enorme domo bem no centro, que se elevava do nível do telhado até cerca de metade da altura das torres. A entrada principal ficava no meio da parede frontal, um arco baixo que simulava a metade de uma elipse. Não havia ninguém à vista e as portas estavam totalmente abertas, de modo que entrei sem ser incomodado em um grande saguão, que tinha a forma de uma elipse alongada. Em uma das

laterais, havia uma jaula, em cujo interior estava uma enorme fêmea de leopardo, deitada com a cabeça apoiada nas patas dianteiras, acorrentada por um colar de aço, com uma focinheira e luvas de couro nas patas. O animal era branco, com manchas ovais e escuras. Estava calmo e olhava para fora da jaula com os olhos bem abertos, adornados por pupilas em formato de canoas e grandes íris de cor verde. Parecia estar me observando, porém não se podia notar movimento algum em seus olhos, nas patas ou mesmo em um fio sequer de seus bigodes. Da mesma forma, o rabo permanecia esticado, tão rígido quanto uma barra de ferro. Não conseguia distinguir se a fera estava viva ou não.



Desse vestíbulo, saíam duas passagens baixas. Escolhi uma delas e descobri que se ramificava em muitas outras, todas estreitas e irregulares. Em um ponto onde mal havia espaço suficiente para duas pessoas passarem, um pajem surgiu, vindo em minha direção. Ele começou a recuar, aterrorizado, porém, ao me examinar melhor, reuniu ousadia, soltou a respiração e perguntou-me o que eu desejava.

— Ver a princesa! — respondi.

— Bem provável! — ironizou. — Eu mesmo ainda não vi Sua Alteza esta manhã!

Agarrei-o pela parte posterior do pescoço, chacoalhei-o e exigi:

— Leve-me imediatamente à princesa, ou o arrastarei comigo até encontrá-la. Ela saberá como seus servos recebem os visitantes.

Ele me olhou e começou a me conduzir como um cão-guia, levando-me assim a uma grande cozinha, onde havia muitos servos, pouco ocupados e muito sonolentos. Imaginei que eles pulariam sobre mim para me expulsar, porém se limitaram a olhar, com olhos bem abertos, não para mim, mas para algo às minhas costas, com uma expressão cada vez mais assustadora. Virei a cabeça e vi o animal branco, observando-os de um modo que com certeza amedrontaria até mesmo os corações mais destemidos.

Contudo, um deles, logo percebendo, imagino, que o ataque não era iminente, começou a voltar ao normal. Dirigi-me então a ele, permitindo que o rapaz se fosse.

— Leve-me até a princesa — solicitei.

— Ela ainda não deixou seus aposentos, senhor — ele respondeu.

— Avise-a de que estou aqui, aguardando para ser recebido em audiência.

— Por favor, vossa senhoria poderia me dizer a quem devo apresentar?

— Diga-lhe que alguém que conhece a sanguessuga branca deseja vê-la.

— Com certeza ela me matará se eu lhe transmitir tal mensagem. Não devo e não ousa lhe dizer isso.

— Está se recusando?

Ele lançou um olhar para minha acompanhante e saiu.

Os demais continuaram olhando, ainda muito assustados para tirar os olhos dela. Virei-me na direção da graciosa criatura. Estava tão perto que a focinheira quase tocava meu calcanhar. O animal era branco como leite, um ardente esplendor naquele lugar sombrio. Inclinei-me, afagando-a. Ela ergueu os olhos para mim, e o simples movimento de sua cabeça foi suficiente para aterrorizar a todos no recinto. A fera ergueu-se, apoiada nas patas traseiras, e colocou as patas anteriores sobre meus ombros. Passei os braços em torno de seu dorso. Ela eriçou as orelhas, afastou-se de mim e desapareceu num piscar de olhos.

O homem que eu havia enviado à princesa retornou.

— Por favor, venha por aqui, senhor! — disse-me.

Senti o coração palpitar, como se estivesse se preparando para o encontro. Segui o servo por entre muitas passagens, até que por fim fui levado a um aposento tão grande e escuro que não conseguia enxergar as paredes. Um único ponto no chão refletia uma tênue luz, porém ao redor tudo estava envolto em densa escuridão. Olhei para cima e vi, a uma grande altura, uma abertura oval no teto, de cujos cantos surgiam as uniões entre os blocos de mármore preto. A luz no chão revelava placas do mesmo material. Descobri mais tarde que a parede elíptica também era de mármore preto, que absorvia a fraca luz que a alcançava. O teto era a metade de uma longa curva elipsoidal, e a abertura nele estava sobre um dos focos da elipse no chão. Imaginei ter vislumbrado linhas avermelhadas, mas, quando estava para examiná-las, desapareceram.

Subitamente, uma forma radiante surgiu no centro da escuridão, espalhando esplendor por todos os lados. Seus cabelos, tão negros quanto o chão no qual terminavam, caíam como uma catarata sobre um manto branco e macio. Os olhos eram intensamente negros e luminosos, e os braços e pés eram como o mais atraente marfim. A princesa cumprimentou-me com um inocente sorriso juvenil — agora seu rosto, sua aparência e seus movimentos

pareciam ter ultrapassado o limiar da feminilidade. “Ai de mim”, pensei, “calculei mal o perigo! Pode ser esta a mulher que eu resgatei, a mesma que me atacou, me desprezou e me abandonou?” Permaneci parado, olhando para ela envolto na escuridão. Ela, por sua vez, ficou observando os arredores, como se estivesse me procurando.

Então desapareceu. “Ela não me reconhecerá!”, pensei. No instante seguinte, porém, seus olhos se iluminaram em meio às trevas, diretamente sobre os meus. Ela havia me avistado e vinha ao meu encontro!

— Vejo que me encontrou, por fim! — ela disse, colocando a mão sobre meu ombro. — Eu sabia que você viria!

Meus ossos estremeceram com uma consciência conflitante que eu não era capaz de analisar. Sentia-me, ao mesmo tempo, atraído e repellido: cada sensação parecia a outra.

— Você está tremendo! — ela comentou. — Este lugar é muito frio para você. Venha!

Permaneci calado, pois não tinha palavras diante de sua beleza. Com doçura, ela me manteve em silêncio.

Tomando minha mão, ela me conduziu para o ponto iluminado e desapareceu novamente, para ressurgir um segundo depois.

— Sua pele está mais escura desde a última vez que o vi — comentou.

— Este é praticamente o primeiro teto que tenho sobre a cabeça desde que você me abandonou — respondi.

— De quem era o outro? — ela questionou.

— Eu não sei o nome da mulher.

— Ficaria feliz em sabê-lo! O instinto de hospitalidade não é muito forte entre o meu povo!

Uma vez mais, ela me tomou pela mão e me conduziu pela escuridão até uma cortina preta. Além dela, havia uma escada branca, pela qual subimos até chegarmos a uma bonita câmara.

— Como você deve sentir falta do riacho de águas cálidas! — ela disse.

— Mas há uma banheira no canto, onde sanguessugas brancas não entram! Ao lado da cama, encontrará roupas limpas. Quando descer, estarei no aposento à esquerda, ao pé da escada.

Permaneci pensativo após ela me deixar, questionando minha presunção. Como podia tratar aquela mulher adorável como um ser maligno, depois de ela ter se comportado comigo como uma irmã? De onde surgira aquela mudança maravilhosa? Ela me abandonara com um golpe, e agora me recebia quase que com um abraço! Ela havia me insultado, agora dizia saber que eu a encontraria. Será que também sabia sobre minhas dúvidas a seu respeito? Sabia quanto eu ansiava por explicações? Será que ela poderia explicar tudo? Deveria confiar nela, caso o fizesse? Quanto à sua hospitalidade, sem dúvida a merecia e devia aceitá-la, pelo menos até chegar a um julgamento definitivo sobre ela!

Poderiam tal beleza, por mim testemunhada, e tal perversidade, por mim suspeitada, coexistir na mesma pessoa? Se a resposta fosse positiva, *como* isso seria possível? Incapaz de responder à primeira pergunta, precisava esquecer a segunda, por enquanto.

Clara como o mais puro cristal, a água na espaçosa e branca banheira emitia um brilho cintilante a partir do canto onde jazia, mergulhada no chão de mármore, e parecia convidar-me para um abraço. Exceto o riacho quente, os dois goles na cabana da mulher com véus e a corrente no rastro da criatura ferida, eu não via água desde que deixara minha casa. Parecia divina, de modo que mergulhei nela.

No mesmo instante, meu cérebro foi inundado por um odor estranho e delicado, que não me agradou totalmente. Isso me fez duvidar da princesa uma vez mais. Teria colocado alguma poção na água? Algum medicamento? Estaria ela, de alguma forma, trabalhando contra mim, de forma ilícita? E como seria possível haver toda aquela água no palácio, enquanto a cidade permanecia sem uma gota sequer? Lembrei-me da pata esmagada da fera e saí do banho.

Que líquido seria aquele no qual estivera mergulhado? Mais uma vez, revivi a mãe fugitiva, ouvi o uivo e lembrei-me da criatura manca. Mas o que importava de onde vinha a água? Ela não era doce? Não seria como toda a água que o cacto secretava em seu interior e armazenava para o viajante sedento e fatigado? A água vinha do céu. Que importância havia então em saber em qual poço era armazenada, ou de onde brotava a nascente? Contudo, o fato é que não ousei mergulhar de novo.

Vesti o roupão de lã pura, com adornos no pescoço e nas bainhas, que estava reservado para mim e desci a escadaria que levava ao aposento para onde minha anfitriã havia me orientado. Era redondo, todo de alabastro e sem uma única janela. A iluminação vinha de toda parte, uma luz tênue, suave, perolada, e não por um brilho intenso. Vagas formas sombrias flutuavam tremulantes nas paredes e no domo, como nuvens de chuva soltas sobre um céu azul-cinzentos.

A princesa estava à minha espera. Vestia um manto decorado com anéis, discos, retângulos e losangos, todos em tons prateados, muito próximos uns dos outros, como uma armadura de prata. Ele descia, em uma peça única, do pescoço até os pés, porém apresentava mangas longas com aberturas, que deixavam à mostra parte dos braços.

No aposento, havia uma mesa de marfim com bolos e frutas, um jarro, também de marfim, com leite, outro jarro, este de cristal, com vinho de uma coloração rosa-pálida, e pão branco.

— Aqui não matamos para comer, mas creio que apreciará o que lhe preparamos — disse ela.

Afirmei-lhe, em resposta, que não poderia desejar nada melhor que o que tinha diante de mim. Ela estava sentada em um sofá ao lado da mesa e acenou-me para que sentasse ao lado dela.

Então a princesa ofereceu-me uma tigela com leite e, estendendo-me o pão, pediu-me que retirasse dele o pedaço que desejasse. Em seguida, encheu de vinho dois cálices de prata, confeccionados de forma graciosa e

ao mesmo tempo grotesca.

— Você jamais bebeu um vinho como este! — ela afirmou.

Bebi-o e pensei que todas as flores de Hibla e Himeto¹³ deviam ter enviado seus fantasmas para fermentar a alma daquele vinho!

— E agora que você está pronto para escutar — ela prosseguiu —, devo fazer o possível para me fazer inteligível a você. Nossas naturezas, entretanto, são tão diversas que isso talvez não se mostre uma tarefa fácil. Homens e mulheres vivem para morrer, enquanto seres do meu tipo, que são poucos, vivem para continuar vivendo. Para os humanos, a velhice é um terror, mas para mim é um desejo acalantado. Quanto mais velhos nos tornamos, mais próximos ficamos da perfeição. A perfeição de vocês é algo inferior, vem rapidamente e dura muito pouco. Já a nossa é um amadurecimento constante. Eu mesma ainda não estou madura, após ter vivido milhares de seus anos. Não sei quantos, porque nunca me preocupei em contar. O eterno jamais será contado. Fui procurada por muitos pretendentes, porém não amei nenhum deles. O que eles desejavam era me escravizar, estavam atrás de mim como os homens da cidade buscam pedras preciosas. Quando você me encontrou, encontrei um homem! Eu o coloquei à prova, e você permaneceu, porque seu amor era genuíno. Contudo, era um amor longe do ideal, distante do amor que eu teria. Você me amou verdadeiramente, mas não com o verdadeiro amor. A piedade contém amor, mas não é amor. Que mulher de qualquer mundo daria amor em troca de piedade? Um amor como o seu, portanto, é odioso para mim. Sabia que, se você me visse como sou, sem dúvida me amaria como os demais, ou seja, para ter e manter. Eu não os queria também! Gostaria de ser amada de outra forma. Desfrutar um amor que sobrevivesse à desesperança, à indiferença desmedida, ao ódio e ao desprezo. Assim, dediquei-me à crueldade, ao desdém e à ingratidão. Quando o abandonei, mostrei-me de tal forma que você não poderia mais me seguir por piedade. Eu não precisava mais de sua ajuda! Mas você devia ou satisfazer meu desejo ou libertar-me: devia provar

se era valioso ou indigno! Para saciar a fome de meu amor, devia me seguir sem esperar nada em troca, nem mesmo gratidão ou piedade! Seguir-me e descobrir-me. Sentir-se contente com a mera presença, com o menor deleite. Eu falhei, não você. Eu determino as regras da competição.

Em seguida, olhou-me com ternura e escondeu o rosto entre as mãos. Contudo, vislumbrei um brilho e uma centelha por trás de sua ternura e não acreditei nela. Ela se expôs para me prender e escravizar; apenas para exercer seu fascínio sobre mim!

— Linda princesa — eu disse —, explique-me como chegou a uma situação tão maligna.

— Há coisas que não conseguirei explicar — ela respondeu — até que você se torne capaz de compreendê-las, o que só pode ocorrer quando o amor se tornar perfeito. Há inúmeras coisas tão desconhecidas para você que não pode nem sequer imaginar conhecê-las, porém tentarei responder de alguma forma qualquer pergunta que desejar fazer. Eu planejava visitar uma parte de meus domínios ocupada por um povo anão e selvagem, forte e feroz, inimigo da lei e da ordem, contrário a qualquer tipo de progresso, uma raça maligna, enfim. Parti desacompanhada, sem nenhum temor, inconsciente quanto à menor necessidade de precaução. Não sabia que, além do rio de águas cálidas, próximo de onde você me encontrou, certa mulher, de modo algum mais poderosa que eu, não sendo imortal, havia lançado o que vocês chamam de feitiço — que é simplesmente colocar em ação uma força tão natural quanto qualquer outra, porém operando primariamente em uma região além da compreensão dos mortais que fazem uso dessa força. Assim, iniciei minha jornada, alcancei o riacho e o pulei...

Uma sombra de vergonha obscureceu-lhe o rosto. Percebi isso, mas não demonstrei nada. Após uma pequena pausa, ela prosseguiu:

— Você sabe quanto um passo pode significar! Mas, naquele exato momento, fui invadida por um frio indescritível. De imediato, reconheci a natureza do ataque e sabia que poderia afetar-me, mas apenas

temporariamente. Movida por minha força de vontade, consegui me arrastar até a floresta. Depois disso, não me recordo de mais nada até o momento em que o vi adormecido, com a terrível sanguessuga em seu pescoço. Então rastejei, arranquei o monstro e levei os lábios ao seu ferimento. Você começou a despertar, e me escondi entre as folhagens.

Ela se levantou, com os olhos flamejantes, como nenhum olho humano conseguiria, e jogou os braços para o alto.

— O que fez por mim farei por você! — ela exclamou. — Vou recompensá-lo como nenhuma outra mulher jamais fez! Meu poder, minha beleza e meu amor são seus. Tome posse deles.

Ela se pôs de joelhos, abraçou minhas pernas e ergueu os olhos, fitando-me.

Então notei em sua mão esquerda uma enorme e grosseira luva. Em minha mente, vi pelos e garras sob ela, mas sabia que era a mão fechada, talvez bastante ferida. Dei uma olhada na mão direita; era tão adorável quanto uma mão poderia ser, e senti que, se não a detestasse, eu a amaria. Para não brincar com emoções usurpadoras, desviei o olhar.

Ela se recompôs, e permaneci imóvel, olhando o chão.

“Para mim ela está sendo sincera”, afirmou minha vaidade. Por um instante, fiquei tentado a amar uma mentira.

Um aroma, mais que o mover de uma brisa, estava me refrescando. Ergui o olhar. A princesa permanecia em pé, diante de mim, agitando os adoráveis braços de uma forma aparentemente mística.

Um rugido assustador fez meu coração martelar contra as costelas. O alabastro estremeceu como se estivesse tendo calafrios. Nitidamente, a princesa também.

— Creio que o vinho era demasiado forte para você — ela disse, com a voz trêmula. — Não deveria ter permitido que bebesse um cálice cheio. Vá para seu quarto e procure dormir. Quando acordar, poderá me perguntar o que desejar. Eu o acompanharei. Venha!

Enquanto subia a escada à minha frente, ela disse:

— Não me surpreende que aquele rugido o tenha assustado. Assustou a mim, confesso. Por um momento, temi que ela tivesse escapado, porém isso é impossível.

Não sei explicar bem por que, mas o rugido pareceu-me vir da fêmea branca sem manchas e estar direcionado a mim, não à princesa.

Com um sorriso, ela se despediu de mim à porta de meu aposento, mas ao se virar notei sinais de ansiedade em seu belo rosto.

13 Montes da Sicília (Hibla) e das proximidades de Atenas (Himeto), famosos por sua flora. [N. R.]



CAPÍTULO
XXVI
*Uma batalha
real*

Joguei-me na cama e comecei a repassar em minha mente a história que a princesa me revelara. Ela se esquecera de si mesma e, por uma única palavra incauta, removera uma perplexidade quanto à condição em que eu a encontrara na floresta! A leoparda *saltou* o rio, e a princesa caiu prostrada no barranco. A correnteza do riacho dissolvera seu autoencantamento! Seu relato quanto ao objetivo de sua jornada revelara o perigo iminente contra os Pequeninos. Eu havia salvado a vida do mais temível de seus inimigos!

Cheguei a essa conclusão quando estava quase dormindo. O delicioso vinho talvez não fosse tão inocente assim.

Havia anoitecido quando abri os olhos. Uma candeia suspensa no teto lançava uma luz suave e ao mesmo tempo clara sobre todo o recinto. Uma agradável fraqueza me envolveu. Pareceu-me estar flutuando, distante do

solo, sobre a superfície de um mar sombrio. A própria existência era prazerosa. Não havia dor. Por certo, estava morrendo.

Nenhuma dor! Ah, que dor mortal era aquela? Que ferroada repugnante! Ela atravessou meu coração! E de novo! Era a própria agudeza, e tão revoltante! Eu não conseguia nem mover a mão e colocá-la sobre o coração, algo a mantinha imóvel.

A dor foi desaparecendo aos poucos, mas todo o meu corpo parecia paralisado. Alguma coisa maligna estava sobre mim, algo odioso! Eu teria resistido, mas nada podia fazer. Minha vontade agonizava, tentando se afirmar, porém em vão. Por fim, desisti e permaneci quieto. Então percebi o toque de uma mão macia sobre minha face, pressionando minha cabeça contra o travesseiro, e algo pesado deitando-se sobre meu peito.

A partir daí, comecei a respirar mais livremente — o peso sobre o peito sumira —, e abri os olhos.

A princesa estava de pé acima de mim na cama, olhando para fora do aposento, com um ar sonhador. Seus grandes olhos estavam límpidos e calmos. A boca tinha uma expressão de paixão satisfeita. Ela removeu dos lábios um risco vermelho.

Percebendo meu olhar, ela se inclinou e me acertou os olhos com o lenço que trazia em uma das mãos. Foi como sentir a ponta de uma faca riscando-os. Por alguns segundos, fiquei cego.

Depois ouvi um som pesado, como de um grande animal pousando as patas após um pequeno salto. Abri os olhos e vi o balançar de um longo rabo, enquanto o animal desaparecia pela porta entreaberta. Levantei-me de um salto e o segui.

A criatura desaparecera. Desci as escadas e fui para o saguão de alabastro. A Lua estava alta, e o local, invadido pelo luar lânguido e débil. A princesa não estava lá, mas eu tinha de encontrá-la. Em sua presença, poderia me proteger; distante dela, não! Eu era como um animal domesticado do qual ela pudesse se alimentar, uma fonte humana para saciar uma sede

demoníaca! Ela demonstrou favorecer-me com o intuito de me usar! Meus olhos despertos não a temiam, porém, quando adormecessem, ela viria! Mesmo não a vendo, podia senti-la em todos os lugares, pois ela devia estar lá. Talvez estivesse aguardando por mim em alguma caverna secreta do sono. Apenas com meus olhos depositados sobre os dela eu poderia sentir-me a salvo de suas garras!

Fora do saguão de alabastro, estava escuro como breu, e tive de encontrar meu caminho tateando as paredes. Por fim, toquei uma cortina, afastei-a e adentrei um salão preto. Ali encontrei uma grande e silenciosa assembleia. Não saberia dizer ou imaginar como estava visível, pois as paredes, o chão e o teto estavam envoltos em uma espécie de negritude infinita, mais escura que a mais negra das noites sem luar e sem estrelas. Não obstante, minha visão conseguia discernir, ainda que vagamente, não poucos indivíduos na multidão de pessoas invadida e dividida, bem como cercada pela escuridão. Era como se meus olhos não acreditassem no que viam. Esfreguei-os e olhei de novo repetidas vezes, mas o que via não se alterou. A escuridão misturava-se à forma, e o silêncio e a ação indefinida dominavam o amplo espaço. Tudo era uma dança turva e confusa, permeada por vislumbres recorrentes de formas familiares. Uma mulher surgiu, exibindo gloriosos olhos que saltavam do crânio, depois a figura do esqueleto de um cavalo; um após o outro, fantasmas horrendos surgiam de seus esconderijos. Não pude traçar nenhuma ordem ou relação naquela combinação e no cruzamento de idas e vindas. Quando parecia que havia reconhecido a forma e o ritmo de uma dança, era para vê-la desarticulada, e a confusão prevalecia. Uma multidão de sombras, à primeira vista independentes de seres originais, cada uma se movendo conforme a própria vontade, mesclava-se às cores mutantes das formas aparentemente mais sólidas. Procurei a princesa em toda parte, porém não a encontrei durante toda aquela cena caleidoscópica, que mudava rapidamente, tampouco percebi qualquer indicação de sua presença. Onde será que estava? O que estaria fazendo? Ninguém demonstrou notar minha

presença enquanto eu perambulava entre eles à procura da princesa. Por fim, já sem esperanças, decidi procurar em outro lugar. Depois de encontrar a parede e manter a mão sobre ela para me orientar, pois até então não a conseguia ver, cheguei às apalpadelas a uma abertura que conduzia a um vestíbulo.

Pouco iluminada pelo luar, a jaula da fera era a arena do que parecia uma desesperada, embora silenciosa luta. Duas formas totalmente diversas, uma humana e outra bestial, em uma intrincada confusão de corpos e membros misturados, contorciam-se e lutavam em um apertado abraço. Não havia se passado nem sequer um instante quando vi o animal fora da jaula, andando calmamente na direção da porta aberta. Enquanto me apressava em segui-lo, espiei a jaula atrás de mim: lá estava a criatura, deitada, imóvel, como a vira antes.

A Lua, na metade de seu curso no céu, brilhava redonda e clara. A sombra sem corpo que eu vira na noite anterior caminhava por entre as árvores na direção do portão, e logo atrás dela seguia o animal, balançando o rabo. Acompanhei-os à distância, tão silenciosamente quanto eles, e nenhum dos dois olhou para os lados uma única vez. Atravessamos o portão aberto e descemos à cidade, permanecendo quietos como o luar sobre ela. A face da Lua estava imóvel, e tal imobilidade parecia ser de expectativa.

A Sombra tomou o caminho direto para a escada em cujo topo eu descansara na noite anterior. Sem parar nem uma vez, ele venceu os degraus, seguido de perto pela criatura. Acelerei o passo, porém no instante seguinte ouvi um grito de horror. Então presenciei a queda de algo macio e pesado entre o local onde estava e a escada, e aos meus pés vi um corpo assustadoramente escurecido e esmagado, que reconheci como sendo o da mulher que me levara à sua casa para fechar a porta na minha cara. Enquanto permanecia ali, petrificado, a leoparda manchada surgiu, saltando os degraus e carregando um bebê na boca. Corri para alcançá-lo ao pé da escada, mas naquele momento, por trás de mim, o animal sem manchas saltou sob o luar,

como uma grande barra da prata mais brilhante, e atingiu a outra fera no pescoço. A leoparda manchada soltou a criança, que sem demora resgatei, e parei para assistir à batalha entre as duas feras.

Que visão! As duas criaturas revezavam-se uma em cima da outra, ambas concentradas demais para emitir qualquer som além de uma rosnada abafada, um gemido contido ou um rugido de ódio, seguidos por um ágil bater de patas e de garras, pois cada qual, empurrando e puxando, lutava para se manter apoiada no pavimento. A fera manchada era maior que a branca, por isso fiquei preocupado com minha amiga. Contudo, logo compreendi que, embora não fosse mais forte ou mais ágil, a leoparda branca era mais resistente. Nem por um segundo ele afrouxou a pressão sobre o pescoço do outro. Por fim, da garganta manchada surgiu um urro de agonia, que se transformou, em diferentes graduações, em um longo grito de mulher em crescendo. A criatura branca relaxou as garras, enquanto a manchada se afastava, apoiada nas patas traseiras. Ereta sob o luar, surgiu a princesa, uma confusa agitação de sombras emergindo de sua brancura; as manchas da leoparda unindo-se, correndo e fugindo para o refúgio de seus olhos, onde, mergulhando, desapareceram. As manchas derradeiras, atrasadas e mais lentas, mesclaram-se com seus longos cabelos, deixando-a tão radiante quanto a Lua quando uma legião de vapores levados pelo vento flutua de seu disco prateado, exceto a uma região na parte inferior do pescoço, de onde um filete de sangue ainda pingava de cada ferimento provocado pelos terríveis dentes de sua adversária. Então ela se virou, deu alguns passos com o andar de uma deusa Hécate, foi ao chão, novamente coberta de manchas, e fugiu em um ágil e longo galope.

A criatura branca também se virou, saltou na minha direção, abriu meus braços, apanhou o bebê e correu, levando-o pela rua, em direção ao portão.



CAPÍTULO
XXVII

A fonte silenciosa



Virei-me a tempo de acompanhar a fêmea manchada, obtendo um único vislumbre seu, enquanto ela alcançava o cume da colina que levava ao portão do palácio. Quando cheguei ao saguão de entrada, a princesa tinha acabado de vestir o manto que havia deixado no chão. O sangue havia parado de pingar de seus ferimentos e secado com o vento durante a fuga.

Quando me viu, um lampejo de ira cruzou sua face, e ela virou a cabeça de lado. Então, com um sorriso forçado, olhou para mim e disse:

— Sofri um pequeno acidente! Fiquei sabendo que a Mulher-Gato estava outra vez na cidade e desci para mandá-la embora. Mas ela estava com uma de suas horríveis criaturas, que saltou sobre mim e cravou as garras em meu pescoço antes que eu pudesse atingi-la!

Ela tremeu da cabeça aos pés, e não pude evitar um sentimento de pena,

embora soubesse que mentia. No entanto, suas feridas eram reais, e sua face lembrou-me aquela que conheci na caverna. Meu coração começou a me repreender por não tê-la auxiliado durante a luta, e suponho que minha expressão denunciava a compaixão que sentia no meu íntimo.

— Tolo! — ela disse, com outro sorriso forçado. — Não precisa chorar! Espere-me aqui, enquanto vou ao salão preto por um instante. Quero que você pegue algo para meus ferimentos.

Mas eu a segui de perto. Fora da minha visão, eu a temia.

No instante em que a princesa entrou, ouvi um murmúrio como de muitas vozes baixas e, uma área após outra, a assembleia começou a ser iluminada alternadamente, como se por um raio que viajava de um ponto a outro. Grupo após grupo era iluminado, para então mergulhar outra vez na imprecisão geral, enquanto outra parte da vasta companhia brilhava por um momento.

Algumas das ações que aconteciam, quando iluminadas, não me eram desconhecidas, ou por ter me envolvido nelas, ou por tê-las observado, assim como a princesa, presente em cada uma delas, conforme eu podia testemunhar. Os dançarinos com cabeça de crânio pisavam a grama naquele salão dentro da floresta: lá estava a princesa observando da porta! A luta prosseguia na Floresta Maligna: lá estava a princesa incitando o combate! Não obstante, fiquei todo o tempo atrás dela, que permaneceu imóvel, com a cabeça encolhida no peito. O murmúrio confuso prosseguiu, bem como a comoção de cores e formas, iluminadas em turnos pelo raio, que ora escondia, ora mostrava. Por fim, a luz se estabeleceu na depressão da charneca, e lá estava a princesa, andando para cima e para baixo, tentando em vão manter a névoa ao seu redor! Então me assustei com o que vi: o velho bibliotecário caminhou na direção da princesa e parou por um momento, olhando-a. Ela caiu, os membros se desligaram dela e sumiram, enquanto todo o corpo desaparecia.

Um grito feroz ecoou pelo ambiente e, com a queda de seu espectro, a própria princesa, até então parada feito uma estátua à minha frente, caiu

pesadamente, permanecendo no chão. Virei-me de imediato e saí. Não tentaria ajudá-la a se recuperar de novo. Enquanto tremia ao lado da jaula, sabia que na elipsoide negra eu estava no cérebro da princesa! Vi o rabo da leoparda tremer uma vez.

Ainda tentava me recompor quando ouvi a voz da princesa ao meu lado:

— Venha comigo e lhe mostrarei o que desejo que faça para mim — ela disse.

Então conduziu-me ao pátio. Eu a segui em entorpecida submissão.

A Lua estava perto do apogeu, e sua presença prateada parecia ainda mais brilhante que o dourado do Sol ausente. A princesa conduziu-me por entre as árvores, em direção à mais alta delas, posicionada no centro. Ela não era como as demais, pois seus galhos, com as extremidades unidas no topo, formavam um cone, dando-lhe a aparência de um pinheiro. A princesa permaneceu próxima da árvore, olhando para cima, e disse, como se falasse consigo mesma:

— No cume dessa árvore, cresce uma pequena flor, que pode curar meus ferimentos imediatamente! Eu poderia virar uma pomba por um momento e apanhá-la, mas vejo que há uma pequena cobra entre as folhas, cuja picada poderia ser mais danosa para uma pomba que a mordida de um tigre para mim! Como eu odeio aquela Mulher-Gato!

Ela se virou para mim rapidamente e perguntou, com um de seus sorrisos mais doces:

— Você pode subir?

O sorriso desapareceu com a breve pergunta, e sua face assumiu uma expressão de tristeza e sofrimento. Deveria tê-la deixado sofrer, mas a maneira de pôr a mão sobre o pescoço ferido partiu meu coração.

Examinei a árvore. Em todo o caminho até os galhos, havia projeções no tronco, como resquícios de folhas caídas em uma palmeira.

— Creio que consigo subir nesta árvore — respondi.

— Não com os pés descalços — ela respondeu.

Em minha pressa de perseguir o animal, eu havia deixado meus chinelos no quarto.

— Isso não tem importância, pois já estou acostumado a andar descalço — respondi.

Observei a árvore mais uma vez, e meus olhos vagaram ao longo do tronco até minha vista se perder por entre os galhos. A Lua brilhava como espuma prateada aqui e acolá no áspero tronco da árvore, e uma pequena brisa soprou, varrendo o topo com um som murmurante de água caindo suavemente. Aproximei-me da árvore para iniciar a escalada, mas a princesa me impediu.

— Não posso permitir que tente isso com os pés descalços — ela insistiu. — Uma queda do topo o mataria.

— Assim como a mordida de uma cobra! — respondi, não acreditando haver alguma cobra entre as folhas.

— Ela não machucaria *você* — a princesa retrucou. — Espere um momento.

Ela rasgou de seu manto as duas amplas bainhas que se uniam na frente e, apoiando-se em um joelho, fez-me colocar primeiro o pé esquerdo e depois o direito, fechando-os com as grossas tiras ornamentadas.

— Você deixou as pontas penduradas, princesa! — adverti.

— Não tenho nada com que cortá-las, mas elas não estão compridas o suficiente para atrapalhá-lo — ela respondeu.

Em seguida, voltei-me para a árvore e iniciei a subida.

Em Bulika, o frio após o pôr do sol não era tão drástico quanto em outras áreas do país, em especial na região onde estava localizada a cabana do sacristão. Não obstante, quando já havia escalado uma pequena extensão comecei a sentir um frio intenso, que aumentava à medida que eu subia e tornou-se quase insuportável quando alcancei os galhos. Então estremeci de alto a baixo, parecendo haver perdido pés e mãos.

Não havia quase nenhum vento, e os galhos não se moviam. Entretanto,

quando cheguei perto do cume, percebi certa instabilidade: cada galho onde apoiava os pés ou firmava as mãos parecia a ponto de quebrar. No instante em que minha cabeça ultrapassou os galhos, já quase no topo, e com o auxílio do luar passei a procurar pela flor, descobri-me molhado dos pés à cabeça. Depois, como se tivesse mergulhado em águas turbulentas, fui sacudido violentamente e me senti submergir. Jogado de um lado para outro, girando em todos os sentidos, eu afundava cada vez mais. Ofegante, engasgado e sufocado, caí por fim em algo sólido.

— Eu avisei! — grasnou uma voz em meu ouvido.



CAPÍTULO
XXVIII
Sou silenciado

Tirei a água dos olhos e vi o corvo empoleirado na borda de uma enorme bacia de pedra. Com a luz gélida do anoitecer refletida em sua lustrosa plumagem, ele estava olhando para mim, calmamente, de cima para baixo. Permaneci de costas na água, apoiado nos cotovelos, apenas com a cabeça acima da superfície. Na verdade, estava dentro da enorme fonte construída por meu pai na área central do gramado. Lá no alto, imponente em sua espessura e seu brilho metálico, a haste lançava para cima uma torrente de água, que subia algumas dezenas de metros e depois se precipitava, formando uma flor de espuma.

Ofendido pela frieza da observação do corvo, retruquei:

— Avisou nada!

— Eu lhe disse para não fazer nada que alguém em quem não confiasse lhe pedisse!

— Ora! Como poderia me lembrar disso?

— Mas você não esquecerá as consequências de ter esquecido meu aviso!
— respondeu o sr. Corvo, inclinado sobre a beira da fonte. Ele estendeu a mão na minha direção.

Aceitei a ajuda e, no instante seguinte, estava ao seu lado na relva, totalmente ensopado.

— Você deve vestir roupas secas imediatamente! — ele disse. — Estar molhado não é um problema no mundo de onde você vem, embora nos dias de hoje tal acidente seja incomum. Aqui isso tem inconveniências.

Ele se transformou em corvo outra vez e caminhou com um ar imponente rumo a casa, cuja porta estava entreaberta.

— Não tenho muito a trocar! — ri, pois havia deixado meu roupão de lado para subir na árvore.

— Faz muito tempo desde que mudei minhas penas! — disse o corvo.

No interior da casa, todos pareciam dormir. Dirigi-me ao meu quarto, encontrei algo para vestir e desci à biblioteca.

Quando entrei, o bibliotecário veio do gabinete. Deixei-me cair no sofá. O sr. Corvo puxou uma cadeira ao meu lado e sentou-se. Por alguns minutos, permanecemos calados. Fui o primeiro a quebrar o silêncio.

— O que significa tudo isso? — perguntei.

— Boa pergunta! — ele retrucou. — Ninguém sabe o que uma coisa é; um homem pode aprender apenas o que uma coisa significa! Não importa o que faça, depende do uso que estiver fazendo dela.

— Ainda não fiz uso de nada!

— Não muito, é verdade, mas reconhecer o fato já é alguma coisa! A maioria das pessoas leva uma vida inteira para aprender que não aprendeu nada e realizaram menos ainda! Pelo menos você ainda mantém o desejo de ser útil.

— De fato, gostaria de fazer algo pelas crianças, quero dizer, os preciosos Pequeninos.

— Sei que sim, mas começou da maneira errada!

— Desconhecia a maneira correta.

— Também isso é verdade, mas a culpa de não saber é sua.

— Estou pronto para crer em tudo o que me disser, desde que compreenda o que significa.

— Se você tivesse aceitado nosso convite, conheceria a maneira correta. Se um homem não vai agir no lugar onde está, ele deve ir para longe, a fim de encontrar seu trabalho.

— Na verdade, fui muito longe e não cheguei a lugar nenhum, pois não encontrei meu trabalho! Abandonei as crianças com o intuito de aprender como servi-las, mas só descobri o perigo em que elas estão.

— Quando convivia com eles, estava onde poderia auxiliá-los; você deixou sua missão para procurá-la! É preciso ser um homem sábio para reconhecer o momento certo de partir; o tolo pode querer voltar imediatamente.

— Quer dizer, sr. Corvo, que eu poderia ter feito algo pelos Pequeninos estando com eles?

— Conseguiu ensinar-lhes algo com seu abandono?

— Não. Mas como poderia ensiná-los? Nem sabia por onde começar. Além disso, alguns estavam muito à minha frente!

— Isso é verdade, mas você não era uma régua para medi-los. Sem dúvida, se eles soubessem o que você sabe, para não dizer o que você deveria saber, eles estariam à sua frente, a perder de vista! Entretanto, você viu que eles não cresciam, ou o faziam tão lentamente que ainda não tinham desenvolvido a simples ideia de crescimento! Na verdade, eles têm medo de crescer. Creio que jamais tinha visto crianças continuarem a ser crianças!

— O fato é que eu não tinha mesmo nenhum poder para fazê-los crescer.

— Talvez você tivesse removido alguns dos obstáculos que os impediam de se desenvolver!

— Que obstáculos seriam esses? Não os conheço. Pensei que talvez fosse pela escassez de água.

— Claro que é! Eles não têm ninguém com quem chorar junto!

— De bom grado eu os teria mantido afastados dessa necessidade!

— Sem dúvida! Esse é o objetivo de todos os estúpidos filantropos! Porque, sr. Catavento, se não fosse pelo pranto existente, seu mundo jamais teria se tornado digno de salvação! Você disse ter pensado que era água o que eles desejavam. Então por que razão não cavou um ou dois poços para eles?

— Isso nunca me passou pela cabeça!

— Nem mesmo quando o som das águas sob a terra invadia seus ouvidos?

— Talvez tenha pensado uma única vez, mas temi os gigantes por causa deles. Foi isso o que me motivou a suportar tantos maus-tratos dos brutos.

— Na realidade, você quase ensinou as nobres e pequeninas criaturas a ter medo dos estúpidos gigantes! Durante todo o tempo em que eles o alimentavam, confortavam e adoravam, você agia como escravo de homens ignorantes! Deu ao herói dos Pequeninos uma aparência covarde! Dificilmente poderia ter-lhes causado maior dano! Eles lhe deram seu coração; você devia a eles sua alma! A esta altura, talvez já pudesse ter transformado os gigantes em lenhadores e supridores de água para os Pequeninos!

— Receio ser verdade tudo o que você disse, sr. Corvo. Entretanto, a realidade é que temi que a obtenção de mais conhecimento se mostrasse nociva a eles, tornando-os menos inocentes e amáveis.

— O fato é que eles não lhe deram qualquer motivo para alimentar tal temor!

— Um pouco de conhecimento não é algo perigoso?

— Esse é um dos equívocos preferidos do seu mundo! O maior conhecimento do homem chega a ser mais que apenas um pouco de conhecimento? Portanto, isso é perigoso? O conceito de que o conhecimento em si seria algo valioso é que tornaria qualquer grau de conhecimento mais nocivo que qualquer grau de ignorância. Conhecer todas as coisas não

significaria grandeza.

— Pelo menos o fiz por amor a eles. Não foi por covardia que servi aos gigantes!

— Pode ser, mas você deveria servir aos Pequeninos, não aos gigantes! Deveria ter fornecido água aos Pequeninos. Então logo teriam ensinado aos gigantes o verdadeiro lugar deles. Nesse meio-tempo, você poderia ter convencido os gigantes a cortar dois terços de suas árvores frutíferas ruins para dar espaço ao cultivo das pequenas e delicadas. Você deixou escapar a oportunidade com as adoráveis criaturas, sr. Catavento, ao especular sobre elas, em vez de auxiliá-las.



CAPÍTULO
XXIX
A gata persa



entei-me em silêncio e envergonhado. O que ele disse era a mais pura verdade. Eu não havia sido um vizinho sábio para os Pequeninos!

O sr. Corvo prosseguiu:

— Ao mesmo tempo, você também errou com as criaturas estúpidas. Para elas, a escravidão teria sido um progresso. As lições que você poderia ter-lhes ensinado com uma vara improvisada de suas árvores teriam sido inestimáveis.

— Não sabia que eles eram covardes!

— Que diferença isso faz? O homem que fundamenta suas ações na covardia dos outros é, em essência, ele mesmo um covarde. Temo que o pior ainda esteja por vir! A esta altura os Pequeninos já deveriam ser capazes de se proteger da princesa, sem mencionar os gigantes. Eles sempre foram aptos para isso, já que riam dos estúpidos! Contudo, agora, em virtude de suas relações com a princesa...

— Eu a odeio! — exclamei.

— Você deixou bem claro para ela que a odiava?

Novamente, silencieii.

— Nem mesmo a ela você foi fiel! Ora, temo que tenhamos sido seguidos desde a fonte.



— Não percebi nenhuma criatura viva, exceto um gato de aparência duvidosa que fugiu em disparada rumo aos arbustos.

— Era uma magnífica gata persa, porém tão molhada e imunda que disfarçava o que realmente é: pior que desprezível.

— O que quer dizer, sr. Corvo? — questionei, com um gosto de horror me invadindo a garganta. — Havia uma belíssima gata persa azul nas proximidades da casa, mas ela desapareceu aos primeiros sons de água! Será que estava atrás do peixe dourado?

— É o que veremos! — comentou o bibliotecário. — Conheço um pouco sobre gatos de todos os tipos, e há algo na sala que vai desmascarar essa criatura, ou estou equivocado a respeito dela.

O homem levantou-se, foi à porta do gabinete, retirou dele o volume mutilado e sentou-se ao meu lado. Olhei para o livro que ele tinha nas mãos: era um livro completo, perfeito e intacto!

— Onde estava a outra metade desse livro? — balbuciei.

— Grudado em minha biblioteca — ele respondeu.

Calei-me. Uma única pergunta a mais teria sido um mergulho em um mar imenso, e talvez não houvesse tempo para tal!

— Preste atenção — o sr. Corvo advertiu. — Vou ler uma estrofe ou duas. Há alguém presente que, imagino, não apreciará a leitura!

Ele abriu a capa áspera e virou uma ou duas páginas amareladas pelo tempo — uma delas exibia uma mancha escura que tomava cerca de dois terços de sua área. Lentamente, virou também essa, em busca de certa passagem no que aparentava ser um poema contínuo. Em algum lugar próximo da metade do livro, ele começou a ler.

No entanto, o que segue representa não o que ele leu, mas a impressão que causou em mim. O poema pareceu-me escrito em uma linguagem que jamais ouvira, não obstante a compreendi perfeitamente, ainda que não fosse capaz de escrever as palavras ou dizer o que significavam, exceto por alguma pobre aproximação. Assim, estes fragmentos são as formas assumidas pelas

palavras que ele leu ao passarem por meu cérebro:

Mas, se encontrasse um homem que creu
Naquilo que não viu, não sentiu e, contudo, conheceu,
Dele deveria extrair substância e receber
Solidez e forma com respeito a tocar e ver;
Então eu deveria revestir-me da aparência verdadeira
Daquela ideia à qual sua alma se apegou!

Ele virou a página novamente:

Cada mulher em mim estava. Eu tinha poder
Sobre a alma de cada homem, vivente ser,
Tal como nenhuma mulher jamais teve em seu dote —
Pude o que nenhuma mulher jamais pôde ou pode;
A todas as mulheres, eu, a mulher, ainda excedia,
Excelsa, profunda, soberana, de noite ou de dia.

Pois, ainda que não tenha me visto ou ouvido,
Nem com sua mão pôde em mim um dedo encostar;
Embora nem uma vez minha respiração tenha fremido
Um fio de seu cabelo, poderia cérebro e espinha
emaranhar
Com profundas raízes que nem mesmo a Morte
poderia desembaraçar —
Ou a vida, apesar de a esperança estar cada vez mais a se adiar.

Uma vez mais, ele parou por um instante, virou a página e prosseguiu:

Pois a seu lado, algo sem corpo, permaneci;
Apenas pensei; não respirei, vi ou senti;
E o fiz me amar — com intenso ardor,
Apesar de não saber o quê — se algo for

Ou somente algo obscuro que foi forjado
Por ele mesmo, porque eu havia cantado,

Sem ecoar em sua alma, uma canção;

Permaneci algo insensível contra seu coração,
Dando-lhe nada, enquanto ele deu todo o seu ser,

Para, em todos os sentidos, humana me fazer:

Que eu, por fim, em seu senso pudesse me lançar,
Assim, primeiro em sua mente vivente eu o fui roubar.

Ah, quem sempre, senão eu, o amor conquistou?!

Quem mais no coração de um homem sempre
reinou?!

Para o ser visível, com um alegre lamento despertei,

O tremor da vida correu por mim, palpitante, eu sei!

Um estranho e repulsivo choro felino ecoou em algum lugar do recinto.
Levantei-me de súbito e olhei ao redor, porém nada vi.

O sr. Corvo virou várias páginas e continuou sua leitura:

De repente, acordei, inconsciente do terrível pavor

Que me prendia, não como enrolada serpente,
Mas como um úmido, corrupto e sombrio vapor,

Invadindo, como um todo, coração, alma, peito e mente,

Meu ser permanece imóvel em dúvida repugnante,
Sem ousar perguntar como chegou aqui o horror.

Conhecia todo o meu passado, mas não meu presente;

Não compreendia o que era, nem onde me encontrava;
Sabia o que tinha sido; à testa bem rente

Sentia o toque do que lá não mais estava!

Eu era um desfalecente, morto, não obstante, vivo

Desespero,
Uma vida que zombava da vida com sofreguidão e
esmero!

Que era uma rainha muito bem o sabia,
E, por vezes, minha cabeça de esplendor cingia,
Cujo brilho nem mesmo a morte apagar podia
Assim como o pescoço, os braços e a cintura:
Homens viram a luz que meu olhar cerrado emitia
Que sobrepujava o diamante em sua prateada clausura.

Mais uma vez, ouvi aquele terrível lamento felino de dor e de novo
esquadrinhei o ambiente sem vislumbrar nenhuma sombra ou movimento. O
sr. Corvo pareceu prestar atenção por um instante, mas tornou a virar muitas
páginas e continuou:

Hediondamente molhados, meus cabelos dourados
Corromperam-me as formosas mãos: para tê-los de
pronto cortados;
Cedi meus rubis, todos para mim extraídos,
Que nem olhos viram, nem em cinturas foram
exibidos!
Por um gole de água, de um cálice talhado,
Por um respiro azul, eu minhas safiras azuis tinha dado!

Ainda minhas opalas por um avental dei,
Uma roupa de camponesa, limpa e surrada, sei:
Minha mortalha estava gasta! Então um galo ouvi
Cantar avidamente no monte verdejante, ali,
Sobre meu caixão. Pela distância atenuada,
Veio uma resposta como fantasmagórica zombaria articu-
lada.

Ouviu-se, de novo, um lamento de algum animal.

— Acho que há algo abjeto na sala — comentou o bibliotecário, lançando um olhar inquiridor pelo recinto; mas imediatamente virou uma página ou duas e prosseguiu:

Pois em leite e seiva me banhava,

Caída de rosas, que nem a terra tocava,

E untei-me com nardo de âmbar matiz;

Desde o berço, jamais uma mancha em mim apareceu,

Ou pinta, nem qualquer carência ou cicatriz;

Nunca um cabelo supérfluo em mim cresceu.

Fugidia e fria como a neve, a sós me sentaria —

Não sob o Sol, pois sua luz bronzeadora temia,

Mas sob seu brilho lançado ao redor de mim

Por espelhos refulgentes temperando seu poder;

Tomando, assim, um banho de Lua não tão brilhante,

Com vagar minha pele eu revesti de um tom marfim.

No entanto, agora a noite ao redor estava escura!

Meus olhos nem mesmo uma tênue luz emitiam;

Meus dedos uma pele flácida sentiam;

Pela morte meu corpo estava envolto em uma mistura

De repugnantes horrores...

Com um berro medonho, uma enorme gata branca apareceu não se sabe de onde, toda suja e molhada, exibindo um rabo grosso como um cabo e olhos de um verde flamejante como ágata. Ela rumou para a chaminé com as garras extensas que se prendiam ao tapete e a faziam tropeçar enquanto corria. Tão rápido quanto um pensamento, o bibliotecário atirou o manuscrito entre o animal e o piso da lareira. Ela se encolheu instantaneamente, com os olhos

fixos no livro. No entanto, a voz do sr. Corvo prosseguiu como se ainda estivesse lendo, e seus olhos também fitavam o livro:

Ah, os dois mundos! Eles são um, estranhamente,

Não obstante, distintos imensuravelmente!

Ah, tivesse eu vivido apenas a antimatéria,

E de sentimentos aviltantes meu coração poupado,

Tivesse então do câncer e da dor intensa escapado,

Liberto da vida na morte, livre do lamento eterno da miséria!

Ao som dessas palavras, da gata irrompeu um uivo tão intenso, um gemido tão prolongado de agonia, que ambos tapamos os ouvidos. Cessado o lamento, o sr. Corvo caminhou rumo à lareira, apanhou o livro e, parado entre a criatura e a chaminé, apontou o dedo para o animal por um instante. A gata permaneceu perfeitamente imóvel. Em seguida, ele apanhou um graveto carbonizado da lareira, desenhou um sinal no chão e guardou o manuscrito de volta em seu lugar, com um olhar que parecia dizer: “Acho que agora a pegamos!” Retornando à gata, posicionou-se à sua frente e afirmou, com uma voz solene e firme:

— Lilith, quando veio aqui para fazer sua maligna vontade, você quase não pensou em que mãos estaria se entregando!

— E, dirigindo-se a mim, prosseguiu:

— Sr. Catavento, quando Deus me criou (não do nada, como dizem os incultos, mas de sua eterna glória), ele me deu como esposa um esplendor angelical: aí está ela! Pelo fato de pensar primeiro em poder, ela considerou escravidão o unir-se a mim e gerar filhos para Deus, a quem deve a existência. Contudo, ela gerou uma criança, mas, inflada com a suposição de que a tinha criado, desejou que eu caísse de joelhos e a adorasse! Entretanto, descobrindo que, embora a amasse e respeitasse, eu jamais lhe obedeceria ou adoraria, ela derramou seu sangue para escapar de mim. Fugiu para o

exército dos estrangeiros e logo seduziu o coração do grande Sombra, que se tornou escravo dela, satisfazendo sua vontade e tornando-a rainha do Inferno. O que se passa com ela agora, ela o sabe melhor, mas eu também sei. Ela teme e odeia a única criança que gerou e a mataria, para confirmar o direito, que é uma mentira, sobre o que Deus enviou por meio dela ao seu novo mundo. Da criação, ela sabe não mais que o cristal que assume sua forma ou a minhoca que se torna duas. Como a mais vil das criaturas de Deus, ela vive do sangue, da vida e da alma dos homens. Ela os consome e os mata, mas é impotente tanto para destruir quanto para criar.

A criatura felina permanecia imóvel, com os olhos de berilo flamejantes fitando o bibliotecário: os olhos dele fixos sobre os dela não permitiam que se desviassem.

— Então Deus me concedeu outra esposa, não um anjo, mas uma mulher, que é em relação a esta como a luz diante da escuridão.

A gata emitiu um grito horrível e começou a ficar cada vez maior. Por fim, surgiu aquela fera salpicada de manchas, que soltou um rugido de estremecer toda a casa. Levantei-me, assustado. Quanto ao sr. Corvo, acredito que nem mesmo piscou.

— Isso é por ciúme — ele afirmou —, totalmente egoísta, repulsivo e inútil, pois aqui estou, seu mestre agora, a quem não terá por marido! Enquanto isso, minha bela Eva ainda vive, esperamos que para sempre! Sua odiada filha também vive, porém longe do alcance de seu conhecimento maligno, para um dia tornar-se o que ela considera sua destruição, pois mesmo Lilith deve ser salva por sua gravidez. Enquanto isso, ela se alegra com o fato de minha mulher humana ter mergulhado a si mesma e a mim em desespero, por ter gerado para mim uma incontável raça de miseráveis. Contudo, minha Eva arrependeu-se e está agora mais bela que qualquer mulher ou anjo jamais foi, enquanto seu agonizante e sofrido mundo torna-se o berço dos filhos de nosso pai. Eu também me arrependi e sou abençoado. E tu, Lilith, não te arrependeste ainda, mas deves. Dize-me, vês

beleza no grande Sombra? Sabes por quanto tempo permanecerás bela? Dize-me, se por acaso o sabes.

Por fim, compreendi que o sr. Corvo era de fato Adão, o velho e o novo homem, e que sua esposa, que ministrava na Casa da Morte, era Eva, a mãe de todos nós, a dama da Nova Jerusalém.

A fêmea levantou-se sobre as patas traseiras; as manchas começaram a tremular e a desaparecer. Por fim, a princesa surgiu radiante em sua perfeita forma.

— Eu *sou* bela e imortal! — ela exclamou, parecendo a deusa que reivindicava ser.

— Como um arbusto que queima e é consumido — respondeu aquele que fora seu marido. — O que escondes sob tua mão direita?

Porque ela mantinha o braço cruzado sobre o peito e a mão pressionada contra o flanco.

Uma angústia aguda contorceu sua bela feição, mas desapareceu tão repentinamente quanto surgiu.

— Nada mais que uma mancha de leopardo que permanece. Em breve, acompanhará as outras manchas — ela respondeu.

— Tu és bela porque foste criada por Deus, mas és escrava do pecado. Retira a mão do teu flanco!

Ela deixou cair o braço e, durante o movimento, fitou o sr. Corvo diretamente nos olhos com uma ferocidade assustadora, que nada expressava de rendição.

Ele observou a mancha por um instante.

— Isso não é do leopardo, mas da mulher! — afirmou. — Tampouco te deixará até que tenha devorado teu coração e que tua beleza tenha se esvaído de ti pela ferida aberta!

Ela abaixou os olhos e tremeu da cabeça aos pés.

— Lilith! — implorou Adão, com um tom de voz terno e ao mesmo tempo suplicante. — Ouve-me e te arrepende. Então aquele que te criou te

purificará.

Com a mão trêmula, ela recolocou a mão sobre o flanco. Sua face tornou-se sombria, e ela emitiu um lamento de alguém cuja esperança está morrendo. A lamentação deu lugar a um urro. Ela se deitou no chão, contorcendo-se, até se transformar na fera coberta de manchas.

— O mal que planejaste — Adão prosseguiu — jamais realizarás, pois Deus, não o Maligno, é o Universo. A batalha entre eles deve durar por incontáveis eras, mas chegará ao fim. O que sucederá a ti quando o tempo desaparecer no alvorecer da manhã eterna? Arrepende-te, eu suplico. Arrepende-te, para te tornares outra vez um anjo de Deus!

O animal levantou-se, surgindo de pé mais uma vez como mulher, e declarou:

— Jamais me arrependerei. Beberei o sangue do teu filho.

Meus olhos estavam fixos na princesa, mas quando Adão falou imediatamente se voltaram para ele. Ele permanecia altaneiro diante dela, mas sua aparência havia mudado, e sua voz agora ecoava terrível.

— Abaixa-te! — ele ameaçou — Ou pelo poder a mim concedido derreterei teus ossos.

Na mesma hora, ela se jogou ao chão, transformando-se uma vez mais em uma gata cinza. Adão agarrou-a pela pele atrás da nuca, carregou-a até o gabinete e colocou-a lá dentro. Depois de traçar uma estranha figura na soleira, ele fechou a porta e a trancou.

Em seguida, retornou para meu lado como o velho bibliotecário. Parecia triste e fatigado, disfarçadamente enxugando as lágrimas que insistiam em lhe cair dos olhos.



CAPÍTULO
XXX
*A explicação
de Adão*



— **D**evemos manter a guarda sempre elevada — ele comentou —, caso contrário ela nos enganará outra vez. Ela é capaz de iludir os próprios eleitos!

— Como podemos manter a guarda alta? — perguntei.

— De todas as maneiras — ele respondeu. — Ela teme e, portanto, odeia a criança que gerou. Está nesta casa a caminho de destruí-la. Aos seus olhos, o nascimento dos filhos significa a morte dos pais, e cada nova geração é inimiga da anterior. Sua filha aparece-lhe como um canal aberto, por onde sua imortalidade, que ela julga ser-lhe inerente, está escapando rapidamente. Para resgatar esse poder, quase desde o nascimento da filha a mãe a tem perseguido como ao mais temível dos inimigos. Até aqui, porém, o resultado de suas maquinações é que, na região que ela reivindica como sua, surgiu uma colônia de crianças, da qual sua filha é o coração, a mente e as asas protetoras. Minha Eva desejava aquela criança e teria sido para ela como

uma mãe para com seu primogênito, mas ainda não estávamos prontos para treiná-la. Ela foi levada para o deserto e por muito tempo nada soubemos de seu destino. Entretanto, ela foi divinamente protegida e teve jovens anjos por companhia, não sabendo o que era cuidar até que encontrou um bebê na floresta, e o sentimento materno que tinha dentro de si despertou. Uma a uma, ela vem encontrando muitas crianças desde então, mas seu coração ainda não está pleno. Sua família é o encargo que a absorve, e nenhuma outra criança foi mais bem cuidada por sua mãe. Sua autoridade sobre eles é natural, não forçada, mas desconhecida até para ela mesma e jamais vem à tona exceto sob a forma de cuidado e serviço. Ela se esqueceu de quando vivia sem eles e crê também ter vindo da floresta, como a primeira da família. Você salvou a vida dela e a de sua inimiga, portanto sua vida pertence a ela e a eles. A princesa estava a caminho de destruí-los, mas, ao atravessar o riacho, a vingança a sobrepujou. Ela teria morrido se você não tivesse vindo em seu auxílio. Você a socorreu e, em outros tempos, ela já estaria espalhando sua fúria entre os Pequeninos, caso ousasse cruzar o riacho outra vez. Contudo, outro caminho para a pequena e abençoada colônia atravessava o mundo das três dimensões. Só que, ao destruir seu corpo anterior, ela havia expulsado a si mesma desse mundo, e só poderia retornar a ele pelo contato pessoal com um de seus habitantes. Você ofereceu a oportunidade: jamais, em todos esses longos anos, ela tivera diante de si uma chance como essa. A mão dela, com seu leve toque, estava segurando um ou outro de seus pés, a cada passo que você subia. Naquele pequeno recinto, ela está agora buscando uma oportunidade para escapar assim que puder.

— Ela não tem como saber coisa alguma sobre a porta! Pelo menos, não pode saber como abri-la! — afirmei, porém meu coração não expressava tanta confiança quanto minhas palavras.

— Silêncio! — sussurrou o bibliotecário, erguendo a mão em sinal de alerta. — Ela pode ouvir através de qualquer parede! Você deve ir agora mesmo para a cabana de minha esposa. Eu ficarei aqui, mantendo guarda

sobre ela.

— Deixe-me ir para os Pequeninos! — supliquei.

— Tome cuidado, sr. Catavento. Procure minha esposa e faça tudo conforme ela o instruir.

Seu conselho não parecia muito recomendável. Por que se apressar para encontrar tamanha demora? Se não podia ir proteger as crianças, por que deveria ir, afinal? Pobre de mim, pois mesmo agora acreditava nele apenas o suficiente para questioná-lo, não para lhe obedecer!

— Antes, responda-me, sr. Corvo — disse eu —, por que, de todos os lugares possíveis e imagináveis, escolheu trancá-la ali? Naquela noite em que fugi de sua casa, acabei exatamente naquele pequeno gabinete!

— Aquele gabinete não está mais perto de nossa cabana ou mais distante dela que qualquer outro lugar.

— Mas — devolvi, tendo dificuldades para me convencer em uma questão que não entendia — como é possível que, quando lhe apraz, você consiga apanhar daquela mesma porta um livro completo, enquanto eu vi e senti apenas metade dele? A outra parte, você mesmo me contou, ficava em sua biblioteca: quando você o devolver à prateleira, não voltará a ser assim? Não devem então os dois lugares, nas quais partes do mesmo volume conseguem existir ao mesmo tempo, estar intimamente unidos? Ou uma metade do livro pode estar no espaço ou *em algum lugar*, enquanto a outra metade está fora do espaço ou *em lugar algum*?

— Desculpe-me, porém não posso explicar isso a você — ele respondeu —, pois não há em você capacidade para compreendê-lo. Assim, não apenas o fenômeno é inexplicável, mas a própria natureza dele lhe é ininteligível. Na verdade, eu mesmo o compreendo parcialmente. Contudo, ao mesmo tempo, você está sempre vivenciando coisas que não só não compreende, como não pode compreender. Você acha que as compreende, mas a compreensão que tem delas é apenas o fato de estar acostumado a elas e, portanto, não surpreendido por elas. Você as aceita não porque as

compreende, mas porque tem de aceitá-las. Elas estão lá, tendo relações inevitáveis com você! O fato é que o homem não compreende nada; quando ele toma consciência de que não compreende, aí sim dá o primeiro passo cambaleante não rumo à compreensão, mas em direção à capacidade de compreender algum dia. Você não está acostumado a coisas assim e, portanto, não deve fantasiar que as compreende. Nem eu nem qualquer outro homem podemos auxiliá-lo a obter essa compreensão, mas talvez eu possa ajudá-lo um pouco a crer!

Ele caminhou até a porta do pequeno gabinete, emitiu um assobio baixo e ficou parado, escutando. No instante seguinte, ouvi, ou pensei ter ouvido, um suave bater de asas e, erguendo os olhos, vi uma pomba branca pousando por um momento no topo das prateleiras sobre o retrato. De lá, ela voou para o ombro do sr. Corvo e encostou a cabeça na face do bibliotecário. Deduzi, apenas pelos movimentos das cabeças, que estavam conversando um com o outro, porém nada ouvi. Tampouco desviei os olhos deles, mas de repente a ave já não mais estava ali, e o sr. Corvo voltou a sentar-se.

— Por que você assobiou? — perguntei. — Certamente, o som aqui não é som lá!

— Você está certo — ele assentiu. — Assobie para que você soubesse que eu a chamei. Não foi o som do assobio, mas seu significado, que a alcançou. Não há um minuto a perder! Vá, agora!

— Partirei imediatamente — concordei, dirigindo-me à porta.

— Esta noite você dormirá em minha hospedaria — ele me instruiu, não como uma questão, mas em tom de suave autoridade.

— Meu coração está com as crianças — repliquei. — Mas, se insiste...

— Sim, eu insisto. Caso contrário, não poderá fazer nada. Eu irei com você até o espelho.

Ele se levantou. Então se ouviu um repentino choque no gabinete. Aparentemente, a leoparda se jogara contra a pesada porta. Olhei para meu acompanhante.

— Vamos! Rápido! — ele advertiu.

Antes que alcançássemos a porta da biblioteca, um urro pavoroso chegou até nós, misturado ao som de garras arranhando o resistente carvalho. Hesitei um segundo e me virei.

— Pensar nela naquele gabinete, sozinha — murmurei —, com aquela ferida terrível...

— Nada jamais fechará aquela ferida — ele respondeu, dando um suspiro. — A mancha deve consumi-la até o coração! A aniquilação em si não significa morte para o maligno. O único bem na presença do mal é a morte. Uma coisa maligna deve viver com seu mal até que escolha ser boa. Apenas isso significa a morte para o mal.

Mantive o passo até que um som que não compreendi nos assaltou.

— E se ela conseguir escapar?! — exclamei.

— Aprese-se! — ele retrucou. — Devo correr para baixo assim que você partir. Além disso, desarrumei os espelhos.

Corremos o mais rápido possível, chegando totalmente ofegantes à câmara. O sr. Corvo apanhou as correntes e ajustou o toldo. Depois acertou a posição dos espelhos, na relação adequada, colocando-se ao meu lado diante do espelho principal. Eu já podia avistar a cadeia de montanhas emergindo em meio ao nevoeiro.

Entre nós, surgiu velozmente, com o grito de um demônio, a enorme criatura salpicada de manchas. De um salto, ela mergulhou no espelho como se fosse uma janela aberta, caiu do outro lado e iniciou um rasante, contínuo e rápido galope.

Lancei um olhar de pavor ao meu acompanhante e saltei para segui-la. Ele veio depois de mim, calmamente.

— Você não precisa correr — advertiu —, pois não pode ultrapassá-la. Este é nosso caminho.

Ao dizer isso, virou na direção oposta.

— Ela tem mais magia na ponta dos dedos do que consigo conhecer! —

acrescentou, suavemente.

— Temos de fazer o possível! — insisti, iniciando a corrida, porém logo desisti ao vê-la desaparecer ao longe. Então parei e voltei para me juntar a ele.

— Sem dúvida temos! — concordou. — Minha esposa, porém, já avisou Mara, e ela fará sua parte. Quanto a você, deve dormir primeiro, como prometeu!

— Tampouco tenho a intenção de quebrar minha promessa, mas certamente dormir não é a primeira atitude a tomar! A ação precede o repouso!

— Um homem nada pode fazer se não estiver preparado. Preste atenção! Já não lhe falei que Mara cumprirá seu papel?

Olhei para onde ele apontava e vislumbrei uma mancha branca movendo-se em um ângulo agudo em relação à direção seguida pela leoparda malhada.

— Lá está ela! — ele exclamou. — A criatura manchada é forte, porém a fêmea sem manchas é mais!

— Eu as vi lutar. O combate não parecia tão decisivo quanto este que se avizinha.

— Como olhos que jamais dormem podem contar algo? A princesa não se deu por vencida, algo que nunca faz, mas fugiu! Quando ela confessar já não ter mais esperanças, que já não consegue mais resistir, então seu dia começará a amanhecer! Venha! Venha! Aquele que não pode agir deve apressar seu descanso!



CAPÍTULO
XXXI

*O velho cavalo
do sacristão*



Permaneci parado, acompanhando o último traço da fêmea branca no horizonte. Então me virei para seguir meu guia, porém ainda relutante. Por que tinha de dormir? Certamente, a razão devia ser a mesma em qualquer mundo, mas que motivo haveria para dormir com os mortos, quando a situação clamava pelo homem vivo? Além disso, ninguém me acordaria; portanto, como saberia a hora certa de despertar, ou mesmo se despertaria? Os dormentes daquela casa deixavam a manhã transformar-se em meio-dia e o meio-dia em noite sem nem sequer mover um músculo! Reclamei, mas o segui, pois não sabia mais o que fazer.

O bibliotecário caminhava no mais absoluto silêncio, seguido por mim, tão emudecido quanto ele. Tempo e espaço passaram por nós. O Sol se pôs e começou a escurecer. Senti no ar o frio irradiado pela câmara da morte. Fui desanimando cada vez mais e comecei a perder de vista aquela figura magra

de casaca. Por fim, não mais ouvia seus sibilantes passos avançando sobre o terreno. Em vez disso, passei a ouvir o bater de asas do corvo e, a determinados intervalos, ora um vaga-lume, ora uma brilhante borboleta cruzava o ar sombrio.

Pouco a pouco, a Lua foi surgindo, vencendo lentamente o horizonte distante.

— Creio que já está cansado, não é? — perguntou-me o corvo, pousando sobre uma pedra. — Você deve se familiarizar com o cavalo que o transportará de manhã!

Ele soltou um estranho assobio por seu longo bico preto. Uma mancha apareceu na face da Lua ascendente. Logo me chegou aos ouvidos o que parecia ser um bater de cascos, em suave e ligeiro galope. Após um minuto ou dois, vindo do próprio disco da Lua, surgiu o terrível cavalo. Sua esvoaçante crina parecia a crista de uma onda lutando contra o vento, dissipada em forma de espuma branca, e o balançar do rabo ocultava o olho da Lua. Parecia ter quase dois metros de altura, uma enorme estrutura de ossos, músculos e pele, um corcel que a própria morte escolheria para cavalgar em sua jornada fúnebre! A Lua parecia observá-lo com admiração; sob o luar sombrio ele lembrava um esqueleto cujos ossos estavam frouxamente unidos. Apesar de suas enormes dimensões, movia-se com a leveza de um inseto alado. Ao se aproximar de nós, diminuiu a velocidade, e a crina e o rabo se acalmaram.

Eu não era simplesmente um amante de cavalos, mas amava cada cavalo que via. Jamais gastara dinheiro, exceto em cavalos, e nunca vendera nenhum. A visão daquele poderoso exemplar equino, terrível de olhar, despertou em mim o desejo de possuí-lo, um sentimento da mais pura ganância, o que, em todos os mundos, ocupava os primeiros postos na lista de coisas malignas. Não quero dizer que poderia tê-lo roubado, mas que, independentemente do lugar certo para ele, eu o teria comprado se fosse possível. Coloquei as mãos sobre ele e acariciei os ossos protuberantes,

ocultos por um couro macio e fino, tão lustroso quanto cetim; na verdade, tão brilhante que a própria forma da Lua estava refletida nele. Afaguei-lhe as orelhas pontiagudas, enquanto sussurrava palavras carinhosas, e soltei em suas narinas vermelhas o sopro da vida de um homem. Em troca, ele soltou em mim o sopro de sua vida, e um sentimento de amor mútuo nasceu em ambos. Que olhos ele tinha! Eram de um azulado tênue, como os olhos dos mortos, atrás dos quais jazia uma brasa incandescente! O corvo, com suas asas parcialmente abertas, observava satisfeito meu contato com seu magnífico cavalo.

— Muito bom! Faça amizade com ele — aprovou o corvo. — Ele o transportará muito melhor amanhã! Agora, devemos nos apressar para chegar à cabana!

Meu desejo de cavalgar aquele animal tinha se tornado passional.

— Não poderia montá-lo agora, sr. Corvo? — supliquei.

— Sem dúvida! — aquiesceu. — Monte e leve-o para casa.

O cavalo inclinou a cabeça sobre meu ombro ternamente. Em seguida, enrolei as mãos em sua crina e montei em seu dorso, não sem o auxílio de alguns ossos protuberantes.

— Ele ultrapassaria qualquer leopardo na criação! — exclamei.

— Não naquele caminho, ainda mais durante a noite — comentou o corvo. — A estrada é muito difícil. Mas venha. A perda de hoje significará ganho amanhã! Esperar é mais difícil que correr, e a recompensa por isso é maior! Vá, meu filho, direto para a cabana! Eu estarei lá tão breve quanto você. Muito alegrará o coração de minha esposa ver um de seus filhos cavalgando esse corcel!

Acomodei-me no dorso do animal, em silêncio. Mas ele permaneceu tão imóvel quanto um bloco de mármore.

— Por que retarda sua partida? — perguntou o corvo.

— Anseio tanto por ir atrás da leoparda que quase não posso me controlar — respondi.

— Você me prometeu!

— Confesso que minha dívida para com os Pequeninos parece mais importante que minha ligação com você.

— Render-se a essa tentação acarretará muitos prejuízos a eles, assim como a você.

— O que isso importa? Eu os amo, e o amor não gera nenhum mal. Por isso, estou indo.

No entanto, a verdade era que eu estava obcecado pelo cavalo e me esqueci das crianças.

Olhos lampejavam na escuridão, e eu sabia que Adão estava em sua forma original bem atrás de mim. Também sabia, pela sua voz, que ele se esforçava para reprimir uma enorme indignação.

— Sr. Catavento, por acaso sabe por que ainda não realizou nada digno de nota? — perguntou.

— Porque tenho me comportado como um tolo — respondi.

— Em quê?

— Em tudo!

— O que considera sua ação mais imprudente?

— Trazer a princesa de volta à vida. Eu deveria tê-la deixado sofrer seu justo destino.

— Não! Agora está falando de maneira tola! Você não poderia ter agido diferentemente do que agiu, pois desconhecia sua malignidade! Contudo, você jamais trouxe alguém à vida! Como pode, estando morto você mesmo?

— Eu estou morto? — questionei.

— Sim! — ele afirmou. — E permanecerá morto enquanto se recusar a morrer.

— De volta ao antigo enigma! — comentei, com desdém.

— Convença-se e volte para casa comigo — ele convidou, em um tom gentil. — A maior e praticamente a única tolice que cometeu em toda a sua vida foi ter fugido de nossos mortos.

Com os pés, pressionei as costelas do cavalo, e ele partiu como uma brisa repentina. Dei-lhe uma pancadinha na lateral do pescoço, e ele seguiu, em uma curva acentuada, próximo ao solo, como um gato que persegue um rato, inclinando-se lateralmente até que sua crina varresse o topo da vegetação.

Em meio à escuridão, ouvi o bater de asas do corvo. Ouvi cinco rápidas batidas, e depois ele pousou sobre a cabeça do cavalo. O animal estancou imediatamente, sulcando o terreno com os cascos.

— Sr. Catavento — grasnou o corvo —, pense no que está fazendo! Por duas vezes o mal lhe sobreveio; uma por medo e a outra por negligência. Quebra de palavra é muito pior, é um verdadeiro crime.

— Os Pequeninos estão em perigo iminente, e por minha causa! — gemi. — Mas na verdade não quebrarei a promessa que fiz a você. Voltarei e passarei quantas noites, quantos dias, quantos anos você determinar.

— Uma vez mais lhe advirto que, se for esta noite, não lhes fará nenhum bem — insistiu.

Entretanto, um falso senso de poder, um sentimento sem base, que apenas vibrou em mim por meio da força do cavalo, infelizmente me impediu de ouvir qualquer palavra que o corvo dizia.

— Você me privará de minha última chance de reparar o mal que causei? — supliquei. — Desta vez, não deverá haver descuido! É o meu dever, e o cumprirei, mesmo que tenha de morrer por ele!

— Vá então, seu grande tolo! — ele aquiesceu, com uma ponta de raiva em seu grasnado. — Tome o cavalo e cavalgue para o engano! Que lhe sirva de lição!

Ele abriu as asas e voou. Uma vez mais, pressionei as costelas do animal.

— Atrás da criatura manchada! — sussurrei em sua orelha.

O cavalo balançou a cabeça de um lado para o outro, expirando ar pelas narinas, então se moveu, ensaiando alguns poucos passos, em um caminhar lento e indeciso. De súbito, acelerou os movimentos, começando com um trote e passando para um galope. Em poucos instantes, sua velocidade era

tremenda. Ele parecia enxergar muito bem na escuridão, pois jamais tropeçou, vacilou ou hesitou. Permaneci em seu dorso como se estivesse na crista de uma onda. Sentia sob meu corpo o mover de cada músculo. Suas articulações eram muito elásticas, e cada movimento cedia naturalmente lugar ao próximo, de modo que o cavalgar era suave e firme. A velocidade foi aumentando até que ele passou a voar, em vez de correr. O vento passava por nós feito um tornado.

Atravessamos aquele buraco maligno como uma flecha impulsionada por um poderoso arco. Nenhum monstro ousava esticar o pescoço para fora do esconderijo, pois todos conheciam o som daqueles cascos que ecoavam sobre sua cabeça! Vencemos rapidamente os montes e avançamos nos declives mais íngremes. Ele não se desviou das fendas rochosas do leito do rio e manteve sobre elas seu feroz e terrível galope. A Lua, na metade de seu curso no céu, observava com solene preocupação em seu pálido semblante. Alegando-me com o poder de meu corcel e com meu orgulho, eu cavalgava como um rei.

Estávamos nos aproximando do centro dos inúmeros canais. O cavalo, em seu galope, deixava um, por vezes dois para trás, e de vez em quando dava grandes saltos, quando a Lua alcançou seu apogeu. Então ocorreu algo maravilhoso e aterrorizante: ela começou a descer, girando como uma roda da fortuna acionada pelos deuses, e se aproximando em velocidade crescente. À semelhança de nosso corpo celeste, ela apresentava uma face humana, e ora a enorme testa, ora o queixo ficava no topo, enquanto a Lua rolava. Acompanhei sua descida com o olhar fixo, aterrorizado.

Por entre as ravinas, ouviu-se o uivo de lobos, e um temor horrível começou a invadir os espaços vazios de meu coração. Minha confiança atingiu o nível mínimo! O cavalo mantinha uma postura altiva, com sua velocidade alucinante, as orelhas para a frente e as narinas sedentas exultantes com o vento criado por seu galope. No entanto, lá estava a Lua rolando céu abaixo como uma velha roda de carroça, talvez um terrível

presságio! Por fim, ela rolou sobre a linha do horizonte e desapareceu, levando consigo toda a sua luz.


Minha poderosa montaria estava a ponto de atravessar um canal amplo e raso quando fomos apanhados pela rede da escuridão. A cabeça do animal pendeu para baixo; seu ímpeto impulsionou o corpo impotente, porém ele caiu em uma área próxima à margem e como caiu ali ficou. Apeei do animal, ajoelhei-me ao seu lado e o examinei com cuidado. Nenhum osso se havia quebrado, porém ele já não era mais um cavalo. Apoiei-me em seu dorso e escondi o rosto entre as mãos.

A decorative border with intricate floral and scrollwork patterns in a reddish-brown color, framing the chapter title.

CAPÍTULO
XXXII

*Os amados e
os odiados*

A small decorative flourish with symmetrical scrollwork, centered below the chapter title.

A large, decorative initial letter 'A' with intricate floral and scrollwork patterns, serving as the first letter of the first paragraph.

noite tornou-se amargamente fria. O corpo do animal congelava sob o meu. O uivo dos lobos parecia cada vez mais perto, e o som de suas sorrateiras patas sobre o terreno pedregoso era cada vez mais audível. Sua respiração rápida enchia o ar. Em meio à escuridão, vislumbrei inúmeros olhos brilhantes; o semicírculo que formavam contraía-se mais e mais em torno de mim. Levantei-me de um salto, mas, infelizmente, não tinha nem um pedaço de graveto para me defender!

Eles vieram em disparada, os olhos flamejantes de fúria e ganância e a garganta negra pronta para me devorar. Permaneci parado, aguardando o ataque. Por um instante, detiveram-se sobre o cavalo, então vieram em minha direção.

Com um som de rapidez silenciosa, uma nuvem de olhos verdes surgiu no flanco da matilha. As cabeças que exibiam aqueles olhos investiram contra

os lobos com um gemido mais fraco, porém mais furioso que seus rosnados uivantes, e pelo som que emitiam os reconheci como felinos, liderados por um gato enorme e cinzento. Nada consegui distinguir dele, exceto os olhos, porém o reconheci, não só pelos olhos, mas também pela cor e pelo tamanho. Seguiu-se uma batalha terrível, cuja narrativa me envolveu durante a noite. Eu teria escapado, pois seguramente era uma batalha cujo prêmio era eu! Mas para onde iria? Meu primeiro passo seria seguido por uma queda. Além disso, meus inimigos, fossem os lobos, fossem os gatos, podiam me ver e seguir meu cheiro na escuridão!

De repente, não mais ouvi uivos, e os miados tornaram-se mais elevados. Então veio um suave ruído de patas no solo. Sabia que era uma fuga: os gatos haviam vencido os lobos! No instante seguinte, dentes pontiagudos estavam em minhas pernas; um segundo mais, e os gatos me cobriram como uma catarata viva, mordendo os pontos que seus dentes alcançavam e ferindo-me furiosamente por todos os lados. Uma multidão agarrou-se ao meu corpo, e não pude fugir. Pesadamente, caí entre o bando odioso, rodeado pelo instinto da destruição. Tentei arrancá-los de cima de mim e também estrangulá-los, mas em vão. Quando conseguia pegá-los, agarravam-se às minhas mãos como polvos. Tentei pisoteá-los, enfiar o dedo em seus olhos, mordê-los com mais força ainda do que me mordiam, porém nada surtiu efeito. Sem descanso, eles continuavam a descobrir em meu corpo áreas para novas mordidas. Os gatos puxavam minha pele com suas poderosas garras dotadas de unhas amplas e horrivelmente curvadas, sibilavam e cuspiam em meu rosto, porém não o tocaram até que, em meu desespero, joguei-me ao chão, e eles, desistindo de meu corpo, avançaram sobre minha face. Levantei-me, e os animais imediatamente recuaram para depois avançarem sobre minhas pernas. Em profunda agonia, consegui me livrar deles e corri sem saber para onde, rompendo a sólida escuridão. Os gatos acompanharam-me como uma torrente ao meu redor, ora roçando, ora saltando em meu encalço, contudo não mais me atormentando. Quando eu

caía, o que aconteceu com certa frequência, meus perseguidores esperavam eu levantar; quando reduzia as passadas, com receio de cair, eles avançavam outra vez sobre minhas pernas. Por toda aquela noite miserável, eles me fizeram correr, porém me conduziram por um caminho razoavelmente suave, pois não tropecei em nenhum grande buraco. Passei pela Floresta Maligna sem nem mesmo percebê-la, deixando-a para trás na escuridão. Quando por fim os primeiros raios da manhã despontaram, percebi estar além dos canais, na divisa do vale do pomar. Fiquei tão alegre com aquela visão que teria feito amizade com meus perseguidores, porém não havia mais nenhum gato para ser visto. Deixei-me cair sobre a grama e adormeci rapidamente.

Fui despertado por um chute, e descobri-me de mãos e pés atados, feito escravo outra vez pelos gigantes!

“Que destino!”, pensei comigo. “A quem mais eu poderia pertencer?”, ponderei, rindo de desgosto. Um segundo chute interrompeu minha falsa alegria, e assim, devidamente auxiliado por meus captores, consegui afinal colocar-me de pé.

Havia seis deles ao meu redor. Eles desataram a corda que me prendia os pés, para amarrar uma corda em cada uma de minhas pernas e me puxar. Caminhei da melhor maneira que podia, mas como eles muitas vezes puxavam as duas cordas ao mesmo tempo, sofri várias quedas, sempre acompanhadas de novos chutes. Os gigantes levaram-me para minha antiga tarefa, amarrando as cordas que prendiam minhas pernas ao tronco de uma árvore e desatando minhas mãos. Em seguida, colocaram a odiosa pederneira em minha mão esquerda. Então apanharam várias pedras e frutas caídas ao solo e as atiraram contra mim, porém sem muita pontaria. Se tivesse conseguido livrar minhas pernas e alcançar um pedaço de madeira que avistara a alguns metros de distância, eu teria atacado todos os seis! “Mas os Pequeninós virão à noite”, pensei, sentindo-me reconfortado.

Trabalhei duro o dia todo. Quando chegou o anoitecer, eles amarraram minhas mãos e me abandonaram. Dormi por algum tempo, mas acordei

várias vezes, sempre após um sonho onde me via no meio de um punhado de crianças. Meus inimigos voltaram com o amanhecer, trazendo consigo os costumeiros chutes e a desagradável companhia.

Por volta do meio-dia, eu estava a ponto de cair, vencido pelo cansaço e pela fome, quando ouvi uma súbita movimentação nos arbustos, seguida pela explosão de uma risada muito familiar e querida ao meu coração. Soltei um gemido de alegria e de boas-vindas. Em seguida, elevou-se um trombetear como de elefantes bebês, um relinchar como de pequenos potros, bem como um balir de bezerros, e do meio dos arbustos saiu uma multidão de Pequeninos, montados em diminutos cavalos, pequenos elefantes e ursos, porém os ruídos vinham dos cavaleiros, não dos animais. Misturada aos que vinham montados, caminhava a mais alta entre todos os meninos e meninas: uma mulher com um bebê nos braços. Os gigantes avançaram com seu andar desajeitado, mas foram saudados com uma saraivada de pedras pontudas, enquanto os cavalos davam coices em suas pernas e os ursos os agarravam pela cintura. Os elefantes, por sua vez, enrolavam a tromba em torno do pescoço dos gigantes, derrubando-os e pisoteando-os, como algumas vezes eles mesmos faziam, sem nunca receber o troco. Em um piscar de olhos, minhas cordas afrouxaram, e vi-me nos braços dos aparentemente incontáveis Pequeninos. Por algum tempo, não mais vi os gigantes.

Eles me fizeram sentar, e minha querida Lona apareceu. Sem proferir uma palavra, começou a me alimentar com as mais saborosas frutas amarelas e vermelhas. Acomodei-me e comi, enquanto toda a pequenina colônia montava guarda até eu ter acabado a comilança. Então trouxeram dois de seus maiores elefantes, colocaram-nos lado a lado e amarraram as trombas e as caudas umas às outras. As dóceis criaturas poderiam facilmente desatar as caudas com uma simples sacudidela e separar as trombas com um leve movimento, porém trombas e caudas permaneceram conforme seus pequenos mestres os haviam disposto, e era evidente que os elefantes compreendiam que deviam manter-se emparelhados. Ergui-me e deitei-me na depressão

formada por ambos os dorsos, e os sábios animais, reagindo ao meu peso, que os empurrava para os lados, inclinaram-se um contra o outro, a fim de me proporcionar o mais confortável dos leitos. Meus pés, é verdade, projetavam-se para além das caudas, porém minha cabeça permanecia apoiada em cada uma das amplas orelhas. Então algumas das crianças menores, oferecendo-se como guarda-costas, enfileiraram-se ao longo da traseira de meus sustentadores. Em seguida, todos os presentes se juntaram nessa formação, e o cortejo começou a andar.

Nem tentei conjecturar para onde estavam me levando, mas me rendi ao prazer deles, tão feliz quanto eles mesmos. Conversando, rindo e fazendo doces travessuras, a princípio inumeráveis, eles se tornaram imóveis assim que perceberam que eu estava a ponto de adormecer.

Ao despertar, um súbito alarido musical celebrou a abertura de meus olhos. Estávamos viajando pela floresta na qual eles costumavam encontrar os bebês e que, como eu suspeitava, se estendia ao longo de toda a área entre o vale e o riacho de águas quentes.

Uma minúscula garotinha sentou-se com seus pequenos e delicados pés junto ao meu rosto e ficou me olhando de soslaio por alguns instantes. Por fim, falou, enquanto os outros Pequeninos pareciam ouvir com atenção:

— Temos um pedido a fazer ao rei.

— O que você deseja, minha querida? — indaguei.

— Feche os olhos um instante — ela respondeu.

— Claro que sim! Aqui vai! — repliquei, fechando os olhos.

— Não agora! Espere até eu dizer quando! — ela avisou.

Abri os olhos outra vez e ficamos conversando e rindo por quase uma hora.

— Feche os olhos! — ela disse, abruptamente.

Fechei-os imediatamente e assim permaneci. Os elefantes quedaram-se imóveis. Então ouvi um suave tropel, um delicado farfalhar e depois um silêncio, pois naquele mundo *alguns* silêncios são audíveis.

— Abra os olhos! — cerca de vinte vozes, a certa distância, gritaram em uníssono. Mas, quando obedeci, nenhuma criatura era visível, exceto os elefantes que me transportavam. Sabia que as crianças eram bastante habilidosas em esconder-se rapidamente — os gigantes as haviam forçado a desenvolver essa capacidade —, mas, quando me levantei e examinei os arbustos e os clarões na floresta ao meu redor, não vislumbrei uma única mão ou tornozelo e fiquei paralisado, perplexo.

O Sol havia se posto, e a escuridão descia veloz, mas naquele instante uma multidão de pássaros passou a encher o ar com seus trinados. Deitei-me para apreciar melhor aquela sinfonia, certo de que, se mostrasse desinteresse, os Pequeninos sairiam de seus esconderijos.

A cantoria descambou para uma pequena tempestade de trinados e diferentes sons de pássaros. “Sem dúvida, as crianças devem ter alguma relação com isso!”, pensei com meus botões. “Mas como poderiam fazê-los cantar?”, ponderei enquanto os ouvia, deitado. Logo, porém, ao olhar para a copa da árvore sob a qual estavam os elefantes, imaginei ter captado um leve movimento entre as folhas e passei a observar com mais atenção. Subitamente, manchas brancas ficaram cada vez mais visíveis entre a folhagem escurecida pela noite, e a música cessou. Então um temporal de risadas infantis encheu o ar e surgiram manchas brancas vindas de todas as direções: as árvores escondiam uma quantidade enorme de crianças! Expressando toda a alegria que sentiam, elas começaram a descer, algumas pulando de um galho para outro com tanta agilidade que eu quase não podia acreditar que não caíssem. Deixei meu leito e fui instantaneamente cercado, como alvo de todo o arsenal de sua jubilosa diversão. Com uma postura imponente, os elefantes foram dormir.

— Mas — eu disse, quando a barulhenta alegria arrefeceu um pouco — como é que nunca ouvi vocês cantarem como os pássaros? Mesmo quando imaginei que só podia ser obra de vocês, cheguei a duvidar de meu pensamento!

— Ah! — exclamou um dos mais entusiasmados. — Não éramos pássaros antes! Na época, éramos criaturas terrestres, não aladas, e nossos esconderijos eram os arbustos. Mas quando passamos a nos esconder apenas nas árvores, tivemos de construir ninhos! Depois que construímos ninhos, tornamo-nos pássaros e, como éramos pássaros, tínhamos de agir como eles! Pedimos-lhes que nos ensinassem seus cantos e trinados, e agora somos pássaros de verdade! Venha e veja meu ninho. Não é espaçoso o bastante para o rei, mas grande o suficiente para o rei me ver nele!

Eu lhe disse que não poderia subir na árvore sem ter a luz do Sol a me orientar e que, quando amanhecesse, tentaria ver o ninho.

— Raramente os reis têm asas! — acrescentei.

— Rei! Rei! — gritou um dos Pequeninos. — Você sabe que a gente não tem asas, essas bobagem cheia de penas! Braços e pernas são bem melhores.

— Isso é verdade. Posso me levantar sem asas e carregar gravetos na boca também, para construir meu ninho!

— A gente sabe! — ele respondeu, e foi embora chupando o dedão.

No instante seguinte, eu o ouvi me chamar do interior de seu ninho, que ficava no alto de uma enorme noqueira.

— Durma bem, rei! Boa noite! Vou dormir!

Não mais ouvi sua voz até ele me despertar na manhã seguinte.



CAPÍTULO
XXXIII
*A narrativa
de Lona*



Deitei-me debaixo de uma árvore e, uma após outra, ou em pequenos grupos, as crianças me deixaram e subiram para seus ninhos. Elas ficavam tão cansadas à noite e tão dispostas pela manhã que iam para a cama com a mesma felicidade com que despertavam a cada novo amanhecer. Embora estivesse tão cansado quanto os Pequeninos, eu não conseguia dormir. Lona não havia me dado boa-noite e tinha certeza de que ela ainda viria me ver.

No momento em que a revi, fiquei perplexo ao notar sua impressionante semelhança com a princesa, e não tive dúvidas de que Lona era a filha da qual Adão me falara. Mas em Lona a estonteante beleza de Lilith era suavizada pela inocência e aprofundada pelo sentimento materno. “Provavelmente está ocupada com a criança da mulher que encontrei fugindo!”, pensei comigo. A respeito daquela mulher, ela já havia me dito

que não tinha sido mãe o suficiente.

Lona apareceu, por fim, sentando-se ao meu lado. Após alguns instantes de silencioso deleite, manifestado principalmente ao apertar minha face e minhas mãos, ela passou a relatar tudo o que havia acontecido durante minha ausência. A Lua surgiu no céu enquanto conversávamos e, de vez em quando, através das folhas, o luar iluminava por alguns instantes seu belo rosto, cheio de consideração e de um cuidado cujo amor o redimia e glorificava. Como uma criança assim poderia ter sido gerada por tal mãe, mulher e princesa era difícil entender. Felizmente, ela tinha dois pais, ou melhor, três! Lona conquistou meu coração por aquilo que em mim era mais parecido com ela, e eu a amava como alguém que, não importava que perfeição atingisse, só poderia tornar-se ainda mais criança. Sabia agora que já a amava quando a deixara e que a esperança de vê-la novamente havia sido meu principal alento. Cada palavra que saía de sua boca parecia ir direto ao meu coração e, assim como a própria verdade, o tornava cada vez mais puro.

Ela me contou que, após eu ter deixado o vale do pomar, os gigantes começaram a crer um pouco mais na existência de seus pequenos vizinhos e passaram a agir com mais hostilidade em relação a eles. Por vezes, os Pequeninos podiam vê-los pisoteando o chão furiosamente, por imaginarem ter visto alguma indicação da presença deles, embora estivessem escondidos, gargalhando pela tola expressão de raiva dos gigantes. Pouco a pouco, porém, aquela animosidade assumiu contornos mais práticos: os inimigos passaram a destruir as árvores de cujo fruto os Pequeninos se alimentavam. Isso levou a mãe deles a orquestrar um contragolpe. Colocando os mais espertos para espionar os gigantes à noite, ela descobriu que eles achavam que eu devia estar escondido em algum lugar das proximidades, recuperando as forças para então assassiná-los enquanto dormiam. A partir daí, Lona concluiu que a única maneira de parar a destruição de suas árvores era fazê-los acreditar que as crianças haviam abandonado a floresta. Assim, os Pequeninos deveriam se retirar para o

outro lado da mata, bem longe do alcance dos gigantes, porém perto de suas árvores o suficiente para poder visitá-las na calada da noite. O principal obstáculo ao plano era o fato de a floresta ter pouca ou nenhuma vegetação rasteira para lhes servir de abrigo ou escondê-los, caso necessário.

Contudo, ela percebeu que os Pequeninos podiam se abrigar no alto das árvores, junto aos passarinhos. Eles amavam qualquer forma de vida e podiam aprender até mesmo com as criaturas mais selvagens. Então por que não poderiam abrigar-se do frio e de seus inimigos no topo das árvores? Tendo já utilizado a baixa e escassa vegetação, por que não usar agora a abundante folhagem das copas? Por que não construir ninhos, já que cavar buracos não tinha mais serventia? Tudo o que os pássaros faziam os Pequeninos podiam aprender, exceto, é claro, voar!

Ela revelou seu plano às demais crianças, que a ouviram com aprovação. Já sabiam como subir nas árvores e haviam observado os pássaros fazendo seus ninhos. As árvores da floresta, embora enormes, não pareciam ruins. Eram muito mais altas que as dos gigantes e espalhavam seus galhos, de modo que alguns até se aproximavam do solo, como a convidar as crianças a viver neles! Talvez no topo da mais alta elas encontrassem aquela ave que botava os ovos com os bebês, sentava-se sobre eles até amadurecerem e os derrubava lá embaixo para que os Pequeninos aparecessem! Sim, eles construiriam ninhos para dormir na copa das árvores, onde nenhum gigante poderia vê-los, pois jamais jogavam a cabeça para trás a fim de olhar para cima. Dessa forma, portanto, os gigantes teriam absoluta certeza de que as crianças haviam abandonado a floresta e não destruiriam mais suas árvores frutíferas. E, quando os gigantes estivessem dormindo, elas poderiam apanhar quantas maçãs, peras, figos e pêssegos desejassem.

Assim, os Pequeninos conversaram entre si e de bom grado aceitaram a sugestão de Lona. Por isso, logo as crianças passaram a se sentir tão em casa no alto das árvores quanto os próprios pássaros. Os gigantes, por sua vez, não demoraram a chegar à conclusão de que haviam feito as crianças saírem

da floresta e, por conseguinte, esqueceram a destruição das árvores e novamente deixaram de acreditar na existência dos diminutos vizinhos.

Lona perguntou-me se eu não havia percebido que inúmeras crianças haviam crescido. Respondi que não, mas que acreditava nisso. Ela me assegurou que sim, mas acrescentou ter evidências de que a mente deles também havia crescido desde a mudança para a copa das árvores. Esse fato tinha aliviado bastante a preocupação que a descoberta sobre o crescimento havia lhe causado.

No fim do breve crepúsculo e, mais tarde, quando a Lua estava brilhando, os Pequeninos desciam para o vale e colhiam frutas o bastante para alimentá-los durante o dia seguinte, pois os gigantes jamais saíam ao anoitecer. Para os brutos, já era noite, e eles odiavam a Lua com tal veemência que a exterminariam se fosse possível. Contudo, os Pequeninos logo perceberam que as frutas colhidas na noite anterior não eram tão boas para o consumo no dia seguinte. Assim, passaram a questionar se não seria melhor, em vez de fingir que haviam deixado a floresta, fazer com que os próprios gigantes maus fossem embora.

Lona também disse que as crianças, em suas explorações pela floresta, já tinham se familiarizado com os animais que lá viviam, até de modo pessoal com a maioria deles. Desse modo, por saber que alguns dos animais eram fortes, sábios e dóceis, enquanto muitos outros eram velozes e manejáveis, procuraram obter o apoio deles na luta contra os gigantes. Com abordagens amorosas e divertidas, logo angariaram muitas amizades entre os bichos e passaram a chamar os novos amigos de Irmão Elefante ou Irmã Elefanta, Irmão Cavalo ou Irmã Égua, até que logo tinham um nome específico para cada um. Demorou um pouco mais para dizerem Irmão Urso ou Irmã Ursa, mas esse dia também chegou. Ela contou que havia pouco tempo ouvira uma criancinha reclamar de uma cobra que acabara de mordê-la por ter exagerado na brincadeira com ela: “Ah, Irmã Serpente!”. A maioria dos Pequeninos não se relacionava com as lagartas, apenas observavam as

mudanças nelas, mas, quando por fim uma delas saía do casulo com asas, todos imediatamente a chamavam de Irmã Borboleta, parabenizando-a pela metamorfose, para a qual utilizavam uma palavra que significa algo como *arrependimento* — evidentemente, consideravam isso algo sagrado.

Certa noite enluarada, quando saíam para sua colheita noturna, as crianças encontraram uma mulher sentada ao chão com um bebê nos braços — a mulher que eu encontrara em minha jornada para Bulika. Imaginaram que era uma gigante que havia sequestrado um de seus bebês, pois os Pequeninos consideravam todos os bebês sua propriedade exclusiva. Cheios de ira e indignação, avançaram sobre ela, atingindo-a de modo infantil, porém suficientemente intimidador. A mulher tentou fugir, mas um dos garotos se jogou no chão e a segurou pelos pés. Caindo em si, ela reconheceu em seus atacantes as crianças cuja hospitalidade buscava e por fim lhes entregou o bebê. Lona apareceu e o levou consigo.

Contudo, assim como a mulher percebera que durante o ataque as crianças foram cautelosas para não machucar o bebê, os Pequeninos também notaram que, ao se render e entregar a criança, ela a abraçou e beijou, como eles desejavam fazer, e chegaram à conclusão de que a mulher devia ser do mesmo tipo do bom gigante. Assim, no instante em que Lona pegou o bebê nos braços, os demais se apressaram em trazer frutas à mãe e passaram a prestar-lhe toda sorte de atenção infantil.

A mulher estava confusa, sem saber para onde ir, não ousando retornar à cidade, porque a princesa com certeza descobriria quem havia ferido seu animal. Encantada com a amizade e a ternura daquele povo miúdo, ela decidiu permanecer algum tempo com eles, pois não teria qualquer problema com seu infante e talvez descobrisse uma forma de voltar para o marido, que era rico em dinheiro e em joias e raramente a travava mal.

Aqui devo complementar, parcialmente apoiado em conjecturas, o relato feito por Lona a respeito da mulher. Como os demais habitantes de Bulika, ela conhecia a tradição de que a princesa vivia aterrorizada pelo possível

nascimento de um bebê destinado a destruí-la. Eles não sabiam, porém, que pavorosos meios ela utilizava para preservar sua juventude e beleza. E, como sua constante deterioração física requeria cada vez mais o uso de tais meios, eles consideravam o aparente aumento de sua hostilidade para com as crianças um sinal de que ela percebia a aproximação de seu julgamento. Essa constatação, embora ninguém ousasse em fazer algo contra ela, alimentava neles a esperança de mudança.

Agora surgia na mente da mulher a ideia de favorecer o cumprimento da sombria previsão, ou de pelo menos utilizar o mito para retornar para o marido. Pois o que parecia mais provável que o destino previsto estar nas mãos daquelas crianças? Elas eram maravilhosamente corajosas, enquanto o povo de Bulika era extremamente covarde, temeroso de animais! Se ela conseguisse suscitar nos Pequeninos a ambição de tomar a cidade, então, na confusão do ataque, poderia escapar do miúdo exército, alcançar sua casa sem ser reconhecida e lá permanecer escondida, aguardando o fim da batalha!

Se as crianças conseguissem expulsar os gigantes, ela colocaria seu plano em ação imediatamente, enquanto ainda estivessem encantadas com o triunfo. Na verdade, por sua natureza, os Pequeninos não eram muito adequados para a batalha, pois raramente discutiam e jamais brigavam. Eles amavam cada ser vivente e odiavam tanto machucar quanto sofrer. No entanto, eram facilmente influenciáveis e com certeza poderiam aprender qualquer exercício no limite de suas forças! Sem perder tempo, ela colocou alguns dos menores para praticar tiro ao alvo com pedras e logo todos eles estavam envolvidos e cada vez mais habilidosos no novo jogo.

O primeiro resultado prático pôde ser visto no uso de pedras em meu resgate. Durante a colheita das frutas, eles me encontraram dormindo, retornaram para casa, convocaram uma assembleia, voltaram com os elefantes e os cavalos, subjugaram os poucos gigantes de guarda e me resgataram. Exultantes com a vitória, os garotos menores tornaram-se

infantilmente presunçosos, e os maiores, menos pomposos, enquanto as garotas, embora os olhos estivessem mais brilhantes, não estavam tão falantes como de costume. A mulher de Bulika decerto se sentiu encorajada.

Conversamos durante quase toda a noite, principalmente sobre o crescimento das crianças e o que isso poderia significar. Eu já havia me familiarizado com a capacidade natural de Lona em reconhecer a verdade, porém agora começava a ficar perplexo com sua sabedoria prática. Fosse eu mesmo mais criança, provavelmente ficaria menos maravilhado.

O amanhecer ainda estava distante quando percebi um leve farfalhar de folhas e um pequeno alvoroço. Levantei a cabeça, apoiado nos cotovelos, e vi um grande contingente de Pequeninos descendo dos ninhos. Eles desapareceram, e em poucos segundos tudo voltou ao silêncio habitual.

— O que estão fazendo? — perguntei.

— Eles acham — respondeu Lona — que, estúpidos como são, os gigantes vão nos procurar na mata. Assim, foram armazenar pedras para recepcioná-los, pois pedras não são abundantes na floresta, e as crianças têm de ir longe daqui para juntar um estoque suficiente. Elas as guardarão nos ninhos e do alto das árvores atacam os gigantes quando estiverem ao alcance. Conhecendo os hábitos do inimigo, sabemos que não virão antes do amanhecer. Se vierem, será a eclosão de uma guerra de expulsão, pois um povo deverá sair. O resultado, entretanto, é previsível. Não pretendemos matá-los. Bem, na verdade, a cabeça deles é tão dura que não acho que conseguiríamos! Não que matá-los fosse lhes causar muito dano. Eles já são tão pouco vivos! Se um deles fosse morto, sua parceira se esqueceria dele em menos de três dias!

— As crianças atiram tão bem assim para que isso *seja* possível?

— Espere até vê-las em ação! — ela respondeu, com uma ponta de orgulho. — Mas eu ainda não lhe contei — ela prosseguiu — sobre uma coisa estranha que aconteceu na noite retrasada! Tínhamos voltado de nossa colheita noturna e estávamos dormindo em nossos ninhos quando fomos

despertados por ruídos horríveis de dois animais lutando. A Lua estava muito brilhante, e em um instante as copas ficaram repletas de pequenos olhos que, sem piscar, acompanhavam a luta de duas enormes leopardas, uma perfeitamente branca e a outra com o corpo salpicado de manchas escuras, que investiam uma contra a outra e se engalfinhavam com não sei quantas garras e dentes. A julgar por suas costas, a criatura manchada devia estar subindo em uma árvore quando foi atacada pela outra. Quando as vi pela primeira vez, estavam exatamente sob minha árvore, rolando para lá e para cá, uma sobre a outra. Desci ao galho mais baixo e pude vê-las com perfeição. As crianças apreciavam o espetáculo, algumas torcendo pelo animal manchado, enquanto outras demonstravam preferência pela leoparda branca, pois jamais tínhamos visto tais feras antes e pensávamos que estavam apenas brincando. Contudo, aos poucos os rugidos e rosnados quase cessaram, e percebi que estavam em um combate mortal. Sinceramente, desejei que nenhuma delas terminasse o combate em condições de subir em uma árvore, porém, quando as crianças perceberam o sangue jorrando dos flancos e da garganta de ambos os animais, o que acha que fizeram? Apressaram-se em descer para confortá-los e, reunindo um grande grupo em torno das terríveis criaturas, começaram a acariciá-las! Então desci também, pois as crianças estavam muito absortas para ouvir meu chamado, mas, antes que pudesse alcançá-las, a criatura sem manchas parou de lutar e avançou sobre elas com um rugido tremendo, fazendo-as voar de volta à copa das árvores, como passarinhos. Antes de retornar ao meu ninho, as feras malignas estavam de volta ao combate, com garras e dentes. Então a fera branca levou a melhor, e a manchada fugiu o mais rápido que pôde. Logo em seguida, a criatura sem manchas veio e se deitou exatamente sob minha árvore, porém dois minutos depois se levantou outra vez e ficou andando de um lado para o outro, como se soubesse que o oponente estava espreitando em algum lugar. Naquela noite, acordei várias vezes, e em todas elas vi a criatura lá embaixo. Ao despertar, pela manhã, percebi que fora embora.

— Conheço as duas feras — revelei. — A manchada é uma criatura má, que detesta crianças e, se fosse possível, mataria todas elas. Já a outra criatura ama as crianças. Ela avançou sobre elas apenas para que fossem embora, caso contrário o primeiro animal poderia machucá-las. Ninguém deve ter medo da fera branca!

Àquela altura, os Pequeninos começaram a retornar, fazendo muita algazarra, pois achavam que não precisavam mais ter cautela, agora que estavam em guerra declarada contra os gigantes e carregados de boas pedras. Subiram aos ninhos outra vez, embora com dificuldade, pela carga pesada que transportavam, e no minuto seguinte já estavam dormindo, extenuados. Lona retirou-se para sua árvore. Permaneci onde estava e dormi melhor ao imaginar que a fêmea branca devia estar nos vigiando, em algum lugar da floresta.

Despertei assim que o Sol surgiu e passei algum tempo refletindo. Após duas horas, os gigantes começaram a surgir, em grupos separados de três ou quatro, e contei mais de cem deles. As crianças ainda estavam dormindo e, se eu tentasse chamá-las, atrairia a atenção dos grandalhões. Permaneci quieto e imóvel o mais que pude, porém um deles começou a vir em minha direção. No entanto, ele tropeçou, caiu e levantou-se de novo. Imaginei que passaria sem me notar, mas percebi que estava procurando algo. Então me levantei de súbito e o atingi bem no meio do enorme corpo. O urro que ele deu acordou as crianças, e uma chuva de pedras caiu instantaneamente — nenhuma delas me atingiu, e todas acertaram o gigante. Ele caiu e não se levantou mais. Outros se aproximaram, e a tempestade dolorida recomeçou. Cada criatura que entrava no raio de alcance de uma árvore abastecida tornava-se um alvo vivo para as pedras arremessadas. Logo quase todos os gigantes jaziam prostrados no solo, e uma jubilosa canção de vitória ecoou do topo das árvores.


Inúmeros elefantes surgiram, apressados, e as crianças, descendo das árvores como macaquinhos, pularam em grupos de três ou quatro nas costas

dos animais. Então, com sua carga miúda, os bichos avançaram sobre os gigantes, que ainda caídos berravam. Por fim, perdendo a paciência com o barulho que os gigantes faziam, os elefantes deram-lhes alguns golpes com a tromba e os deixaram.

Quando a noite chegou, os gigantes ainda permaneciam silenciosos e imóveis, exatamente onde haviam caído. Não manhã seguinte, já não havia sinal deles, e as crianças não mais os viram, pois os brutos decidiram ir para o outro lado do vale e nunca mais se aventurar na floresta.



CAPÍTULO
XXXIV
Preparação

om a vitória assegurada, a mulher de Bulika começou a falar sobre a cidade, enfatizando as condições precárias de suas defesas, praticamente inexistentes, a maldade da princesa e a covardia de seus habitantes. Por alguns dias, as crianças não falaram em outra coisa, embora não tivessem a menor noção do que era uma cidade. Então, pela primeira vez percebi as reais intenções da mulher, embora ainda não identificasse seus motivos.

A ideia de tomar posse da cidade mostrava-se altamente recomendável, tanto para Lona quanto para mim. As crianças estavam desenvolvendo suas habilidades com tamanha rapidez que eu mesmo não via nenhum grande obstáculo ao sucesso daquela empreitada, pois conhecia o único ponto vulnerável da terrível Lilith, mulher ou criatura: a ruína por meio de sua filha e a influência que a antiga profecia exercia sobre os habitantes da cidade. Sem dúvida, apesar dos riscos envolvidos na iniciativa, valeria a pena tentar! Com o sucesso — e quem poderia duvidar da vitória deles? —, não se transformariam rapidamente os Pequeninos de um bando de crianças

em um povo de jovens, cujo governo e influência seriam exercidos para estabelecer a justiça? Ao governar os maus com mão de ferro, não se tornariam a redenção da nação?

Ao mesmo tempo, devo confessar que meus motivos para apoiar a empreitada também envolviam ganho e ambição pessoais. Parecia-me natural que Lona, ao ocupar o trono de sua mãe, me indicasse como seu consorte e ministro, pois estava disposto a dedicar minha vida a servi-la. Além disso, o que não faríamos para estabelecer um estado nobre, visando ao bem dos Pequeninos?

Confesso também que alimentava um sonho tolo de estabelecer um comércio de pedras preciosas entre os dois mundos, felizmente impossível, pois isso acarretaria danos a ambos.

Lembrando-me do apelo de Adão, sugeri a Lona que encontrar água talvez fosse a chave para liberar o crescimento dos Pequeninos. No entanto, ela julgou prudente mantermos isso apenas entre nós, já que não sabíamos quais seriam as primeiras consequências, e, com o passar do tempo, certamente isso se tornaria uma nova necessidade.

— Eles são o que são sem ela! — Lona argumentou. — Quando tivermos a posse da cidade, então procuraremos água!

Assim, demos início aos preparativos, passando constantemente em revista as joviais tropas e alegres companhias. Lona dedicou especial atenção ao comissariado, enquanto eu cuidava do treinamento dos pequenos soldados, exercitando-os na arte de atirar pedras e ensinando-os a usar outras armas e táticas. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para torná-los guerreiros. A principal dificuldade era fazê-los assumir suas posições assim que o sinal fosse dado. A maioria deles estava armada com estilingues, e alguns dos garotos maiores, com arcos e flechas. As garotas mais velhas carregavam espinhos de babosa, fortes como aço e afiados como agulhas, fixados em longas hastes, armas realmente formidáveis. Sua única missão era carregar essas armas, já que eram pequenas demais para lutar.

A própria Lona havia crescido um pouco, mas não parecia ter consciência disso. Ela sempre fora, e ainda era, a mais alta de todos! O cabelo estava muito mais longo, e ela havia praticamente se transformado em uma mulher, mas não perdera a beleza da infância. Quando nos reencontramos após nossa longa separação, ela deitou de lado o bebê que carregava, colocou os braços em torno de meu pescoço e assim permaneceu, olhando-me em silêncio, com o rosto brilhando de felicidade. A criança choramingou, e Lona correu até ela e tomou-a nos braços no mesmo instante. Vê-la assim com qualquer pequenino descuidado, obstinado ou irritável evocava a imagem de uma avó terna e carinhosa. Parecia que eu a conhecia havia eras, desde sempre, antes mesmo da criação do tempo! Guardava poucas recordações de minha mãe, porém aos olhos da mente ela agora se parecia com Lona, e, se imaginasse ter uma irmã ou filha, via de regra a imagem tinha o rosto dela. Toda a minha mente fluía para ela. Com certeza, Lona era minha alma gêmea! Raramente ela me procurava, mas sempre estava ao alcance de minha voz. Em tudo o que eu fazia ou pensava havia referências a ela, e me alegrava acreditar que, embora fizesse seu trabalho com absoluta independência, ela se sentia mais confortável perto de mim. Lona jamais negligenciou qualquer criança por minha causa, e meu amor apenas aprofundou meu senso de dever. Amá-la e cumprir minha missão, na verdade, não pareciam uma coisa só, mas duas coisas inseparáveis. Ela podia sugerir algo que eu devesse fazer ou mesmo me perguntar como agir, porém jamais pareceu supor que eu gostaria de fazer algo além do que precisava fazer, ou mesmo que me importaria com isso. O amor dela superabundava sobre mim, não sob a forma de afagos e demonstrações de carinho, mas por um firme reconhecimento que não se comparava a nada, exceto à devoção de um animal divino.

Eu nunca lhe disse qualquer coisa sobre sua mãe.

A floresta estava repleta de pássaros, cuja esplendorosa plumagem, embora não se comparasse à sua cantoria, parecia compensar a inexistência de flores, que aparentemente não cresciam dada a escassez de água. As

gloriosas penas espalhadas por toda a floresta inspiraram em meu coração o desejo de usá-las para fazer uma roupa para Lona. Enquanto eu juntava as penas e as arrumava em fileiras sobrepostas, ela me observava, evidenciando sua apreciação pela escolha e pelo arranjo, jamais questionando o que eu estava fabricando. Em vez disso, aguardava com nítida expectativa o resultado de minha obra. Em duas semanas, terminei um longo e confortável manto, para prender ao pescoço e à cintura, com uma abertura para os braços.

Levantei-me e ajudei-a a vesti-lo, porém Lona retirou o manto dos ombros e o depositou aos meus pés — por não se sentir merecedora, imagino. Recoloquei o manto em seus ombros, mostrando-lhe onde colocar os braços. Ela sorriu, olhou as penas e as acariciou, mas de novo o removeu e, dessa vez, o colocou ao seu lado. Quando foi embora, levou o manto consigo, e não mais o vi por alguns dias. Por fim, certa manhã, Lona veio ao meu encontro trajando a túnica e carregava outra roupa que ela mesma fizera, mas não de penas, e sim de folhas secas de uma planta resistente. O material tinha quase a mesma resistência do couro e a aparência de uma armadura. Vesti-a imediatamente e desde então a usava sempre que andava a cavalo.

Certo dia, apareceu nos limites da floresta uma tropa de cavalos adultos, com os quais logo fiz amizade, principalmente pelo fato de eles não estranharem a presença de criaturas tão diferentes como nós. Escolhi os melhores e treinei-os para mim e para Lona. Acostumada a cavalgar cavalos menores, sua alegria foi enorme ao ver-se, pela primeira vez, montada no dorso de um animal tão imponente, e o cavalo também demonstrou estar orgulhoso de sua montaria. Nós os exercitamos diariamente, até os animais desenvolverem confiança suficiente em nós para nos obedecerem de imediato e sem temor algum, após o que sempre os cavalgávamos em desfiles ou em marcha.

Por vezes, a empreitada me parecia temerária demais, mas a confiança da mulher de Bulika, real ou fingida, sempre vencida minha hesitação. Ela

insistia em que a magia da princesa se mostraria impotente contra as crianças, assim como qualquer força que pudesse reunir. Nossos animais garantiriam nossa superioridade. Ela mesma afirmava estar pronta para enfrentar qualquer homem de Bulika, munida de um resistente galho. Confessou ainda ter bastante medo da leoparda, mas eu me sentia pronto para a fera. Eu resistia, entretanto, à ideia de levar todas as crianças conosco.

— Não seria mais prudente — insisti — que você permanecesse aqui na floresta com seu bebê e os mais jovens dos Pequeninos?

Ela respondeu que confiava plenamente na impressão que a visão das crianças menores exerceria sobre as mulheres, principalmente as mães.

— Quando virem esses queridinhos — afirmou —, será como uma tempestade de raios no coração delas, e devo estar lá para encorajá-las a tomar nosso lado! Se existe algum resquício de coragem naquela cidade, certamente será encontrado entre as mulheres!

— *Você* não deve ficar encarregada de nenhuma das crianças, pois será necessária em todas as partes — falei a Lona.

Porque havia dois bebês, além da filha da mulher, e mesmo no dorso do cavalo quase sempre Lona tinha um nos braços.

— Nem me lembro de não ter nenhuma criança para cuidar — ela respondeu. — Mas, quando chegarmos à cidade, será como você sugere!

Sua plena confiança em alguém que já falhara de maneira tão indigna cobriu-me de vergonha. Contudo, eu não iniciara aquele movimento, tampouco impusera algum obstáculo a ele. Na realidade, não tinha escolha, mas devia prestar todo o auxílio possível, pois estava preparado para viver ou morrer por Lona. Sua humildade, bem como sua confiança, me cativava, e me entreguei de todo o coração aos seus propósitos.

Nosso caminho até a cidade passava por uma planície coberta de grama, e assim não havia necessidade de levar comida para os cavalos ou para as duas vacas que iriam conosco, apenas para os elefantes. Na verdade, a

grama também lhes serviria como um bom alimento, tanto quanto para os outros animais, porém seria escassa, pois com aquela tromba enorme não conseguiriam pegar o suficiente para uma simples refeição. Assim, instruímos toda a colônia a sair e colher grama e juntá-la em fardos que os próprios elefantes pudessem carregar em quantidade suficiente para lhes garantir comida por muitos dias, com o complemento do que poderíamos colher toda vez que parássemos para descansar. Para os ursos, armazenamos nozes, e para nós mesmos, frutas secas em abundância. Capturamos e domesticamos muitos outros cavalos adultos e, depois de carregá-los, assim como os elefantes, com nossas provisões, estávamos preparados para partir.

Lona e eu realizamos uma revista geral, e fiz um pequeno discurso. Comecei contando que havia aprendido muito a respeito deles e sabia agora de onde tinham vindo.

— Não viemos de nenhum lugar! — eles gritaram, interrompendo-me. — Somos daqui mesmo!

Então revelei que cada um deles tinha a própria mãe, como a mãe do último bebê, e que acreditava que todos haviam sido trazidos de Bulika quando eram apenas inocentes bebês e, portanto, não podiam se lembrar disso; que a cruel princesa tinha tamanho medo de crianças que decretara o extermínio de todas elas. Assim, as mães apavoradas tiveram de retirá-los da cidade e as abandonaram onde a princesa não pudesse encontrá-los, ou seja, na floresta. Agora estávamos indo para Bulika a fim de encontrar as respectivas mães deles e libertá-las da terrível princesa.

— No entanto — prossegui —, devo alertá-los de que o perigo nos aguarda, pois, como sabem, teremos de lutar muito para tomar a cidade.

— Podemos lutar e estamos prontos para a batalha! — gritaram os meninos.

— Sim, podemos — confirmei —, e sei que o farei, pois vale a pena lutar pelas mães! Apenas se lembrem de permanecerem unidos.

— Sim. Cuidaremos uns dos outros — responderam. — Ninguém tocará

em nenhum de nós, exceto nossas mães!

— Lembrem-se também, cada um de vocês, de obedecer imediatamente ao que seus oficiais ordenarem!

— Sim, obedeceremos! Estamos prontos agora! Vamos!

— Há outra coisa que não devem esquecer — acrescentei. — Ao golpearem, tenham a certeza de fazê-lo de modo firme e direto; quando atirarem suas flechas, mirem na cabeça; quando arremessarem uma pedra, façam-no com toda a força e em linha reta.

— Assim faremos! — exclamaram, em um jubiloso e destemido grito.

— É possível que alguns de vocês venham a se ferir!

— Não nos preocupamos com isso! Não é verdade, garotos?

— Não damos a mínima!

— É possível que alguns sejam mortos! — alertei.

— Não me importo de morrer! — gritou um dos melhores meninos, que cavalgava um pequeno e belo búfalo que galopava e trotava como um cavalo.

— Eu também não! Nem eu! — ouviu-se de todos os lados.

Então Lona, rainha, mãe e irmã de todos eles, falou-lhes do alto de seu enorme cavalo, postado ao meu lado:

— Eu daria a própria vida para ter minha mãe! — afirmou. — Mesmo que ela viesse a me assassinar, se lhe fosse possível, ainda assim eu a beijaria e morreria!

— Vamos, garotos! — gritou uma das meninas. — Ao encontro de nossas mães!

Uma pontada atravessou meu coração, mas não poderia recuar agora. Seria a desmoralização total para os Pequeninos!

A decorative border in a reddish-brown color, featuring intricate floral and scrollwork patterns. It frames the chapter title and number. The border is composed of a top horizontal line with a central floral motif, two vertical lines with decorative finials, and a bottom horizontal line with a central floral motif.

CAPÍTULO
XXXV

*Os Pequeninos
em Bulika*

A small, decorative floral ornament in a reddish-brown color, centered below the chapter title. It features symmetrical scrollwork and floral motifs.

Era de manhã cedinho quando iniciamos a jornada, formando entre o céu azul e a grama verde uma bela visão na ampla planície. Viajaríamos durante toda a manhã, descansando à tarde e prosseguindo à noite, para então descansar no dia seguinte e recomeçar no breve crepúsculo. A última parte da viagem exigiria muito esforço de todos para chegarmos à cidade no início da manhã e ultrapassar os portões antes de sermos descobertos.

Parecia que todos os habitantes da floresta estavam viajando conosco. Uma multidão de pássaros voava à frente, sem dúvida se imaginando a divisão líder. Um grande contingente de borboletas e outros insetos ziguezagueavam sobre nossas cabeças, e vários animais de quatro patas nos seguiam. Estes, quando a noite caía, nos abandonavam quase que por completo, porém as aves, as borboletas, as vespas e as libélulas nos acompanharam até os portões da cidade.

Paramos para descansar e dormimos profundamente durante a tarde: aquela era nossa primeira marcha de verdade, mas ninguém estava cansado. À noite, avançávamos com mais rapidez, pois a temperatura era mais agradável. Muitos adormeciam no dorso das montarias e acordavam restaurados pela manhã. Não houve uma única queda. Alguns iam às costas de sacolejantes e peludos ursos, que apesar disso desenvolviam boa velocidade, mostrando-se tão velozes quanto os elefantes. Outros ainda utilizavam como transporte diferentes tipos de cervos, cuja velocidade tinha de ser controlada, caso contrário estariam muito à nossa frente. Os que seguiam montados no feno atrelado às costas dos elefantes, incapazes de ver os animais embaixo deles, mantinham-se em constante conversa com os bichos — quando não estavam dormindo, é claro. Certo dia, quando paramos para nos alimentar, ouvi um garotinho conversar com sua “querida besta” enquanto separava o feno para alimentar o animal:

— Querido amigo narigudo, estou tirando feno desta montanha para você e logo descerei: seja paciente. Estou indo! Muito em breve você levantará sua tromba para me procurar, e então nos beijaremos como bons elefantes, com toda a certeza!

Naquela mesma noite, irrompeu tamanha agitação entre os animais, que o silêncio noturno foi quebrado com os relinchos dos cavalos, os bramidos dos elefantes e os sons das crianças, de modo que, não sabendo ao certo a que distância estávamos da cidade e temendo denunciar nossa aproximação, agi rápido para acalmar o barulho.

De repente, certa manhã, o Sol se elevou e, com ele, a cidade. Para as crianças, os muros pareciam apenas uma grande massa de rochas, porém, quando lhes contei que dentro das muralhas havia muitos ninhos feitos de pedra, de imediato percebi a apreensão e o desagrado invadirem o coração deles: creio que pela primeira vez em sua breve existência elas experimentaram o sentimento de medo. Todo o lugar pareceu-lhes mau. Como encontrariam suas mães em um local como aquele? Contudo, seguiram

bravamente, pois confiavam em Lona e em mim também, ainda que eu não fosse merecedor desse sentimento.

Prosseguimos nossa marcha, deixando para trás a sólida arcada. Sem dúvida, jamais se ouvira tal tropel de cascos, patas e pés ecoando naquele velho pavimento! Os cavalos pareciam assustados com o som dos próprios cascos, e alguns hesitavam por breves instantes, enquanto outros saltavam de maneira selvagem e andavam em círculos, mas logo se acalmaram e seguiram adiante. Quanto aos Pequeninos, alguns estremeeceram, e todos ficaram tão imóveis quanto as pedras. As três garotas apertaram com força os bebês que traziam contra o peito. Em suma, exceto os ursos e as borboletas, todos expressavam temor.

O semblante da mulher de Bulika demonstrava uma sombria ansiedade, e tampouco eu estava livre de sentir certa apreensão, pois todo aquele exército estava em minhas mãos e em minha consciência: eu os havia trazido ao perigo, cuja sombra agora se fazia mais presente! No entanto, fui consolado pelo pensamento do reino vindouro dos Pequeninos, quando teriam os gigantes como escravos e o amor, a obediência e a amizade dos animais! Infelizmente, eu, que assim sonhava, não tinha aprendido a obedecer. Uma obstinação indigna e infiel havia me colocado à frente de um exército de inocentes! Eu mesmo nada mais era que um escravo, como qualquer rei no mundo de onde eu vinha, apenas a fazer o que lhe agradava! Mas Lona cavalgava ao meu lado — uma criança de fato e, portanto, uma mulher livre, calma, silenciosa, vigilante e nem um pouco temerosa.

Aproximamo-nos do coração da cidade antes que qualquer de seus habitantes percebesse nossa presença, porém agora janelas começavam a ser abertas e cabeças sonolentas olhavam para fora. A princípio, todas as faces exibiam olhares obtusos de perplexidade que, tão logo viam os animais, se transformavam em olhares de consternação. Apesar do medo, as mulheres, seguidas pelos homens, correram para as ruas quando viram que os invasores, em sua maioria, não passavam de crianças. Contudo, durante

algum tempo, todos permaneceram perto de suas casas, deixando o caminho livre, pois não ousavam se aproximar dos animais.

Por fim, um garoto, aparentando ter cerca de cinco anos de idade e obcecado pela ideia de encontrar a mãe, vislumbrou na multidão uma mulher cujo rosto o atraiu e jogou-se sobre ela de cima do antílope que o transportava, agarrando-se ao seu pescoço. Ela não demorou em corresponder aos seus abraços e beijos. No entanto, a mão de um homem surgiu acima dos ombros da mulher e agarrou o garotinho pelo pescoço. Na mesma hora, uma garota espetou sua pontiaguda lança no braço do homem, que, emitindo um urro selvagem, fugiu gritando após levar mais dois ou três golpes.

— Eles são apenas gigantes maus, como os outros! — comentou Lona, com os olhos faiscantes, enquanto conduzia seu cavalo contra um homem de tamanho incomum que, invocando a pequena masculinidade em seu interior, colocou-se diante dela armado com um pedaço de pau. Ele não ousou enfrentar o choque, mas se esquivou e caiu no instante seguinte, atingido por uma saraivada de pedras. Outro homem enorme, depois de evitar meu ataque, enfiou-se de súbito entre mim e o garoto que vinha atrás, com um discurso cuja rudeza era ininteligível. O garoto ordenou-lhe que se submetesse ao rei, mas o gigante atingiu a cabeça de seu pequeno cavalo com uma espécie de martelo, que levou o animal ao solo. No entanto, antes que o bruto pudesse desferir o segundo golpe, um dos elefantes que vinha atrás dele derrubou-o e os pisoteou, de modo que o homem só tentou se levantar depois que centenas de pés haviam caminhado sobre seu corpo e o exército já ia longe.

Entretanto, ao ver as mulheres, o espanto cobriu a face de Lona! Era difícil achar entre elas um rosto agradável de olhar! Seus queridos encontrariam suas mães entre tais mulheres?

Havíamos acabado de iniciar um descanso na praça central da cidade quando duas garotas chegaram, ansiosas e apressadas, com a notícia de que

dois dos garotos haviam sido levados por algumas mulheres. Retornamos de imediato e então descobrimos que a mulher que acolhemos havia desaparecido com seu bebê.

Entretanto, no mesmo instante vislumbramos a fera totalmente branca vindo em nossa direção por uma rua estreita que, saindo da praça, conduzia ao palácio. Os Pequeninos não tinham se esquecido da luta entre as duas criaturas na floresta: alguns olhavam o animal com expressão de terror, e suas fileiras começaram a hesitar, mas se lembraram da ordem que lhes fora dada e se mantiveram firmes.

Paramos para ver o que aconteceria a seguir, e repentinamente um garotinho chamado Odu, notável por sua velocidade e coragem, que tinha ouvido o que eu dissera sobre a bondade da fêmea branca, saltou das costas de seu urso e correu ao encontro da criatura, seguido pelo animal em que estivera montado. Para evitar o choque com o menino, a leoparda esquivou-se subitamente, rolando seguidas vezes no solo. Quando voltou a firmar as quatro patas no chão, o garoto já estava montado em suas costas. Quem poderia duvidar da derrota de um povo que testemunhou um garoto travesso do inimigo cavalgar um animal que lhes causava verdadeiro pavor? Confiantes no efeito que aquele ato provocaria em todo o exército, nós avançamos.

Ao pararmos diante da casa para onde nossos guias nos conduziram, ouvimos um grito. Desmontei de um salto e corri até a porta. Meu cavalo me seguiu, empurrou-me de lado, tomando a frente, e começara a golpear a porta com os cascos quando surgiu o pequeno Odu cavalgando a leoparda. À simples visão da criatura, o cavalo parou, imóvel e tremendo, porém a fera também ouvira o grito e, esquecendo-se da criança na garupa, jogou-se contra a porta. O pobrezinho foi arremetido contra ela e caiu desacordado. Antes que eu pudesse chegar até onde ele estava, Lona já estava com menino nos braços. Quando voltou a si, ela o colocou novamente nas costas do urso, que ainda o seguia.

Só após a terceira arremetida contra a porta foi que ela cedeu, e a fêmea entrou na casa como uma flecha, seguida por nós. Num piscar de olhos, porém, sumiu de vista. Então subimos a escada e vasculhamos toda a residência, mas não encontramos ninguém. Descendo sem demora para o andar inferior, notamos que havia uma porta debaixo da escada e, atravessando-a, chegamos a um labirinto de escavações. Não havíamos ido muito longe, entretanto, quando encontramos a criatura com a criança que havia sido levada.

O menino contou-nos que a mulher que tomara por sua mãe o jogara em um buraco, dizendo que o entregaria à leoparda. Contudo, como era uma criatura boa, o animal o havia retirado de lá.

Em seguida, empreendemos a busca pelo outro garoto desaparecido. Entramos na casa ao lado com mais facilidade, infelizmente apenas para descobrir que era tarde demais; um dos selvagens havia acabado de assassinar o pequeno prisioneiro! Contudo, Lona consolou-se por saber quem ele era, pois já esperava que se tornasse um gigante mau; nesse caso, a morte o salvara do pior dos destinos. A leoparda saltou sobre o assassino, agarrou-o pelo pescoço e, seguido por Lona, o arrastou para fora da casa, como um gato carregando um grande rato nas mandíbulas.

— Vamos deixar este lugar horrível — sugeriu Lona. — Não há mães aqui! Esse povo não merece ser libertado.

A criatura soltou sua carga e investiu contra a multidão, por todos os lados, onde havia mais pessoas reunidas. Os escravos gritaram e tentaram fugir do ataque, caindo uns sobre os outros, aos montes.

Quando retornamos ao nosso exército, o encontramos exatamente como o deixáramos, em formação ordenada, pronto para nova ação.

No entanto, eu estava muito preocupado, pois ainda não havia sinal da princesa, e não tínhamos a menor ideia do que ela poderia estar tramando. A atenção e a vigilância teriam de ser redobradas durante a noite!

Os Pequeninos eram criaturas deveras resistentes, capazes de repousar em

qualquer lugar. Então lhes dissemos para se deitarem com seus animais ali onde estavam e dormirem até ser chamados. Logo todos estavam deitados e, passado um instante, envolvidos na música de seu sono — um som como de água sobre a grama ou de uma brisa suave sobre as folhas. Os animais tinham um sono muito mais leve, sempre a ponto de acordar ao menor ruído. Os garotos e garotas maiores andavam na ponta dos pés entre a multidão adormecida. O silêncio predominava, e todo aquele lugar maligno parecia descansar.





CAPÍTULO
XXXVI
Mãe e filha

Lona estava tão desgostosa e desapontada com o povo de Bulika, em especial com as mulheres, que desejava abandonar o lugar o mais rápido possível. Eu, ao contrário, tinha a forte convicção de que dar as costas seria falhar de propósito onde o sucesso era plenamente possível. Ainda pior que isso, desapontaríamos o coração dos Pequeninos e os levaríamos a um perigo muito maior. Se recuássemos, era certo que a princesa não nos deixaria partir sem retaliações! Se a achássemos, a esperança quanto à profecia se manteria viva! Mãe e filha deviam se encontrar: era possível que a amabilidade e o encanto característicos de Lona invadissem o coração de Lilith como um vendaval. Se a mãe ameaçasse usar de violência, eu deveria estar entre elas! Se descobrisse não ter mais nenhum poder sobre Lilith, estava disposto, pelo bem de minha Lona, a esmurrá-la sem piedade! Sabia que sua sentença já fora decidida; provavelmente, havia sido decretado que a sentença deveria ser cumprida por meio de nós.

Ainda ignorando a relação que eu tinha com a princesa, apresentei a situação a Lona conforme a entendia. Sem demora, ela concordou em me acompanhar até o palácio.

Do alto de uma de suas grandes torres, enquanto toda a cidade dormia na manhã anterior, a princesa já havia percebido a aproximação do exército dos Pequeninos. Aquela visão despertou nela um terror incontornável: ela falhara em seu intento de destruí-los, e eles agora vinham atacá-la. A profecia estava para ser cumprida!

Quando voltou a si, Lilith desceu ao salão preto, sentando-se no foco norte da elipse, sob a abertura no teto, pois precisava pensar! O que ela chamava de *pensar* requeria uma clara consciência de si mesma, não como era, mas como escolhia acreditar ser, e, para auxiliá-la na compreensão dessa consciência, estava suspenso um pouco acima dela, embora invisível na escuridão do salão, um espelho destinado a receber a luz do Sol refletida de sua pessoa. Assim, ela aguardava o Sol meridional para obter a visão de si mesma no esplendor de sua beleza.

Muitas sombras moviam-se sobre ela na escuridão, mas sempre que, com certo olho interior que tinha, avistava uma sombra, recusava-se a levá-la em consideração. Próximo do espelho, estava o Sombra, que observava seus passos. Lilith, porém, concentrada como estava, não o via.

A cidade havia sido tomada, os covardes habitantes fugiam aterrorizados e os Pequeninos e sua estranha cavalaria permaneciam acampados na praça central. O Sol brilhou sobre a princesa e, por alguns minutos, ela se viu gloriosa. A visão cessou, porém ela continuou sentada. A noite já havia caído sobre a cidade, e a escuridão envolvera e preencheria o vidro. Não obstante, ela não movia um músculo. Uma melancolia acompanhada de sombras invadiu todo o palácio, fazendo os servos estremecerem da cabeça aos pés, mas estes não ousavam sair por causa dos animais do exército dos Pequeninos. Por toda a noite, a princesa permaneceu imóvel. Ela precisava ver sua beleza uma vez mais! Devia tentar pensar de novo, porém a coragem

e a vontade tinham se cansado dela e não mais habitariam seu interior.

Pela manhã, escolhemos doze dentre os garotos mais altos e valentes para irem conosco ao palácio. Seguimos em nossos imponentes cavalos, e eles, em elefantes e cavalos menores.

A princesa permanecia sentada, aguardando o Sol lhe conceder a alegria da presença dela própria. A maré de luz estava subindo nas praias do céu, mas, até que o Sol estivesse a pino, nem um único raio adentraria o salão preto.

Rapidamente, o corpo celeste elevou-se diante de nossos olhos. Enquanto subíamos a escadaria que conduzia ao palácio, o Sol alcançou o domo do grande salão, atingindo a abertura, e com a luz súbita a princesa viu-se diante da visão de si própria. Contudo, ela se levantou de um salto, gritando em total desespero: a mancha havia coberto metade de seu corpo, e agora ela estava tão escura quanto o mármore do salão. A princesa agarrou seu manto e dirigiu-se ao trono. O Sombra retirou-se do local, e ela o viu partir.

Como de costume, o portão estava aberto. Nós o atravessamos, seguimos pelo caminho que conduzia ao palácio e adentramos o átrio. Na jaula, encontramos a fera manchada, aparentemente adormecida ou sem vida. Os Pequeninos pararam um instante para observá-la, porém de súbito ela saltou violentamente contra as barras da jaula. Os cavalos recuaram, apoiados nas patas traseiras, e os elefantes deram um passo atrás. Logo em seguida, a criatura caiu de costas, contraindo-se em espasmos violentos até que por fim se quedou imóvel. Avançamos para o grande salão.

A princesa ainda estava recostada em sua cadeira sob a luz do Sol quando, através das paredes da corte, chegou a seus ouvidos o som dos cascos dos cavalos. Nunca antes aquele som fora ouvido em seu palácio! Ela pressionou a mão contra o próprio flanco e ofegou. O tropel parecia cada vez mais próximo, até que adentrou o próprio salão; figuras móveis, que não eram sombras, aproximaram-se dela no escuro!

A visão que tínhamos era de uma mulher gloriosa, em todo o seu

esplendor, no centro da escuridão. Lona saltou de sua montaria e correu até a princesa. Também saltei do cavalo e a segui.

— Mãe! Mãe! — ela gritou, e sua voz clara e amável ecoou por todo o domo.

A princesa estremeceu. Seu semblante escureceu de ódio, e a testa se franziu. Ela se levantou e assim ficou.

— Mãe! Mãe! — clamou Lona novamente, saltando na plataforma e passando os braços em torno da princesa.

Um instante mais, e eu as teria alcançado, porém vi Lona ser erguida e arremessada contra o chão de mármore. O som de sua queda foi terrível! Ela caiu imóvel aos meus pés. A princesa então se sentou, com um sorriso diabólico.

Ajoelhei-me ao lado de Lona, levantei-a das pedras e apertei-a contra o peito. Indignado de ódio, fitei a princesa, que me retribuiu com seu mais doce sorriso. Eu teria me lançado sobre ela, agarrado sua garganta e a estrangulado, porém o amor à filha era mais forte que o ódio à mãe, e apertei ainda mais minha preciosa carga. Os braços de Lona pendiam sem vida, e o sangue escorria por entre meus dedos, caindo ao chão em pingos doces e lentos.

Os cavalos sentiram o cheiro, primeiro o meu, depois os menores. Meu cavalo, após empinar, aproximou-se, tremendo e com um olhar expressivo, seguido pelos animais menores na escuridão do salão. O cavalo de Lona ficou parado, olhando para ela e tremendo. Os meninos chegaram, saltaram de seus cavalos, e estes, unidos ao meu, não vendo a parede escura diante de si, se esfacelaram contra ela. Os elefantes aproximaram-se da plataforma do trono e pararam, bramindo selvagemmente. Quanto aos Pequeninos, ao subirem, ficaram paralisados de horror pela visão da princesa recostada em seu trono, a face como a de um cadáver, apenas os olhos vivos, malignamente brilhantes. Ela estava de novo ressequida e debilitada, como eu a encontrara na floresta. Em seu flanco, havia uma mancha, como se uma

grande mão a tivesse marcado a fogo. Contudo, Lona nada podia ver, e eu nada via, exceto Lona.

— Mãe! Mãe! — ela suspirou, e sua respiração parou.

Carreguei-a pelo palácio; os raios de Sol iluminavam uma face branca, revelando a pobre sombra de um sorriso fantasmagórico. Sua cabeça pendia para trás. Lona estava “morta como pedra”.¹⁴

Esqueci-me dos Pequeninos, da princesa assassina, do corpo inerte em meus braços, e vagueei errante, procurando por minha Lona. As portas e janelas estavam tomadas de rostos abrutalhados, que me olhavam de modo zombeteiro, porém nada ousavam falar, pois viam a fera branca atrás de mim, seguindo-me de perto. Tentei afastá-la com o pé. Ela parou um segundo, mas continuou me seguindo.

Ao chegar à praça, vi que todo o exército havia sumido! O vazio do lugar me despertou. Onde estariam os Pequeninos, os Pequeninos *dela*? Eu perdera suas crianças! Olhei ao redor, desesperançado, apoiei-me em um dos pilares e me deixei escorregar até sua base.

Entretanto, enquanto contemplava aquele semblante imóvel, pareceu-me distinguir um momentâneo sorriso vivo. Jamais duvidei ter sido uma ilusão, porém acreditei em seu significado: eu ainda a veria viva! Não era ela que se perdera, eu é que estava perdido e seria por ela encontrado!

Levantei-me então, decidido a encontrar os Pequeninos, e instintivamente corri para o portão pelo qual havíamos entrado. Olhei ao redor, porém nada vi, exceto a fêmea branca, que ainda me seguia.

Rapidamente, a rua foi tomada por uma multidão enfurecida. Os habitantes me viram carregando o corpo, mas por um tempo não ousaram atacar-me. De lá, alcancei o portão, mas nesse ínterim o povo reuniu coragem, e as mulheres, tomando a iniciativa, passaram a me empurrar, mas não reagi. Então um homem tentou puxar minha preciosa carga. Rechacei-o com um chute, e ele se afastou gritando de dor. Contudo, a multidão continuou a me pressionar e, temendo pela morta, que não podia mais ser ferida, segurei


firme meu tesouro com a mão esquerda, deixando o braço direito livre para me defender. Naquele exato momento, porém, uma comoção irrompeu na rua atrás de mim; um clarão abriu-se em meio à multidão que lá estava, e por ele vieram os Pequeninos que eu deixara no palácio. Dez deles estavam sobre quatro elefantes; os outros dois elefantes traziam a princesa com mãos e pés atados, totalmente imóvel, exceto pelos olhos, que iam de um lado para outro naquelas órbitas assustadoras. Dois outros garotos vinham atrás dela, cavalgando o cavalo de Lona. De vez em quando, as sábias criaturas que transportavam a princesa jogavam a tromba para trás e examinavam as cordas que a prendiam.

Segui em frente, para fora da cidade. Que fim horrível fora destinado às esperanças com as quais eu adentrara aquele palácio maligno! De fato, tínhamos capturado a princesa má, porém havíamos perdido nossa amada rainha! Minha vida não tinha mais razão de ser, e meu coração estava vazio!

14 Referência a *Rei Lear*, de Shakespeare. [N. R.]



CAPÍTULO
XXXVII
O Sombra

 murmúrio de alegria de meus companheiros despertou-me. À distância, tinham visto o restante do exército de Pequeninos! Os dois garotos montados no cavalo de Lona foram ao encontro dos demais, sendo recebidos com uma grande algazarra, que de súbito emudeceu. Enquanto nos aproximávamos, o som de seus soluços nos alcançava como o irromper de pequenas ondas.

Quando os alcancei, percebi que algo terrível havia acontecido a eles: naqueles rostos infantis, via-se o indescritível olhar provocado por algum estranho terror. Nenhuma dor possível poderia ter lhes causado aquela transformação. Lentamente, alguns poucos me cercaram, estendendo os braços para receber minha carga. Eu a entreguei, e a terna desesperança do sorriso com o qual a receberam fez meu coração palpitar de piedade em meio à desolação que eu mesmo sentia. Em vão, soluçavam e choravam por sua mãe e rainha; em vão, tentaram extrair dela algum sinal de

reconhecimento ao amor deles; em vão, beijaram-na e a acariciaram enquanto a transportavam — ela não despertaria! De cada lado, um carregava um braço, e tantos quantos conseguiam chegar perto colocavam o próprio braço sob o corpo, apertando-o gentilmente, enquanto os que não conseguiam ajuntavam-se ao redor dos que a carregavam. Eles a deitaram no lugar onde a grama crescia mais grossa e macia, e lá todos os Pequeninos se reuniram para pranteá-la.

Os elefantes permaneceram fora daquele ajuntamento, e eu, próximo deles, olhava para minha Lona por sobre as muitas cabeças em volta dela. Os que estavam perto de mim avistaram a princesa e a fitaram, tremendo. Odu foi o primeiro a falar:

— Já vi aquela mulher antes! — ele sussurrou para o garoto que estava ao seu lado. — Foi ela que lutou com a criatura branca, na noite em que nos acordaram com sua luta!

— Tolo! — respondeu o colega. — A outra era uma fera selvagem, com manchas negras.

— Olhe bem para os olhos dela! — insistiu Odu. — Sei que ela é uma gigante má, mas também é uma fera selvagem. Tenho certeza de que ela é a criatura manchada!

O outro deu um passo à frente, mas Odu o puxou firmemente para trás.

— Nem ouse olhar para ela! — ele suplicou, estremecendo, ainda fascinado com os olhos cheios de ódio da princesa. — Ela o comeria num piscar de olhos! Era a sombra dela! Ela é a princesa má!

— Não pode ser! Disseram que era uma mulher bonita!

— Na verdade, ela é mesmo a princesa! — interrompi. — A maldade tornou-a hedionda!

A princesa ouviu meu comentário e me lançou um olhar indescritível.

— Agi muito errado ao tentar fugir! — disse Odu, pensativo.

— O que o fez fugir? — perguntei. — Eu esperava encontrá-lo onde o havia deixado!

Ele hesitou um pouco antes de responder.

— Não sei ao certo o que me fez correr! — antecipou-se outro garoto. — Fiquei apavorado.

— Foi um homem que desceu da colina do palácio — revelou um terceiro.

— Como ele assustou você?

— Não sei!

— Não era um homem — Odu falou por fim. — Era uma sombra, pois não havia espessura nele!

— Conte-me mais a respeito dele.

— Ele desceu totalmente preto e caminhava como um gigante mau, mas era plano! Nada mais era que uma escuridão. Sentimos muito medo quando o vimos, mas não fugimos e ficamos ali, observando-o. Ele avançou como se fosse passar por cima de nós, mas antes que nos alcançasse começou a se expandir, tornando-se cada vez maior, até ficar tão grande que não mais o vimos. Então percebemos que estava sobre nós!

— O que você quer dizer com isso?

— Ele estava entre nós, de modo que não conseguíamos ver um ao outro, e então entrou em nós.

— Como souberam que ele estava dentro de vocês?

— Ele me tornou diferente. Senti que era mau. Não era mais Odu, e sim alguém que não conhecia. Eu queria despedaçar Sozo, não de fato, mas quase isso.

Em seguida, ele se virou e abraçou Sozo.

— Aquele não era eu, Sozo — Odu soluçou. — Bem lá no fundo, ainda era o Odu que sempre o amou! E esse Odu veio à tona, e mandou o Homem Mau embora. Fiquei enojado e pensei que tinha de me matar para me livrar da sombra. Então souou uma risada terrível, como se tivesse ouvido meus pensamentos, que fez tremer o ar ao meu redor. Depois acho que comecei a correr, mas não sabia que tinha fugido até descobrir-me correndo o mais rápido que podia e para o mais longe possível. Eu teria parado, mas não

pensei nisso até atravessar o portão e ver-me no gramado. Logo percebi que tinha fugido de uma sombra que queria ser eu, mas não era, e que eu ainda era o Odu que amava Sozo. Foi aquela sombra horrível que entrou em mim e me fez odiar Sozo: não era eu mesmo! Agora sei que não deveria ter fugido, mas na verdade não sabia o que estava fazendo até tê-lo feito! Minhas pernas é que agiram, eu acho. Elas ficaram com medo e se esqueceram de mim, correndo o máximo que puderam! Pernas desobedientes! Tomem isto! E mais isto!

Assim Odu terminou sua narrativa, chutando cada uma de suas pernas malcriadas.

— O que aconteceu com o homem-sombra? — perguntei.

— Não sei — ele respondeu. — Acho que foi para casa, na noite onde não há Lua.

Senti o desejo de saber para onde Lona tinha ido e, ajoelhando-me na grama, segurei seu corpo inerte em meu colo e sussurrei-lhe ao ouvido:

— Onde está você, Lona? Eu te amo!

Contudo, seus lábios não esboçaram nenhuma resposta. Beije-os, percebendo que não estavam frios, e deitei o corpo na grama. Depois de designar alguns para guardá-lo, levantei-me a fim de providenciar segurança para o povo de Lona durante a noite.

Antes do pôr do sol, determinei sentinelas para vigiar a princesa fora do acampamento, bem como guardas ao redor dele, com a intenção de também fazer ronda durante toda a noite. Depois, ordenei ao restante do exército que fosse dormir. Obedientemente, todos se jogaram na grama e em um segundo estavam adormecidos.

Quando a luz surgiu, vislumbrei o brilho de algo branco; sem dúvida, era a criatura sem manchas. Ela deslizou suavemente ao redor do acampamento adormecido, e a vi passar três vezes entre a princesa e os Pequeninos. Depois de haver feito minha ronda, deitei-me, esticando-me ao lado do corpo de Lona.



CAPÍTULO
XXXVIII
*Para a Casa
da Amargura*



Pela manhã, reiniciamos nossa jornada, seguindo para a floresta o mais rápido que podíamos. Eu cavalgava o animal de Lona, carregando o corpo dela comigo. Pretendia levá-la até seu pai, pois ele providenciaria um leito para ela na câmara dos mortos, ou, se não o fizesse e Lona não retornasse à vida, eu a levaria para o deserto e a vigiaria até o corpo virar pó! No fundo, porém, acreditava que ele agiria dessa forma, pois sem dúvida ela morrerá havia algum tempo! Além disso, com que amargura eu não deveria me humilhar diante dele!

Também deveria levar Lilith para Adão, pois não tinha nenhum poder para fazê-la se arrepender. Não tinha o direito de assassiná-la, muito menos de permitir que ficasse à solta no mundo! E certamente não tinha méritos para ser seu carcereiro eterno!

Repetidas vezes durante a jornada, ofereci-lhe alimento, mas tudo o que

recebi de volta foi um olhar de ódio devorador. Seus olhos selvagens mantinham-se em movimento constante, para lá e para cá, jamais se fechando, nem por um segundo, até atravessarmos o riacho de águas quentes. Depois disso, não se abriram mais até chegarmos à Casa da Amargura.

Certa noite, enquanto preparávamos o acampamento para descansar, vi uma garotinha ir na direção de Lilith e corri para prevenir qualquer dano. Mas, antes que eu a alcançasse, a menina já havia colocado algo nos lábios da princesa e depois emitido um grito de dor.

— Por favor, rei — ela choramingou —, chupe meu dedo! A gigante má fez um furinho nele!

Depois de atender ao pedido, ela exclamou:

— Agora “tá” bom! — e no minuto seguinte estava estendendo uma segunda fruta para aquela boca sedenta por outro tipo de alimento. Dessa vez, porém, ela retirou a mão rapidamente, e a fruta caiu ao chão. O nome da garotinha era Luva¹⁵.

No dia seguinte, cruzamos o rio de águas quentes. De novo em solo conhecido, os Pequeninos estavam exultantes, mas seus ninhos ainda estavam muito longe, e naquele dia não progredimos além do salão de heras, onde, por causa das videiras, decidi passar a noite. Quando eles viram os enormes cachos e descobriram que eram bons, correram até eles, devorando-os avidamente, de modo que em poucos minutos todos jaziam adormecidos no chão esverdeado e na floresta ao redor do saguão. Ansiando presenciar mais uma vez a dança noturna e esperando que os Pequeninos dormissem durante toda a noite, orientei-os para que ocupassem as laterais do salão, deixando um amplo espaço livre no centro. Deitei-me perto deles, com Lona ao meu lado, mas não preguei o olho.

A noite veio, e de repente a companhia estava lá. Fiquei pensando comigo se, noite após noite, eles passariam toda a eternidade a dançar e se algum dia eu mesmo não teria de me juntar a eles por causa de minha obstinação. Então os olhos das crianças se abriram, e elas, despertas, levantaram-se e

correram em direção aos dançarinos. Imediatamente, cada uma segurou um dançarino, e lá foram eles rodopiando e saltando. Os espectros pareciam vênulas e acolhê-las de bom grado. Talvez soubessem tudo sobre os Pequeninos, pois eles mesmos estavam havia muito tempo no caminho de volta à infância! De qualquer modo, imaginei que suas inocentes cambalhotas poderiam trazer algum alento àquelas almas cansadas, cujo presente havia sido tomado e cujo futuro era sombrio; que não tinham vida, exceto a sombra de seu passado desaparecido. As crianças participaram com muita alegria, sem nenhuma travessura desagradável, e, se por vezes causavam alguma perturbação momentânea no ritmo da dança, os pobres espectros, que não tinham nenhum motivo de riso além desse, pelo menos não manifestavam repúdio.

Assim que as primeiras luzes da manhã despontaram, comecei a ver a princesa-esqueleto na porta de entrada, com os olhos abertos e brilhantes, bem como a medonha mancha escura em seu flanco. Ela parou por um instante e depois adentrou o salão, deslizando como se fosse juntar-se à dança. Levantei-me, sobressaltado. Um grito de repugnante pavor irrompeu das crianças, e as luzes desapareceram, porém o luar permaneceu, e pude vê-las agarradas umas às outras. Os fantasmas tinham ido embora ou pelo menos não estavam mais visíveis. A princesa também desaparecera. Corri para o lugar onde a havia deixado e a encontrei de olhos fechados, como se jamais tivesse saído dali. Retornei ao salão. As crianças já estavam deitadas, prestes a dormir.

Na manhã seguinte, ao reiniciarmos a jornada, avistamos a uma curta distância de nós dois esqueletos movendo-se atrás de um arbusto. Os Pequeninos deixaram suas fileiras e correram ao encontro deles. Eu os segui e, embora os esqueletos andassem agora com facilidade, sem talas ou ligaduras, reconheci-os como o casal que havia encontrado anteriormente naquela vizinhança. As crianças logo travaram amizade com os dois, segurando-lhes as mãos e afagando os longos dedos. Era evidente que as pobres criaturas atraíam a atenção das crianças de maneira bondosa. Os dois

pareciam estar em excelentes termos um com o outro. A privação comum os havia unido, e a perda de tudo fora o princípio de uma nova vida para eles!

Percebendo que eles tinham juntado um punhado de ervas e procuravam mais, talvez para esfregar os ossos com elas — pois de que outra maneira o alimento poderia alcançar seus rudimentares sistemas? —, os Pequeninos, após observarem o que seguravam, reuniram ervas do mesmo tipo, enchendo as mãos dos esqueletos, que estavam estendidas para recebê-las. Então o casal se despediu de seus novos amiguinhos, prometendo retornar para vê-los, e retomou a caminhada, um comentando com o outro que não sabia da existência de um povo tão simpático naquela floresta.

Quando chegamos à floresta dos ninhos, lá permaneci com eles por uma noite, a fim de me assegurar de que estavam bem reinstalados, pois Lona ainda aparentava ter acabado de morrer e não parecia necessitar de pressa.

A princesa nada comera ainda, e seus olhos permaneciam fechados. Temendo que ela morresse antes de chegarmos ao fim de nossa jornada, fui até ela durante a noite e coloquei o braço desnudo sobre os seus lábios. Ela me mordeu com tanta força que dei um grito de dor. Não sei como consegui me livrar dela, mas quando recobrei a consciência estava caído, fora de seu alcance. Já era de manhã e, sem perder tempo, comecei a preparar nossa partida.

Escolhendo doze dentre os Pequeninos, não os mais altos e fortes, e sim os mais doces e alegres, montei-os nas costas de seis elefantes, levando mais dois desses sábios — mas desajeitados — animais, como os garotos os chamavam, para transportar a princesa. Eu ainda estava cavalgando o cavalo de Lona, carregando à minha frente o corpo enrolado no manto. Tão precisamente quanto podia julgar, pegamos um caminho direto pelo braço esquerdo do leito do rio, em direção à Casa da Amargura, onde eu esperava descobrir como atravessar o braço mais amplo e difícil e evitar a bacia dos monstros. No primeiro, temia pelos elefantes, e no segundo, pelas crianças.

Vivi uma noite terrível durante aquela jornada: a terceira, passada no

deserto entre os dois braços do rio morto.

Havíamos deixado os elefantes em um abrigo, com a princesa adormecida entre eles, na areia, até o dia seguinte. Ela parecia bem morta, mas não achei que de fato estivesse. Deitei-me, guardando certa distância dela, com o corpo de Lona ao meu lado. Assim, poderia vigiar ao mesmo tempo a morta e a perigosa. A Lua estava na metade de sua descida, a oeste, séria e pálida, salpicando o deserto com sombras. De súbito, foi eclipsada e ficou visível, porém sem emitir luz: uma espessa e diáfana película cobriu a sua paciente beleza, e ela pareceu perturbada. O filme moveu-se de lado o suficiente para que eu visse sua extremidade contra a claridade da lua — um recortado contorno do que parecia a asa de um morcego, desgastada e curva. Um vento frio soprou, provocando uma sensação ardente, e percebi Lilith sobre mim. Suas mãos ainda estavam atadas, porém, com os dentes, ela arrancou o manto que Lona havia feito para mim e mordeu minha carne. Fiquei sem ação, como que paralisado.

A vida já estava fluindo de mim para ela quando me lembrei e golpeei sua mão. Ela ergueu a cabeça, emitindo um grito lancinante, e a senti estremecer. Empurrei-a para longe e me levantei.

Ela ficou de joelhos, movendo-se para a frente e para trás. Uma segunda rajada daquele vento frio e ao mesmo tempo ardente nos envolveu. A Lua agora brilhava bem clara. Vi sua face sombria e lívida, maculada de vermelho.

— No chão, ser maligno! — ordenei.

— Para onde está me levando? — Lilith perguntou, com uma voz sepulcral.

— Para seu primeiro marido — respondi.

— Ele vai me matar! — ela gemeu.

— Pelo menos, vai tirar você de minhas mãos!

— Dê-me minha filha! — ela gritou subitamente, rangendo os dentes.

— Nunca! Sua sentença está sobre você, afinal!

— Por piedade, solte minhas mãos! — ela choramingou. — Estou em suplício. As cordas estão entrando em minha carne.

— Duvido muito. Deite-se! — ordenei.

Ela se jogou ao chão como um tronco.

O restante da noite transcorreu em paz, e na manhã seguinte a princesa mais uma vez aparentava estar morta.

Antes do anoitecer, avistamos a Casa da Amargura, e no instante seguinte um dos elefantes colocou-se ao lado de meu cavalo.

— Por favor, rei. Você não está indo para aquele lugar, está? — sussurrou o menino montado no pescoço do animal.

— Na verdade, estou sim! Passaremos a noite lá — respondi.

— Ah, por favor, não! Deve ser lá que a Mulher-Gato vive!

— Se você a conhecesse, não mais a chamaria por esse nome.

— Ninguém jamais a vê ou verá; ela perdeu o rosto! A cabeça é só a parte de trás, por todos os lados.

— Ela esconde o rosto de pessoas descontentes e estúpidas! Quem o ensinou a chamá-la de Mulher-Gato?

— Ouvi esse nome dos gigantes maus.

— O que disseram a respeito dela?

— Que tinha garras e não dedos.

— Isso não é verdade. Eu conheço a dama, pois passei uma noite em sua casa.

— Mas ela *pode* ter garras, e não dedos nos pés! Talvez você tenha visto os pés dela, mas os dedos ficaram escondidos nos sapatos!

— Então talvez você ache que tenho garras e não dedos?

— Não, isso não pode ser. Você é bom!

— Os gigantes podem ter falado isso também! — insisti.

— Não acreditaríamos no que dissessem sobre você!

— Os gigantes são bons?

— Claro que não! Eles adoram mentir.

— Então por que você acredita no que dizem sobre ela? Sei que ela é boa, e por isso não pode ter garras.

— Por favor, como sabe que ela é boa?

— Como sabe que sou bom?

Continuei cavalgando, enquanto ele ficou esperando por seus companheiros e contou-lhes o que eu tinha dito.

Então eles apressaram a marcha de suas montarias, e quando me alcançaram eu lhes disse:

— Eu não os levaria até a casa dela se não acreditasse que ela é boa.

— Sabemos que não — os meninos responderam.

— Se eu fizesse algo que os assustasse, o que vocês diriam?

— Os animais nos assustaram, a princípio, mas nunca nos machucaram! — respondeu um deles.

— Isso foi antes de os conhecermos! — acrescentou o outro.

— Exatamente assim! — prossegui. — Quando vocês virem a mulher naquela casa, saberão que ela é boa. Podem questionar o que ela faz, mas sempre será boa. Eu a conheço melhor que vocês me conhecem. Ela não lhes fará nenhum mal, mas, se o fizer...

— Ah! Você não tem certeza sobre isso, querido rei! No fundo, acha que ela *pode* nos machucar!

— Tenho certeza de que ela jamais será rude com vocês, mesmo se os machucar!

Os meninos ficaram em silêncio por alguns minutos.

— Não tenho medo de me ferir, seja pouco ou muito! — exclamou Odu. — Mas não gostaria de levar arranhões no escuro! Os gigantes dizem que a Mulher-Gato tem pés com garras por toda a casa!

— Estou levando a princesa para ela — revelei.

— Por quê?

— Porque a princesa é amiga dela.

— Como ela pode ser boa, então?

— O pequeno Cambalhota é amigo da princesa — respondi. — Assim como Luva, pois vi os dois, mais de uma vez, tentando alimentá-la com uvas!

— O pequeno Cambalhota é bom, e Luva é muito boa!

— Por essa razão é que são amigos dela.

— A Mulher-Gato, digo, a mulher que não é a Mulher-Gato e que não tem garras em lugar de dedos, dará uvas à princesa?

— É mais provável que lhe dê arranhões!

— Por quê? Você disse que ela é amiga da princesa!

— Por isso mesmo! Amigo é alguém que nos dá o que necessitamos, e sem dúvida a princesa está precisando de um arranhão terrível!

Uma vez mais, os meninos permaneceram em silêncio.

— Se algum de vocês está com medo — afirmei —, pode voltar para casa. Eu não vou impedir. Não posso levar comigo alguém que acredita mais na palavra dos gigantes que na minha ou que chamará uma boa senhora de Mulher-Gato.

— Por favor, rei! — disse um deles. — Estou com muito medo de ter medo!

— Meu garoto — tranquilizei-o —, não há mal algum em sentir medo. O único mal está em obedecer ao que o medo lhe diz para fazer, pois ele não é seu mestre. Ria na cara do medo, e ele irá embora!

— Lá está ela, esperando-nos na porta! — observou um dos garotos, cobrindo o rosto com as mãos.

— Como é feia! — lamentou o outro, repetindo o gesto do primeiro.

— Você não pode vê-la, pois seu rosto está coberto — disse.

— Ela não tem rosto! — responderam eles.

— Ela tem uma face muito bonita. Eu a vi uma vez. Na realidade, ela é tão bela quanto Lona! — acrescentei, com um suspiro.

— Então por que ela esconde o rosto?

— Acho que sei o motivo, mas, de qualquer modo, ela tem uma boa razão para agir assim!

— Não gosto da Mulher-Gato! Ela é assustadora!

— Você não deveria desgostar de alguém que jamais viu. E, pela última vez, não a chame mais de Mulher-Gato!

— Como a chamaremos, então?

— Senhora Mara!

— Esse é um nome bonito! — comentou uma garota. — Eu a chamarei de senhora Mara, então talvez ela me mostre seu belo rosto!

Mara, vestida e coberta de branco, estava de fato aguardando nossa chegada na porta da frente.

— Até que enfim! — ela comemorou. — A hora de Lilith estava para chegar há muito tempo, mas chegou! Tudo chega um dia! Aguardei por milhares de anos, mas não foi em vão!

Ela veio em minha direção, retirou Lona de meus braços, carregou-a até o interior da casa e, ao retornar, levou a princesa. Lilith estremeceu, mas não ofereceu resistência. Os animais deitaram-se perto da porta. Seguimos nossa anfitriã, mas os Pequeninos entraram com um ar muito sério. Mara deitou a princesa em um rústico banco de madeira, postado em um lado do aposento, livrou-a das cordas e virou-se para nós.

— A você, sr. Catavento — ela disse —, e a vocês, Pequeninos, minha gratidão! Esta mulher jamais se renderia a modos gentis, só aos mais severos e rígidos. Tenho de fazer o possível para que ela se arrependa!

Os pesarosos Pequeninos começaram a soluçar sem parar.

— Você vai machucá-la muito, sra. Mara? — perguntou a garota que mencionei antes, colocando sua pequena e quente mão sobre a minha.

— Sim, receio que será necessário. Temo que ela vá me obrigar a fazer isso! — respondeu Mara. — Seria muito cruel fazê-la sofrer só um pouco, pois tudo teria de ser feito de novo, só que de um jeito pior.

— Posso ficar com ela?

— Não, minha criança. Ela não ama ninguém e, portanto, não pode estar *com* alguém. Há só Um que estará com ela, mas ela não estará com ele.

— Aquela sombra que desceu a colina estará com ela?

— O grande Sombra estará nela, eu receio, mas ele não pode estar *com* ela nem com alguém mais. Ela saberá que estou do seu lado, mas isso não a confortará.

— Você vai arranhá-la muito fundo? — perguntou Odu, aproximando-se e colocando sua mão sobre a dela. — Por favor, não faça o suco vermelho sair!

Ela o levantou, virou-se de costas para o resto de nós, removeu o capuz que estava sobre seu rosto e segurou-o, estendendo os braços para que ele a visse.

Como se houvesse um espelho no rosto de Odu, vi o que ele via. Por um instante, ele fixou o olhar, sua pequena boca se abriu e então uma surpresa divina surgiu em seu rosto, logo transformada em intenso deleite. Por um minuto, ele a fitou, extasiado, depois Mara o recolocou no chão. Não obstante, ele ficou ali parado ainda olhando para ela, absorto em contemplação. Em seguida, correu até nós com o ar de um profeta ao qual fora revelada uma bem-aventurança que ele não podia contar a ninguém. Mara recolocou o véu e se voltou para as demais crianças.

— Vocês devem comer e beber antes de dormir — instruiu. — Vocês fizeram uma longa jornada!

Mara colocou o pão de sua casa e um jarro de água fresca diante delas. As crianças nunca tinham visto um pão, e aquele era seco e duro, mas elas o devoraram sem nenhum sinal de repugnância. De igual modo, jamais tinham visto água, mas a sorveram sem objeções, uma após outra, com uma expressão de alegre perplexidade. Então ela pegou pela mão a menor delas, enquanto as demais a seguiam. Com suas mãos gentis, elas me contaram depois, Mara as colocou para dormir no chão do sótão.

15 “Luva” é a grafia original do nome dessa personagem, não sendo uma adaptação para o português.
[N. E.]



CAPÍTULO
XXXIX
Aquela noite

A noite das crianças foi atribulada, e elas apresentaram um estranho relatório no dia seguinte. Se o medo de dormir resultou em sua insônia, ou se o temor de ficarem acordados perturbou seus sonhos, não sei, mas o fato é que, despertadas ou adormecidas, elas não descansaram. Durante toda a noite, pareceu-lhes que algo estava acontecendo na casa, algo silencioso, terrível, que não sabiam o que era. Nenhum som foi ouvido; a escuridão estava unida ao silêncio, e nisso constituía o terror.

Em determinado momento, um vento assustador invadiu a casa, abalando seu interior, disseram, de tal modo que tudo estremeceu e balançou, como um cavalo se sacudindo, porém era um vento silencioso que não emitiu nem mesmo um uivo no aposento em que elas estavam e desapareceu como um soluço mudo.

As crianças adormeceram, porém acordaram novamente com um grande sobressalto. Pensaram que a casa estava se enchendo de água como a que

havam bebido. Ela veio de baixo e subiu até o teto, não fez mais som que o vento e, quando baixou, os Pequeninos dormiram secos e aquecidos.

Eles contaram ainda que, na terceira vez que despertaram, todo o ambiente, dentro e fora, estava cheio de gatos. Eles se amontoavam, de cima a baixo e de um lado a outro, em todos os cantos do recinto. Elas sentiram suas unhas tentando penetrar os pijamas que Mara havia colocado nelas, mas em vão. Na manhã seguinte, não tinham um arranhão sequer. De súbito, em meio à escuridão, surgiu o único som que ouviram durante toda a noite: o uivo distante da grande gata-bisavó no deserto. Ela devia estar chamando os gatinhos, imaginaram as crianças, pois naquele instante os uivos cessaram, e tudo silenciou. Uma vez mais, adormeceram rapidamente, e não despertaram de novo até o alvorecer.

Esse foi o relatório que as crianças fizeram de suas experiências. Eu estivera com a mulher de véu e com a princesa a noite toda, e vi muito pouco do que ocorreu; apenas senti a maior parte, e ainda houve mais coisas que os olhos não puderam ver e só o coração, em parte, pôde compreender.

Assim que Mara deixou a sala acompanhada das crianças, meus olhos pousaram sobre a fêmea branca. Achei que a tínhamos deixado para trás, porém lá estava ela, agachada em um canto. Aparentemente, sentia um terror mortal quanto ao que poderia ver. Uma lamparina estava dependurada na parte mais alta da chaminé, e em alguns momentos a sala parecia se encher de sombras; em outros, de formas enevoadas. A princesa estava deitada no banco de madeira recostado à parede e parecia jamais ter mexido as mãos ou os pés. Sem dúvida, era uma espera assustadora.

Quando Mara retornou, ela arrastou o banco de madeira que acomodava Lilith até o centro da sala, sentando-se então de frente para mim e do lado oposto à lareira. Entre nós, ardia um pequeno fogo.

Algo terrível estava por vir! As presenças nebulosas bruxuleavam e tremiam. Uma criatura prateada como uma cobra-de-vidro surgiu rastejante do meio delas, cruzou lentamente o solo de barro e adentrou o fogo.

Permanecemos estáticos. A coisa chegou mais perto.

Contudo, as horas se passaram, pois já era quase meia-noite, e não houve mudança alguma. A noite estava bastante calma. Nem um ruído sequer quebrava o silêncio, nem um crepitar do fogo, nem mesmo um estalo da estrutura de madeira da casa. De vez em quando, eu sentia uma espécie de elevação, mas, se era na terra, no ar, nas águas debaixo do solo, em meu corpo ou em minha alma — ou se de fato ocorreu, não sei dizer. Um senso mortal de julgamento estava sobre mim. Entretanto, não sentia medo, pois já não me preocupava com nada, exceto com o que devia ser feito.

De repente, à meia-noite, a mulher encoberta levantou-se, virou-se de frente para o banco de madeira e lentamente começou a desenrolar as longas bandagens que lhe escondiam o rosto. Elas caíram ao chão, e Mara pisou sobre elas. Os pés da princesa estavam direcionados para a lareira. Mara dirigiu-se para a cabeça da princesa e, girando, posicionou-se atrás dela. Então vi sua face. Era de uma beleza indescritível, branca e triste, de alma e coração, mas não infeliz, e percebi que ela jamais poderia se sentir assim. Lágrimas rolavam em abundância pelo seu rosto, e ela as enxugou com o manto. Então seu semblante tornou-se imóvel, e ela não chorou mais. Teria parecido severa demais, não fosse a piedade estampada em cada linha de sua expressão. Em seguida, colocou a mão sobre a testa da princesa e soprou sobre a fronte pálida. O corpo estremeceu.

— Você rejeitará as coisas malignas que pratica há tanto tempo? — Mara perguntou, gentilmente.

Não houve resposta por parte da princesa. Mara repetiu a pergunta, no mesmo tom suave e convidativo.

Ainda não foi dessa vez que se ouviu uma resposta. Ela repetiu aquelas palavras pela terceira vez.

Então o corpo, aparentemente inerte, abriu a boca e respondeu, e suas palavras pareciam enquadrar-se em algo mais que o som. Não consigo descrever melhor que isso. O que ouvia não eram sons; não obstante, eram

palavras que compreendia.

— Não o farei — ela disse. — Serei eu mesma, não outra!

— Infelizmente, você já é outra agora, não você mesma! Você não vai ser seu eu real?

— Serei o que desejo ser agora.

— Se você fosse restaurada, não faria o possível para reparar a miséria que causou?

— Eu seguiria minha natureza.

— Você não sabe disto: sua natureza é boa, mas o que pratica é mau!

— Agirei conforme me agrada, conforme desejar.

— Agirá conforme o Sombra obscurecer seu eu e manipular você?

— Farei o que tiver vontade de fazer.

— Você matou a própria filha, Lilith!

— Já matei milhares. Ela é minha!

— Ela jamais lhe pertenceu como você pertence a outro.

— Não pertenço a ninguém, mas a mim mesma, e minha filha me pertence.

— Então, infelizmente, sua hora chegou.

— Isso não importa. Sou o que sou. Ninguém pode tirar isso de mim!

— Você não é quem imagina.

— Desde que me sinta como me agrada pensar de mim mesma, eu não me importo. Estou contente em ser quem sou. O que escolho parecer a mim mesma me torna o que sou. Meu pensamento me torna o que sou. O que penso de mim mesma sou eu. Outro não determinará o que sou!

— Mas outro a tornou o que é e pode compelir você a ver o que fez a si mesma. Você não será capaz de enxergar a si mesma como quer por muito mais tempo, só verá o que ele vê de você! E, em breve, não mais ficará satisfeita com o pensamento de si mesma. Agora você tem consciência da mudança que virá.

— Ninguém me fez. Eu desafio aquele Poder a me desfazer a partir de uma mulher livre! Você é escrava dele, e eu a desafio! Pode ser capaz de me

torturar, mas não me forçará a fazer nada contra minha vontade!

— Tal compulsão seria sem valor, porém há uma luz que vai mais fundo que a vontade, uma luz que ilumina a escuridão por trás dela. Essa luz pode transformar sua vontade, pode torná-la verdadeiramente sua, não de outro, não do Sombra. No interior da criatura, pode ser derramada a vontade criadora e, assim, redimi-la.

— Essa luz não entrará em mim. Eu a odeio! Vá embora, escrava!

— Não sou escrava, pois amo essa luz e sempre a amarei com toda a vontade com que me criou. Ninguém é escravo, a não ser as más criaturas que agem contra seu criador. Quem é escravo senão aquele que exclama: “Sou livre”, mas não pode deixar de existir?

— Você diz tolices provenientes de um coração submisso! Você me imagina cedendo a você, mas eu a desafio! Eu me oponho a você! Não pode mudar o que escolho ser. Não serei o que pensa ou diz que sou!

— Desculpe-me! Você tem de sofrer!

— Mas serei livre!

— Só é livre aquela que liberta; ela não ama a liberdade que escraviza. Ela mesma é escrava. Toda vida, toda vontade e todo coração ao alcance de sua compreensão você tentou subjugar; você é escrava de todo escravo que já fez — tão escrava que nem reconhece! Contemple seu eu!

Ela retirou a mão da cabeça da princesa e deu dois passos para trás.

Uma presença silenciosa como uma chama crepitante apossou-se da casa, o mesmo fenômeno que, presumo, pareceu um vento silencioso para as crianças. Sem pensar, olhei para a lareira: o fogo parecia um pequeno brilho imóvel. Contudo, vi aquela espécie de lagarta sair rastejando, branca e vívida como prata incandescente, o coração vivo do fogo essencial. Ela atravessou o chão do aposento em direção ao banco de madeira, avançando lentamente. Com mais lentidão ainda, escalou o banco e parou aos pés da princesa, como se não quisesse seguir adiante. Eu me ergui e me aproximei. Mara permaneceu imóvel, como alguém que espera um acontecimento

previsto. A coisa brilhante rastejou até um dos pés desnudos de Lilith. Não houve nenhuma expressão de sofrimento, tampouco o banco onde o ser rastejante parou ficou chamuscado. Com extrema lentidão, o ser subiu pela vestimenta da princesa até atingir o tronco, onde desapareceu entre as dobras da roupa.

O semblante da princesa parecia calmo e petrificado, as pálpebras cerradas como a cobrir olhos inertes, e por alguns minutos nada aconteceu. Por fim, na pele seca como pergaminho começaram a aparecer gotas semelhantes ao mais fino orvalho. Num piscar de olhos, elas ficaram tão grandes quanto pérolas ou grãos e, unindo-se umas às outras, passaram a cair em torrentes. Corri para retirar a lagarta daquele peito claudicante e esmagá-la sob meus pés. Entretanto, Mara, Mãe das Tristezas, interpôs-se em meu caminho e abriu o roupão da princesa. Não havia serpente ali, nem vestígio de queimaduras. A criatura havia entrado pelo centro da mancha negra e estava atravessando as articulações e o tutano até os pensamentos e as intenções do coração. A princesa contorceu-se em tremor, e isso me deu a certeza de que o ser adentrara sua câmara secreta.

— Ela está vendo a si mesma! — comentou Mara, que, colocando a mão sobre meu braço, puxou-me três passos para trás do banco.

De súbito, Lilith dobrou o corpo para a frente, formando um arco, e saltou para o chão, totalmente ereta. O horror estampado em sua face fez-me estremecer com receio de que seus olhos se abrissem e a visão deles me oprimisse. Seu peito subia e descia, porém não havia respiração. Seus cabelos pendiam encharcados, mas então se arrepiaram e emitiram faíscas, para então voltarem à posição natural, derramando o suor de sua tortura no chão.

Tive vontade de ir ao encontro dela, porém Mara me impediu:

— Você não pode se aproximar dela. Ela está muito longe daqui, no distante inferno de sua autoconsciência. O fogo central do universo está irradiando nela o conhecimento do bem e do mal, o conhecimento do que ela

é. Finalmente, ela está vendo o bem que não é e o mal que é. A princesa tem consciência de que ela mesma é o fogo no qual está ardendo, mas não sabe que a Luz da Vida é o coração daquele fogo. Seu tormento é que ela é o que é. Não tema por ela, pois não está desamparada. Não existe maneira mais gentil de ajudá-la. Espere e observe.

Após cinco minutos ou cinco anos, não sei dizer, ela por fim se aquietou. Mara aproximou-se e permaneceu junto dela, fitando-a. Grossas lágrimas caíam de seus olhos sobre a mulher que jamais chorou e não choraria.

— Você mudará seus caminhos? — perguntou, afinal.

— Por que ele me fez desse jeito? — perguntou Lilith, ofegante. — Eu teria me feito muito diferente! Fico feliz por ter sido ele, não eu! Só ele deve ser acusado pelo que sou! Eu jamais teria feito uma coisa tão inútil. Ele me designou assim para que eu pudesse saber disso e ser miserável! Eu nunca mais serei feita!

— Transforme-se, então — disse Mara.

— Infelizmente, não posso! Você sabe disso e zomba de mim! Quantas vezes não me esforcei para mudar, mas o tirano me manteve como sou! Eu o amaldiçoo! Agora, deixe que me mate!

As palavras vinham em jatos, como uma fonte prestes a secar.

— Se ele não tivesse feito você — prosseguiu Mara, gentil e vagarosamente —, você não poderia nem mesmo odiá-lo. Contudo, não foi ele quem a fez assim, mas você mesma. Anime-se: ele pode refazê-la!

— Não serei refeita!

— Ele não a transformará, apenas a restaurará ao que você era.

— Não serei objeto de sua criação.

— Não está disposta a permitir a correção do que fez de errado?

A princesa permaneceu em silêncio; seu sofrimento parecia ter minorado.

— Se está disposta, deite-se novamente no banco.

— Não me deitarei — ela respondeu, forçando as palavras entre os dentes.

Subitamente, um vento pareceu despertar dentro da casa, soprando sem som e sem impacto, e uma água calma e muda começou a elevar-se. Era fria, mas não entorpecia. Despercebida e silenciosa surgiu. A água não afetou nenhum sentido em mim, embora eu soubesse que estava subindo. Por fim, vi a água levantar a princesa e fazê-la flutuar. Carregou-a gentil e irresistivelmente e a depositou sobre o banco de madeira. Então escoou com rapidez.

A disputa entre pensamentos de acusação e perdão recomeçou, ganhando ferocidade. A alma de Lilith jazia nua sob a tortura da luz pura que lhe penetrava no íntimo. A princesa começou a gemer e a suspirar profundamente, murmurando como se estivesse conversando com outro eu. Sua soberania já não era total, mas dividida contra si mesma. Num momento, exaltava-se como se estivesse diante de seu pior inimigo, e chorava; em outro, contraía-se como se abraçasse um amigo que sua alma odiava e gargalhava feito um demônio. Finalmente, ela começou o que parecia uma narrativa a respeito de si mesma, utilizando uma linguagem tão estranha e figuras tão obscuras que só consegui compreender raros trechos. No entanto, a linguagem parecia ser a forma primitiva de um idioma que eu conhecia muito bem, e as figuras pertenciam a sonhos que um dia haviam sido meus, mas que se recusavam a ser recordados. De vez em quando, o relato parecia aludir a coisas que Adão havia lido daquele manuscrito dividido e com frequência fazia alusões a influências e forças — bem como a vícios, suspeito — com as quais eu não tinha a menor familiaridade.

Ela parou, e novamente o horror surgiu em seus cabelos, as faíscas e o líquido se alternando. Lancei um olhar suplicante a Mara.

— Infelizmente, não são lágrimas de arrependimento! — ela comentou. — Lágrimas verdadeiras concentram-se nos olhos. Estas são muito mais amargas e não tão boas. Autoaversão não é pesar. Não obstante, é uma coisa boa, pois assinala um passo no caminho de volta para casa, e nas mãos do pai o filho pródigo se esquece do eu que abomina. Uma vez com o pai, ele

não se importa mais consigo. Assim também sucederá a ela.

Mara chegou mais perto e disse:

— Você restaurará aquilo que tomou erroneamente?

— Eu nada tomei — respondeu a princesa, forçando as palavras, apesar da dor — que não tivesse o direito de possuir. Meu poder de tomar manifestava meu direito.

Mara deixou-a.

Gradualmente, minha alma foi tomando ciência de uma escuridão invisível, algo mais terrível que qualquer outra coisa que se tivesse feito presente. Um horrível Nada, uma Negação positiva envolveu-a. O limite de seu ser, que ao mesmo tempo não era nada, tocou em mim e, por um amedrontador instante, pareceu-me estar sozinho com a Morte Absoluta! Não era a ausência de tudo o que eu sentia, mas a presença do Nada. A princesa atirou-se do banco para o chão com um clamor imenso e intensamente amargo. Foi o recuo do Ser contra a Aniquilação.

— Por piedade — exclamou —, dilacere meu coração, mas me deixe viver!

Com isso, caiu sobre ela — e também sobre nós que a observávamos — a perfeita calma de uma noite de verão. O sofrimento havia atingido a borda do cálice da vida da princesa, e uma mão o havia esvaziado! Ela ergueu a cabeça parcialmente, olhando ao redor. Um momento depois, ficou completamente ereta, com um ar de conquista: havia vencido a batalha! Com ousadia, ela enfrentara seus inimigos espirituais, e eles haviam batido em retirada, derrotados! Ela levantou seu ressequido braço acima da cabeça, com um cântico de triunfo impuro na garganta. De repente, seus olhos fitaram algo com uma expressão lívida. O que estaria vendo?

Virei-me e vi, refletida por um espelho celestial e invisível, a imagem da princesa e, para além dela, uma forma de beleza esplendorosa. Ela estremeceu e desabou no chão mais uma vez, em total impotência. Sabia que uma era o que Deus havia designado que ela fosse e a outra era o que havia

se tornado.

Durante o resto da noite, a princesa permaneceu imóvel.

Com o alvorecer cinzento cada vez mais presente na sala, ela se levantou e, virando-se para Mara, com uma humildade orgulhosa, disse:

— Você me conquistou. Permita-me ir para o deserto e lamentar a sós!

Mara constatou que sua submissão não era fingida, mas tampouco era real. Então fitou-a por um momento e respondeu:

— Comece então a fazer o certo no lugar do errado.

— Não sei como — a princesa respondeu, com um olhar de quem sabia e temia a resposta.

— Abra a mão e deixe sair o que está dentro.

Uma firme recusa pareceu lutar para se impor, porém ela manteve o sentimento sob controle.

— Não consigo, pois não tenho mais o poder. Abra-a para mim! — pediu.

Lilith estendeu a mão com a mancha. Era mais uma pata que uma mão, e me pareceu evidente que não conseguiria abri-la.

Mara nem mesmo olhou para a mão da princesa.

— Você é quem deve abri-la — disse mansamente.

— Já falei que não consigo!

— Consegue, se quiser! De fato, não de uma só vez, mas por um esforço persistente. O que você fez ainda não deseja desfazer, ainda não tem a intenção de anular!

— Você acha que consigo, ousou dizer — respondeu a princesa com um ar de insolência —, mas eu *sei* que não posso abrir minha mão!

— Conheço você melhor que você mesma e sei que consegue. Várias vezes você a abriu um pouquinho, porém sem esforço e dor não conseguirá abri-la totalmente. Isso significa que você *pode* abri-la. Na pior das hipóteses, pode abri-la à força. Por favor, reúna suas forças e a abra por completo!

— Não tentarei fazer aquilo que sei ser impossível. Seria fazer papel de

tola!

— Você desempenhou esse papel a vida inteira! Ah, como é difícil lhe ensinar algo!

O ar de rebeldia ressurgiu no semblante da princesa. Ela virou as costas para Mara, dizendo:

— Sei por que está me atormentando, mas não está sendo bem-sucedida, nem será! Você verá que sou mais forte do que pensa! Continuarei sendo dona do meu nariz! Ainda sou o que sempre soube ser — a rainha do Inferno e a senhora dos mundos!

Então surgiu a coisa mais terrível de todas. Eu não fazia a menor ideia do que era e me achei incapaz de sequer imaginá-la. Tudo o que sabia era que, se aquilo se aproximasse de mim, eu morreria de pavor! Agora sei que se tratava de *vida em morte* — vida morta, embora existente. Eu sabia que Lilith havia tido vislumbres, mas apenas vislumbres, daquilo antes, porém jamais estivera com ela até aquele momento.

Ela permaneceu como estava, de costas para Mara, que foi se sentar ao lado do fogo. Temendo ficar a sós com a princesa, fui também me sentar perto da lareira. Então algo começou a se afastar de mim. Uma sensação de frio, embora não o que chamamos assim, rastejou não para dentro, mas para fora de meu ser, atravessando-o. A luz da vida e o fogo eterno pareciam agonizar juntos, e eu me sentia a ponto de ser abandonado sem nada, exceto a consciência de que estivera vivo. Misericordiosamente, a privação não durou muito, e meu pensamento voltou para Lilith.

Estava acontecendo em seu interior algo que não conseguíamos definir. Estávamos cientes de que não sentíamos o mesmo que ela, porém tínhamos consciência de sentir um pouco do sofrimento que aquilo lhe causava. A coisa em si estava nela, não em nós; seu reflexo, o tormento da princesa, nos alcançou e refletiu novamente em nós. Ela se encontrava na escuridão exterior, embora estivesse em nossa presença! Nós não estávamos na escuridão exterior, pois, se estivéssemos, não poderíamos estar *com* ela, mas

fora do tempo e espaço, na mais absoluta alienação. A escuridão não conhece a luz nem a si mesma. Apenas a luz conhece a si mesma e à escuridão. Ninguém, exceto Deus, odeia o mal e ao mesmo tempo o compreende.

Algo saiu dela, uma coisa que pela primeira vez, por sua ausência, ela soube que estivera sempre com ela durante seus anos de perversidade. A fonte da vida havia se retirado, e tudo o que restara nela de consciência do ser era a escória de sua vida morta e corrupta.

A princesa ficou rígida, e Mara escondeu o rosto nas mãos. Contemplei o semblante de alguém que conhecera a existência, mas não o amor, nem a vida, nem a alegria, tampouco o bem. Com meus olhos, vi a face da morte em vida! Ela conheceu a vida apenas para saber que esta estava morta e que nela mesma vivia a morte. O que acontecia não era que a vida simplesmente cessara nela, mas que ela era conscientemente um ser morto. Ela aniquilara sua vida e estava morta, e tinha plena consciência disso. Assim seria para todo o sempre! Tentara com todas as forças se transformar, porém não conseguira. Era uma vida morta, e não lograra mudar isso! Assim devia ser! Em sua face vi e li mais que sua angústia; vi que por trás de seu pavor havia um terror maior do que podia manifestar. Era um terror que expressava uma escuridão lívida; a luz que estava nela era escuridão. A princesa era o que Deus não poderia ter criado. Ela havia ido além de sua parte na autocriação, e corrompera a parte dele! Ela via agora o que tinha feito, e viu que não era bom! Era um cadáver consciente, cujo caixão jamais se despedaçaria para que saísse! Seus olhos permaneciam bem abertos, como se fitassem o coração do horror essencial, o próprio mal indestrutível. Sua mão direita agora também estava cerrada — sobre o Nada existente, sua herança!

Entretanto, com Deus todas as coisas são possíveis: ele pode salvar até mesmo os ricos!

Sem mudança no olhar ou qualquer sinal de propósito, Lilith caminhou na direção de Mara, que sentiu a aproximação da princesa e se levantou.

— Eu me rendo — ela disse. — Não consigo mais resistir. Estou derrotada. E não consigo abrir a mão.

— Você tentou?

— Estou tentando agora com todas as minhas forças.

— Eu a levarei ao meu pai. Você deu a ele o pior da criação, então o melhor da criação poderá ajudá-la.

— Como *ele* pode me ajudar?

— Perdoando você!

— Ah, se ele me ajudasse a parar! Pois nem disso sou capaz! Não tenho forças sobre mim; sou uma escrava, reconheço. Deixe-me morrer!

— Você é uma escrava que um dia deverá ser como criança — respondeu Mara. — Na verdade, você deve morrer, mas não como pensa. Você deve morrer da morte para a vida. Agora essa é a Vida em seu favor, que jamais foi contra você.

Como sua mãe, que trazia em si a maternidade de todo o mundo, Mara colocou os braços em torno de Lilith, beijando-a na testa. A expressão de gélida angústia desapareceu de seus olhos, que se encheram de lágrimas. Mara ergueu-a e a carregou para sua cama, localizada em outro canto do aposento, deitando-a suavemente e fechando os olhos da princesa com mãos cuidadosas.

A princesa chorava copiosamente. A Senhora da Tristeza aproximou-se da porta e a escancarou.


A manhã, trazendo em seus braços a primavera, aguardava do lado de fora. Suavemente, entraram pela porta aberta, na forma de uma brisa gentil, que agitou as bainhas de suas vestimentas. O vento suave fluiu sobre Lilith, varrendo o desconhecido oceano de sua vida eterna, que acordava, agitando-o até que, por fim, ela, que fora como uma alga lançada na areia seca da praia para definhar, pôde conhecer uma passagem do oceano eterno a fluir doravante em seu interior para todo o sempre, sem jamais se esgotar. A princesa correspondeu ao vento matutino com uma respiração revivida e

começou a ouvir, porque depois do vento veio a chuva — a chuva suave que cura a grama ressequida —, suavizando-a com a doçura de todas as músicas, a quietude que vive entre a música e o silêncio. Ela inundou os lugares desertos ao redor da cabana, e as areias secas do coração de Lilith a ouviram, sorvendo-a. Quando Mara retornou e se sentou ao lado da cama, as lágrimas da princesa fluíam mais suavemente que a chuva, e logo ela adormeceu.



CAPÍTULO
XL
*A Casa da
Morte*



 Mãe das Tristezas levantou-se, cobriu o rosto e foi chamar os Pequeninos. Eles dormiam como se não tivessem movido um único músculo durante toda a noite, mas se colocaram de pé assim que ouviram a voz dela, sentindo-se novos em folha. Com alegria, eles a seguiram escada abaixo até onde estava a princesa adormecida, sobre cujo rosto ainda rolavam lágrimas. Ao vê-la, a expressão de contentamento na face deles transformou-se em seriedade. Eles olharam para a princesa e depois para a chuva que caía lá fora. Então voltaram sua atenção para Lilith.

— O céu está desabando — observou um deles.

— O suco branco está saindo da princesa! — exclamou outro, com um olhar de assombro.

— É um rio? — perguntou Odu, fitando as pequenas torrentes que desciam sobre as faces profundas de Lilith.

— Sim — respondeu Mara —, o mais extraordinário de todos os rios.

— Eu achava que os rios eram maiores e corriam como um monte de Pequeninos, fazendo muito barulho! — ele replicou, olhando para mim, de quem ouvira falar sobre os rios.

— Olhem para os rios do céu! — conclamou Mara. — Vejam como caem para acordar as águas sob a terra! Em breve, os rios estarão fluindo em todos os lugares, alegres e barulhentos, como milhares e milhares de crianças felizes. Ah! Quão felizes eles os farão, Pequeninos! Vocês ainda não a viram e não sabem quão fascinante é a água!

— Essa será a alegria do solo, porque a princesa está se tornando boa — comentou Odu. — Veja como o céu está contente!

— Os rios são a alegria da princesa? — perguntou Luva. — Eles não são o suco dela, pois não são vermelhos!

— Eles são o suco dentro do suco — respondeu Mara.

Odu colocou um dedo perto do olho dela, fitou-o e balançou a cabeça.

— A princesa não vai morder agora! — afirmou Luva.

— Não, ela nunca mais vai fazer isso — respondeu Mara. — Mas agora temos de levá-la para mais perto de casa.

— É um ninho? — perguntou Sozo.

— Sim, um ninho enorme. Mas antes disso precisamos levá-la a outro lugar.

— Que lugar é esse?

— É o maior aposento de todo este mundo, mas acho que será demolido. Em breve, estará cheio de pequenos ninhos. Vão e peguem seus elefantes!

— Por favor, há gatos lá?

— De jeito nenhum! Os ninhos são muito cheios de sonhos adoráveis para um gato entrar lá.

— Estaremos prontos em um minuto — disse Odu, saindo em disparada do aposento e seguido por todos, exceto Luva.

Lilith estava agora acordada, ouvindo tudo com um triste sorriso.

— Mas os rios dela estão correndo rápido demais! — observou Luva, que permanecia ao lado da princesa, aparentemente incapaz de tirar os olhos do rosto dela. — A roupa dela é estranha, não sei por quê. Os elefantes não vão gostar disso!

— Eles não se importarão — respondeu Mara. — Estes rios são tão limpos que purificam todo o mundo.

Eu tinha adormecido ao lado da lareira, mas acordara havia algum tempo e ali ficara, ouvindo a conversa. Então me levantei.

— Está na hora de montar, sr. Catavento! — avisou nossa anfitriã.

— Diga-me, por favor — roguei —, não há uma forma de evitar os canais e a toca dos monstros?

— Existe um caminho fácil pelo leito do rio, que lhe mostrarei — ela respondeu. — Contudo, você terá de passar outra vez pelos monstros.

— Temo pelas crianças — afirmei.

— O medo não chegará perto delas nem uma vez — ela respondeu.

Deixamos a cabana. As feras estavam aguardando ao lado da porta. Odu já estava pendurado em um dos elefantes que transportariam a princesa. Como de costume, montei no cavalo de Lona. Mara trouxe o corpo dela e o colocou em meus braços. Quando voltou trazendo a princesa, um grito de alegria ecoou entre as crianças. Mara não estava mais coberta. Fitando-a, arrebatados por seu encanto, os garotos esqueceram-se de receber a princesa. No entanto, os elefantes apanharam Lilith ternamente com as trombas, uma envolvendo seu corpo, e outra, seus joelhos. Com o auxílio de Mara, a princesa foi colocada entre eles.

— Por que a princesa quer ir? — perguntou um garotinho. — Ela permaneceria boa se ficasse aqui!

— Ela quer e não quer ir ao mesmo tempo. Nós a estamos ajudando — respondeu Mara. — Ela não permanecerá boa aqui.

— O que você a está ajudando a fazer? — o garotinho prosseguiu.

— A ir aonde ela conseguirá mais ajuda para abrir sua mão, que está

fechada há mil anos.

— Tanto tempo assim? Então ela aprendeu a viver desse jeito. Por que deveria abrir agora?

— Porque está fechada em torno de algo que não lhe pertence.

— Por favor, sra. Mara, podemos comer alguns de seus pães secos antes de ir? — perguntou Luva.

Mara sorriu e trouxe-lhes quatro pães e um grande jarro de água.

— Comeremos os pães no caminho — disseram. Mas beberam a água com grande satisfação.

— Acho que é suco de elefante, pois me sinto muito forte! — observou um deles.

Pusemo-nos a caminho, com Mara andando conosco, mais bela que o próprio Sol, seguida pela leoparda branca. Pensei que ela apenas nos mostraria o caminho entre os canais, mas logo percebi que nos acompanharia por toda a jornada. Então desmontei para que ela subisse em meu cavalo, porém Mara não aceitou.

— Não tenho carga para transportar — ela disse. — As crianças e eu caminharemos juntas.

A manhã estava muitíssimo agradável. O Sol irradiava seu esplendor, e o vento soprava seu frescor, que, no entanto, não eram suficientes para abrandar o deserto, pois não havia água.

Cruzamos os canais sem nenhuma dificuldade, com as crianças e Mara divertindo-se por todo o caminho, mas não alcançamos o cume sobre a Toca Perversa até o Sol estar quase desaparecendo no horizonte. Então instruí os Pequeninos a montarem seus elefantes, pois a Lua talvez se atrasasse, e não pude deixar de sentir certa ansiedade por eles.

Viajando ao meu lado, Mara dava orientações sobre o caminho. Éramos seguidos pelos elefantes que transportavam a princesa, com a leoparda branca mais atrás. Assim que atingimos a temível margem, a Lua apareceu e iluminou a bacia rasa que jazia diante de nós, imperturbável. Mara foi a

primeira a pisar naquela área, porém nenhum movimento foi percebido, nem quando meu cavalo avançou sobre aquele solo. Contudo, quando os elefantes ali pisaram, carregando a princesa, o terreno aparentemente sólido entrou em ebulição, e toda a ninhada daquela toca infernal foi posta em ação. Monstros surgiam de todos os lados, exibindo longos pescoços, bicos pontiagudos, garras afiadas e bocas escancaradas. Cabeças com bicos longos, faces horrendas e numerosos tentáculos tentavam agarrar Lilith, que permanecia em aterrorizante agonia, incapaz de mover um dedo sequer. Não sei dizer se as hediondas criaturas viram as crianças, porém o fato é que nenhum Pequenino foi tocado por elas, nem um único repugnante membro ultrapassou a barreira de animais que guardava a princesa para se apossar dela.

— Pequeninos! — chamei. — Mantenham seus elefantes perto da princesa. Sejam corajosos, pois os monstros não tocarão em vocês!

— O que não nos tocará? Por que devemos ser corajosos? — eles responderam. Só então percebi que eles não tinham consciência das ameaçadoras monstruosidades ao redor.

— Não se preocupem com isso, então — tranquilizei-os. — Apenas fiquem perto da princesa.

Eles estavam protegidos pela própria cegueira! A incapacidade de enxergar os monstros constituía sua segurança. Aquilo que não viam não poderia lhes causar nenhum mal!

Contudo, que formas hediondas vi naquela noite! Mara andava alguns passos à minha frente quando uma solitária cabeça sem corpo surgiu no caminho entre nós. A leoparda veio de trás, em disparada, passando embaixo dos elefantes, e a teria dilacerado, mas, com contorções assustadoras das feições e um urro indescritível, a criatura deu um rápido e inesperado giro, enterrando-se novamente no solo. Com a morta em meus braços me resgatando do medo, eu observava tudo impassível, embora com certeza jamais tenha se visto em qualquer lugar um bando tão pavoroso!

Mara prosseguiu, caminhando à minha frente, e a leoparda agora a seguia

bem de perto, tremendo todo o tempo, pois a temperatura estava muito baixa. Subitamente, o chão à minha esquerda começou a subir, e uma suave onda de terra serpenteou em nossa direção. A onda tornava-se maior à medida que se aproximava de nós, e do chão surgiu uma cabeça horrenda com grossos tubos como cabelo, que, abrindo uma grande boca oval, tentava me abocanhar. A leoparda saltou para ela, mas caiu além da criatura, totalmente desnorteada.

Ao mesmo tempo, quase debaixo de nossos pés, irrompeu a cabeça de uma enorme cobra, com olhos fulgurantes. Uma vez mais, a fêmea atacou, porém não encontrou nada. Ela ainda avançou contra um terceiro monstro, também sem sucesso. Então, aborrecida, desistiu de correr atrás daquela horda fantasmagórica. Contudo, compreendi o perigo e acelerei a travessia, em especial porque a Lua estava se comportando de maneira estranha. Mesmo durante sua ascensão, ela parecia pronta a despencar e a renunciar à tentativa, considerando-a inútil. Além disso, eu já havia presenciado sua queda antes. O arco que descrevia era muito baixo, e agora ela começava a descer rapidamente.

Estávamos a ponto de completar nossa travessia quando, entre nós e a margem da enseada, elevou-se um longo pescoço, no topo do qual, como a flor de algum lírio sombrio, assentava-se o que aparentava ser a cabeça de um cadáver, com a boca entreaberta e inúmeros dentes caninos. Sem temer, prossegui, e a criatura retrocedeu, depois deixou o caminho livre. A senhora pisou em terra firme, mas a fêmea levantou-se outra vez e saltou sobre a garganta do monstro. Permaneci onde estava para observar os elefantes, com a princesa e as crianças, chegarem a salvo à margem. Então me virei para procurar a leoparda. Naquele exato momento, a Lua despencou. Por um instante, vislumbrei o animal e a cobra monstruosa engalfinhados sob uma nuvem de areia. Em seguida, a escuridão os escondeu. Tremendo de medo, meu cavalo disparou, e em três saltos ultrapassou os elefantes.

Enquanto nos aproximávamos deles, uma geleia disforme caiu sobre a princesa. De imediato, uma pomba branca precipitou-se sobre a geleia,

golpeando-a com o bico. Logo depois, emitiu um som surdo e abafado, caindo em seguida. Então ouvi a voz conhecida de uma mulher conversando com Mara.

— Temo que esteja morta! — disse Mara.

— Eu a encontrarei — respondeu a mãe. — Mas, por que, Mara, deverias temer por ela ou por qualquer um? A morte não pode ferir aquela que morre fazendo o trabalho que lhe foi designado.

— Sentirei muito sua falta; ela é boa e sábia. Não obstante, não deixaria que vivesse além de sua hora!

— Ela desceu com os perversos, mas subirá com os justos. Muito em breve, a veremos de novo.

— Mãe — eu disse, embora não a visse —, somos muitos, a maioria de nós Pequeninos. Você será capaz de nos receber a todos?

— Cada um de vocês é muito bem-vindo — ela respondeu. — Cedo ou tarde, todos serão Pequeninos, pois todos devem dormir em minha casa! É benéfico aos que vão dormir jovens e de boa vontade! Meu marido está agora mesmo preparando o leito para Lilith. Ela não é jovem, tampouco veio de bom grado, porém ainda assim é muito bom que tenha vindo.

Nada mais ouvi. Mãe e filha desapareceram juntas na escuridão, mas vislumbramos uma luz à distância e para lá nos dirigimos, cambaleando sobre o charco.

Adão aguardava na porta, segurando a vela para nos guiar, enquanto conversava com a esposa, que, atrás dele, deixava pão e vinho sobre a mesa.

— Crianças felizes — a ouvi dizer —, pois já viram a face de minha filha! Certamente, a face mais encantadora do mundo!

Quando alcançamos a porta, Adão nos saudou quase que exultante. Ele colocou a vela no suporte e se dirigiu até os elefantes, a fim de levar a princesa para dentro, porém ela o repeliu. Então Lilith, separando os dois elefantes, pôs-se de pé entre eles. Os animais se afastaram dela, deixando-a com aquele que fora seu marido. Ela estava bastante envergonhada por causa

de sua aparência esquelética, mas ainda rebelde. Ele ficou ali parado, fitando-a. Uma expressão de acolhimento nos olhos brilhava na severidade deles.

— Há muito esperamos por ti, Lilith! — ele disse.

Ela permaneceu calada.

Eva e sua filha vieram até a porta.

— A inimiga mortal de meus filhos! — murmurou Eva, radiante em sua beleza.

— Seus filhos não estão mais em perigo por causa dela — afirmou Mara. — Ela deu as costas ao mal.

— Não confie nela tão rapidamente, Mara — advertiu sua mãe. — Ela já enganou multidões!

— Mas você abrirá diante dela o espelho da Lei da Liberdade, para que ela possa entrar nele e habitá-lo! Ela consentiu em abrir a mão e restaurá-la. O grande Pai não lhe restaurará a herança juntamente com seus outros filhos?

— Não o conheço! — murmurou Lilith, com uma voz de temor e dúvida.

— És miserável, então! — afirmou Adão.

— Eu voltarei para o lugar de onde vim — exclamou a princesa, contorcendo as mãos para ir embora.

— Na verdade, é exatamente isso o que temos de fazer, para onde queremos que vá, ou seja, para ele, de quem vieste! Em tua agonia, não clamaste a ele?

— Eu clamei pela Morte, para escapar dele e de ti!

— A Morte está agora mesmo a caminho para levar-te a ele. Tu não conheces nem a Morte nem a Vida que habita a Morte! Ambas a favorecem. Eu estou morto e te verei morta, pois também vivo e te amo. Estás cansada e oprimida; não sentes vergonha? O ser que corrompeste não se tornou para ti uma coisa maligna, afinal? Viverias ainda na desgraça eterna? Não podes parar. Não serás restaurada?

De cabeça baixa, Lilith permaneceu calada.

— Pai — disse Mara —, toma-a em teus braços. Leva-a para o leito que lhe está reservado. Lá ela abrirá a mão e morrerá para a vida.

— Irei andando — avisou a princesa.

Adão virou-se e mostrou o caminho. A princesa acompanhou-o hesitante até a cabana.

Então Eva veio ao meu encontro, enquanto ainda estava montado com Lona no colo. Ela estendeu os braços, tomou-a de mim e a carregou para dentro. Desmonei do cavalo, seguido pelas crianças. Minha montaria e os elefantes estavam tremendo, porém, após Mara acariciar e afagar cada um deles, os animais se acalmaram e adormeceram. Em seguida, ela nos conduziu à cabana e ofereceu aos Pequeninos o pão e o vinho que estavam sobre a mesa. Adão e Lilith permaneciam juntos, porém totalmente emudecidos.

Eva retornou da câmara da morte, onde deitou Lona, e ofereceu pão e vinho à princesa.

— Tua beleza me aniquila! É a morte que devo receber, não alimento! — afirmou Lilith, dando-lhe as costas.

— Este alimento vai te ajudar a morrer — respondeu Eva.

Contudo, Lilith recusou-o novamente.

— Se não vais comer nem beber, Lilith, vem e vê o lugar onde há de repousar em paz — disse Adão.

Ele então seguiu à frente, caminhando em direção à porta da morte. Submissa, Lilith foi atrás dele. No entanto, quando seus pés cruzaram o batente da porta, ela retrocedeu e pressionou o peito com a mão, afetada pelo frio imortal.

Uma forte ventania passou uivando pelo telhado e desapareceu com um gemido. Ela permaneceu lívida de terror.

— É ele! — disse, sem emitir nenhum som; compreendi pelo movimento dos seus lábios.

— Quem, princesa? — sussurrei.

— O grande Sombra — ela murmurou.

— Aqui ele não pode entrar — disse Adão. — Aqui ele não pode machucar ninguém. Também tenho poder sobre ele.

— As crianças estão na casa? — perguntou Lilith. Ao ouvir isso, o coração de Eva começou a amá-la.

— Ele jamais ousou tocar em uma criança — ela disse. — Você também nunca feriu uma criança. Sua filha você apenas enviou ao mais adorável sono, pois ela já estava morta havia muito tempo quando você a matou. E agora a Morte promoverá a reconciliação; vocês devem dormir juntas.

— Esposa! — chamou Adão. — Vamos colocar primeiro as crianças na cama, para que ela possa vê-las em segurança!

Então ele retornou para buscá-las. Assim que Adão se foi, a princesa ajoelhou-se, agarrou-se às pernas de Eva e suplicou:

— Formosa Eva, convença seu marido a me matar, ele ouvirá você! Na verdade, eu o faria, mas não consigo abrir minha mão.

— Você não pode morrer sem abri-la. De nada lhe adiantará ser morta — respondeu Eva. — A realidade é que nem ele nem qualquer outra pessoa pode matá-la, apenas o Sombra, e quem ele mata jamais se dá conta de que está morto, porém vive para satisfazer a vontade dele, imaginando que está satisfazendo a própria vontade.

— Mostre-me então meu túmulo. Sinto-me tão extenuada que não consigo mais viver. Devo ir ao encontro do Sombra, embora não queira.

Ela não entendia, não conseguia entender.

A princesa lutou para se levantar, mas caiu aos pés de Eva. A Mãe amparou-a e carregou-a para dentro.

Segui Adão, Mara e as crianças para o interior da câmara da morte. Passamos por Eva com Lilith nos braços e nos distanciamos delas.

— Você não irá para o Sombra — ouvi Eva dizer, ao passarmos por elas. — Mesmo agora a cabeça dele está debaixo de meu calcanhar!

A luz fraca na mão de Adão refletia nas faces adormecidas e, enquanto avançávamos, a escuridão os envolveu novamente. O próprio ar parecia

morto: seria porque nenhum dos dormentes o respirava? O mais profundo sono enchia todo o amplo ambiente. Era como se ninguém tivesse se movido desde a última vez que eu lá estivera, pois as formas que havia notado antes ainda estavam do mesmo jeito. Meu pai estava exatamente como o havia deixado, exceto pelo fato de que agora parecia estar mais perto de uma perfeita paz. A mulher ao lado dele até parecia mais jovem.

A escuridão, o frio, o silêncio, o ar parado e o semblante dos adoráveis mortos fizeram o coração das crianças bater suavemente, mas as pequenas e incansáveis línguas falavam em vozes baixas, quase em sussurros.

— Que lugar curioso para dormir! — exclamou uma delas. — Preferia estar em meu ninho!

— Aqui é tão frio! — comentou outra.

— Sim, é gelado — respondeu nosso anfitrião. — Mas você não sentirá frio durante o sono.

— Onde estão nossos ninhos? — perguntaram alguns, olhando à sua volta e não achando nenhum leito desocupado.

— Encontrem lugares e durmam onde desejarem — instruiu Adão.

Instantaneamente, as crianças se dispersaram, avançando destemidas para além da luz, mas ainda podíamos escutar as vozes suaves, e era evidente que elas podiam enxergar onde eu não conseguia.

— Ah! — exclamou uma delas — Aqui está uma senhora tão bonita! Posso dormir ao lado dela? Eu me deitarei de mansinho para não acordá-la.

— Sim, pode — respondeu a voz de Eva atrás de nós, e nos aproximamos do leito enquanto o garotinho ainda estava entrando cuidadosamente embaixo do lençol. Ele deitou a cabeça ao lado da cabeça da mulher, olhou para nós e ficou imóvel. Suas pálpebras se fecharam e ele adormeceu.

Avançamos um pouco mais e vimos outro garoto que subira na cama de uma mulher.

— Mãe! Mãe! — ele chamou, ajoelhando-se ao lado dela e colando seu rosto ao da mulher. — Ela está tão gelada que não consegue falar! — ele

exclamou, dirigindo-se a nós. — Mas vou aquecê-la logo!

Ele deitou-se e, aproximando-se dela, colocou o pequeno braço em torno da mulher. Em instantes, também adormeceu, exibindo um ar de absoluto contentamento.

Chegamos a uma terceira criança: era Luva. Ela estava na ponta dos pés, inclinada sobre a beirada da cama.

— Minha mãe não me quis — ela disse, suavemente. — Você me quer?

Ao não receber resposta, ela olhou para Eva. A grande mãe ajudou-a a subir no leito, e logo a menina estava sob a coberta branca.

Àquela altura, cada um dos Pequeninos havia encontrado um companheiro de cama que pelo menos não se opusera à sua companhia, e já estava imóvel e branco ao lado de uma mulher também imóvel e branca, exceto três garotos. Os pequenos órfãos tinham adotado mães! Uma garotinha escolheu um pai para dormir — meu pai. Outro menino deitou-se ao lado da linda mulher com a mão ferida. Em uma cama localizada entre duas outras ainda desocupadas, jazia Lona.

Eva colocou Lilith ao lado de minha amada. Adão apontou para uma das camas vazias, à direita de Lona, dizendo:

— Lilith, aquele é o leito que preparei para você!

Ela fitou a filha deitada diante dela como uma estátua entalhada em um alabastro semitransparente e estremeceu da cabeça aos pés.

— Logo você começará a descobrir conforto no frio — disse Adão.

— Promessas a um moribundo são fáceis de fazer! — ela comentou

— Mas eu sei disso, pois também já dormi. Eu estou morto!

— Eu achava que você estava morto há muito tempo, mas agora o vejo com vida.

— Mais vivo do que você imagina ou é capaz de compreender. Eu mal estava vivo quando me viu pela primeira vez. Mas dormi e estou acordado. Estou morto e, de fato, vivo.

— Tenho medo daquela criança — Lilith disse, apontando para Lona. —

Ela há de se levantar para me aterrorizar.

— Lona está tendo sonhos bons; sonhos de amor com você!

— Mas tenho medo do Sombra! — ela gemeu. — Certamente, vai ficar furioso comigo!

— Aquele à vista de quem os cavalos do céu empinam e recuam assustados não ousa perturbar um só sonho nesta câmara silenciosa.

— Vou sonhar então?

— Sim, você também vai sonhar.

— Que sonhos?

— Isso não posso lhe dizer, mas nenhum em que *ele* possa entrar. Quando o Sombra vier aqui, será igualmente para se deitar e dormir. A hora dele chegará, e ele sabe disso.

— Por quanto tempo devo dormir?

— Você e ele serão os últimos a despertar no amanhecer do universo.

Então a princesa se deitou, cobriu-se com o lençol, acomodou-se no leito e permaneceu imóvel, ainda de olhos abertos.

Adão voltou-se para sua filha, que se aproximou de Lilith.

— Lilith — disse-lhe Mara —, você não conseguirá dormir, mesmo que fique deitada por mil anos, a não ser que abra sua mão e entregue aquilo que não lhe pertence.

— Não posso — ela respondeu. — Eu o faria se pudesse, e de bom grado, pois me sinto cansada, e as sombras da morte estão se reunindo ao meu redor.

— Elas aumentarão cada vez mais, porém não poderão envolvê-la enquanto sua mão permanecer cerrada. Você pode achar que está morta, mas será apenas um sonho; pode até imaginar que despertou, mas ainda será um sonho. Abra a mão e dormirá de fato. Então despertará de verdade.

— Estou me esforçando ao máximo, porém os dedos estão grudados uns aos outros e à palma da mão.

— Imploro que você use toda a força de sua vontade. Por amor à vida,

reúna suas forças e quebre as amarras!

— Em vão lutei, e não consigo mais. Estou extremamente fatigada, e o sono cai pesado sobre as minhas pálpebras.

— No momento em que abrir a mão, você adormecerá. Abra-a e ponha um ponto final nisso.

Um tom avermelhado surgiu em sua face, tirando a aparência de pergaminho. A mão contorcida tremeu com o esforço agonizante. Mara segurou-a e procurou ajudá-la.

— Segure firme, Mara! — gritou seu pai. — Há perigo!

A princesa olhou para Eva, parecendo suplicar.

— Havia uma espada que, certa vez, vi nas mãos de seu marido — ela murmurou. — Eu fugi quando a vi, porém o ouvi dizer que ela podia dividir tudo, até mesmo o indivisível!

— Eu tenho a espada — confirmou Adão. — O anjo me deu quando deixou o portão.

— Traga a espada — implorou Lilith — e decepe a minha mão para que eu possa dormir.

— Eu a trarei — respondeu Adão.

Ele entregou a vela a Eva e saiu. A princesa fechou os olhos.

Alguns minutos depois, Adão retornou com a antiga arma na mão. A bainha da espada parecia um pergaminho escurecido pelo tempo, porém o cabo brilhava como ouro que nada pode embaçar. Ele retirou a lâmina da bainha. Ela reluziu como os raios do norte, em um azul pálido, e a luz que emitia levou a princesa a abrir os olhos. Ao ver a arma, ela estremeceu, mas estendeu a mão. Adão segurou-a. A espada brilhou uma vez mais e desceu; houve um pequeno esguicho de sangue e ele entregou a mão decepada a Mara. Lilith emitiu um gemido e logo adormeceu. Mara cobriu o braço com o lençol, e os três viraram-se para sair.

— Você não vai cuidar do ferimento? — perguntei.

— O ferimento daquela espada não precisa de cuidados. Ela restaura em

vez de ferir — Adão respondeu.

— Pobre dama! — comentei. — Ela acordará com apenas uma das mãos!

— Onde a deformidade mortal estava — respondeu Mara —, a verdadeira e desejável mão já está se desenvolvendo.

Ouvimos uma voz infantil atrás de nós e nos viramos. A vela que Eva segurava iluminou o semblante adormecido de Lilith e três faces infantis bem acordadas, reunidas no outro lado do leito da princesa.

— Como ela ficou bonita! — disse uma das crianças.

— Pobre princesa! — disse outra. — Vou dormir ao lado dela. Ela não vai mais me morder.

Em seguida, o garoto subiu na cama e quase imediatamente adormeceu. Eva cobriu-o com o lençol.

— Vou me deitar do outro lado — disse a terceira. — Ela terá duas crianças para beijar quando acordar!

— E eu fiquei sozinho! — resmungou o primeiro.

— Vou colocar você para dormir — disse Eva.

Ela entregou a vela ao marido e se foi com a criança.

Viramo-nos uma vez mais para retornar à cabana. Eu me sentia muito triste, pois ninguém havia me oferecido um lugar na Casa da Morte. Eva juntou-se a nós enquanto caminhávamos e seguiu adiante com o marido. Mara continuava ao meu lado, levando a mão de Lilith na dobra do roupão.

— Ah! Vocês a encontraram! — ouvimos Eva dizer ao entrarmos na cabana.

A porta estava aberta. Duas trombas de elefantes surgiram por ela, vindas da noite lá fora.

— Eu os enviei para encontrar a leoparda de Mara, e eles a trouxeram — ela disse ao marido.

Segui Adão até a porta e apanhamos a criatura branca dos elefantes, levando-a para a câmara de onde havíamos acabado de voltar. As mulheres foram à frente. Eva seguia com a luz, enquanto Mara continuava carregando a

mão decepada. Deitamos a criatura sobre os pés da princesa, com as patas estendidas e a cabeça acomodada ao lado deles.



CAPÍTULO
XLI
*Eu sou
enviado*

Então falei a Eva:

— Mãe, um leito ao lado de Lona está vazio. Sei que sou indigno, mas não posso dormir esta noite em sua câmara com meus mortos? Será que você conseguiria perdoar minha covardia e autoconfiança e me deixar ficar? Eu me rendo. Estou farto de mim mesmo e de bom grado dormirei o sono!

— O leito ao lado de Lona já está preparado para você — ela respondeu —, porém algo precisa ser feito antes de você dormir.

— Estou pronto! — retorqui.

— Como sabe que pode fazer isso? — ela perguntou com um sorriso no rosto.

— Porque é necessário — respondi. — O que tenho de fazer?

Ela se virou para Adão.

— Ele está perdoado, meu marido?

— Do fundo de meu coração.

— Então diga-lhe o que ele deve fazer.

Adão virou-se para a filha.

— Dê-me aquela mão, Mara, minha filha.

Ela lhe estendeu a mão que trazia consigo. Ele a tomou, gentilmente.

— Vamos à cabana — disse-me. — Lá o instruirei.

Enquanto caminhávamos, formou-se mais uma vez uma rajada forte e súbita, acompanhada de um grande barulho no telhado, mas sumiu com um profundo lamento, tão repentinamente quanto surgira.

Quando a porta da câmara da morte se fechou atrás de mim, Adão sentou-se, mais eu permaneci de pé diante dele.

— Você deve se lembrar — ele começou — de como, após deixar a casa da minha filha, você chegou a uma rocha seca, que trazia as marcas de uma antiga catarata. Você subiu naquela rocha e encontrou um deserto árido. Vá para aquela mesma rocha agora e, ao deixar o cume, adentre o deserto. Mas não dê muitos passos antes de se deitar e colocar o ouvido na areia. Se ouvir o murmúrio de águas subterrâneas, ande mais um pouco e escute novamente. Se ainda estiver ouvindo o som das correntes, saberá que está na direção correta. A intervalos curtos, você deve parar, deitar-se e ouvir. Se, ao fazer isso, não mais ouvir o som das águas, significa que saiu do caminho certo e deve fazer o teste em outros lugares, até ouvi-las novamente. Oriente-se pelo som, tome cuidado para não retroceder e logo ouvirá com mais clareza. O som o guiará até você chegar ao lugar onde ele é mais alto: esse é o ponto que você procura. Cave com a pá que lhe darei até encontrar os primeiros sinais de umidade. Deposite ali a mão da princesa, cubra-a com areia até o nível anterior e retorne. Mantenha-se sempre atento e carregue a mão com cuidado. Jamais a coloque no chão, ainda que lhe pareça seguro; não permita que nada a toque; não pare nem se desvie diante de qualquer tentativa de impedimento à sua jornada; nunca olhe para trás; não fale com ninguém; não responda a ninguém; siga sempre em frente. Ainda está escuro e a manhã está

distante, mas você deve ir agora.

Então ele me entregou a mão e trouxe a pá.

— Esta é minha pá de jardinagem — comentou. — Com ela trouxe muitas coisas adoráveis para o Sol.

Apanhei a pá e adentrei a escuridão da noite.

Estava muito frio e escuro como breu. Cair seria fatal, e o caminho a seguir era difícil, mesmo sob a luz do dia! Contudo, eu não havia escolhido fazer aquilo, e no instante em que iniciei a jornada compreendi que não tinha opção. Uma luz tênue subia do chão a cada passo, mostrando-me onde deveria pisar em seguida. Atravessei o pântano e as rochas baixas a pé, sem tropeçar uma única vez. Encontrei a Toca Perversa muito calma; nem uma ondulação surgiu, tampouco apareceu qualquer cabeça horrenda enquanto atravessava aquela área.

A Lua surgiu, mostrando-me o caminho mais fácil. Perto do alvorecer eu estava quase sobre os canais secos do primeiro braço do rio, não muito distante da cabana de Mara, imaginava.

A Lua estava muito baixa, e o Sol ainda não havia aparecido quando vi diante de mim, no caminho estreitado por rochas de ambos os lados, uma figura coberta da cabeça aos pés com um véu formado pela neblina iluminada pelo luar. Continuei andando como se nada tivesse visto. A figura colocou de lado o véu.

— Já se esqueceu de mim? — perguntou a princesa, ou o que parecia ser ela.

Não hesitei nem respondi, mas segui adiante.

— Você pretendia então me deixar naquele horrível sepulcro? Ainda não entendeu que estou onde quero estar? Segure minha mão; estou tão viva quanto você!

Eu estava a ponto de dizer: “Dê-me a sua mão esquerda”, mas pensei bem, mantive a calma e avancei com firmeza.

— Entregue minha mão — ela subitamente gritou —, ou eu o farei em

pedaços! Você é meu!

Ela avançou para mim. Estremeci, porém não hesitei um instante sequer. Nada me tocou, e não mais vi aquela figura.

Com passos cuidadosos ao longo do caminho, preenchendo parte dele, aproximava-se um grupo de homens armados. Não me detive e passei entre eles, sem saber se foram eles que abriram passagem ou se eram vultos sem corpo. Contudo, passaram a me seguir. Podia ouvir e sentir a marcha deles em meus calcanhares, porém nenhuma vez olhei para trás. Logo o som de seus passos desapareceu, bem como a batida das armaduras.

Um pouco mais adiante, com a Lua já prestes a sumir na linha do horizonte e a deixar o caminho envolto em sombras escuras, vislumbrei, sentada onde o caminho era tão estreito que só permitia a passagem de uma pessoa por vez, uma mulher com o rosto coberto.

— Ah! Você veio afinal! — ela disse. — Estava aguardando sua chegada há uma hora ou mais! Você agiu muito bem, e sua jornada chegou ao fim. Meu pai me enviou para encontrar você, a fim de que pudesse descansar um pouco da viagem. Dê-me sua carga e descanse a cabeça em meu colo. Cuidarei bem de ambos até que o Sol esteja brilhando. Nem sempre sou amarga, nem com todos os homens!

Suas palavras eram terrivelmente tentadoras, pois eu de fato estava muito cansado. E era provável que fossem verdadeiras! Se eu fosse cumprir ao pé da letra a ordem que me fora dada, sem um pingão de discernimento, teria de esmagar sob os pés a própria pessoa da Senhora das Tristezas! Meu coração desfaleceu só de imaginar isso. Depois começou a bater como se fosse explodir dentro do peito.

No entanto, minha vontade endureceu meu coração, e meus passos não vacilaram. Pus a língua entre os dentes para não responder coisa alguma e continuei meu caminho. Se Adão a tivesse mesmo enviado, não poderia reclamar por eu não ter dado atenção à sua filha. Tampouco ela me amaria menos por não ter parado nem mesmo por ela.

Quando eu estava quase alcançando o fantasma, ela descobriu o rosto. Grande de fato era sua formosura, mas aqueles não eram os olhos de Mara! Nenhuma mentira poderia imitar com veracidade ou por muito tempo o olhar dela! Avancei como se nada houvesse em meu caminho, e meus pés não encontraram obstáculo algum.

Estava quase chegando do outro lado quando uma Sombra — acho que era mesmo o Sombra — interpôs-se em meu caminho. Ele parecia ter um capacete sobre a cabeça, mas, ao me aproximar, percebi que era a própria cabeça dele que eu via, tão distorcida que mal ostentava uma duvidosa semelhança com algo humano. Um vento gélido me atingiu, desagradável e repugnante, tão repulsivo quanto o ar de um cemitério. A firmeza abandonou minhas articulações, e meus membros tremiam como se fossem cair, impotentes. Pareceu-me ter passado por ele, mas penso agora que foi ele que passou por mim. Por um instante, uni-me ao maldito. Então uma brisa suave como o primeiro sopro da primavera me cumprimentou, e diante de mim surgiu a alvorada.

O caminho agora me levava a passar diante da porta da cabana de Mara, que permanecia escancarada, e sobre a mesa vislumbrei um pedaço de pão e um jarro de água. Nem no interior nem ao redor da cabana se ouvia qualquer uivo ou gemido.

Alcansei o precipício que apontava para o rio desaparecido. Escalei sua face desgastada, dirigindo-me ao deserto, onde por fim, após muito auscultar aqui e ali, consegui determinar onde o murmúrio das correntes era mais alto. Em seguida, pendurei a mão de Lilith no pescoço e comecei a cavar. Foi um longo e extenuante trabalho, pois tive de abrir um grande buraco, graças à inconsistência da areia. Contudo, finalmente logrei êxito e encontrei areia úmida. Deitei a ferramenta do sacristão à beira do buraco e sobre a umidade depositei a mão. De imediato, uma pequena quantidade de água começou a surgir por entre os dedos. Levantei-me de um salto e me apressei em fechar o buraco. Depois disso, exausto, despenquei sobre o terreno arenoso e caí em

um sono profundo.



CAPÍTULO
XLII
Dormi o sono

Quando despertei, o chão debaixo de mim estava muito úmido, e meu caminho até o túmulo estava se transformando em areia movediça. O rio agora estava retomando seu antigo curso, inundando o solo que o prendia. Logo estaria descendo o precipício, com grande estrondo e, dividido na queda, percorreria um braço para submergir o vale do pomar e o outro para talvez afundar o bando de monstros, ilhando entre os dois a Floresta Maligna. Sem demora, iniciei minha jornada de volta aos que me haviam enviado.

Quando cheguei ao precipício, segui meu caminho entre os dois braços, pois passaria de novo pela cabana de Mara, para ver se ela não havia retornado. Desejava vê-la uma vez mais antes de ir dormir, e agora sabia como cruzar os canais, mesmo que o rio me ultrapassasse e os enchesse. Contudo, quando lá cheguei, a porta ainda estava aberta, o pão e a água continuavam sobre a mesa e o profundo silêncio, dentro e fora da cabana, persistia. Parei junto à porta e chamei por alguém, mas nenhuma voz se ouviu

em resposta. Então segui meu caminho.

Um pouco adiante, vislumbrei um homem de cabelos grisalhos sentado no chão, aos prantos.

— O que o aflige, senhor? — perguntei. — Foi abandonado?

— Choro — ele respondeu — porque não me deixam morrer. Fui à Casa da Morte e a dona, apesar de minha idade avançada, recusou-me. Por favor, senhor, interceda a meu favor, se a conhece! Eu lhe suplico!

— Não, senhor! — repliquei. — Não posso interceder, pois ela não recusa ninguém que lhe seja lícito receber.

— Como sabe isso a respeito dela? Jamais procurou a morte, pois é muito jovem para desejá-la!

— Receio que suas palavras indiquem que, caso voltasse a ser jovem, você também não a desejaria.

— De fato, jovem senhor, eu não a desejaria! Estou certo de que você também não.

— Talvez eu não seja velho o suficiente para desejar morrer, mas sou jovem o bastante para desejar viver de verdade! Portanto, partirei agora para descobrir se ela, por fim, me aceitará. Você deseja morrer porque não se importa em viver. Ela não abrirá a porta para você, pois ninguém pode morrer se não deseja viver!

— Perversa é sua juventude, por zombar de um velho e solitário homem. Peço-lhe que pare com seus enigmas!

— Então a Mãe não lhe disse nada assim?

— Na verdade, creio que sim, mas não prestei muita atenção em suas desculpas.

— Ah! Então, senhor — repliquei —, está muito claro que ainda não aprendeu a morrer, e lamento profundamente por você. Assim também seria comigo, não fosse pela Senhora das Tristezas. De fato, sou jovem, mas já derramei muitas lágrimas. Perdoe-me, portanto, se me atrevo a lhe dar um conselho: vá até a Senhora das Tristezas e “segure com as duas mãos”¹⁶ o

que ela lhe oferecer. A cabana dela fica naquela direção. Ela não está lá agora, mas a porta está aberta e há pão e água sobre a mesa. Entre, sente-se, coma o pão, beba a água e espere até ela aparecer. Então peça seu conselho, pois ela é sincera e muito sábia.

Ele caiu em prantos novamente, e assim o deixei. Receio que ele não tenha dado atenção ao que eu lhe disse. Contudo, Mara o encontraria!

O Sol estava descendo, e a Lua ainda não surgira quando cheguei ao domínio dos monstros, mas tudo permaneceu calmo até que alcancei o outro lado. Então ouvi o ruído de muitas águas e um grande clamor atrás de mim, mas não me virei para olhar.

Quando cheguei à casa da morte, o frio estava mais intenso, e a escuridão, mais densa, de modo que os dois se uniram e, juntos, penetravam meus ossos. No entanto, a vela de Eva, brilhando pela janela, me guiou e removeu tanto o frio quanto as trevas de meu coração.

A porta estava aberta, e a cabana estava vazia. Sentei-me, desconsolado.

Então começou a crescer dentro de mim um sentimento de solidão como nunca sentira em minhas andanças. Havia milhares ao meu redor, mas nenhum deles estava comigo! Na verdade, eu é que estava morto, não eles, porém, fosse pela vida deles, fosse por minha morte, o fato é que estávamos separados! Eles estavam vivos, mas eu não estava morto o suficiente nem mesmo para saber disso. A dúvida viria. Na melhor das hipóteses, estavam longe de mim, e não havia quem me ajudasse a me deitar ao lado deles!

Nunca antes havia conhecido ou verdadeiramente imaginado a desolação. Em vão, lancei-me à tarefa, afirmando que a solidão nada mais era que aparência. Eu estava acordado, e eles estavam dormindo. Isso era tudo! Eles estavam deitados imóveis e não falavam! Estavam comigo agora, e em breve, muito em breve, eu estaria com eles!

Larguei a velha pá de Adão, e o barulho surdo da ferramenta ao cair sobre o chão de barro reverberou para além da câmara. Um terror infantil apossou-se de mim. Sentei-me e fitei a porta de acesso àquele imenso caixão. O pai

Adão, a mãe Eva e a irmã Mara logo viriam estar comigo, e então eu me juntaria ao mundo frio e aos vizinhos brancos! Assim, esqueci meus temores, vivi um pouco e amei meus mortos.

Algo se moveu na câmara dos mortos! Vinha de lá algo parecido com um som débil e distante, mas não era o que eu conhecia como som. Minha alma sobressaltou-se, e apurei os ouvidos. Teria sido um leve mover do ar inerte, suave demais para ser ouvido, mas tremulante no sentido espiritual? Eu *sabia* sem ouvir, sem senti-lo!

Aquele algo estava se aproximando cada vez mais! No âmago de meu abandono, despertou uma esperança infantil. A vibração inaudível alcançou a porta, transformou-se em som e chegou aos meus ouvidos.

A porta começou a se mover, com um estalido baixo e suave. De fato, ela estava se abrindo! Parei de escutar e abri os olhos, em flagrante expectativa.

Pela pequena abertura da porta, surgiu um rosto. Era Lona. Seus olhos estavam fechados, mas a face estava voltada para mim e parecia me ver. Seu semblante estava tão alvo quanto os de Eva e Mara, mas não brilhava como os outros dois. Ela falou, e sua voz soou como um indolente vento noturno sobre a grama.

— Você está vindo, rei? — ouvi. — Não posso descansar até que esteja comigo, deslizando sobre o rio em direção ao grande mar e à bela terra dos sonhos. O sono é repleto de coisas fascinantes. Venha e veja.

— Minha querida! — exclamei. — Se eu soubesse! Achei que estivesse morta!

Ela se reclinou sobre meu peito, fria como um bloco de gelo. Em seguida, passou os braços, tão brancos e frágeis, ao redor de mim e suspirou:

— Carregue-me de volta para o meu leito, rei. Quero dormir.

Atendendo ao seu pedido, levei-a até a câmara da morte, segurando-a firmemente para que não se soltasse de meus braços. Sem ver o que estava à frente, transportei-a direto ao seu leito.

— Deite-me — pediu — e proteja-me do ar morno; ele incomoda um

pouco. Sua cama está ali, ao lado da minha. Eu o verei quando despertar.

Com ela já adormecida, atirei-me ao meu leito, sentindo-me abençoado como nenhum outro homem na véspera de seu casamento.

— Venha, doce frio — convidei —, e congele meu coração depressa.

No entanto, em vez disso surgiu um vislumbre de luz na câmara e vi a face de Adão se aproximando. Ele não trazia a vela, mas ainda assim conseguia vê-lo. Ao lado da cama de Lona, ele olhou para ela com um sorriso inquiridor e então me saudou de onde estava.

— Estivemos no topo da montanha para ouvir as águas em seu curso — ele disse. — Elas alcançarão a toca dos monstros esta noite. Mas por que não esperou nosso retorno?

— Minha criança não conseguia dormir — respondi.

— Ela está dormindo! — ele retorquiu.

— Sim, agora — confirmei —, mas estava acordada quando a deitei na cama.

— Ela estava dormindo o tempo todo! — ele insistiu. — Seria possível que estivesse sonhando com você e então ido ao seu encontro?

— Sim, ela foi.

— E você não percebeu que os olhos dela estavam fechados?

— Pensando bem agora, na verdade percebi!

— Se tivesse olhado para baixo antes de deitá-la, a teria visto deitada na cama.

— Isso teria sido terrível!

— Você apenas descobriria que ela não estava mais em seus braços.

— Teria sido ainda pior!

— Talvez imaginar possa parecer ruim, mas ver isso não o teria perturbado, de forma alguma.

— Querido pai — eu disse —, por que ainda não estou sonolento? Achei que dormiria no exato instante em que deitasse a cabeça no leito, como ocorreu com os Pequeninos!

— Sua hora ainda não chegou. Deve alimentar-se antes de dormir.

— Eu não deveria ter me deitado antes de sua chegada, pois não consigo dormir sem sua ajuda! Vou me levantar!

No entanto, descobri-me incapaz de levantar o próprio peso.

— Não há necessidade de levantar-se. Nós o serviremos aqui mesmo — ele respondeu. — Não está sentindo frio, está?

— Não o suficiente para ficar imóvel, mas talvez frio demais para que possa comer!

Ele postou-se ao lado de minha cama, inclinou-se sobre mim e soprou em meu coração. Senti-me aquecido imediatamente.

Enquanto ele me deixava, ouvi uma voz que reconheci como a de Eva. Ela estava cantando uma canção doce, suave e calma, e imaginei que estivesse sentada na beirada de minha cama no escuro. No entanto, antes de cessar, sua canção elevou-se e pareceu sair da garganta de uma mulher-anjo, acima de todas as cotovias e mais alto que qualquer homem já elevara seu coração. Ouvi cada palavra da canção, mas guardei na memória apenas este trecho:

Muitos errantes e uma restauradora canção,

Muitas estradas e muitas moradas,

Espaço para vagar, mas apenas um lar

Para todo o mundo vencer!

Tive a impressão de que já ouvira aquela canção em algum momento.

Então os três vieram juntos ao meu leito, trazendo-me pão e vinho. Sentei-me à beira da cama para consumir o alimento. Adão sentou-se de um lado, e Eva e Mara sentaram-se do outro.

— Realmente, vocês são muito bons, pai Adão, mãe Eva e irmã Mara, por me receberem — afirmei. — Em minha alma, estou envergonhado e triste!

— Sabíamos que voltaria! — respondeu Eva.

— Como poderiam saber? — repliquei.

— Porque aqui estava eu, nascida para cuidar de meus irmãos e irmãs! — respondeu Mara, com um sorriso.

— Cada criatura deve, uma noite, render-se e deitar-se — respondeu Adão. — O homem foi criado para a liberdade e não deve ser deixado como escravo.

— Será muito tarde, receio, antes que todos se deitem! — exclamei.

— Não existe cedo ou tarde aqui — ele respondeu. — O verdadeiro tempo só começa para aquele que voluntariamente se deita. Os homens não estão vindo para casa rápido; as mulheres estão vindo mais depressa. Um deserto imenso e árido separa aquele que se deita para morrer daquele que se deita para viver. O primeiro pode se apressar, porém aqui não há pressa.

— Aos nossos olhos — continuou Eva —, você sempre esteve vindo. Sabíamos que Mara o encontraria e que você viria!

— Quanto tempo faz que meu pai se deitou? — perguntei.

— Já lhe disse que os anos não têm importância nesta casa — respondeu Adão. — Assim, não damos atenção a eles. Seu pai despertará quando a manhã dele chegar. Sua mãe, que está deitada ao seu lado...

— Então esta é minha mãe! — interrompi.

— Sim, a mulher com a mão ferida — ele confirmou. — Ela estará de pé muito antes de sua manhã estar pronta.

— Sinto muito!

— Pelo contrário, deveria estar feliz.

— Testemunhar o despertar de uma mulher como sua mãe deve ser uma visão do próprio Deus!

— De fato, é uma visão de Deus, que muito alegra o Criador, que a fez! Ele vê a obra de sua alma com extrema satisfação. Contemple-a uma vez mais e durma.

Adão permitiu que a luz de sua vela iluminasse o belo rosto.

— Ela parece muito mais jovem! — comentei.

— Ela *está* muito mais jovem — ele confirmou. — Mesmo Lilith já começa a parecer mais jovem!

Então deitei-me, sonolento e exultante.

— No entanto, quando voltar a ver sua mãe — ele prosseguiu —, não a reconhecerá de imediato. Ela continuará rejuvenescendo até atingir a perfeição de seu caráter feminino, ou seja, um esplendor acima de qualquer expectativa. Então ela abrirá os olhos e verá de um lado o marido e do outro o filho — e se levantará, deixando-os para se encontrar com um pai e um irmão que são mais para ela do que eles.

Ouvi as palavras de Adão como em um sonho. O frio era intenso, mas já não me causava sofrimento algum. Senti-os colocarem sobre mim a vestimenta branca dos mortos. Então esqueci tudo. A noite ao meu redor era pálida com faces adormecidas, mas eu também estava dormindo, sem ter consciência de que dormia.



CAPÍTULO
XLIII
*Os sonhos
que sonhei*

Tornei-me consciente da existência e também do profundo e infinito frio. Sentia-me extremamente abençoado, mais abençoado, tenho certeza, do que meu coração consegue imaginar agora. Não conseguia pensar no calor com a mínima conotação de prazer. Sabia que o havia apreciado um dia, mas era incapaz de me lembrar como. O frio aliviara toda a preocupação, dissolvera toda a dor e me confortara de todas as tristezas. *Confortara?* Não! A tristeza fora sobrepujada pela vida que se aproximava para restaurar todo o bem e todas as coisas amáveis cem vezes mais! Eu descansava em paz, mergulhado na mais calma expectativa, respirando os odores do generoso seio da Terra, consciente das almas das prímulas, margaridas e rosas, e pacientemente aguardando a chegada da primavera.

Como expressar a delícia daquele sono congelado, embora consciente? Não precisava mais me levantar: tudo o que tinha de fazer era permanecer

deitado e imóvel! As palavras não podem descrever quanto eu estava frio; não obstante, ficava cada vez mais gélido, acolhendo o frio mais e mais. Tornava-me cada vez menos consciente de mim mesmo e continuamente mais consciente do êxtase inimaginável, porém sentido. Eu não tinha feito nada nem orado por isso, era meu em virtude de minha existência; a existência era minha em virtude de uma Vontade que habitava a minha vontade.

Então os sonhos começaram a chegar, em abundância. Vi-me deitado em um pico nevado. A névoa branca que se erguia abaixo de mim parecia um mar revolto. A gélida Lua estava no ar comigo, e acima dela e de mim estava o céu frio, no qual ela e eu habitávamos. Eu era Adão, aguardando que Deus soprasse em minhas narinas o sopro da vida. Eu não era Adão, mas uma criança no seio de uma mãe alva e radiante. Era um jovem montado em um cavalo branco, saltando de nuvem em nuvem em um céu azul, rumando com uma pressa calma em direção a algum alvo abençoado. Por séculos sonhei — ou seriam milênios? Talvez uma única e longa noite? Mas que importa? O tempo nenhuma relação tinha comigo, pois eu estava no reino do pensamento, muito distante, muito acima das sete dimensões e dos dez sentidos. Penso que estava onde estou — no coração de Deus. Sonhei ciclos obscuros no centro de uma geleira que derretia, a Lua espectral chegando cada vez mais perto, o vento e o murmúrio de uma torrente crescendo em meus ouvidos. Deitado, eu os ouvia. O vento, a água e a Lua proclamavam uma espera pacífica pela redenção vindoura. Sonhei em ciclos, digo, mas, até onde sei ou posso contar, eles constituíam a solene e eterna marcha de um segundo que carregava em si a eternidade.

Então, de súbito, mas sem perturbar meu êxtase consciente, todos os meus erros estavam de volta comigo, desde minha mais tenra memória até o presente. Em todos os equívocos, meu eu estava desperto, confessando, repudiando, lamentando os mortos e se reconciliando com cada pessoa que prejudiquei, feri ou ofendi. Cada alma humana à qual eu causara tribulação ou aflição tornava-se agora indescritivelmente preciosa para mim, e me

humilhei diante delas, agonizante, a fim de remover a ofensa que nos separava. Chorei aos pés da mãe cujas ordens eu havia desobedecido; com amarga vergonha confessei ao meu pai que lhe contara duas mentiras, havia muito tempo esquecidas, porém agora lembrava delas e as guardava na memória para por fim esmagá-las aos seus pés. Eu era um zeloso escravo de todos os que prejudiquei de uma forma ou de outra. Planejei incontáveis serviços para compensá-los por meus erros. Para um, construiria uma casa como nenhuma fora antes! Para outro, adestraria cavalos de modo jamais visto em qualquer mundo! Para um terceiro, criaria um jardim com florescência nunca antes vista, repleto de tanques calmos e vivificado com águas correntes! Escreveria canções para fazer palpitar o coração deles e contos para iluminá-los! Concentraria as forças do mundo em canais de criatividade, a fim de fazer as pessoas rirem com a alegria da admiração! O amor tomava conta de meu ser! O amor era a minha vida! Para mim, como para aquele que me criou, o amor era tudo!

De repente, descobri-me imerso em densa escuridão, sobre a qual o fantasma da luz que habita as cavernas da visão era incapaz de lançar o mais débil raio. No entanto, meu coração, que nada temia e tudo aguardava, estava repleto de paz. Fiquei ali, imaginando como seria a luz quando viesse e que nova criação traria consigo. Então, de súbito, sem vontade consciente, sentei-me e olhei para mim mesmo.

A Lua espiava pela janela horizontal mais baixa da câmara da morte. Sua luz longa e oblíqua, imaginei, incidia sobre os feixes decaídos, porém ainda em processo de maturação, da colheita do grande fazendeiro. Mas não, a colheita se fora! Arruinada ou varrida por uma caótica tempestade, nem um único feixe sagrado restara ali! Meus mortos se foram! Eu estava sozinho! Permaneci em mortal desolação, mais profunda que qualquer outra que sentira até então! Será que nunca houvera nenhum morto em maturação? Teria eu apenas sonhado com eles e com sua amabilidade? Por que então aquelas paredes? Por que os leitos vazios? Não podia ser! Todos haviam

despertado! Todos eles desfrutavam o novo dia eterno e haviam me esquecido, deixando-me sozinho para trás! Dez vezes mais terrível era aquela tumba sem seus habitantes! Eles me acalmavam com sua presença, tinham invadido minha mente com sua bem-aventurada paz. Agora eu não tinha mais amigos, e meus amados estavam distantes! Por um instante, sentei-me e olhei para a câmara, aterrorizado. Estivera sozinho com a Lua no topo de uma montanha no céu; agora estava a sós com ela em um mausoléu imenso. Ela também observava a cena, à procura de seus mortos com um olhar lívido. Levantei-me e saí atordoado daquele lugar terrível.

A cabana estava vazia, e saí vagando pela noite.

Não havia Lua no céu! Quando saí da câmara, uma barreira de nuvens apareceu e a cobriu, mas uma tênue iluminação surgia ao longe no solo árido, mesclada com um fantasmagórico murmúrio de música, como se a Lua estivesse lançando uma luz que se espalhava enquanto caía. Atravessei o charco às pressas, cambaleante, até encontrar um adorável lago, margeado por juncos e caniços. A Lua por trás da nuvem observava a toca dos monstros, inundada pela mais cristalina e brilhante água, imersa na mais absoluta calma. Contudo, o murmúrio musical prosseguia, quebrando a tranquilidade do ar e me atraindo para si.

Caminhei ao longo da margem do pequeno lago e escalei a cadeia de montanhas. Que visão se descortinou diante de meus olhos! Toda aquela imensa área, cujos canais e ravinas áridas do leito seco do rio eu atravessara diversas vezes com os pés queimados e doloridos, agora revivera, com riachos, correntes e lagos cristalinos — um rio amplo e profundo! Como o luar refletia sobre a superfície da água! E como a água respondia ao astro celeste com os próprios clarões — lampejos brancos surgiam por toda parte, provenientes do encontro das águas com as rochas! Uma linda e jubilosa canção ecoava de seu seio, a canção da recém-nascida liberdade. Fiquei alguns instantes em êxtase, e meu coração também começou a exultar; minha vida não era um fracasso total! Pelo menos eu havia ajudado a libertar o rio!

Meus mortos não estavam perdidos! Eu precisava ir atrás deles e encontrá-los! Seguiria sem descanso até chegar ao lugar para onde tinham se mudado! Nosso encontro poderia ser daqui a mil anos, mas por fim eu os abraçaria! Por que mais as águas batiam palmas?

Desci o monte rapidamente. Minha peregrinação havia começado! Não sabia em que direção orientar meus passos, mas tinha de prosseguir sem descanso até encontrar meus mortos viventes! Um curso de água corria veloz e largo. Avancei, pois não havia nada que me segurasse, e atravessei aquele obstáculo. Consegui saltar a corrente seguinte; na terceira, nadei; e cruzei ainda outra.

Parei para admirar o maravilhoso encanto das intermináveis correntes e apreciar a plêiade de sons musicais. De vez em quando, algum ar incipiente parecia se destacar em meio à doce confusão, apenas para mergulhar de novo no rugido coletivo. Em alguns momentos, o mundo de águas parecia intenso a ponto de oprimir-me, não com a força de seu ímpeto rumo ao mar ou do ruído de seu tropel, mas com a grandeza do silêncio a perambular pelo som.

Enquanto eu permanecia absorto naquele deleite, uma mão pousou em meu ombro. Virei-me e vi um homem no vigor de sua força, tão belo como se surgido do coração do alegre Criador, jovem como ele, que jamais envelhece. Olhei bem para ele. Era Adão, que continuava alto, vestindo um roupão branco, com o luar sobre os cabelos.

— Pai, onde ela está? — exclamei. — Onde estão os mortos? A grande ressurreição veio e já se foi? O terror de minha solidão estava sobre mim, não podia dormir sem meus mortos. Saí correndo da câmara solitária. Aonde devo ir para encontrá-los?

— Está enganado, meu filho — ele respondeu, em tom consolador. — Você ainda está na câmara da morte, deitado em seu leito, adormecido e sonhando, com os demais mortos ao seu redor.

— Pobre de mim! Mas, quando sonho, como posso ter consciência disso?

O melhor sonho é o mais parecido com a verdade!

— Quando estiver morto por completo, não terá falsos sonhos. A alma que é verdadeira não pode gerar nada que não seja verdadeiro, tampouco o que é falso pode invadir o que é gerado por ela.

— Mas, senhor — eu hesitei —, como é possível fazer distinção entre sonho verdadeiro e falso, se ambos parecem tão reais?

— Você não compreende? — Adão perguntou, com um sorriso capaz de aniquilar as tristezas de todos os seus filhos. — *Não conseguirá* distinguir perfeitamente o verdadeiro do falso enquanto não estiver morto por completo. Na verdade, tampouco quando estiver nesse estado, isto é, vivo, porque então o falso jamais se apresentará como tal. Portanto, acredite em mim: neste momento, você está deitado em seu leito na câmara dos mortos.

— Estou me esforçando ao máximo para crer no que diz, meu pai. Na verdade, eu creio, embora não possa ver ou sentir a veracidade de suas palavras.

— Não é culpa sua. Pelo fato de, mesmo em um sonho, crer em mim, eu o ajudarei. Estenda sua mão esquerda aberta e feche-a gentilmente. Sua mão se fechará sobre a mão de sua Lona, que jaz adormecida ao lado de onde você sonha que está acordado.

Em seguida, estendi a mão esquerda e fechei-a suavemente, envolvendo a mão de Lona, firme, gentil e eterna.

— Pai, ela está quente! — exclamei.

— Para ela, sua mão está ainda mais quente! O frio é uma sensação desconhecida em nosso país. Nem ela nem você já estão nos campos do lar, mas, um para o outro, ambos estão vivos, quentes e saudáveis.

Então meu coração encheu-se de júbilo, porém imediatamente sobreveio uma dúvida atroz.

— Pai, perdoa-me, mas como posso ter certeza de que isso também não faz parte de um adorável sonho no qual estou caminhando contigo? — indaguei.

— Duvidas porque amas a verdade. Alguns, de bom grado, acreditariam na vida como uma fantasia, se apenas lhes fosse permitido um mundo de sonhos agradáveis para todo o sempre. Mas não és como eles! Contenta-te, por enquanto, em não ter plena certeza. Chegará a hora, que não tarda, em que, sendo verdadeiro, verás a verdade, e tua dúvida será aniquilada para sempre. Então mal serás capaz de recordar as feições do fantasioso. Saberás aquilo que agora não podes sonhar. Ainda não viste a Verdade face a face; até agora viste como por entre uma nuvem. Aquilo que não vês e jamais viste, exceto como por um vidro obscurecido — aquilo que, de fato, nunca pode ser conhecido salvo por seu inato e brilhante esplendor diretamente por olhos puros —, daquilo não podes senão duvidar, sem culpa, até que o vejas face a face, quando não serás mais capaz de duvidar. No entanto, para aquele que vislumbrou apenas uma sombra da verdade e, mesmo imaginando vê-la quando não mais está presente, tenta lhe obedecer, para ele a visão real, a própria Verdade, virá e não mais partirá, mas habitará nele para sempre.

— Pai, acho que já entendi! — afirmei.

— Então trata de lembrar e evoca a memória. Tribulações severas ainda te aguardam, de uma natureza que não conheces agora. Lembra-te das coisas que viste. Tu não conheces tais coisas de verdade, mas conheces o que aparentavam ser, o que significavam para ti! Da mesma forma, recorda-te das coisas que ainda deves ver. A verdade é tudo em tudo, e a verdade das coisas jaz, ao mesmo tempo escondida e revelada, em suas aparências.

— Como pode ser isso, pai? — questionei, erguendo os olhos, pois até então estivera ouvindo de cabeça baixa, esquecido de tudo o mais, exceto da voz de Adão.

Ele se foi, e em meus ouvidos nada mais restou senão o estrondoso silêncio das ágeis correntes de águas. Estendi as mãos a fim de encontrá-lo, mas em nada resultou a busca. Estava sozinho, isolado na terra dos sonhos! A mim parecia estar totalmente desperto, mas realmente acreditava estar em um sonho, porque Adão havia me dito.

No entanto, mesmo em um sonho o sonhador deve fazer alguma coisa! Ele não pode se sentar e se recusar a agir até que o sonho se canse dele e desapareça. Assim, retomei minha perambulação.

Após atravessar muitos canais e chegar a uma formação rochosa mais ampla, sonhando que estava cansado, deitei-me ali e desejei estar acordado.

Estava pronto para me levantar e reiniciar minha jornada, quando me descobri deitado ao lado de uma depressão na rocha, cuja boca era como a abertura de uma cova, profunda e escura, e cujo fundo eu não conseguia ver.

Em meus sonhos de infância, eu tinha aprendido que uma boa queda, via de regra, me despertava, e que, portanto, sempre que desejasse terminar um sonho poderia procurar alguma rocha ou um lugar de onde pudesse me jogar para assim despertar. Com uma olhada para as pacíficas nuvens acima e outra para as águas caudalosas embaixo, rolei sobre a beira do buraco.

Por um instante, perdi a consciência. Quando voltei a mim, estava no sótão de minha casa, na pequena câmara de madeira com a claraboia e o espelho.

Um desespero indescritível, um vazio imenso e lúgubre invadiu-me com a consciência de que entre mim e Lona havia um abismo intransponível, uma distância incomensurável! Como paredes de diamante inexpugnáveis, impossíveis de serem escaladas, Tempo e Espaço e Modo de Ser me separavam daquela dimensão. Na realidade, talvez ainda estivesse ao meu alcance atravessar novamente a porta de luz e caminhar de volta para a câmara dos mortos. Se assim fosse, eu estava separado daquela câmara apenas pela extensa terra árida e pedregosa da charneca e pela noite estrelada e pálida, que me separava do Sol, cuja luz era a única que podia abrir a porta-espelho e que se encontrava agora do outro lado do mundo. No entanto, um abismo incomensuravelmente mais profundo abriu-se entre nós — o fato de ela estar adormecida e eu acordado, de não ser mais digno de compartilhar com ela aquele sono e de não poder mais ter a esperança de despertar com ela! Pois, de fato, eu era totalmente responsável por aquilo: eu havia fugido de meu sonho! O sonho não era criação minha, não mais que

minha vida. Eu deveria tê-lo sonhado até o fim, mas, ao fugir dele, deixara o próprio sono santo para trás. Deveria voltar a Adão, contar-lhe a verdade e aceitar sua determinação.

Arrastei-me até meu quarto, atirei-me na cama e passei uma noite sem sonhos.

Levantei-me e, desatento, segui em direção à biblioteca. Não encontrei ninguém durante o trajeto: a casa parecia morta. Apanhei um livro e me sentei, aguardando o meio-dia, porém não compreendi uma única frase do que estava lendo. O mutilado manuscrito ofereceu-se na porta enfeitada. A visão do livro me provocou náuseas, como acontecia quando pensava na princesa com suas diabruras.

Olhei pela janela. A manhã estava radiante. Com uma forte rajada, a fonte atirava a água bem alto, e esta retornava ruidosamente. O Sol brilhava em seu topo emplumado. Nenhum canto de pássaro era ouvido, também não se via um único ser vivo. Nem bibliotecário nem corvo apareceu. O mundo estava morto ao redor. Peguei outro livro, sentei-me e continuei minha espera.

O meio-dia se aproximava. Subi as escadas em direção ao sótão silencioso e sombrio. Adentrei a câmara de madeira e, fechando a porta atrás de mim, virei-me para abrir a porta de saída de um mundo lúgubre.

Deixei a câmara com o coração pesado. Todas as minhas tentativas foram infrutíferas. Puxei as correntes, reposicionei os espelhos, mas nada deu resultado. Esperei e esperei pela visão, mas ela não veio; o espelho permaneceu inalterado, nada havia nele além do reflexo de meu rosto fatigado e desapontado.

Retornei à biblioteca, mas os livros que um dia amara pareciam-me odiosos.

Naquela noite, permaneci acordado, ora deitado, ora em pé. No dia seguinte, reiniciei minhas tentativas com o místico portal. Como no dia anterior, tudo foi em vão! As horas passaram sem que eu percebesse.

Ninguém se aproximou de mim, nem um único som vindo do interior da casa chegou aos meus ouvidos. Não me senti fatigado, apenas mortalmente desolado.

Passei mais uma noite sem dormir. De manhã, retornei à câmara no sótão e pela última vez tentei abrir a porta, sem sucesso. Meu coração morreu dentro de mim. Havia perdido minha Lona!

Estaria ela em algum lugar? Será que ela realmente existira ou fora apenas fruto de meu cérebro? “Vou morrer algum dia”, pensei, “e então, direto de meu leito de morte, sairei para encontrá-la! Se não a encontrar, irei ao Pai e direi: ‘Nem mesmo tu podes me ajudar. Permita-me parar, eu suplico!’”





CAPÍTULO
XLIV
O despertar

Na quarta noite, senti que adormecia e naquela noite de fato acordei. Abri os olhos e soube de imediato, embora tudo à minha volta estivesse na mais completa escuridão, que estava na Casa da Morte, e que desde o primeiro instante em que lá adormecera estivera sonhando e só agora estava acordado. “Até que enfim!”, disse ao meu coração, que pulou de alegria. Olhei ao redor. Lona estava parada ao lado de minha cama, esperando por mim! Jamais a havia perdido, mas apenas por um breve período a tinha perdido de vista! Na verdade, não precisava tê-la lamentado com tanta aflição.

Estava escuro, como disse, mas eu a via: *ela* não estava escura! Seus olhos brilhavam com o esplendor da Mãe, e a mesma luz emanava de sua face — mas não apenas de seu rosto, pois a mortalha, permeada com a luz de seu corpo, agora dez vezes mais desperto no poder de sua ressurreição, estava reluzente e alva como a neve. Ela adormecera como menina e despertara

como mulher, madura com o encanto da vida em sua essência. Eu a envolvi em meus braços e soube que realmente estava vivo.

— Eu acordei primeiro! — ela disse, com um curioso sorriso.

— Sim, meu amor, e me acordou!

— Apenas olhei para você e esperei — ela respondeu.

Uma vela veio flutuando em nossa direção, atravessando a escuridão. Em poucos segundos, Adão, Eva e Mara juntaram-se a nós. Eles nos cumprimentaram com um efusivo bom-dia e um sorriso no rosto; já estavam acostumados a esse despertar.

— Espero que tenha experimentado uma agradável escuridão — disse Eva.

— Não exatamente — respondi —, mas o despertar é uma experiência maravilhosa.

— E está apenas no começo — ela comentou. — Você acabou de abrir os olhos!

— Pelo menos, ele está revestido com a Morte, que é a roupa radiante da Vida — comentou Adão.

Ele abraçou Lona, sua filha, depois passou um braço em torno de mim, fitou a princesa com um ar de interrogação por um segundo ou dois e acariciou a cabeça da leoparda.

— Acho que muito em breve encontraremos vocês dois novamente! — exclamou, olhando para Lona e depois para mim.

— Temos de morrer de novo? — inquiri.

— Não! — respondeu ele, com um sorriso igual ao de Eva. — Vocês morreram para ganhar a vida e não mais morrerão, apenas devem se manter mortos. Uma vez que se morre como morremos aqui, todo o poder da morte é destruído. Agora, tudo o que você tem a fazer é viver, e deve fazê-lo com todas as suas abençoadas forças. Quanto mais viver, mais forte se tornará para desfrutar a vida.

— Mas não ficarei fatigado ao viver tão intensamente? — perguntei. — E

se eu parar de viver com todas as minhas forças?

— Basta querer, e a força estará lá! — afirmou Eva. — A vida pura não tem fraquezas para que se canse. A Vida continua gerando a nossa. Os que não desejam morrer morrem muitas vezes, constantemente, de maneira cada vez mais profunda, e jamais terminam de morrer. Aqui tudo é ascensão, amor e alegria.

Ela terminou a frase com um sorriso e um olhar que parecia dizer: “Somos mãe e filho, compreendemos um ao outro! Entre nós o adeus não é possível”.

Mara beijou minha fronte e disse, jovialmente:

— Eu não lhe disse, meu irmão, que tudo acabaria bem? Na próxima vez que confortar alguém, diga: “O que ficará bem, agora mesmo está bem”.

Ela deu um pequeno suspiro, que interpretei como: “Mas eles não acreditarão em você!”

— Você me conhece agora! — ela finalizou, com um sorriso igual ao de sua mãe.

— Sim, conheço você! — confirmei. — Você é a voz que clamou no deserto muito antes de João Batista chegar! É o pastor cujos lobos caçam a ovelha perdida, a fim de trazê-la para casa antes que as sombras se elevem e a noite se instale!

— Um dia, meu trabalho há de terminar — ela disse. — Então exultarei com o júbilo do grande pastor que me enviou.

— Durante toda a noite escura, a manhã está perto — disse Adão.

— O que é esse bater de asas que estou ouvindo? — perguntei.

— O Sombra está pairando para lá e para cá — respondeu Adão —, pois há alguém aqui que considera propriedade sua, porém, uma vez nosso, um indivíduo jamais pode voltar a ser dele!

Virei-me para olhar os semblantes de meu pai e de minha mãe e para beijá-los antes de irnos. Os leitos estavam vazios, exceto pelos Pequeninos, que, com a ousadia do amor, haviam se apropriado da hospitalidade deles! Por um instante, aquele sonho terrível de desolação tornou a me oprimir e

me virei de lado.

— O que foi, meu querido? — perguntou Lona.

— Os lugares vazios me assustam — respondi.

— Eles se levantaram e se foram há muito tempo — afirmou Adão. — Eles o beijaram quando partiram, sussurrando-lhe: “Venha logo”.

— Não os senti nem ouvi! — murmurei.

— Nem poderia, distante em sua sombria e velha casa! Você achou que tinha voltado para aquele lugar terrível! Agora, vá e os encontre! Seus pais, minha criança — ele acrescentou, dirigindo-se a Lona —, devem vir e achar você!

O momento de nossa partida estava próximo. Lona foi até o leito da mãe, que a havia assassinado, e a beijou ternamente. Em seguida, deixou-se cair nos braços do pai.

— Esse beijo a atrairá para casa, minha Lona! — afirmou Adão.

— Quem são os pais dela? — questionou Lona.

— Meu pai — respondeu Adão — também é o dela.

Ela se virou e pousou a mão sobre a minha. Então me ajoelhei e humildemente agradei aos três por me ajudarem a morrer. Lona ajoelhou-se ao meu lado, e eles sopraram sobre nós.

— Atenção! Estou escutando o Sol — disse Adão.

Prestei atenção. Ele estava vindo com o ímpeto de um milhão de asas, com o rugido de um mundo flamejante, distante milhões e milhões de quilômetros. Sua aproximação era um coral crescente de centenas de harmonias.

Os três se entreolharam e sorriram, e esse sorriso elevou-se, flutuando rumo ao céu como uma flor de três pétalas, a manhã de ação de graças da família. Da boca e da face deles, espalhou-se sobre o corpo e brilhou por suas vestimentas. Antes que eu pudesse dizer: “Lona, eles se transformaram!”, Adão e Eva estavam diante de mim como os anjos da ressurreição, e Mara era Maria Madalena junto deles no sepulcro. O semblante de Adão resplandecia, e Eva segurava um lenço que aspergia

flocos de esplendor por todo o lugar.

Um vento começou a soprar em rajadas pulsantes.

— Você ouve suas asas agora! — disse Adão. Sabia que ele não se referia às asas da manhã. — É o grande Sombra lutando para ir embora — ele prosseguiu. — Criatura ignóbil, ele tem a si mesmo em seu interior e não encontra descanso!

— Mas não há nele algo ainda mais profundo? — perguntei.

— Sem substância — ele respondeu —, uma sombra não pode existir, ou sem que haja uma luz por trás da substância!

Ele ouviu por um instante, então bradou, com um enorme sorriso:

— Prestem atenção ao galo dourado! Ele permaneceu calado e imóvel por milhões de anos no relógio do universo. Agora, finalmente, ele está batendo as asas e começará a cantar de tempos em tempos, de modo que todos os homens o ouvirão até o alvorecer do dia eterno.

Apurei os ouvidos. Ao longe, como no coração de um silêncio perene, ouvi o jubiloso e cristalino clamor da garganta dourada. Ele lançava desafios à morte e às trevas, entoava a esperança infinita e acalmava. Era a “natureza criada que aguarda, com grande expectativa”, encontrando por fim uma voz, o grito do caos que viria a ser um reino!

Então ouvi um enorme bater de asas.

— O morcego negro se foi! — disse Mara.

— Amém, galo dourado, ave de Deus! — exclamou Adão, e as palavras varreram a casa do silêncio, elevando-se às regiões etéreas.

Ao seu *amém*, como pombas subindo com asas prateadas dentre fragmentos de cerâmica, levantaram-se os Pequeninos, ajoelhados em suas camas, clamando, como se o tivessem visto e ouvido em seus sonhos:

— Cante! Cante novamente, galo dourado!

Então cada um deles se virou e olhou para o companheiro de leito, fitou-o por um instante com olhos afetuosos, beijou o silencioso parceiro da noite e pulou da cama. Os Pequeninos que haviam se deitado ao lado de meu pai e

minha mãe por um instante lançaram um olhar triste e vazio para os lugares desocupados. Em seguida, deslizaram lentamente para o chão e ali se abraçaram, como a confirmar, cada qual pelos olhos do outro, que estavam vivos e acordados. Subitamente, ao verem Lona, correram em sua direção, radiantes de felicidade, para abraçá-la. Odu, percebendo a leoparda aos pés da princesa, aproximou-se e, passando um dos braços sobre a grande cabeça adormecida, acariciou e beijou a criatura.

— Acorde, acorde, querida! — ele chamava. — Está na hora de acordar!

No entanto, a fera não se moveu.

— Ela não vai acordar? — ele perguntou a Mara, com um olhar de consternação.

— Ela está esperando a princesa acordar, minha criança! — afirmou Mara.

Odu lançou um olhar para a princesa e viu, ao lado dela, ainda adormecidos, dois de seus companheiros. Ele voou até eles.

— Acordem! Acordem! — ele chamou, puxando-os e empurrando-os, ora um, ora outro.

No entanto, logo ele começou a parecer preocupado e virou-se para mim com os olhos marejados.

— Eles não acordam! — exclamou. — E por que estão tão frios?

— Eles também esperam pela princesa — respondi.

Ele se esticou todo e colocou a mão sobre o rosto dela.

— Ela também está fria. O que isso significa? — ele choramingou, olhando ao redor em desalento.

Adão foi até ele.

— O despertar dela ainda não amadureceu — ele tranquilizou a criança. — Ela está muito ocupada, esquecendo-se. Quanto tiver esquecido o suficiente para lembrar o bastante, logo estará madura e despertará.

— E se lembrará?

— Sim, porém não muito, de imediato.

— Mas o galo dourado cantou! — argumentou a criança, dirigindo-se novamente aos seus companheiros.

— Peter! Peter! Crispim! — ele chamava. — Acorde, Peter! Acorde, Crispim! Todos estão acordados, a não ser vocês dois! O galo dourado já cantou bem alto! O Sol acordou e está vindo! Por que vocês não acordam?

Contudo, Peter não acordou, tampouco Crispim. Por fim, Odu chorou copiosamente.

— Deixe-os dormir, querido! — disse Adão. — Você gostaria que a princesa acordasse e não achasse ninguém? Seus amigos estão felizes, assim como o animal.

Odu sentiu-se confortado e enxugou as lágrimas como se estivesse acostumado a chorar a vida toda, apesar de ter chorado pela primeira vez. Logo, tais lágrimas seriam enxugadas para todo o sempre.

Seguimos Eva até a cabana, onde ela não nos ofereceu pão e vinho, mas ficou alegremente desejando nossa partida. Assim, sem uma palavra de despedida, fomos embora. O cavalo e os elefantes estavam à porta, aguardando por nós. Estávamos alegres demais para montá-los e decidimos caminhar, seguidos pelos animais.



CAPÍTULO
XLV
*A jornada
para casa*



Não estava mais escuro, e caminhamos sob um tênue crepúsculo, respirando em meio à obscuridade o sopro da primavera. Uma extraordinária transformação havia ocorrido no mundo, ou teria sido uma transformação ainda mais extraordinária que ocorrera em nós? Sem luz suficiente no céu ou no ar para revelar alguma coisa, cada vegetação do brejo, cada pequeno arbusto, cada lâmina de grama era perfeitamente visível, fosse pela luz que emanava deles, como o fogo da sarça ardente que Moisés viu no deserto, fosse pela luz que irradiava de nossos olhos. Não havia sombra, tudo cambiava uma pequena luz. Cada coisa em crescimento exibia, por meio da forma e da cor, sua ideia interior, o pensamento originário, isto é, o que era seu ser, e o expressava. Meus pés descalços pareciam amar cada planta que pisavam. O mundo e meu ser, sua vida e a minha, eram um só. O microcosmo e o macrocosmo estavam reconciliados,

enfim, em plena harmonia! Eu vivia em tudo; todas as coisas adentravam e viviam em mim. Ter consciência de uma coisa era conhecer a vida dela e a minha, era saber de onde viemos e onde era nosso lar. Era reconhecer que todos nós somos o que somos porque Outro é o que é! Sentido após sentido, até aqui adormecidos, despertavam em mim de maneira indescritível, porque não há palavras correspondentes, nem similaridades ou imaginações pelas quais seja possível descrevê-los. De fato, pleno — porém em contínua expansão, sempre abrindo espaço para receber — era o ser consciente onde as coisas continuavam entrando por tantas portas abertas! Quando uma pequena brisa balançava um arbusto, soando suas campânulas, eu mesmo estava na alegria daquele som, eu mesmo me encontrava no júbilo da brisa, em resposta ao seu doce tilintar; estava na alegria do sentido e da alma que recebia todo aquele regozijo. Eu emprestava a todas as coisas felizes o espaço de meu ser, no qual podiam revelar-se. Eu era como um pacífico oceano sobre o qual a expansão do solo de uma alegria viva estava continuamente levantando novas ondas, embora a alegria sempre fosse a mesma, a alegria eterna, com dez mil formas mutantes. A vida era um feriado cósmico.

Agora eu sabia que a vida e a verdade eram uma, que a vida pura e simples é em si mesma felicidade, que onde o ser não é feliz não há vida, mas vida morta. Cada inspiração do escuro vento que soprava emitia um suspiro de agradecimento. Por fim, eu era! Eu estava vivo, e nada podia tocar minha vida! Minha querida andava ao meu lado, e estávamos a caminho da casa do Pai!

Tanto possuímos antes mesmo de o primeiro Sol iluminar a nossa liberdade: o que o dia eterno não traria consigo!

Então chegamos à terrível toca, onde outrora chafurdavam os monstros da terra. Era de fato como tinha visto em meu sonho, um adorável lago. Admirei por algum tempo suas transparentes profundezas. Um redemoinho de água havia varrido o solo que dera abrigo a tantas aberrações, e no fundo jazia

visível toda aquela horrível horda. Uma luz tênue e esverdeada permeava a água cristalina, revelando as formas hediondas abaixo da superfície. Enrolados em espirais, envolvidos em camadas, emaranhados em si mesmos ou “longos e extensos”,¹⁷ eles se agitavam em montes imóveis, ao sabor do movimento das águas — formas mais fantásticas em sua morbidez e desencanto do que a mente febril e regada a vinho de um poeta exausto poderia conceber. Aquele que mergulhasse no Maelström¹⁸ jamais veria algo que se comparasse a eles em horror: tentáculos contorcidos, saliências inchadas, globos oculares cintilantes e com deformidades obscurecidas pareceriam inocentes a seus olhos diante de tais encarnações de hostilidades. Cada cabeça era como uma flor perversa que, irrompendo de um abominável caule, aperfeiçoava seu maligno significado.

Nem um deles moveu um músculo durante nossa passagem, mas não estavam mortos. Enquanto existirem homens e mulheres de mentes corruptas, aquele lago será povoado de tais repugnâncias.

Mas ouçam o arauto do Sol, o vento da aurora, anunciando suavemente sua aproximação. O primeiro-ministro do tabernáculo humano está perto! Erguendo à frente da proa uma enorme onda de carmesim e ouro, ele segue adiante, como recém-lançado da instigante mão de seu criador ao mar superior — faz uma pausa e olha o mundo lá embaixo. Uma tempestade branca de metais fundidos, ele não passa de um pedaço de carvão do altar do sacrifício eterno do Pai pelos seus filhos. Veja cada pequena flor, endireitando-se no caule, esticando o pescoço e, com olhar vigilante, aguardando em expectativa: algo mais que o Sol, maior que a luz, está vindo — certamente, algo grandioso, vencendo a estrada! Que importa hoje, amanhã ou dez mil anos para a própria Vida, para o próprio Amor? Ele está vindo, e os pescoços de toda a humanidade esticam-se para ver sua chegada! A cada manhã, portanto, eles se distenderão; a cada anoitecer se abaixarão e aguardarão até que venha. Será essa uma visão imaginária? Quando ele vier, de fato os encontrará aguardando?

Era uma gloriosa manhã de ressurreição. A noite fora utilizada para sua preparação!

As crianças seguiam adiante, fazendo estripulias, enquanto os animais as seguiam a certa distância. Borboletas esvoaçantes e libélulas apressadas pairavam ou voavam para lá e para cá, circundando nossa cabeça, uma profusão de cores e lampejos, ora descendo sobre nós como uma tempestade de flocos multicoloridos, ora elevando-se em direção ao ar úmido como um vapor de odores encorpados. Era um dia de verão típico, isto é, melhor ainda, como nenhum homem que não morreu jamais vivenciou em qualquer mundo. Eu caminhava sobre a nova terra, debaixo de um novo céu, e via que eram como os velhos, exceto que agora eles abriam a mente para mim e eu via seu interior. Agora a alma de todas as coisas que encontrava no caminho vinha me saudar e fazer amizade comigo, dizendo-me que temos a mesma origem e tínhamos o mesmo significado. Eu estava indo para ele, diziam, com quem sempre estiveram e a quem sempre expressaram. Eram, diziam, relâmpagos que assumiam forma quando lampejavam dele para o que era dele. Como esponjas, as rochas escuras sorviam os raios que nelas incidiam; o formidável mundo estava encharcado de luz e irradiava vida. Lona e eu éramos como duas bolas de ardente alegria. A Terra exalava em direção ao céu seus aromas adocicados, e nós exalávamos para nosso lar os mais veementes desejos. Nossa consciência era de plena gratidão.

Alcançamos os canais outrora tão secos e extenuantes: eles corriam em torrentes e faziam espuma com águas vivas, cuja alegria podia ser ouvida! Até onde os olhos podiam enxergar, havia um rio impetuoso, barulhento e cheio de vida, em cujas rochas ecoava o som dele.

Não o cruzamos, mas “caminhamos em glória e alegria”,¹⁹ seguindo a margem direita até encontrarmos a grande catarata ao pé do deserto arenoso, onde com estrondo, turbilhões e quedas abruptas, o rio se dividia em dois braços. Ali escalamos a elevação, mas não encontramos nenhum deserto. Pelas planícies cobertas de relva e ladeado por margens repletas de grama,

seguia o rio profundo, amplo e silencioso, totalmente cheio. Assim, pela primeira vez foi revelada aos Pequeninos a glória de Deus por meio do límpido fluxo de água. Instintivamente, eles pularam na água e nadaram, seguidos pelos animais.

O deserto exultava e florescia como a rosa. Enormes florestas haviam surgido, e os arbustos rasteiros, repletos de flores, atraíam vários pássaros cantantes. Cada moita dava origem a um regato, e cada regato produzia sua canção de águas.

Não havia nem sinal do lugar onde a mão fora enterrada. Muito além daquele ponto, o rio mostrava-se em seu volume total. Seguíamos para o alto, ora ao longo de uma margem coberta de grama, ora por florestas formadas por graciosas árvores. A grama tornava-se mais suave, e as flores, mais encantadoras e variadas, à medida que avançávamos. Da mesma forma, as árvores tornavam-se maiores, e o vento, mais cheio de mensagens.

Finalmente, chegamos a uma floresta, onde as árvores eram mais grandiosas e belas que quaisquer outras já vistas. Os pilares vivos sustentavam densas copas abobadadas, cujas folhas e flores os raios de Sol quase não atravessavam. As crianças escalaram o interior daquela estrutura aérea e por elas foram tropeçando e pulando em uma terra exuberante, gritando para os elefantes lá embaixo, invisíveis por causa da folhagem, e ouvindo-os bramir de volta. Lona conseguia compreender as conversas entre eles, enquanto eu quase nada entendia. Os Pequeninos iam atrás dos esquilos e estes, sempre travessos, entravam na brincadeira, por fim deixando-se apanhar para serem acariciados. Com frequência, algum pássaro, encantador em sua plumagem e forma, surgia sobre eles, gorjeava uma canção sobre o que estava por vir e voava para longe. No entanto, nenhum macaco, de qualquer espécie, era visto por eles.

17 De *Paraíso perdido*, de John Milton. [N. R.]

18 Referência a *A descent into The Maelström* [Descida ao Maelström], poema de Edgar Allan Poe.

[N. R.]

19 Do poema *Resolution and independence* [Resolução e independência], de William Wordsworth.

[N. E.]



CAPÍTULO
XLVI
A cidade

Lona e eu, que andávamos sob as árvores, ouvimos, por fim, um grande brado vindo do alto, e em um instante os Pequeninos surgiram, despencando da folhagem, para contar que, ao subir no topo da árvore mais alta de todas, tinham visto, ao longe na planície, algo curioso ao lado de uma montanha solitária. Essa tal montanha, disseram, subia e subia até o céu se unir para impedi-la de subir mais e derrubar a parte de cima.

— Pode ser uma cidade — eles disseram —, mas não é nem um pouco parecida com Bulika.

Subi para comprovar o que tinham presenciado e avistei uma grande cidade que se elevava em meio a nuvens azuis, onde não era possível distinguir a montanha do céu e nuvem ou rochas de moradias. Nuvem, montanha e céu, palácio e precipício se misturavam em um aparente caos de brilho e sombras.

Desci, e os Pequeninos vieram ao meu encontro; juntos, apressamos o

passo. A alegria deles parecia aumentar à medida que progredíamos. Indo à frente, eles não olharam para trás uma única vez. O rio tornou-se cada vez mais encantador, até eu entender que nunca antes havia visto água verdadeira. Tudo neste mundo em que vivemos não passa de imitação da água.

Aos poucos, a partir da planície, passou a ser possível distinguir a cidade entre as nuvens azuis, porém outras nuvens estavam se reunindo ao redor de uma imponente torre — ou seria uma rocha? —, que permanecia acima da cidade, mais próxima do cume da montanha. Cinza, cinza escuro e púrpura, elas se contorciam em movimentos antagônicos, lançando para cima uma espuma vaporosa, enquanto manchas se revolviavam nelas como redemoinhos. Por fim, emitiram um ofuscante lampejo, que pareceu por um instante passear sobre os Pequeninos à nossa frente. Seguiu-se uma intensa escuridão, porém, em meio a ela, conseguimos ouvir as vozes baixas e divertidas.

— Você viu?

— Vi, sim!

— O que você viu?

— O mais belo homem.

— Eu o ouvi falar!

— Eu não. O que ele disse?

A resposta veio da menor e mais infantil das vozes, a de Luva:

— Ele disse: “Todos são meus, pequeninos: venham!”

Eu tinha visto o clarão, mas não ouvira as palavras, porém Lona vira e ouvira o mesmo que as crianças. Um segundo clarão surgiu, e meus olhos se abriram, embora não os ouvidos. A grande luz estava repleta de rostos angelicais. Eles se tornavam visíveis e desapareciam.

Um terceiro clarão foi visto. Sua substância e seu brilho eram humanos.

— Estou vendo minha mãe! — exclamei.

— Vejo muitas mães! — afirmou Luva.

Uma vez mais, a nuvem emitiu um clarão. Todos os tipos de criaturas —

elefantes, cavalos, leões e cachorros. Ah, que lindas feras! E que pássaros! Grandes aves cujas asas brilhavam de forma singular, todas as cores reunidas em um pôr do sol ou no arco-íris! Pequenos pássaros cujas penas cintilavam como pedras preciosas escondidas na terra! Insetos prateados, flamingos avermelhados, pombas como opalas, lindos pavões em dourado, verde e azul — pássaros florescentes como joias! Borboletas com asas imensas, coisas rastejantes de pequeno volume. Tudo isso em um único clarão celestial!

— Vejo que serpentes se transformam em pássaros aqui, assim como as lagartas costumavam se transformar em borboletas! — observou Lona.

— Vi meu pônei branco, que morreu quando eu ainda era criança. Eu não precisava ficar tão triste, só precisava esperar! — comentei.

Não houve nenhum trovão, estrondo ou explosão, e agora caía uma doce chuva, enchendo a atmosfera com um frio aconchegante. Respiramos fundo e prosseguimos, a passos mais largos. As gotas que caíam reluziam as cores de todas as pedras preciosas da terra e um poderoso arco-íris cobriu a cidade.

As nuvens azuis ficaram mais densas e espessas, a chuva agora caía torrencialmente e as crianças exultavam e corriam. Só conseguíamos vê-las ao longe.

Seguindo seu curso silencioso e radiante, o rio corria em frente, enchendo as margens de seu macio, suave e generoso canal, pois, em vez de rochas, areia e cascalho, ele fluía sobre uma grama onde cresciam prímulas e margaridas, açafrões e narcisos, morriões e anêmonas, uma radiante multidão, abundante em seu esplendor em meio à água cristalina. O rio não ficou turvo por causa da chuva, nem mesmo tons amarelos ou marrons eram vistos. A delicada massa resplandecia com o pálido brilho de berilo que emanava de seu profundo e gracioso leito.

Ao nos aproximarmos da montanha, descobrimos que o rio vinha do próprio pico e atravessava a todo volume a principal rua da cidade,

descendo até o portão por uma escada de degraus largos e profundos, permeados de pórfiro e sílica, que ia até o pé da montanha. Lá chegando, vimos degraus mais rasos em ambos os lados que conduziam ao portão da cidade e ao longo da rua ascendente. Sem tomar fôlego, os Pequeninos correram diretamente para a escadaria que levava ao portão ainda aberto.

Do lado de fora, em terra firme, estava a guardiã, uma mulher angelical de semblante obscuro, que apoiava a testa na mão. As crianças correram ao encontro dela, cobrindo-a de beijos e de afagos. Antes que ela entendesse o que estava acontecendo, elas tomaram o céu de surpresa e já estavam na cidade, subindo a escada ao lado da corrente descendente. Um grande anjo, na companhia de outros seres brilhantes, desceu para recebê-las. Mas os Pequeninos escaparam alegremente e continuaram correndo para cima. Dançando jubilosamente, contudo, um grupo de mulheres angelicais desceu sobre eles, e num instante as crianças estavam abrigadas em braços celestiais. As radiantes levaram-nas embora, e não mais as vi.

— Ah! — exclamou o poderoso anjo, prosseguindo em sua descida para nos encontrar, pois estávamos agora quase no portão e ao alcance de sua poderosa voz. — Isto é bom! Estes são soldados para tomar o próprio céu de assalto! Ouvi falar de uma horda de morcegos negros rondando as fronteiras. Esses soldados não terão muitas dificuldades com os tais!

Vendo o cavalo e os elefantes subindo atrás de nós, ele disse:

— Conduzam os animais até os estábulos reais e cuidem deles. Depois levem-nos para a floresta do rei.

Dirigindo-se a nós, inclinando o corpo em reverência e exibindo o mais doce sorriso, o anjo disse:

— Bem-vindos ao lar!

Em seguida, ele se virou e indicou o caminho para cima. As camadas de sua armadura cintilavam como flocos de luz.

O pensamento não pode dar formas a si mesmo para contar o que senti ao ser recebido pelos oficiais celestes²⁰. Tudo o que desejava e não conhecia

por certo estava a caminho!

Paramos por um instante no portão de onde seguia, rugindo, o radiante rio. Não sei de onde vieram as pedras que o moldavam, mas entre elas pude ver protótipos de todas as pedras preciosas que admirava na terra, porém muito mais belas, pois agora eram pedras vivas, nas quais via não apenas seu intento, mas também seu planejador; não apenas a ideia, mas a mente que a concebera, o realizador. Nada nesse reino estava morto, nada era comum, nada era apenas um objeto.

Continuamos a subir e atravessar a cidade até chegar ao limite dela. Não havia muro no lado superior, e sim uma enorme pilha de rochas despedaçadas, como detritos glaciais de uma geleira eterna, e pelas aberturas existentes entre as rochas empilhadas o rio surgia em grandes torrentes. No topo, consegui vagamente discernir o que aparentavam ser três ou quatro degraus de um altar, que desapareciam em meio a uma nuvem tão branca quanto a neve. E vi, acima dos degraus, mas apenas com os olhos da mente, como se fosse uma grande e velha cadeira, o trono do Ancião de Dias. Sobre, embaixo e entre aqueles degraus, brotava abundante e incessantemente o recém-nascido rio da água da vida.

O grande anjo não podia nos levar mais além: teríamos de escalar aquelas rochas sem a companhia dele!


Meu coração palpitava de esperança e de desejo. Apertei firme a mão de minha Lona e começamos a escalada, porém logo nos separamos para usar as mãos e os pés na árdua tarefa de vencer as enormes rochas. Por fim, aproximamo-nos da nuvem, que pendia sobre os degraus como a bainha de uma roupa, passamos pela borda e adentramos as dobras. Uma mão afetuosa e forte segurou a minha, guiando-me até uma pequena porta com uma fechadura dourada. A porta abriu-se, a mão deixou a minha livre e empurrou-me gentilmente para atravessá-la. Virei-me com rapidez e vi a lateral de um grande livro se fechando atrás de mim. Descobri-me sozinho na biblioteca.

20 “Oma’ vedrai di sî fatti uficiali” (*Divina comedia*, “Del Purgatorio”, ii. p. 30): “De ora avante hás de ver outro ditoso” (tradução José Pedro Xavier Pinheiro, disponível em <www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2203>, p. 276).
[N. E.]



CAPÍTULO
XLVII
O “fim
perpétuo”



inda não encontrei Lona, mas Mara está comigo. Ela me ensinou muitas coisas, e segue ensinando.

Será possível que o último despertar também tenha ocorrido em um sonho? Que eu ainda esteja na câmara da morte, adormecido e sonhando, não maduro o bastante para despertar? Ou será que não adormeci de forma sincera e completa, despertando antes da hora certa? Se aquele despertar nada mais foi que um sonho, certamente foi o sonho de um despertar vindouro ainda melhor, e não fui vítima de uma falsa visão! Tal sonho deve conter uma verdade ainda mais extraordinária no coração de sua origem!

Em momentos de dúvida, eu clamo:

— Poderia o próprio Deus criar coisas tão fascinantes como as que eu sonhei?

— De onde então veio teu sonho? — pondera a Esperança.

— De meu obscuro eu, para a luz de minha consciência.

— Mas de onde ele veio, antes de tudo, para seu obscuro eu? — replica a Esperança.

— Meu cérebro foi sua mãe, e a febre em meu sangue, seu pai.

— Digamos que em vez disso — sugere a Esperança — teu cérebro foi o violino de onde foi emitido, e a febre em teu sangue, o arco com que foi lançado. Mas quem fez o violino? E quem guiou o arco sobre suas cordas? Quem colocou os pássaros canoros, cada qual em seu ramo, na árvore da vida, e os espantou de seu poleiro na ordem certa? De onde veio a imaginação? E de onde veio a vida que dançou a isso? Disseste, na escuridão de teu eu inconsciente: “E se forme a beleza; que a verdade apareça!”, e lá estava a beleza, lá estava a verdade?

O homem sonha e deseja; Deus pensa, determina e vivifica.

Quando um homem sonha os próprios sonhos, torna-se a vítima de seu sonho. Quando Outro lhe concede o sonho, também é capaz de satisfazê-lo.

Nunca mais olhei para o espelho. A mão enviou-me de volta. Jamais sairei por aquela porta novamente! Eu aguardarei todos os dias do tempo estabelecido a mim até que minha mudança ocorra.

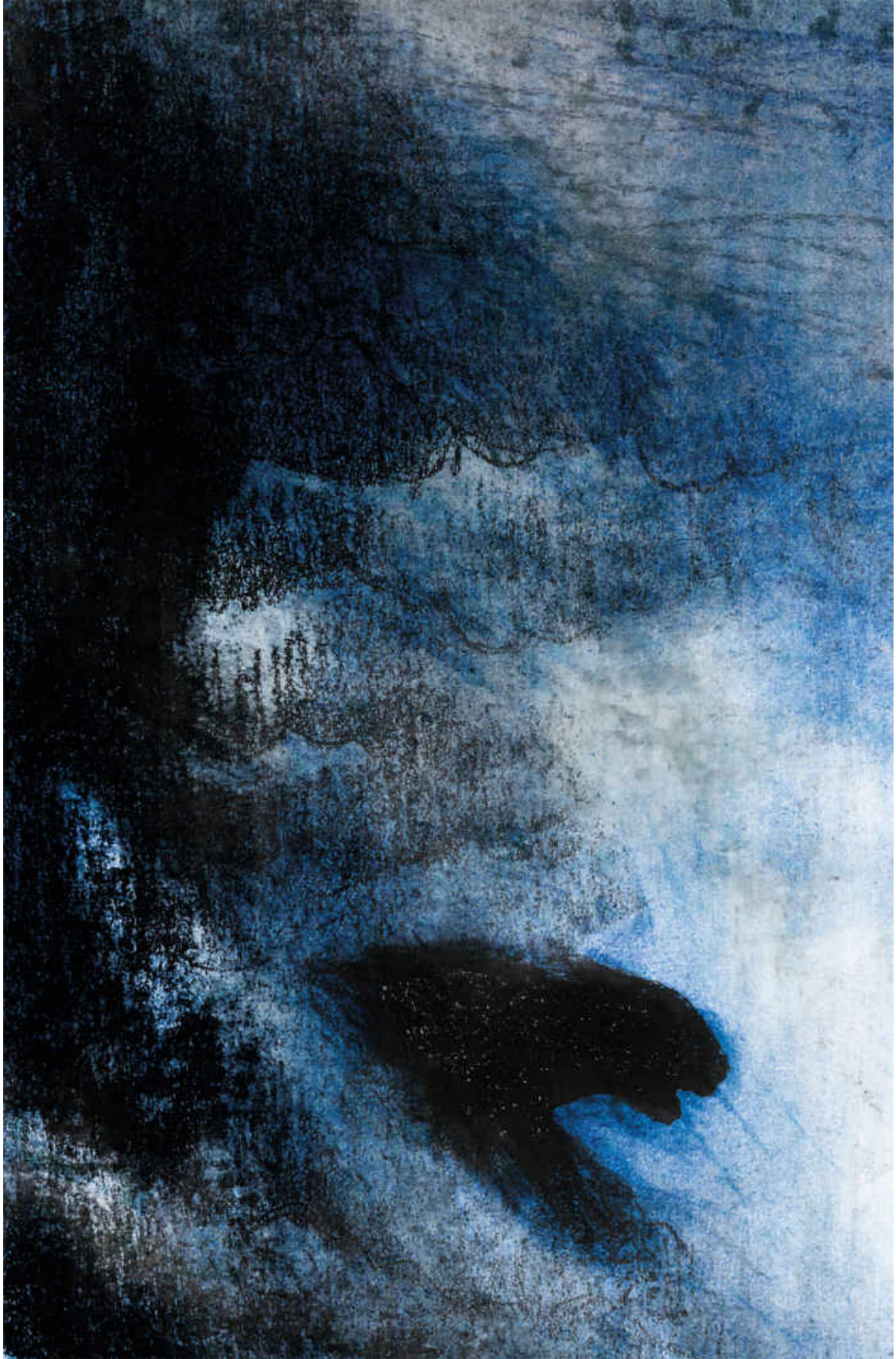
De vez em quando, ao olhar para meus livros, eles parecem se mexer, como se um vento agitasse sua sólida massa, e outro mundo estivesse na iminência de surgir. Às vezes, quando estou lá fora, nos arredores da casa, algo similar acontece: o céu, a terra, as árvores e a grama parecem por um instante tremer como se fossem desfalecer. Então retornam à sua velha e familiar configuração! Outras vezes, tenho a impressão de ouvir sussurros ao meu redor, como se alguém que me amasse estivesse falando de mim, porém, quando tento distinguir as vozes, os sussurros cessam e tudo volta a ficar silencioso. Não sei se tais coisas têm origem em meu cérebro ou se entram nele. Não as procuro, elas vêm e as deixo ir.

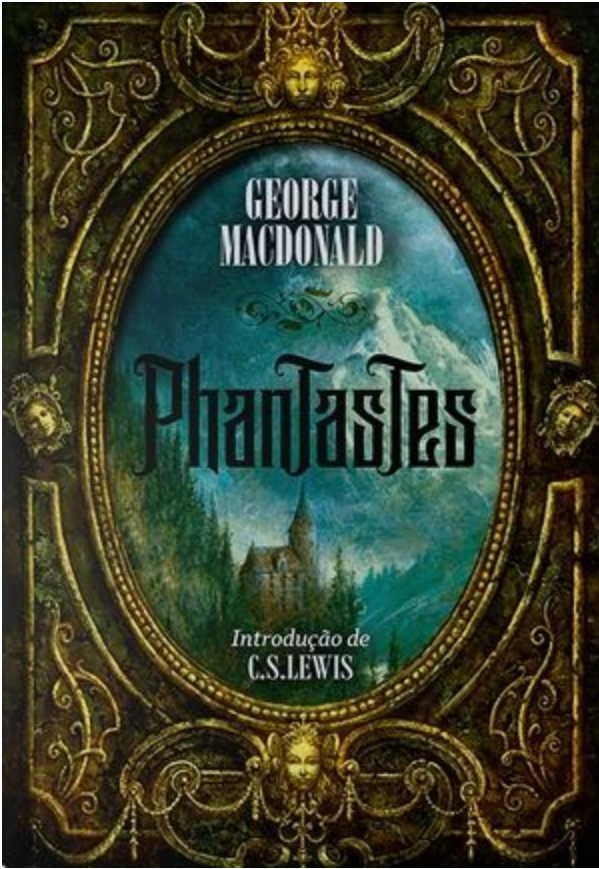
Estranhas memórias turvas, que não podem ser identificadas, costumam olhar para mim à luz do dia, por janelas nebulosas do passado, mas agora eu

jamais sonho. Pode ser, todavia, que, quando estou mais desperto, esteja apenas sonhando mais! No entanto, quando eu afinal despertar para aquela vida que, a exemplo do que a mãe faz com o filho, carrega esta vida em seu âmago, saberei que estou acordado e não duvidarei mais.

Eu espero; adormecido ou acordado, espero.

Novális disse: “Nossa vida não é um sonho, mas deveria ser e talvez se torne um”.





Phantastes

MacDonald, George

9786556891163

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

O pai da Fantasia moderna "Ouvi dizer que, para os que entram no Reino das Fadas, não há volta. Devem continuar e atravessá-lo. Como, eu não faço a menor ideia." A obra de fantasia clássica que influenciou C.S. Lewis e J.R.R. Tolkien, considerada uma das obras mais importantes de George MacDonald, é a história do jovem Anodos e suas aventuras no reino das fadas que, em última análise, revelam a condição humana. "Escrevo não para crianças", disse George MacDonald, "mas para crianças, sejam elas de cinco, cinquenta ou setenta e cinco anos". Tudo escrito com um capricho inocente e um anseio cheio de alma, o coração da jornada de Anodos através do Reino das Fadas revela uma busca espiritual que requer uma entrega de si mesmo. "Nunca escondi o fato de que o considerava meu mestre; na verdade, imagino nunca ter escrito um livro em que não fizesse nenhuma citação dele." – C.S. Lewis "George MacDonald [...] [criou] histórias de poder e beleza." – J.R.R. Tolkien "Certamente,

George MacDonald é o avô de todos nós que lutamos para chegar a um acordo com a verdade por meio da fantasia." – Madeleine L. Engle

[Compre agora e leia](#)



Turminha corajosa e esperta

Antunes, Marlene

9786556895062

48 páginas

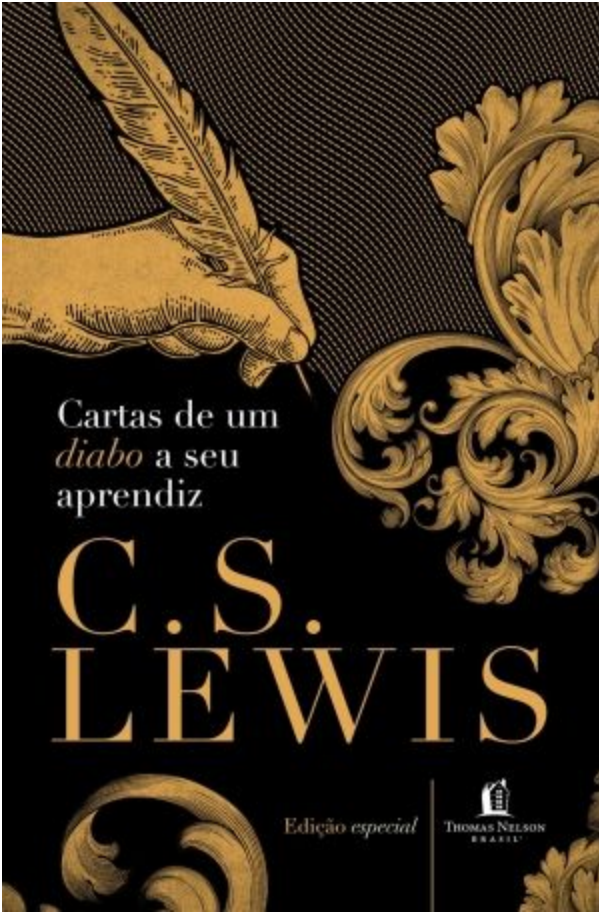
[Compre agora e leia](#)

Toda criança é um tesouro

Turminha corajosa e esperta nasceu do coração de suas autoras — a psicopedagoga Marlene Antunes e a cantora Marcela Taís —, preocupadas com os altos índices de violência sexual infantil, e de seu desejo de proteger as crianças de tal trauma, contribuindo para o diálogo nas famílias, salas de aula, ministérios infantis e demais espaços.

Através de um dia no clubinho, o livro apresenta conceitos básicos sobre trocas afetivas, corpo e cuidado, ensinando as crianças, de forma lúdica e descomplicada, a diferenciar atos de afeto de atos de abuso.

[Compre agora e leia](#)



Cartas de um
diabo a seu
aprendiz

C.S.
LEWIS

Edição especial


THOMAS NELSON
BRASIL

Cartas de um diabo a seu aprendiz

Lewis, C. S.

9788578607265

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Irônica, astuta, irreverente. Assim pode ser descrita esta obra-prima de C.S. Lewis, dedicada a seu amigo J.R.R. Tolkien. Um clássico da literatura cristã, este retrato satírico da vida humana, feito pelo ponto de vista do diabo, tem divertido milhões de leitores desde sua primeira publicação, na década de 1940; agora com novo projeto gráfico e tradução atual.

Cartas de um diabo a seu aprendiz é a correspondência ao mesmo tempo cômica, séria e original entre um diabo e seu sobrinho aprendiz. Revelando uma personalidade mais espirituosa, Lewis apresenta nesta obra a mais envolvente narrativa já escrita sobre tentações — e a superação delas.

[Compre agora e leia](#)



*Clássicos
selecionados*

CRISTIANISMO
PURO E SIMPLES
CARTAS DE
UM DIARO A
SEU APRENDIZ
MILAGRES
A GRANDE
DIVÓRCIO
O PROBLEMA
DA DOR
A ANATOMIA
DE UM LUTO
A ANOLIÇÃO
DO HOMEM
OS QUATRO
ANDRES


THOMAS NELSON
BRASIL

Clássicos Seleccionados C. S. Lewis

Lewis, C.S.

9786556894331

928 páginas

[Compre agora e leia](#)

Alguns dos livros cristãos mais vendidos reunidos em um só lugar! Pela primeira vez em um só volume, este livro reúne as mais clássicas obras da coleção de C. S. Lewis, uma das figuras mais celebradas da literatura cristã mundial. O volume contém: - Cristianismo puro e simples: a mais amada introdução à fé cristã - Cartas de um diabo a seu aprendiz: uma obra-prima da sátira - O grande divórcio: a escolha entre o céu e o inferno - O problema da dor: por que devemos sofrer? - Milagres: milagres realmente acontecem? - A anatomia de um luto: a jornada espiritual através do luto - A abolição do homem: uma defesa dos valores universais - Os quatro amores: Afeição, Amizade, Eros, Caridade" Ao que parece, este dom de Oxford e professor de Cambridge continuará a circular por um longo tempo; ele chama a si mesmo de dinossauro, mas consegue comunicar-se com as pessoas onde quer que estejam." The Washington Post "Com um amor pela beleza, pelo maravilhoso e pela magia [...] ele nos fala

com o poder e a força transformadora de um Platão, um Dante e um Bunyan." Christianity Today "Se sagacidade e sabedoria, estilo e conhecimento são requisitos para passar pelos portões do Céu, Lewis se encontrará entre os anjos." The New Yorker "C. S. Lewis é o argumentador ideal para persuadir os que ainda duvidam, aqueles que gostariam de ser cristãos, mas cujo intelecto continua a impedir." New York Times

[Compre agora e leia](#)

MAX LUCADO

Mais de 80 milhões de livros vendidos

GRAÇA

MAIS DO QUE MERECEMOS. MAIOR DO QUE IMAGINAMOS.

"A graça é a melhor ideia de Deus.
Ao invés de nos falar para mudar,
ele cria a mudança."



THOMAS NELSON
PUBLISHERS

A casa de Max Lucado no Brasil

Graça

Lucado, Max

9788578603687

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nas palavras do autor, a graça é a melhor ideia de Deus. Nada escapa de seu alcance. Nada pode modificar tão profundamente a vida humana quanto ela. Diferentemente de qualquer outra manifestação religiosa ou conceituação filosófica, a graça expõe a própria dinâmica de vida proposta por Deus. Descubra neste livro uma graça ativa, surpreendente e irresistível que acontece na vida em toda a sua plenitude.

[Compre agora e leia](#)